

John Piper

IRMÃOS, NÓS NÃO SOMOS PROFISSIONAIS

Um apelo aos pastores para ter um ministério radical



Irmãos, nós não somos profissionais! Somos rejeitados. Somos estrangeiros e peregrinos no mundo (1Pe 2.11). A nossa cidadania está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador (Fp 3.20). Não se pode profissionalizar o amor por seu aparecimento sem matá-lo. E isso significa morrer.

O mundo estabelece a agenda do homem profissional; Deus estabelece a agenda do homem espiritual. O vinho forte de Jesus Cristo rompe o odre do profissionalismo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Piper, John

Irmãos, nós não somos profissionais : um apelo aos
pastores para ter um ministério radical / John Piper ;
tradução Lilian Palhares. — São Paulo : Shedd Publicações, 2009.

Título original: Brothers, we are not professionals :
a plea to pastors for radical ministry.

ISBN: 978-85-88315-93-8

1. Clero - Vocação 2. Profissões 3. Teologia pastoral
4. Trabalho da Igreja I. Título.

09-12464

CDD-253

Índices para catálogo sistemático:

1. Clero : Vocação : Teologia pastoral : Cristianismo 253

John Piper

**IRMÃOS,
NÓS NÃO SOMOS
PROFISSIONAIS**

Um apelo aos pastores para ter um ministério radical

TRADUÇÃO
Lilian Palhares



Originally published by B&H Publishing Group as
Brothers, We Are Not Professionals, by John Piper.
© 2002 by Desiring God Foundation. Translated and printed by
permission of B&H Publishing Group, Nashville, TN.

1ª Edição - Dezembro de 2009
1ª Reimpressão - Dezembro de 2010
2ª Reimpressão - Agosto de 2012
3ª Reimpressão - Outubro de 2014

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por

SHEDD PUBLICAÇÕES

Rua São Nazário, 30, Sto Amaro

São Paulo-SP - 04741-150

Tel. (011) 5521-1924

Vendas (011) 3577-0177

Email: sheddpublicacoes@uol.com.br

www.loja.sheddpublicacoes.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 978-85-88315-93-8

TRADUÇÃO: Lilian Palhares

REVISÃO: Rogério Portella

DIAGRAMAÇÃO: Edmilson Frazão Bizzera

CAPA: Samuel Paiva

Sumário

Prefácio	7
Agradecimentos	13
1. Irmãos, nós não somos profissionais	15
2. Irmãos, Deus ama sua glória	19
3. Irmãos, Deus é amor	25
4. Irmãos, vivam e preguem a justificação pela fé	33
5. Irmãos, cuidado com a ética do devedor	49
6. Irmãos, digam-lhes para não servirem a Deus	55
7. Irmãos, considerem o hedonismo cristão	61
8. Irmãos, vamos orar	69
9. Irmãos, cuidado com os substitutos sagrados	75
10. Irmãos, lutem por sua vida	81
11. Irmãos, vamos indagar ao texto	89
12. Irmãos, Bitzer era banqueiro	97
13. Irmãos, leiam biografias cristãs	105
14. Irmãos, exponham ao povo porque Deus inspirou textos difíceis	113
15. Irmãos, salvem os santos	121
16. Irmãos, devemos sentir a verdade do inferno	129
17. Irmãos, conduzam as pessoas ao arrependimento mediante o prazer delas	135
18. Irmãos, exaltem o significado do batismo	143

19. Irmãos, nossa aflição serve para o conforto deles	153
20. Irmãos, deixem o rio se aprofundar	161
21. Irmãos, não lutem contra os tanques da carne usando zarabatanas legalistas	167
22. Irmãos, não confundam incerteza com humildade	175
23. Irmãos, digam-lhes que o de cobre é suficiente	183
24. Irmãos, ajudem o povo a suportar e ministrem em meio à calamidade	189
25. Irmãos, transmitam-lhes a paixão divina por missões	203
26. Irmãos, cortem a raiz do racismo	213
27. Irmãos, soem a trombeta pelos nascituros	225
28. Irmãos, concentrem-se na essência da adoração, não na forma	243
29. Irmãos, que cada um de vocês ame sua mulher	259
30. Irmãos, orem pelos seminários	273

Prefácio

Algumas vezes, um sofrimento tão contundente se aproxima de nossos lares que, por um breve instante, a névoa de nossa insensata segurança se dissipa e vemos, então, o inequívoco precipício da eternidade à distância de um passo. O tremor gelado percorre a espinha e, num segundo, todo o universo parece diferente. São momentos perfeitos para o realismo pastoral. Ah, como nossa vida e ministério parecem vazios nessa hora! Então a última coisa que lamentamos é sermos menos profissionais.

O início do século 21 é um tempo muito bom para ser pastor, uma época cheia de incertezas e perigos. A atmosfera político-religiosa do mundo nos impulsiona implacavelmente — se tivéssemos ouvidos para ouvir — na direção do centro não profissional da fé e do ministério: o brutal, ensanguentado, horrendo, impetuoso e crucificado Deus-homem, Jesus Cristo. Nestes anos, fomos levados a repetir as palavras do apóstolo Paulo: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado [...] Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo” (1Co 2.2; Gl 6.14).

O cristianismo insulado do Ocidente está despertando do mundo fantasioso de que ser cristão é normal e seguro. Cada vez mais, o verdadeiro cristianismo volta às origens tornando-se insensato e perigoso. “Nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual,

de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1Co 1.23). “De fato, virá o tempo quando quem os matar pensará que está prestando culto a Deus” (Jo 16.2).

A ascensão do islamismo radical apenas intensifica a verdade sempre presente: anunciar o Cristo crucificado arruína a cordialidade profissional pastoral e desperta nossa atenção para os destroços do pluralismo relativista.

A harmonia profissional esmigalha as pedras do Gólgota. Os profissionais mantenedores da paz correm para os palanques a fim de destacar os pontos comuns do monoteísmo e o respeito de todos em relação ao profeta Jesus. Mas “tratam da ferida do meu povo como se não fosse grave. ‘Paz, paz’, dizem, quando não há paz alguma” (Jr 6.14). Os pastores verdadeiros possuem um conhecimento diferente e amam realmente seu rebanho. Não anulam a graça de Deus minimizando a centralidade da cruz. A verdade mais importante e universalmente rejeitada é: “Ele foi entregue à morte por nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação” (Rm 4.25).

É justamente isso o que o islamismo renega. Assim, um muçulmano sunita diz: “Os muçulmanos creem que Alá salvou o Messias da ignomínia da crucificação como salvou o Selo dos Profetas¹ da ignomínia mediante a Hégira.² E outro acrescenta: “Honramos Jesus mais que vocês. Recusamo-nos a acreditar que Deus lhe tenha permitido morrer na cruz. Sobretudo, cremos que Deus o levou ao céu.³ Não se trata de dizer se o islã é ou não monoteísta. Não se trata de afirmar ou não que o islã tenta honrar Jesus. A questão é: o islã — ou qualquer outra fé além do cristianismo — trata a crucificação do Deus-Homem, Jesus Cristo, como o único motivo para sermos aceitos por Deus? A resposta é não. Somente os cristãos “seguem o Cordeiro” que foi “morto” como o único Redentor e que está assentado no “trono” de Deus (Ap 14.4; 5.6; 7.17).

Em outras palavras, o centro do cristianismo e o centro da vida pastoral é a realidade vergonhosa, insensata, medonha e altamente gloriosa do Homem-Deus torturado: Jesus Cristo. E, cada

vez mais, ele deve se tornar o tópico. Não o Jesus indeciso, que nos deixa a vontade, aprazível, que todo o mundo gosta, mas o Jesus que é “pedra de tropeço” para judeus e “loucura” para gentios. Quanto mais você se aproxima do que torna o cristianismo repulsivo, mais próximo se encontra do que o faz glorioso. “Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça vem pela Lei, Cristo morreu inutilmente!” (Gl 2.21). Sem sangue, sem graça, sem glória. Todas as religiões que negam a cruz anulam a graça de Deus e conduzem o povo à ruína perpétua. Pregar essa verdade desfavorece o profissionalismo atual.

Cuide para não substituir a tolerância fundamentada na verdade absoluta pela tolerância profissional espúria. No passado, a tolerância era o poder que impedia os apaixonados de religiões adversárias de matarem um ao outro. Ela era o princípio que colocava a liberdade acima da conversão forçada. Estava arraigada na verdade de que a convicção coagida não é convicção. Esta é a verdadeira tolerância. No entanto, atualmente, a nova tolerância profissional nega a *existência* de religiões adversárias; elas apenas se complementam. Ela não só denuncia a tentativa de *forçar* conversões como também a ideia da necessidade de qualquer conversão. Além disso, mantém a convicção de que nenhuma fé religiosa deve proclamar sua superioridade sobre outra. Dessa forma, a paridade pacífica entre os profissionais permanece intacta, e ninguém precisará ser perseguido pela pedra de tropeço da cruz. (Gl 5.11).⁴

O objetivo deste livro é difundir uma paixão pastoral radical pela supremacia e centralidade do Deus-homem crucificado e ressurreto, Jesus Cristo, em cada esfera da vida, ministério e cultura. Pouco a pouco, o ministério sob o estandarte da supremacia de Cristo se tornará ofensivo aos impulsos do clero profissional que tanto aprecia ser citado de forma respeitável pelo jornal local. O título deste livro objetiva nos libertar da pressão para nos amoldarmos às expectativas culturais do profissionalismo. Ele deve soar

o alarme contra o orgulho do *status*, a expectativa de paridade salarial e a tomada de empréstimo de paradigmas do mundo profissional. Ele é favorável aos pastores radicalmente saturados de textos bíblicos, centrados em Deus, que exaltam a Cristo, que se autossacrificam, mobilizadores de missões, ganhadores de almas e confrontadores de cultura! Que a vida siga seu curso: ramos de palmeira num dia, perseguição no outro.

Sei que algumas pessoas alertarão de imediato sobre a existência de pastores enfermos que, em nome de um ministério influenciado pela contracultura, precisam ofender pessoas e são incapazes de florescer sem lutar. Outros críticos dirão que a incompetência não é virtude. Outras pessoas comentarão que ser auxiliado por associações não é de todo ruim. E, é claro, muitos se irritarão com o uso da palavra *irmãos*. Para todos estes, digo: “Sim, vocês têm razão. Eu sei disso. E se vocês creem que essas coisas são as grandes carências de nosso tempo, não fiquem calados. No entanto, não é assim que costume avaliar as coisas”.

Para cada pastor enfermo que age com agressividade desnecessária, uma centena de pastores se mostra tão temerosa de se posicionar enfaticamente que a espada do Espírito se tornou um esfregão em seus lábios, e a poderosa combinação bíblica de severidade e ternura desapareceu de seu ministério. Para cada pastor incompetente que se justifica com as coberturas espirituais, uma centena de pastores incompetentes encontra-se redobrando desesperadamente sua incompetência espiritual buscando alívio na Babilônia. Para cada pastor que desfruta do respeito das associações em vez da fidelidade profética à cruz, uma centena de pastores aprecia esse respeito porque a cruz encontra-se comprometida. E aos desejosos de que eu escrevesse a “irmãos e irmãs”, digo: que cada um retenha sua plena convicção mental. Em minha opinião, o ensinamento bíblico é claro: Deus chama homens semelhantes a Cristo, espirituais e humildes, para conduzirem famílias como maridos e para liderarem igrejas como presbíteros (Ef 5.20-33; 1Tm 2.12,13).⁵ Acredito e pude

constatar nestas famílias e igrejas, nestes 20 anos, o fruto de muitas mulheres piedosas, capacitadas, articuladas, inteligentes e atuantes em seu ministério.

Minha visão do ministério pastoral é cheia de alegria. Pairando sobre nosso trabalho ameaado encontra-se o lema de Hebreus 13.17: “Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês”. E as trombetas apostólicas ressoam: “Pastoreiem o rebanho de Deus [...] Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade [...] Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir” (1Pe 5.2). Muitas lágrimas são derramadas, certamente. Mas, como afirmou Paulo: vivemos “entristecidos, mas sempre alegres” (2Co 6.10). Na verdade, as lágrimas aprofundam e intensificam a alegria de nossa esperança (Tg 1.2-4; Rm 5.3; 2Co 4.17).

Não há apenas lágrimas; existem os antagonistas. “Porque se abriu para mim uma porta ampla e promissora; e há *muitos adversários*” (1Co 16.9). Poderíamos desejar a paz. Na verdade, devemos trabalhar pela unidade. Mas neste mundo caído, o evangelho tem sempre o aroma da vida para uns e o cheiro da morte para outros (2Co 2.15,16). Por isso, nossa alegria está sitiada, embora sempre inabalável por causa do triunfo de Cristo. E é também uma alegria lacrimosa, embora nossas lágrimas sejam lágrimas da alegria centrada em Deus, impedida de se estender aos demais. A paz e a satisfação de nossa alma sofredora — e de nossas igrejas famintas e nações esperançosas — fluem não dos privilégios da excelência profissional, mas dos prazeres da comunhão espiritual com o Cristo crucificado e ressurreto. Zelo pela difusão desta alegria para meus colegas pastores (e por meio deles), e por isso digo: “Irmãos, nós não somos profissionais”.

NOTAS

- ¹ “Selo dos Profetas” (*khatim an-nabiyin*) é o título outorgado pelo *Alcorão* ao último profeta, Maomé: “[Ele] é o Mensageiro de Deus e o selo dos Profetas” (Surata 33.40) (Associação Cultural Internacional Gibran: Rio de Janeiro, s. d., p. 226). [N. do R.]
- ² Badru D. Kateregga e David W. Shenk, *Islam and Christianity: A Muslim and a Christian in Dialogue* (Nairobi: Usima Press, 1980), p. 141. A Hégira se refere à fuga de Maomé da cidade de Meca no ano 622 d.C. O termo origina-se da palavra árabe *hijra* e significa literalmente fuga, migração. A parte do *Alcorão* que serve de base para negar a crucificação e ressurreição de Cristo afirma: “Os judeus disseram: ‘E por terem dito [os judeus]: “Matamos o Messias, Jesus, o filho de Maria, o Mensageiro de Deus”, quando, na realidade, não o mataram nem o crucificaram: imaginaram apenas tê-lo feito. E aqueles que disputam sobre ele estão na dúvida acerca de sua morte, pois não possuem conhecimento certo, mas apenas conjecturas. Certamente, não o mataram, antes Deus o elevou até ele. Deus é poderoso e sábio” (Surata 4.156-57, “As mulheres” [*O Alcorão*, Associação Cultural Internacional Gibran: Rio de Janeiro, s. d., p. 51,52]). Citado da obra de J. Dudley Woodberry: *Muslims and Christians on the Emmaus Road* (Monrovia, Calif.: MARC, 1989), p. 165.
- ³ Citado do artigo de 1951, *The Muslim World in* J. Dudley Woodberry: *Muslims and Christians on the Emmaus Road*, p. 164. Afirmações similares foram proferidas pelo clérigos islâmicos nos primeiros anos deste século: “Na verdade, nós cremos mais em Jesus que vocês”.
- ⁴ Este parágrafo é uma adaptação do artigo de John Piper, *Hate and Tolerance: Obstacles to the Eternal Life of Muslims*, *World Magazine* (27 October 2001), p. 65.
- ⁵ V. John Piper e Wayne Grudem: *Recovering Biblical Manhood and Womanhood: A Response to Evangelical Feminism*. Whearon, UL.: Crossway Books, 1991.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer a Jesus Cristo que me chamou para o ministério da Palavra quando eu contava 20 anos de idade e estava sofrendo com uma crise de mononucleose havia três semanas na Faculdade de Wheaton. Ele fez esse chamado convergir para o pastorado em 1979, eu estava com 33 anos.

Sou grato aos membros da Bethlehem Baptist Church [Igreja Batista Belém] de Mineápolis [Minnesota, EUA], por tornar Hebreus 13.17 uma realidade em minha vida desde o verão de 1980: “Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês”.

Reconheço o auxílio multiforme de Justin Taylor e Vicki Anderson, que eliminaram uma centena de empecilhos; caso contrário, inúmeros projetos como este seriam inviáveis.

Agradeço a minha esposa Noël por 33 anos de fidelidade. Em tudo o que faço, tenho a certeza de seu apoio.

Sou grato a Eileen Anderson por sua incrível competência e ajuda.

Reconheço o incentivo que recebi de Don Anderson, o primeiro editor de *The Standard*, a revista denominacional da General Baptist Conference [Conferência Batista Geral], para escrever vinte capítulos para essa revista.

Agradeço a Len Goss da Broadman & Holman por tanto anseio e apoio em pastorear este livro no processo de publicação.

Deus tem sido bom para mim; oro para que eu possa ser, enquanto meu coração bater, um bom administrador de sua graça, difundindo a paixão por sua supremacia em todas as coisas a fim de alcançar a alegria de todos os povos mediante Jesus Cristo, meu Senhor.

O pregador [...] não é um profissional;
seu ministério não é uma profissão;
é uma instituição divina,
uma devoção divina.

E. M. BOUNDS

Somos loucos por causa de Cristo,
mas os profissionais são sensatos;
somos fracos,
os profissionais, porém, são fortes.
Eles são sempre honrados,
mas ninguém nos respeita.
Não tentamos garantir um estilo de vida profissional;
antes, passamos fome, sede, nudez e falta de morada.

JOHN PIPER

capítulo um

Irmãos, nós não somos profissionais

Nós, pastores, estamos sendo massacrados pela profissionalização do ministério pastoral. A mentalidade do profissional não é a mentalidade do profeta. Não é a mentalidade do escravo de Cristo. O profissionalismo não tem nada que ver com a essência e o cerne do ministério cristão. Quanto mais profissionais desejamos ser, mais morte espiritual deixaremos em nosso rastro. Pois não existe a versão profissional do “tornar-se como criança” (Mt 18.3); não existe compassividade profissional (Ef 4.32); não existem anseios profissionais por Deus (Sl 42.1).

No entanto, nossa primeira atividade deve ser ansiar por Deus em oração. Nossa atividade é chorar por nossos pecados (Tg 4.9). Por acaso existe choro profissional? Nossa atividade é prosseguir para o alvo para ganhar a santidade de Cristo e o prêmio do cha-

mado soberano de Deus (Fp 3.14); esmurrar o corpo e o reduzir à escravidão para não sermos desqualificados (1Co 9.27); negarmos a nós mesmos e tomarmos a cruz ensanguentada todos os dias (Lc 9.23). Como é possível carregar uma cruz de modo profissional? Nós fomos crucificados com Cristo e vivemos pela fé naquele que nos amou e a si mesmo se deu por nós (Gl 2.20). O que seria, então, a fé profissional?

Não devemos nos encher de vinho, mas do Espírito (Ef 5.18). Nós somos os inebriados de Deus, loucos por Cristo. Como é possível se embriagar com Jesus profissionalmente? Então, maravilha das maravilhas, foi-nos concedido transportar o tesouro do evangelho em vasos de barro para que a excelência do poder seja de Deus (2Co 4.7). Existe um modo de ser um vaso de barro profissional?

De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos. Trazemos sempre em nosso corpo o morrer de Jesus (profissionalmente?), para que a vida de Jesus também seja revelada (de forma profissional?) em nosso corpo (2Co 4.8-11).

Porque me parece que Deus nos colocou a nós, pregadores, em último lugar no mundo. Somos loucos por causa de Cristo, mas os profissionais são sensatos; somos fracos, os profissionais, porém, são fortes. Eles são sempre honrados; mas ninguém nos respeita. Não tentamos garantir um estilo de vida profissional; antes, passamos fome, sede, nudez e falta de morada. Quando somos amaldiçoados, abençoamos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, respondemos com amabilidade. Até agora nos tornamos a escória da terra, o lixo do mundo (1Co 4.9-13). Temos mesmo?

Irmãos, nós *não* somos profissionais! Somos rejeitados. Somos estrangeiros e peregrinos no mundo (1Pe 2.11). A nossa cidadania está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador (Fp 3.20). Não se pode profissionalizar o amor por seu aparecimento sem matá-lo. E isso *significa* morrer.

Os objetivos de nosso ministério são eternos e espirituais. Eles não são compartilhados por nenhuma profissão. E é precisamente pela inabilidade de percebê-los que estamos morrendo.

O pregador que concede vida é um homem de Deus, cujo coração está sempre sedento de Deus, cuja alma está sempre seguindo com afinho a Deus; cujos olhos estão fixos em Deus e em quem, pelo poder do Espírito de Deus, a carne e o mundo têm sido crucificados e seu ministério se apresenta como a corrente abundante de um rio doador de vida.¹

Decididamente, não fazemos parte de um grupo social com os mesmos objetivos dos outros profissionais. Os nossos alvos são um escândalo, são loucura (1Co 1.23). A profissionalização do ministério é uma constante ameaça à ofensa do evangelho. É uma ameaça à natureza profundamente espiritual do nosso trabalho. E tenho visto com frequência: que o amor do profissionalismo (em paridade com os profissionais do mundo) mata a crença do homem de ter sido enviado por Deus para salvar as pessoas do inferno e para torná-las glorificadores de Cristo, estrangeiros espirituais no mundo.

O mundo estabelece a agenda do homem profissional; Deus estabelece a agenda do homem espiritual. O vinho forte de Jesus Cristo rompe o odre do profissionalismo. Existe uma diferença infinita entre o pastor cujo coração se dedica a ser profissional e o pastor cujo coração deseja ser o aroma de Cristo, o cheiro de morte para uns e a fragrância de vida eterna para outros (2Co 2.15,16).

Ó Deus, livra-nos dos profissionalizantes! Livra-nos da mente pequena, controladora, idealizadora e do caráter manipulador em nosso meio.² Deus, dá-nos lágrimas por nossos pecados. Perdoa-nos por sermos tão superficiais na oração, tão vagos na compreensão das verdades sagradas, tão insensíveis diante dos vizinhos que perecem, tão desprovidos de paixão e seriedade em nossas conversas. Restaura-nos a alegria infantil pela nossa salvação. Dá-nos te-

mor por meio do poder e da santidade assombrosos daquele que tem o poder de lançar corpo e alma no inferno (Mt 10.28). Ensina-nos a carregar a cruz com temor e tremor como a nossa árvore da vida cheia de esperança e ofensa. Não nos concedas nada, absolutamente nada, do que importa aos olhos do mundo. Que Cristo seja tudo em todos (Cl 3.11).

Elimina o profissionalismo de nosso meio, ó Deus, e em seu lugar dá-nos uma oração apaixonada, pobreza de espírito, fome de ti, estudo rigoroso das coisas sagradas, devoção fervorosa a Jesus Cristo, extrema indiferença diante de todo lucro material e o labor incessante para resgatar os que estão perecendo, aperfeiçoar os santos e glorificar nosso soberano Senhor.

Humilha-nos, ó Deus, sob tuas mãos poderosas, e levanta-nos não como profissionais, mas como testemunhas e participantes dos sofrimentos de Cristo. No maravilhoso nome dele. Amém.

NOTAS

¹ John Piper e Wayne Grudem: *Recovering Biblical Manhood and Womanhood: A Response to Evangelical Feminism*. Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1991, p.16.

² Richard Cecil citado em E. M. Bounds, *Power through Prayer*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1972, p.59.

Por amor do meu próprio nome eu adio a minha ira;
por amor de meu louvor eu a contive,
para que você não fosse eliminado. [...]
Por amor de mim mesmo,
por amor de mim mesmo, eu faço isso.
Como posso permitir que eu mesmo seja difamado?
Não darei minha glória a nenhum outro.
ISAÍAS 48.9, 11

O supremo propósito de Deus é glorificar Deus
e desfrutar de sua glória para sempre.
JOHN PIPER

Deus ama sua glória mais do que a nós
e este é o fundamento de seu amor por nós.
JOHN PIPER

capítulo dois

Irmãos, Deus ama sua glória

Cresci numa casa em que o texto de 1Coríntios 10.31 era quase tão básico para nossa família quanto João 3.16. “Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus”. Mas somente aos 22 anos de idade ouvi que o primeiro compromisso de Deus é com sua glória e que este é o fundamento do nosso compromisso. Nunca tinha ouvido alguém dizer que Deus faz tudo para sua glória, e que, por isso, deveríamos agir da mesma maneira. Nunca tinha ouvido alguém explicar que o papel do Espírito Santo é acender em mim o que ele tem feito arder por toda a eternidade: o amor de Deus por Deus. Ou para ser mais exato, o prazer de Deus, o Pai, na visão da própria perfeição refletida na imagem perfeita do Filho.

Nunca alguém me perguntou: “Quem é a pessoa mais teocêntrica do Universo?”, e respondeu: “Deus.” Nem perguntou: “Deus é idólatra?”, e respondeu: “Não, Deus não tem outros deuses diante dele.” Ou: “Qual é o principal propósito de Deus?”, e respondeu: “O principal propósito de Deus é glorificar a Deus e desfrutar de sua glória para sempre”. Portanto, nunca fui confrontado contundentemente com o teocentrismo de Deus até eu começar a receber os ensinamentos de Daniel Fuller e ser direcionado por ele às obras de Jonathan Edwards.

Desde aqueles dias de tremendas descobertas, no final da década de 1960, tenho me esforçado para compreender as implicações da paixão de Deus por sua glória. E este se tornou o título de um livro que escrevi como tributo a Jonathan Edwards; metade dele é a reprodução da obra: *The End for Which God Created the World* [O fim para o qual Deus criou o mundo]. Esta é a tese do livro de Edwards:

Nesta obra, [Deus] defere a *si mesmo* como seu propósito maior e supremo, pois, ele é digno em *si mesmo* e é infinitamente o maior e o melhor dos seres. Todo o restante, em relação à sua dignidade, importância e excelência, é praticamente nada quando comparado a ele. [...] Tudo o que as Escrituras mencionam como o propósito final da obra de Deus encontra-se incluído nesta única expressão: *a glória de Deus*.¹

Por que é importante sermos impactados pelo conceito do teocentrismo de Deus em Deus? Porque muitas pessoas estão predispostas ao teocentrismo conquanto percebam que Deus seja antropocêntrico. E isso é um perigo bastante sutil. Podemos achar que nossa vida está centrada em Deus quando, na verdade, nós o tornamos uma fonte de autoestima. Irmãos, contra este perigo, peço que se reflita a respeito das implicações do fato de Deus amar a própria glória mais do que a nós e de ser este o fundamento de seu amor por nós.

“Parem de confiar no homem, cuja vida não passa de um sopro em suas narinas. Que valor ele tem?” (Is 2.22). “Não confiem em príncipes, em meros mortais, incapazes de salvar” (Sl 146.3). “Maldito é o homem que confia nos homens, que faz da humanidade mortal a sua força” (Jr 17.5). “Na verdade as nações são como a gota que sobra do balde; para ele são como o pó que resta na balança. [...] Diante dele todas as nações são como nada...” (Is 40.15,17).

O compromisso máximo de Deus é consigo mesmo e não conosco. E nisto se ampara nossa segurança. Deus ama sua glória acima de todas as coisas. “Por amor do meu próprio nome eu adio a minha ira; por amor de meu louvor eu a contive, para que você não fosse eliminado. [...] Por amor de mim mesmo, por amor de mim mesmo, eu faço isso. Como posso permitir que eu mesmo seja difamado? Não darei minha glória a nenhum outro” (Is 48.9,11).

Deus opera a salvação por *amor de si mesmo*. Ele justifica o povo chamado pelo seu nome para se autoglorificar.

Por isso, diga à nação de Israel: Assim diz o Soberano, o SENHOR: Não é por sua causa, ó nação de Israel, que farei essas coisas, mas por causa do meu santo nome, que vocês profanaram entre as nações para onde foram. Mostrarei a santidade do meu santo nome, que foi profanado entre as nações, o nome que vocês profanaram no meio delas. Então as nações saberão que eu sou o SENHOR, palavra do Soberano, o SENHOR, quando eu me mostrar santo por meio de vocês diante dos olhos delas. [...] Quero que saibam que não estou fazendo isso por causa de vocês. Palavra do Soberano, o SENHOR. Envergonhem-se e humilhem-se por causa de sua conduta, ó nação de Israel (Ez 36.22,23,32)!

Esta passagem não é uma nota isolada na sinfonia da história da redenção. Trata-se do tema recorrente do Compositor todo-suficiente. Por que Deus nos predestinou em amor para ser seus filhos? Para o louvor da glória de sua graça (Ef 1.6,12,14). Por que Deus criou um povo para si mesmo? “Criei[-os] para a minha glória”

(Is 43.7). Por que fez do mesmo barro vasos de honra e vasos de desonra? Para mostrar sua ira e dar a conhecer seu poder e as riquezas de sua glória aos vasos de misericórdia (Rm 9.22,23). Por que Deus levantou o Faraó, endureceu-lhe o coração e livrou Israel com um braço poderoso? Para multiplicar suas maravilhas sobre o Faraó (Êx 14.4) e para proclamar seu nome em toda a terra (Êx 9.16).

Por que Deus poupou o rebelde povo de Israel no deserto e finalmente o levou à terra prometida? “Mas, por amor do meu nome, eu agi, evitando que o meu nome fosse profanado aos olhos das nações” (Ez 20.14). Por que ele não destruiu Israel quando este o rejeitou como rei e exigiu outro líder semelhante aos das nações (1Sm 8.4-6)? “Por causa de seu grande nome, o SENHOR não os rejeitará” (1Sm 12.22). O amor de Deus pela glória de seu nome é o manancial da graça e a rocha da nossa segurança.

Por que Deus fez voltar os israelitas do cativeiro babilônico? Porque Daniel orou: “Por amor de ti, Senhor, olha com bondade para o teu santuário abandonado” (Dn 9.17). Por que o Pai enviou seu Filho encarnado a Israel? “... para confirmar as promessas feitas aos patriarcas, a fim de que os gentios glorifiquem a Deus por sua misericórdia” (Rm 15.8,9). Por que o Filho veio na última hora? “Eu vim exatamente para isto, para esta hora. Pai, glorifica o teu nome!” (Jo 12.27,28). Cristo morreu para glorificar o Pai e para reparar toda a difamação causada à sua honra. Nossa única esperança é que a morte de Cristo que satisfaz as justas exigências divinas de receber a glória apropriada de suas criaturas (Rm 3.24-26).

Irmãos, Deus ama sua glória! Ele está comprometido com todo o seu poder infinito e eterno a manifestar essa glória e preservar a honra de seu nome.

Quando Paulo diz em 2Timóteo 2.13: “Se somos infiéis, ele permanece fiel”, isso não significa que somos salvos apesar da infidelidade. Pois o versículo anterior afirma: “Se o negamos, ele também nos negará”. Além disso, como o versículo explica: “Ele permanece fiel” significa “ele não pode negar *a si mesmo*”. Básica-

mente, a fidelidade de Deus é para com sua glória. Seu compromisso é ser Deus antes de qualquer outra coisa.

As pessoas de seu convívio sabem dessas coisas? Elas firmam a resposta de suas orações no amor de Deus pela própria glória? Pleiteiam suas causas diante do trono divino conscientes de que Deus opera todas as coisas por amor de si mesmo? “Age por amor do teu nome, ó SENHOR!” (Jr 14.7). “Ajuda-nos, ó Deus, nosso Salvador, para a glória do teu nome; livra-nos e perdoa os nossos pecados, por amor do teu nome” (Sl 79.9). “Por amor do teu nome, SENHOR, perdoa o meu pecado, que é tão grande!” (Sl 25.11). As pessoas de seu convívio realmente sabem que “Santificado seja o teu nome” (Mt 6.9) é um pedido para que Deus se glorifique como Deus? “Não a nós, SENHOR, nenhuma glória para nós, mas sim ao teu nome” (Sl 115.1).

Ensinamos o versículo “façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31) às pessoas com muita frequência. Mas, será que lhes ensinamos a base desse mandamento? Deus ama sua glória. Ele a ama com energia, paixão e compromisso infinitos. E o Espírito de Deus arde com esse amor. Por isso os filhos de Deus amam a glória divina; eles são guiados pelo Espírito ardente (Rm 8.14).

Declaremos com ousadia e poder o que Deus mais ama: a glória de Deus. Guardemo-nos do oceano de antropocentrismo que nos rodeia. “Parem de confiar no homem, cuja vida não passa de um sopro em suas narinas. Que valor ele tem?” (Is 2.22). O fundamento, o meio e o objetivo do *agapê* de Deus pelos pecadores é seu mais profundo, prévio e supremo amor pela própria glória. Portanto, irmãos, contem a seu povo o grande fundamento do evangelho: Deus ama sua glória!

NOTA

¹ In John Piper, *God's Passion for His Glory: Living the Vision of Jonathan Edwards* (Wheaton, Ill: Crossway Books, 1998), p. 140, 242.

Deus é amor.

1JOÃO 4.8

Passando, pois, o SENHOR perante ele, clamou:

O SENHOR, o SENHOR Deus,

misericordioso e piedoso,

tardio em irar-se

e grande em beneficência e verdade.

ÊXODO 43.6; ACF

Sua santidade é a singularidade absoluta e o valor infinito de sua glória. Sua justiça é seu constante comprometimento indefectível em honrar e manifestar esta glória. E sua glória totalmente suficiente é honrada e manifestada principalmente mediante suas obras por nós. Mais do que todos os seus feitos por si mesmo. E isto é amor.

JOHN PIPER

capítulo três

Irmãos, Deus é amor

Alguns leitores do capítulo anterior repetirão as preocupações de alguns homens de nossas igrejas. Em um retiro espiritual para homens, minha definição para *liderança espiritual* foi: “Homens que sabem onde Deus quer que seu povo esteja e que tomem a iniciativa de conduzi-los até lá pelos meios *divinos* e a confiança no poder dele”. Minha sugestão para descobrirmos onde Deus quer que seu povo esteja é perguntar aonde ele vai. Para mim, a resposta é: Deus ama sua glória (v. o capítulo 2) e deseja engrandecê-la em tudo o que faz.

Portanto, o objetivo da liderança espiritual é conclamar o povo para se juntar a Deus e juntos viverem para sua glória. Mas temos um inconveniente nisso: este ensinamento torna Deus um egomaníaco que aparentemente nunca age por amor. No entanto, Deus age

por amor. Ele *é* amor. Por isso, é necessário perceber como Deus pode se relacionar com a própria glória e como ele se relaciona com a humanidade. A melhor forma que conheço para demonstrar isso é explicar o quanto Deus é santo, o quanto ele é justo e o quanto é amor e como esses três elementos se inter-relacionam.

Quando descrevemos Deus como santo, queremos dizer que ele é único. Não pode ser comparado a ninguém. Ele está sozinho nessa classificação.

Moisés ensinou Israel a cantar: “Quem entre os deuses é semelhante a ti, SENHOR? Quem é semelhante a ti? Majestoso em santidade, terrível em feitos gloriosos, autor de maravilhas?” (Êx 15.11). Séculos depois, Ana, mãe de Samuel ensinou Israel a entoar: “Não há ninguém santo como o SENHOR; não há outro além de ti” (1Sm 2.2a). E Isaías (40.25) cita Deus: “Com quem vocês me vão comparar? Quem se assemelha a mim?”, pergunta o Santo”.

Deus é santo em sua singularidade absoluta. Tudo o mais pertence a uma classe. Nós somos humanos; Rover é um cão; o carvalho é uma árvore; a Terra é um planeta; a Via Láctea é uma em um bilhão de galáxias; Gabriel é um anjo; Satanás é um demônio. Mas somente Deus é Deus. E, por isso, ele é santo — completamente diferente, distinto, único.

Tudo o mais é criação. Ele é o único capaz de criar. Tudo o mais possui começo. Ele é o único que sempre existiu. Tudo o mais depende de algo. Ele é o único autossuficiente.

Portanto, a santidade de Deus é um sinônimo de seu valor infinito. Diamantes são valiosos pela sua raridade e pela dificuldade de encontrá-los. Deus é infinitamente valioso, pois é o ser mais raro e não pode ser feito, nem nunca foi criado. Se eu fosse um colecionador de tesouros raros e pudesse de alguma maneira adquirir Deus, o Santo, para meu acervo, eu seria o mais rico de todos os colecionadores de tesouros raros que existem além de Deus.

Apocalipse 4.8-11 revela os hinos entoados a Deus no céu. O primeiro diz: “Santo, santo, santo é o Senhor, o Deus todo-po-

deroso, que era, que é e que há de vir”. O segundo afirma: “Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas”. Estes dois cantos possuem o mesmo significado. “Deus é santo” implica sua dignidade. Sua santidade é seu valor e dignidade de forma imensurável. Ele não pode ser comparado a nada, pois tudo é obra de suas mãos. Por maior que seja a dignidade de algo valioso, no Criador essa dignidade é infinitamente maior.

Uma forma de destacar o significado da santidade de Deus é compará-la com sua glória. Será que tratam da mesma coisa? Não é bem isso. Eu digo que a glória de Deus é o resplendor de sua santidade que, por sua vez, é sua dignidade intrínseca — uma excelência totalmente singular. Essa glória é a manifestação da dignidade divina em toda a sua beleza. Ela é a manifestação de sua santidade. “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; a terra inteira está cheia da sua glória” clamavam os serafins acima do trono (Is 6.3). Habacuque clamou: “Deus veio de Temã, o Santo veio do monte Parã. Sua glória cobriu os céus e seu louvor encheu a terra” (Hc 3.3). E o próprio Senhor declarou em Levítico 10.3: “Aos que de mim se aproximam santo me mostrarei; à vista de todo o povo glorificado serei”. *Apresentar-se* santo é seu modo de ser glorificado.

A santidade de Deus é o valor único e infinito de seu ser e de sua majestade. Dizer que nosso Deus é santo significa que seu valor é infinitamente maior que a soma dos valores de todos os seres criados.

Consideremos agora a retidão. Basicamente, a retidão de Deus significa que ele faz uma avaliação correta do próprio valor supremo; estima de maneira justa seu valor infinito. E suas ações estão em conformidade com esse julgamento correto de si mesmo.

Deus seria injusto e falível se negasse seu valor supremo, desconsiderando a própria dignidade infinita, e agisse como se a preservação e manifestação de sua glória valessem menos que seu comprometimento. Deus atua com justiça quando age por amor de si

mesmo. Pois não seria correto Deus estimar qualquer outra coisa além da infinita glória do próprio nome.

Lê-se em Salmos 143.11: “Preserva-me a vida, SENHOR, por causa do teu nome; por tua justiça, tira-me desta angústia”. Observe o paralelo entre: “tua justiça” e “por causa do teu nome”. Igualmente, Salmos 31.1 afirma: “Em ti, SENHOR, me refugio; nunca permitas que eu seja humilhado; livra-me pela tua justiça. E o versículo 3 acrescenta: “por amor do teu nome, conduze-me e guia-me”. Da mesma maneira, em Daniel 9.16a, 17, o profeta orou: “Agora Senhor, conforme todos os teus feitos justos, afasta de Jerusalém, da tua cidade, do teu santo monte, a tua ira e a tua indignação. [...] Por amor de ti, Senhor, olha com bondade para o teu santuário abandonado”. Ou seja, a súplica à justiça de Deus é em essência a súplica à fidelidade inabalável dos valores de seu santo nome.

Para Deus ser justo, é necessário que ele se dedique totalmente, com todo o coração, alma e força a amar e honrar sua santidade mediante a manifestação de sua glória.

E é isso o que ele faz, como vimos no capítulo 2. O ponto principal de Efésios 1 é repetido três vezes: Deus “nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo [...] para o louvor da sua gloriosa graça” (v. 5, 6). Este é o propósito de Deus “a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória” (v. 12). “O Santo Espírito da promessa... o qual é o penhor da nossa herança, ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória” (v. 13, 14). Tudo em nossa salvação foi planejado por Deus a fim de engrandecer sua própria glória.

Deus é extrema e inquestionavelmente reto, pois jamais deixa de fazer o juízo correto de seu valor supremo, de avaliar de modo justo sua dignidade infinita, nem de manter seu comprometimento inabalável para honrar e manifestar sua glória em tudo o que faz.

Agora sim estamos prontos para a meditação sobre o amor de Deus. O amor divino não diverge de sua santidade e justiça. Em

vez disso, a natureza da santidade e justiça divina exige que ele seja o Deus de amor. Sua santidade é a singularidade absoluta e infinita do valor de sua glória. E essa justiça é seu compromisso inabalável de sempre honrar e manifestar essa glória. Totalmente suficiente, ela, por sua vez, é honrada e manifestada principalmente por sua obra em nós, e não mediante o serviço que lhe prestamos. E isto é amor.

O amor está na essência do ser de Deus, pois a dispensação de sua misericórdia, livre e soberana, é mais gloriosa que a suposta exigência para o que os humanos preenchessem alguma carência nele. É mais glorioso dar que receber. Portanto, a justiça divina exige que Deus seja doador. Portanto, o Senhor Justo e Santo é amor.

Jesus Cristo é a encarnação do amor divino. E quando veio ao mundo, ele disse: “Pois nem o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45).

O Filho do Homem não veio ao mundo para procurar servos. Ele veio com o intuito de servir a nosso favor. Não ousamos tentar trabalhar para ele temendo roubar-lhe a glória devida e contestar sua justiça. O apóstolo Paulo disse: “Ora, o salário do homem que trabalha não é considerado como favor, mas como dívida. Todavia, àquele que não trabalha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça” (Rm 4.4,5). Esta é uma advertência para não desejar a justificação divina mediante o trabalho oferecido a Deus. Ela é um dom. Ela é obtida exclusivamente pela fé (v. o capítulo 4). E mesmo quando “pomos em ação” nossa salvação, com temor e tremor, devemos vê-la como um tipo peculiar de trabalho: a única razão pela qual podemos desejar erguer um dedo é que Deus nos instiga a isso, pois é ele “quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Fp 2.13).

Embora Paulo “trabalhasse mais” que qualquer outro apóstolo, ele declarou: “... não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15.10). Por isso, em Romanos 15.18, ele confessou: “Não me atrevo a

falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e em ação”. Paulo estava totalmente convencido de que nenhuma bênção na vida provinha do desejo do homem ou de seus esforços, mas de Deus, que é misericordioso (Rm 9.16).

Deus almeja obter toda a glória em nossa redenção. Por isso, está determinado a trabalhar por nós e não o contrário. Ele é o obreiro; nós permanecemos carentes de seus serviços. Ele é o médico; nós somos seus pacientes. Somos os fracos; ele é o forte. Somos o carro velho e quebrado; ele é o exímio mecânico.

Devemos ser cautelosos para não o desonrarmos com os nossos serviços, pois ele almeja toda a glória. Como Pedro ensinou: “Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo, a quem sejam a glória e o poder para todo o sempre. Amém” (1Pe 4.11).

Portanto, Deus é amor; não a despeito de sua paixão para promover a própria glória, mas precisamente por causa dela. O que poderia ser mais terno que o Deus infinito e santo se inclinando para agir a nosso favor? Porém, ao trabalhar por nós, em vez de carecer de nossos serviços, ele engrandece sua autossuficiência gloriosa. Esta é a corrente que glorifica a plenitude da nascente. E a corrente que flui de Deus é o amor. Se ele parasse de buscar sua glória, deixaria de ter valor para nós. Mas, louvado seja Deus, ele é justo, e por isso, é amor.

Eis o teste final para ver se você conseguiu assimilar a essência do misericordioso teocentrismo divino. Faça a seguinte pergunta a si mesmo e às pessoas de sua convivência: “Você se sente mais amado por Deus porque ele o aprecia ou porque ele o liberta para que você o aprecie para sempre?”. Este teste indicará se nosso anseio pelo amor divino é o anseio pela capacidade obtida pelo sangue e outorgada pelo Espírito de ver Deus e glorificá-lo, usufruindo sua presença para sempre, ou se é o anseio de ele que nos faça o centro de sua atenção e nos conceda os prazeres derivados da autoestima.

Quem, afinal, é o tesouro plenamente recompensador que recebemos do amor de Deus: nós mesmos ou Deus?

Deus é amor por ser infinitamente valioso (sua santidade) e estar comprometido em manifestar esse valor a favor de nossa alegria eterna (sua justiça). Ele é o único ser em todo o mundo para quem o ato mais terno é a autoexaltação. Pois ele, e somente ele, poderá satisfazer nosso coração.

Ora, o salário do homem que trabalha não é considerado como favor,
mas como dívida.

ROMANOS 4.5

Esta doutrina é a cabeça e a pedra fundamental.
Por si só, ela gera, alimenta, edifica, preserva e defende a igreja de Deus;
E sem ela, a igreja de Deus não poderia existir nem por uma única hora.

LUTERO

Não importa de onde o conhecimento disto seja suprimido,
a glória de Cristo se extingue,
a religião é abolida,
a igreja destruída
e a esperança da salvação totalmente abalada.

JOÃO CALVINO

capítulo quatro

Irmãos, vivam e puguem a justificação pela fé

Pregar e viver a justificação pela fé glorifica a Cristo, resgata pecadores desesperados, encoraja santos imperfeitos e fortalece igrejas frágeis. Trata-se de uma verdade surpreendente — Deus *justifica os ímpios por meio da fé*. “Todavia, àquele que não trabalha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça” (Rm 4.5). A história testemunha: a pregação dessa verdade cria, reforma e reanima a igreja.

Isso foi verdade no ministério do apóstolo Paulo. Por exemplo, em Antioquia da Pisídia, ele pregou na sinagoga: “Portanto, meus irmãos, quero que saibam que mediante Jesus lhes é proclamado o perdão dos pecados. Por meio dele, todo aquele que crê é justificado [*dikaiontai*] de todas as coisas das quais não podiam ser justificados

[*dikaiôthênai*] pela Lei de Moisés” (At 13.38,39). Qual foi o resultado da pregação da justificação pela fé?

Quando Paulo e Barnabé estavam saindo da sinagoga, o povo os convidou a falar mais a respeito dessas coisas no sábado seguinte. Despedida a congregação, muitos dos judeus e estrangeiros piedosos convertidos ao judaísmo seguiram Paulo e Barnabé. Estes conversavam com eles, recomendando-lhes que continuassem na graça de Deus. No sábado seguinte, quase toda a cidade se reuniu para ouvir a palavra do Senhor (At 13.42-44).

Conforme seguimos os indícios desta pregação no decorrer da história da igreja, algumas vezes lemos que Agostinho não compreendia ou pregava essa doutrina. Provavelmente, isso não é verdade¹ embora tenha se tornado mais clara posteriormente com Lutero e Calvino. O desvio da doutrina da justificação pela fé e a confusão resultante da justiça alheia com a santificação como a base para a aceitação da parte de Deus surgiria provavelmente depois de Agostinho² embora não se possa afirmar seu desaparecimento completo.

É provável que Anselmo (1033-1109), o grande teólogo escolástico, também tenha sido um expoente da justificação apenas pela fé. Ele descreveu seu ponto de vista em um tratado para a consolação de pessoas à beira da morte, citado por Augustus H. Strong:

Pergunta: Crês tu que Cristo morreu por ti? *Resposta:* Creio.
Pergunta: Daí graças a ele por sua paixão e morte? *Resposta:* Dou-lhe graças. *Pergunta:* Crês tu que não podes ser salvo a não ser pela sua morte? *Resposta:* Creio”. Depois, Anselmo se dirige ao moribundo: Vem, então, enquanto a vida permanece em ti; põe a tua confiança inteiramente na sua morte; não ponhas a confiança em nada mais; confia totalmente na morte dele; só isto te cobre totalmente; e se o Senhor teu Deus te julgar, diz: “Senhor, entre o teu julgamento e a minha pessoa,

apresento a morte de nosso Senhor Jesus Cristo; nenhuma outra coisa pode contender contigo”. E se ele disser que tu és um pecador, diz tu: “Senhor, interponho a morte de nosso Senhor Jesus Cristo entre meus pecados e ti”. Se ele disser que tens merecido a condenação, diz: “Senhor, eu coloquei a morte do nosso Senhor Jesus entre ti e os meus deméritos, e os méritos dele ofereço em lugar dos que eu deveria ter e não tenho”. Se ele disser que está irado contigo, diz: “Eu oponho a morte de nosso Senhor Jesus Cristo entre mim e tua ira”. E, ao completar isso, diz ainda: “Senhor, eu ponho a morte do nosso Senhor Jesus Cristo entre mim e ti”. Veja Anselmo, *Opera* (Migne), 1:686, 687. A citação acima nos dá razão para crer que a doutrina neotestamentária da justificação pela fé implícita ou explicitamente foi defendida por muitas almas piedosas através das épocas do obscurantismo papal.³

E houve trevas. A Reforma era necessária. E o descobrimento e a pregação da justificação apenas pela fé se tornou o centro do raio da verdade que iluminou o mundo. Lutero data sua grandiosa descoberta do evangelho da justificação pela fé em 1518, durante as leituras contínuas dos Salmos.⁴ Ele relata essa história no *Preface to the Complete Edition of Luther's Latin Writings* [Prefácio à edição completa dos escritos latinos de Lutero]. Este relato da descoberta foi extraído do *Preface*, escrito em 5 de março de 1545, o ano que precedeu sua morte.

Senti-me verdadeiramente cativado com um extraordinário desejo de compreender o que dizia Paulo na Epístola aos Romanos. Mas até então, foi [...] uma única frase em 1.17: “nele se descobre a justiça de Deus”. Eu odiava a expressão “justiça de Deus” que, de acordo com o uso e os costumes de todos os mestres, aprendi a compreender filosoficamente o que se entende por justiça ativa e formal, como a chamavam, com a qual Deus é justo e pune o pecador injusto.

Embora vivesse como um monge irrepreensível, eu me sentia um pecador diante de Deus, com a consciência muito perturbada.

Era incapaz de acreditar que minha satisfação o apaziguava. Não, eu não amava. Eu odiava o Deus justo que punia os pecadores, e secretamente, quando não usava da blasfêmia, mas murmurando muito, sentia raiva de Deus e dizia: “Como se, de fato, não bastasse, que nós, miseráveis pecadores, eternamente perdidos devido ao pecado original, fôssemos afligidos por todo o tipo de calamidade pela lei do Decálogo, Deus ainda acrescenta sofrimento atrás de sofrimento por meio do evangelho ameaçando-nos com ira justificada?” Desse modo eu me irava com a consciência aterradora e perturbada. Todavia, eu me debatia suplicante sobre os ensinamentos de Paulo naquele capítulo, desejando ardentemente descobrir o que ele desejava dizer.

Por fim, pela misericórdia de Deus, meditando dia e noite, observei cuidadosamente o contexto das palavras: “nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé”. Nesse momento comecei a perceber que a justiça de Deus é aquela pela qual o justo vive de acordo com o dom de Deus, ou seja, pela fé. E isso significava que a justiça de Deus é revelada por meio do Evangelho, ou seja, a justiça passiva com a qual [o] Deus misericordioso nos justifica pela fé, como está escrito: o justo viverá pela fé. Ali, eu senti que havia nascido de novo e tinha entrado pelas portas abertas do paraíso. Ali, uma face totalmente nova das Escrituras surgiu diante de mim... Então, exaltei com a voz mais suave, com um amor tão grande quanto o ódio que costumava sentir: “a justiça de Deus”. Por isso, essa passagem de Paulo se tornou para mim as portas do paraíso.⁵

Ah, esses pastores de nossa época tão pragmática deveriam “meditar dia e noite” e “se debater suplicantes sobre os ensinamentos de Paulo” até que enxergassem o evangelho da justificação de forma tão clara que pudessem ser capazes de “entrar pelas portas abertas do paraíso”. Posteriormente, descobriríamos o motivo que levou Lutero a enfatizar tanto sobre isso: “Nela todas as questões da nossa fé estão compreendidas, e tendo sido guardada,

todas as outras coisas também serão”.⁶ “Nessa clausula está fundamentado tudo o que ensinamos e praticamos”.⁷ “Sozinha pode nos sustentar diante destas incontáveis ofensas e ainda é capaz de nos consolar em todas as tentações e perseguições”.⁸ “Esta doutrina é a cabeça e a pedra fundamental. Por si só, ela gera, alimenta, edifica, preserva e defende a igreja de Deus; e sem ela, a igreja de Deus não poderia existir nem por uma única hora”.⁹

João Calvino apreciava e pregava esta verdade porque: “Não importa de onde o conhecimento disto seja suprimido, a glória de Cristo se extingue, a religião é abolida, a igreja destruída, e a esperança da salvação totalmente abalada”.¹⁰ Em relação ao debate com o catolicismo romano, ele disse que a justificação apenas pela fé era “o primeiro e o mais entusiástico de todos os assuntos de controvérsia em nosso meio.¹¹ Qual é sua grandiosa e central verdade? Calvino a definiu da seguinte maneira:

Visto que todos os homens são, aos olhos de Deus, pecadores perdidos, entendemos que Cristo é o único que o justifica, já que, por causa de sua obediência, ele foi ferido por nossas transgressões; por causa de seu sacrifício, apaziguou a ira divina; por meio de seu sangue, lavou nossos delitos; na cruz, carregou nossas maldições; e por intermédio de sua morte, pagou nossa dívida. Entendemos que desta maneira o homem é reconciliado em Cristo com Deus, o Pai, não pelo próprio mérito, pelo valor de suas obras, mas por misericórdia gratuita. Quando abraçamos Cristo pela fé, e passamos a ter, como se diz, comunhão com ele, alcançamos a justificação pela fé.¹²

Quando ele, os outros reformadores e, posteriormente, os puritanos foram questionados se a justificação do infiel apenas pela fé poderia resultar em dissolução (como Paulo foi questionado em Romanos 6.1 e 15), respondeu:

Desejo que os leitores compreendam que sempre que mencionarmos a fé por si só nesta questão, não pensamos na fé morta, que não trabalha por amor, mas na fé sustentada para ser a

única causa da justificação. Por essa razão, a fé justifica por si mesma, embora a fé que justifica não esteja sozinha: o calor do sol por si só aquece a terra, mas o sol não está sozinho, visto que está constantemente associado à luz. Por conseguinte, não separamos toda a graça da regeneração da fé, mas proclamamos o poder e a faculdade da justificação unicamente pela fé, o que é nossa obrigação.¹³

O pastor batista John Bunyan, escritor da obra *O peregrino*, amava e vivia a verdade da justificação apenas pela fé. Um pouco antes de ser libertado da prisão, após 12 anos de encarceramento, ele escreveu o livro *A Defense of the Doctrine of Justification by Faith* [Uma defesa da doutrina da justificação pela fé]. A maioria das mensagens tinha grande valor para ele, pois o salvara nos momentos em que esteve impotente e desesperado quando ainda estava na casa dos 20 anos.

É difícil datar sua conversão, pois ao contar esse processo na obra *Grace Abounding to the Chief of Sinners* [Graça sobejante para o principal pecador], ele quase não cita datas ou sequer traça a linha do tempo. Mas certamente foi um processo longo e agonizante: “Foi bem assim enquanto ignorava Jesus Cristo e começava a estabelecer minha própria justificação. Eu teria perecido, se Deus, em sua misericórdia, não tivesse me mostrado mais de minha condição natural... A Bíblia se tornou preciosa para mim naqueles dias”.¹⁴

Certo dia, enquanto caminhava pelo campo [...] estas palavras penetraram em minha alma: “Tua justiça está nos céus”. E parecia que, com os olhos da alma, eu via Jesus Cristo à destra de Deus; lá, posso afirmar, encontrava-se minha justificação, de modo que onde quer que eu estivesse, ou o que estivesse fazendo, Deus nada poderia dizer a meu respeito; ele deseja [carece] minha justificação, por isso eu me encontrava diante dele... Além disso, vi que não é meu bom coração que torna minha justificação melhor, nem meu mau coração que a torna pior; pois minha

justiça é o próprio Cristo, o mesmo ontem, hoje e para sempre (Hb 13.8). Então, as correntes caíram de minhas pernas; fiquei livre das aflições e grilhões [...] voltei para casa regozijando-me na graça e no amor de Deus.¹⁵

Durante o Grande Avivamento, nos anos 30 e 40 do século XVIII, foi a pregação sobre a justificação em ambos os lados do Atlântico que fortaleceu esse movimento de Deus. Quando Jonathan Edwards publicou os sermões pregados sobre a justificação pela fé em 1734, escreveu no prefácio:

O início da obra mais recente de Deus neste lugar foi tão oportuno que só me restou considerá-la um surpreendente testemunho da aprovação divina da doutrina da *justificação apenas pela fé*, ali defendida e sustentada... O discurso da justificação em seguida [...] pareceu notavelmente abençoado, não só por estabelecer o juízo de muitos sobre esta verdade, mas por comprometer o coração de cada um na busca mais fervorosa pela justificação, pela maneira como foi explicada e defendida; e, *naquele momento*, enquanto eu era fortemente repreendido por defender esta doutrina no púlpito e bem diante de meu sofrimento pelos insultos recebidos por causa disto, a obra de Deus maravilhosamente se deteve entre nós. Em seguida, almas começaram a se arrebanhar em Cristo — o Salvador em cuja justiça esperavam ser justificados. Esta era a doutrina que fundamentou este trabalho no princípio e, evidentemente, em todo o seu desenvolvimento.¹⁶

Ah, irmãos, não é esse nosso desejo: ver “almas se arrebanhando em Cristo como o Salvador”? Então, não deixemos de pregar essa grande verdade central da justificação apenas pela fé.

Lembrem-se do que Lutero disse, e rendam-se a isso: “Eu me debatia suplicante sobre os ensinamentos de Paulo”. Agarrem os ensinamentos de Romanos e Gálatas e lutem com eles como Jacó lutou com o anjo de Deus — até que esses textos inspirados lhe abençoem a vida com sua gloriosa verdade.

Em Romanos 4, Paulo sustenta seus argumentos em Gênesis 15.6, citando-o no versículo 3: “Que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça”. Paulo está ansioso para empregar as palavras *fé* e *reconhecimento* de Gênesis 15.6 para mostrar que descartam a vanglória e sustentam a justificação apenas pela fé. O versículo 4 afirma: “Ora, o salário do homem que trabalha não é considerado como favor, mas como dívida”. Por isso, a justificação pelas obras não colocaria fim à vanglória. Se você trabalha a fim de obter a justificação, o que, na verdade, está fazendo é tentando fazer uma dívida para Deus. E se você conseguir que Deus lhe deva alguma coisa, em seguida, irá se vangloriar diante dos homens e de Deus. Se o trabalho realizado busca a justificação e este for bem sucedido, o que se concede não é a graça, mas o pagamento de um salário — a dívida de Deus. E quando for recebido, será possível dizer: “Eu o mereci”. E isto, como Paulo diz, não foi o que Abraão fez.

Bem, o que ele fez? Talvez, Romanos 4.5 seja o versículo mais importante sobre a justificação apenas pela fé de toda obra neotestamentária. Neste versículo existem três sinais bastante claros de que a justificação é apenas pela fé e nada mais além da fé. “Toda-via, àquele que não trabalha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça”. Repare nestes três sinais de que a justificação é pela “fé somente”.

Primeiro, ele diz: “Àquele que não trabalha”. Este é o retrato do momento da justificação. E não significa que não haverá “boas obras” em sequência na santificação. Paulo retoma isso no capítulo 6. Estamos tratando aqui do momento da justificação. Este momento pode ocorrer para qualquer pessoa em qualquer culto dominical, num instante, pois não se trata de um processo longo (como a santificação). A justificação é o veredicto entregue por Deus em um momento: não culpado, mas inocentado, aceito, perdoado, justificado! E Paulo afirma que isto acontece à pessoa que “não trabalha”, ou seja, é algo que ocorre apenas pela fé.

O segundo sinal de que a justificação ocorre pela fé somente é a palavra *ímpio*. Depois que Paulo diz: “ao que não trabalha”, ele acrescenta: “mas confia em Deus, que justifica o ímpio”. Algo completamente espantoso; que contraria todo o nosso senso jurídico (v. Êx 23.7; Pv 17.15). Quando exclamamos: “Como pode ser assim?”, recebemos uma resposta tremenda: “De fato, no devido tempo, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios” (Rm 5.6). Deus pode, então, justificá-lo porque seu Filho morreu pelo ímpio.

No texto, a palavra *ímpio* pretende enfatizar que a fé não é nossa justiça. A fé crê naquele que justifica o ímpio. Quando a fé nasce na alma, ainda somos ímpios. E, então, ela começa a vencer nossa impiedade. Mas, no início da vida cristã — quando ocorre a justificação — todos somos ímpios. Obras piedosas não começam a ter papel na nossa vida até que sejamos justificados. Somos declarados justos¹⁷ pela fé somente quando ainda somos ímpios. E esta é a única maneira que qualquer um de nós pode ter esperança de que Deus está do nosso lado de modo que possamos, enfim enfrentar a luta contra a impiedade. Ele está do nosso lado. “Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Foi Cristo Jesus que morreu...” (Rm 8.33, 34a).

Por fim, o terceiro sinal de que a justificação é apenas pela fé encontra-se na última sentença de Romanos 4.5: “sua fé lhe é creditada como justiça”. Não as obras ou o amor ou até os frutos na fé, mas a fé propriamente dita; ela lhe é imputada como justiça.

Portanto, qual o significado de “sua fé lhe é creditada como justiça”? A ideia está bastante clara para Paulo, pois encontramos no versículo 3 a afirmação de que “Abraão creu em Deus, e isso [sua fé] lhe foi creditado como justiça”. O versículo 5 ainda afirma: “mas [aquele que] confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça”. Vejamos o versículo 9: “a fé lhe foi creditada [a Abraão] como justiça”. E o versículo 22: “Em consequência, ‘isso lhe foi creditado como justiça’ ”.

Será que atribuir fé como justiça significa dizer que a fé por si mesma é o tipo de justificação que realizamos? E que Deus considera isso bom o bastante para ser nossa legítima justiça? Ou, digamos, que para pagar a justificação supostamente estimada em cinco milhões de dólares, eu entregue o montante de um milhão (ou seja, fé) e Deus, compassivamente, considere meu milhão como cinco, ignorando assim o restante? Certamente, isso faria da minha fé uma justiça atribuível a mim, de modo que a justificação seria o reconhecimento divino da justiça existente em mim, concedida, admitida e atribuída por ele, para o que é realmente justo. No entanto, teria sido isso o que Paulo quis dizer com: “sua fé lhe é creditada como justiça”? Ou a justificação é algo diferente — Deus não vê justiça alguma em mim, mas credita a própria justiça em Cristo mediante a fé?

Minha resposta para esta questão é: Paulo pretende dizer que a fé nos une a Cristo e a tudo o que Deus é para nós nele. E quando Deus nos vê unidos a Cristo — em Cristo — ele vê a justiça de Cristo como nossa justiça. Portanto, a fé nos conecta com Cristo que é a nossa justiça; e, neste sentido, a fé é atribuída como justiça. A função da fé justificadora é ver e apreciar tudo o que Deus é para nós em Cristo, especialmente sua justiça.

Mas, qual é a base bíblica para esta interpretação? John Owen apresentou cinco argumentos,¹⁸ e John Murray nove,¹⁹ sobre porque a sentença “sua fé lhe é creditada como justiça” não é uma afirmação de que a fé é propriamente a nossa justiça. Eis algumas razões que me persuadiram.

Em primeiro lugar, observe que no final de Romanos 4.6 e no final de Romanos 4.11 encontramos uma maneira diferente de como o termo “imputação” de justiça (ou “atribuição” de justiça) foi expresso. No final do versículo 6 está escrito: “Deus credita justiça independente de obras”. E no final do versículo 11: “a fim de que a justiça fosse creditada também a eles”. Repare: em ambas as sentenças, a fé não é imputada como justiça; a justiça é imputa-

da a nós. “Deus credita justiça” e não “Deus credita fé como justiça”. Isso serve para nos alertar contra uma forte possibilidade de compreender que quando Paulo afirma “sua fé lhe é creditada como justiça”, ele, na realidade, quer dizer, “a fim de que lhes fosse creditada a justiça”. Ou seja, o ponto considerado a nosso respeito aqui não é a fé, mas a justiça. E isso sugere que o crédito de fé pode ser um atalho para a afirmação de se atribui a justiça a alguém mediante a fé.

Segundo, reflita sobre Romanos 3.21, 22: “Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos os que creem”. Observe que a justiça divina é manifestada a nós por meio da fé. Ela, por sua vez, é o que nos une à justiça de Deus; a justiça divina não nos é creditada (atribuída) ao nos unirmos a Cristo.

Em terceiro lugar, medite na sentença de 2Coríntios 5.21: “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus”. Aqui há dupla “imputação”. Deus imputou nossos pecados a Cristo — que não conheceu pecado algum. E imputou sua justiça a nós — que não tínhamos justiça alguma. As expressões-chave, para nossa compreensão, são: “justiça de Deus” e “nele”. Em Cristo, não recebemos *nossa* justiça. É a justiça de Deus. Nós a recebemos por estarmos “em Cristo”, *não* porque nossa fé é justa. A fé nos une a Cristo. E em Cristo temos a justiça singular. É a justiça de Deus em Cristo. Ou ainda, é possível dizer: a justiça de Cristo é o meio usado segundo os ensinamentos de Romanos 5.18: “... um só ato de justiça resultou na justificação que traz vida a todos os homens”. Ele toma nossos pecados e nós tomamos a justiça dele, creditada a nós.²⁰

Por último, reflita sobre 1Coríntios 1.30. John Bunyan disse que após a experiência de ser atingido tão poderosamente pela justiça imputada de Cristo, ele voltou para casa e procurou obter sustentação bíblica. E deparou-se com 1Coríntios 1.30: “É, porém,

por iniciativa dele que vocês estão em Cristo Jesus, o qual se tornou sabedoria de Deus para nós, isto é, justiça, santidade e redenção”. “Por causa deste texto”, afirmou Bunyan, “percebi que o homem Jesus Cristo [...] é nossa justiça e santificação diante de Deus. Dali em diante, passei a viver por algum tempo uma paz muito serena com Deus, por intermédio de Cristo”.²¹

O texto de Bunyan, 1Coríntios 1.30, ensina que Cristo se tornou para nós (dativo simples *hêmin*) “justiça”. E a razão para que Cristo ‘seja nossa “justiça” neste sentido é que todos nós estamos “em Cristo Jesus”. “Você está em Cristo que se tornou para [ou por] nós [...] justiça”. Cristo, não a fé, é nossa justiça. A fé nos une a Cristo e a tudo o que Deus é para nós. Mas, em Cristo, ele é justiça para nós.²²

Posso concluir dessas observações: quando Paulo afirma em Romanos 4.3, 5.9 e 22 que a “fé lhe foi creditada como justiça”, ele não pretende dizer que a fé é nossa justiça. Ele afirma que a fé nos une a Cristo de modo que a justiça de Deus em Cristo nos é creditada.

Eis uma analogia, imperfeita, mas que pode ser útil. Imagine que eu diga a meu filho adolescente: “Barnabas, arrume seu quarto antes de ir para a escola. Ou você organiza seu quarto ou não assistirá ao jogo esta noite”. Bem, imagine agora que ele toma uma má decisão e vai para a escola sem organizar o quarto. Imagine ainda que ao descobrir que o quarto dele continua uma verdadeira bagunça, eu o arrume. A tarde passa, ele chega já quase na hora de sair para o jogo e ao perceber o que fez, acaba se sentindo muito mal. Em seguida, ele se desculpa e humildemente aceita as consequências de seu ato. Nada de jogo naquele dia.

Em seguida, eu lhe digo: “Barnabas, creditarei seu pedido de desculpas e submissão como se o quarto estivesse arrumado. Eu lhe disse: ‘Ou você arruma seu quarto ou não assistirá ao jogo esta noite’. Seu quarto está arrumado, então você pode ir ao jogo”.

Quando acrescentei: “Creditarei seu pedido de desculpas e submissão como se o quarto estivesse arrumado” não tive a in-

tenção de afirmar que o pedido de desculpas arrumou o quarto, nem que meu filho, de fato, obedeceu. Afinal, eu o organizei. Foi pura graça. Portanto, minha intenção era a de mostrar que, em minha maneira de pensar — em minha graça — seu pedido de desculpas o conectou à promessa associada ao quarto limpo. O quarto organizado era o quarto *dele*. E isso lhe foi atribuído. Ou, em outras palavras, creditei seu pedido desculpas como o quarto arrumado. Ou seja, é possível dizer isso de ambas as formas — assim como Paulo fez: “Isso lhe foi creditado como justiça” e “Deus atribui justiça a nós”.

Portanto, quando Deus diz aos que creem em Cristo: “Eu atribuo sua fé como justiça”, ele *não* está afirmando que essa fé é a justificação. Mas que a fé o une a Cristo que, por sua vez, torna-se a justiça aos olhos de Deus — a justiça divina.

Para Martinho Lutero e John Bunyan, a descoberta da justiça imputada de Cristo foi a maior experiência causadora de uma mudança de vida que experimentaram. Segundo Lutero, foi como entrar no paraíso de paz com Deus. E, para Bunyan, foi o fim dos anos de tortura espiritual e incertezas. Irmãos, o que as pessoas não dariam para saberem que foram aceitas e aprovadas por Deus de forma tão inequívoca quanto o prestígio do próprio Jesus, seu Filho?

Diga a seu amado rebanho: “Cristo lhes oferece isso hoje como dom. Basta que reconheçam sua verdade e valor, basta que recebam esse dom como o maior tesouro de sua vida e nele depositem sua confiança. Desse modo, todos terão paz com Deus que excede toda a compreensão. Vocês se tornarão pessoas seguras. Não precisarão da aprovação dos outros. Não precisarão de bajulações, poder ou vingança. Serão livres. Serão inundados pelo amor. E descansarão a vida na causa de Cristo por causa da alegria bem diante de vocês. Voltem os olhos para Cristo e confiem nele para sua justiça”.

Diga-lhes com alegria, paixão e poder que nada podem *oferecer* por isto. Que se trata de algo gratuito. Que Jesus veio justamente para isso: para cumprir a justiça, para morrer e remover todos os nossos pecados e, enfim, tornar-se para cada um de nós a perfeita justiça. Vivam na imensa alegria e liberdade do evangelho. Preguem isso! Ah! Sim, proclamem isso, sem cessar.

NOTAS

- ¹ V. as evidências expostas em *The Basic Writings of St. Augustine*, ed. by Whitney Oates, vol. 2 (New York: Random House, 1968), p.142ss, e a obra de John H. Gerstner, *The Rational Biblical Theology of Jonathan Edwards*, trecho sobre a história da justificação, encontrado em *Jonathan Edwards Collection: A Light for Every Age* (CD-ROM), por Michael Bowman e NavPress Software, 1999.
- ² V. Ian Sellers a respeito da “justificação”, em *The New International Dictionary of the Christian Church*, ed. J. D. Douglas (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1978), p. 557.
- ³ *Teologia sistemática* (São Paulo: Hagnos, vol. 2, 2003), p.1496.
- ⁴ John Dillenberger. *Martin Luther: Selections from His Writings*. Garden City, N.Y.: Doubleday and Co., 1961, xvii.
- ⁵ *Ibid.*, p. 11-12.
- ⁶ Martinho Lutero citado na obra de Ewald M. Plass: *What Luther Says: An Anthology*, vol. 2 (St. Louis, Mo.: Concordia Publishing House, 1959), p. 703.
- ⁷ Citado em *ibid.*, p. 708.
- ⁸ *Ibid.*
- ⁹ *Ibid.*, p. 704
- ¹⁰ John Dillenberger, *John Calvin: Selections from His Writings* (n.p.: Scholars Press, 1975), p. 95.
- ¹¹ *Ibid.*
- ¹² *Ibid.*, p. 96
- ¹³ *Ibid.*, p. 198.
- ¹⁴ Hertfordshire, England: Evangelical Press, 1978 (original, 1666), p. 20.
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 90-91
- ¹⁶ *Five Discourses*, in *The Works of Jonathan Edwards*, vol. I (Edinburgh: The Banner of Truth Press, 1974), p. 620.

- ¹⁷ A palavra *justificar* (*dikaiôô*) significa “declarar alguém justo” e não “tornar alguém moralmente justo”. Percebemos isto, principalmente, em Romanos 3.4 onde Deus é “justificado” (*dikaiôthês*) em suas palavras, ou seja, elas o declararam justo, e não o tornaram justo.
- ¹⁸ *The Doctrine of Justification by Faith*, in *The Works of John Owen*, vol. 5 (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1965), p. 318-9.
- ¹⁹ *The Epistle to the Romans*, vol. 1 (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing, ca., 1959), p. 353-9.
- ²⁰ A doutrina da imputação da justiça de Cristo sofre fortes ataques nos dias atuais (novamente). V., p. ex., Robert H. Gundry, “Why I Didn’t Endorse The Gospel of Jesus Christ: An Evangelical Celebration”, in *Books and Culture* (Jan./Feb. 2001), vol. 7, no. 1.6-9; Robert H. Gundry, “On Oden’s Answer,” in *Books and Culture* (Mar./Apr. 2001), vol. 7, no. 2.15-16, 39. Mas, talvez, esta tendência dos estudiosos neotestamentários não seja capaz de derrotar quatro séculos de reflexão textual e de amplo consenso protestante sobre a justiça divina em relação à justificação. Alguns exegetas do NT mais cuidadosos de nossa época, como George Ladd, são tolerantes com o que Gundry debate de forma tão crítica — que inexistente uma afirmação doutrinária explícita sobre a imputação da justiça de Cristo aos crentes: “Paulo nunca afirmou expressamente que a justiça de Cristo é imputada aos crentes”. No entanto, Ladd empregou 2Coríntios para afirmar: “Paulo respondeu a esta questão quando disse: ‘para que nele nos tornássemos justiça de Deus’ (2Co 5.21). Cristo foi feito pecado por amor de nós. Então, podemos dizer que nossos pecados foram imputados a Cristo. Ele, embora sem pecado, foi identificado com nossos delitos, punido e condenado à morte. Por isso, atribuímos a nós a justiça de Cristo, mesmo permanecendo pecadores, tanto em caráter como nas atitudes. Trata-se de uma conclusão lógica inevitável: os homens de fé são justificados porque a justiça de Cristo lhes é imputada”. George Eldon Ladd, *A Theology of the New Testament*, ed. Donald A. Hagner (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1993), p. 491. Resumindo, a ausência dessa explicitação doutrinária e sistemática não é mais problemática para a doutrina da imputação da justiça de Cristo do que tem sido para a doutrina da Trindade. Para uma resposta mais detalhada a Gundry, v. John Piper, *Counted Righteous in Christ: Should We Abandon the Imputation of Christ’s Righteousness?* (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 2002).
- ²¹ *Grace Abounding to the Chief of Sinners*, p. 91.
- ²² Existe uma objeção, até mesmo confiável, sobre o uso de 1Co 1.30 para tratar da imputação da justiça de Cristo. Alguns dizem que empregar esse versículo para provar a imputação da justiça de Cristo poderia dar a entender

que a sabedoria, a santificação e a redenção são também “imputadas” em vez de transmitidas. Mas cada uma delas é, na verdade, algo que vivenciamos e não apenas uma declaração a nosso respeito. Portanto, se o texto diz que: “Cristo Jesus, o qual se tornou sabedoria de Deus para nós, isto é, justiça, santidade e redenção”, será que podemos selecionar apenas a “justiça” e dizer que ela nos foi imputada enquanto o restante não nos é imputado, e sim, transmitido de modo que possamos vivenciá-lo?

Uma possível resposta para isso é que Paulo poderia ter pretendido que cada um dos quatro dons explícitos de nossa união com Cristo fosse considerado como se sua função se resumisse a suprir nossas necessidades, em vez de todos serem considerados da mesma maneira. John Flavel (1630-1691) percebeu certa progressão que apontava para essa direção. Ou seja, nesta união, Cristo se torna para nós a *sabedoria* que supera nossa ignorância cega de Cristo (pela iluminação). Segundo, nesta união, Cristo se torna a *justiça* que supera nossa culpa e condenação (pela imputação). Terceiro, nesta união, Cristo se torna a *santificação* que vence nossa corrupção e imundícia (pela imputação progressiva). E por último, nesta união, Cristo se torna a *redenção* que derrota, no final, toda a miséria, dor e futilidade que provém de nosso pecado e culpa (mediante a ressurreição: “... mas nós mesmos [...] gememos interiormente, esperando ansiosamente a adoção como filhos, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.23). V. John Flavel, *The Method of Grace* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1977), p. 14. Alguém também poderia citar Romanos 10.4 neste momento, que traduzido literalmente afirma “O objetivo [ou fim] da lei é Cristo para justiça de todos os que creem”. Em outras palavras, a lei apontava para Cristo como a nossa justiça (“Cristo para justiça de todos os que creem”, τέλος γὰρ νόμου Χριστὸς εἰς δικαιοσύνην παντὶ τῷ πιστεύοντι [*telos gar nomou Christos eis dikaiosynên panti tô pisteuonti*]).

Toda boa obra que realizamos
na dependência de Deus resulta, simplesmente,
no oposto de uma restituição;
e nos faz ainda mais devedores de sua graça.
E isto é exatamente onde Deus
quer que estejamos por toda a eternidade.

JOHN PIPER

As boas obras não retribuem a graça;
elas se apropriam de mais graça.

JOHN PIPER

capítulo cinco

Irmãos, cuidado com a ética do devedor

A motivação dos cristãos é tão importante quanto seus atos, pois o motivo equivocado arruína as boas ações. “Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá” (1Co 13.3). E no juízo final, o Senhor “trará à luz o que está oculto nas trevas e manifestará as intenções dos corações” (1Co 4.5).

Portanto, não devemos nos contentar quando nossos irmãos fazem coisas boas. Devemos nos esforçar para ver se estão fazendo coisas boas com a louvável motivação de Deus a fim de que não descubram no final que seus sacrifícios foram em vão.

A ética do devedor exerce uma atração fatal sobre os cristãos imaturos. Ela se veste como a ética de gratidão e diz coisas como:

“Deus tem feito tanto por você; o que você faz em retribuição?”; “Ele lhe deu a própria vida; o quanto você lhe dá?”.

A vida do cristão é retratada como o esforço para pagar a dívida com Deus. É necessário admitir que jamais liquidaríamos essa dívida completamente, embora a ética do devedor exija nossa tentativa. As boas obras e as ações religiosas se tornam assim as parcelas do pagamento dessa dívida interminável com Deus.

Você já tentou encontrar um texto bíblico em que a gratidão ou o reconhecimento seja o motivo explícito para a obediência a Deus? Histórias como a da mulher pecadora (Lc 7.36-50) e do servo impiedoso (Mt 18.23-35) poderiam ser evocadas,¹ mas nenhuma delas menciona *claramente* a gratidão como motivo.

Considerando-se que no cristianismo contemporâneo a gratidão seja provavelmente o motivo mais usado para incentivar a obediência a Deus, por que essa motivação explícita à obediência é (quase?) totalmente ausente na Bíblia? E visto que a ética de gratidão se ajusta tão facilmente à ética do devedor, não teria Deus preferido proteger seu povo dessa motivação fatal ao evitar incluir a gratidão como motivo explícito à obediência?

Em seu lugar, ele nos incentiva a obedecer por meio de promessas irresistivelmente desejáveis de capacitação (Jr 31.33; Ez 36.27; Mt 19.26; Rm 6.14; 1Co 1.8-9; Gl 5.22; Fp 2.13; 4.13; 1Ts 3.12; Hb 13.21) e recompensas divinas (Lc 9.24; 10.28; 12.33; 16.9, 25; 10.35-36; Hb 11.24-26; 12.2; 13.5,6).²

Aproveitando a dor para nos motivar, Deus nos faz lembrar que continua trabalhando, hoje e sempre, por quem o segue na obediência da fé. Sem descanso. Esperando que o serviço que lhe dedicamos seja feito, mas “não por gratidão”. Ele nos livra da mentalidade do devedor sinalizando que todo esse trabalho cristão realizado *para ele* é dom que vem *dele* (Rm 11.35,36; 15.18) e, por isso, não pode ser concebido com o intuito de pagar a dívida. Surpreendente mesmo é o fato de que toda boa obra que realizamos na dependência de Deus resulta simplesmente no oposto da restituição; e nos faz ainda mais devedores de sua graça. “Trabalhei mais do que

todos eles; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15.10). Ensinemos, portanto, que esse é o lugar exato em que Deus deseja que estejamos por toda a eternidade, aprofundando-nos cada vez mais na dívida da graça.

Devemos, então, parar de pregar a gratidão *como* motivação? Cabe a você responder essa pergunta. No entanto, se continuarmos incitando as pessoas a obedecerem “não por gratidão”, deveríamos, ao menos, avisá-las sobre os perigos ocultos existentes e descrever *como* a gratidão pode motivar a obediência sem sucumbir à mentalidade do devedor.

Refleta comigo sobre o significado da gratidão e como ela pode contribuir para motivar positivamente, e não apenas como a ética do devedor.

Em primeiro lugar, precisamos de uma definição. Então, imagine que sou acordado pelo som de um assaltante tentando invadir minha casa. Assim que acendo a luz, ele foge. Mas enquanto me visto, sinto o cheiro de fumaça e percebo que um incêndio começou no aposento onde meus filhos estão dormindo. Em questão de minutos, consigo apagá-lo.

O assaltante me acordou e, sem saber, salvou meus filhos. No entanto, não lhe sou grato. Sou grato a Deus. Por quê? Porque o assaltante não tinha boas intenções para comigo, ao contrário de Deus. Ou seja, nós não reagimos com gratidão às pessoas que nos fazem um favor *involuntariamente*.

Ou imagine que estou visitando alguns amigos cristãos em um remoto vilarejo no meio da selva e sou acometido por uma enfermidade fatal. Um dos moradores do local percebe que preciso de penicilina e se dispõe a buscá-la, o que exigiria uma longa caminhada até o médico. No caminho de volta, ele é picado por uma cobra cujo veneno é letal, mas consegue chegar ao vilarejo minutos antes de morrer. Em seu bolso é encontrado o vidro de penicilina — quebrado por causa da última queda. Ele deu a própria vida por mim, mas não pude usufruir dos benefícios pelos quais ele morreu.

Sinto-me grato? Sim! Pois a gratidão não é apenas a reação diante do benefício recebido; é a reação à boa vontade de alguém para conosco.

Confirma-se isso com outra experiência. Imagine uma situação em que você presenteia um amigo em uma festa. Ele abre o presente e fica admirado. Depois o acaricia, mostra para os demais convidados e fala do objeto durante toda a festa, totalmente fascinado... Mas sem sequer olhar para você ou lhe dirigir a palavra — o presenteador. O que podemos dizer de uma pessoa assim? Diríamos que é um ingrato. Por quê? Porque sua alegria diante do presente não tem relação com a boa vontade do presenteador.

Desse modo, posso definir a gratidão como *uma espécie de alegria nascente em nosso coração que reage diante da boa vontade de alguém que faz, ou tenta fazer, algo a nosso favor*.

O motivo da reação espontânea do coração possuir um bom potencial produtor de outros atos de obediência deve-se a uma espécie de alegria. Sempre que sentirmos alegria, isso ocorrerá porque o coração apreciou algo que consideramos valioso. A causa da alegria é sempre um valor perceptível. Quanto maior o valor, maior será a nossa alegria ao recebê-lo.

Mas, não é apenas isso. Toda alegria é gregária. Tem em si mesma um impulso demonstrativo. Gosta de reunir os outros para apreciarem esse valor juntos. Não é uma impossibilidade psicológica sentir alegria intensa por algo bom e nenhum desejo de demonstrar aos outros o bem causador desse contentamento?

Na obra *Reflections on the Psalms* [Reflexões sobre os Salmos], C. S. Lewis comentou a respeito da seguinte maneira:

Quando os homens elogiam espontaneamente algo que valorizam, eles convocam os demais para se aproximarem: “Não é maravilhoso? Não é glorioso? Vocês não acham magnífico?”. Não será sem lisonjas que os apaixonados continuarão falando sobre a beleza de cada um; o regozijo ficará incompleto enquanto não for proferido.

É frustrante descobrir um novo autor e não poder contar a alguém o quanto o achamos talentoso; ou deparar-se, de repente, ao virar a estrada, com um vale montanhoso de inesperada grandeza e ser obrigado a permanecer em silêncio porque as pessoas com quem viajamos olham para o lugar como se fosse uma coisa qualquer.³

Portanto, o segredo do quanto a gratidão motiva à obediência está na natureza da alegria. Toda alegria tem em si mesma o impulso para demonstrar a beleza e o valor de seu objeto.

Diante disso, surge a questão: Como nossa alegria em relação ao valor do presente de Deus, Jesus Cristo, tem que (na verdade, deve) ser demonstrada? Resposta: De maneira que honre a natureza e o desígnio da boa vontade de Deus e não a contradiga. (Não se deve tentar mostrar a gratidão a alguém que acabou de pagar seu tratamento em uma clínica para alcoólatras oferecendo-lhe uma cervejada. Isso contrariaria os desígnios de sua boa vontade.)

A natureza da boa vontade de Deus em dar seu Filho foi algo incondicional e imerecido — um dom da graça livre. O desígnio desse ato era desencadear o poder perdoador e renovador que transformasse as pessoas no reflexo da glória de Deus. Por isso, nossa gratidão por sua boa vontade deve ser manifestada por meio do anúncio e da realização do que honra sua natureza gratuita e o desígnio de lhe render glória.

Isto exclui, imediatamente, a ética do devedor. Qualquer tentativa de restituir Deus como expressão de gratidão contraria a natureza de seu dom gratuito e gracioso. Qualquer tentativa de alterar a condição de beneficiário de Deus para me tornar o benfeitor removerá a pedra de tropeço da cruz — onde minhas dívidas foram absolutamente pagas —, de modo que sou eternamente submisso à condição de recebedor e não de doador. “Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê” (1Pe 4.11a).

Em vez disso, nossa alegria expressa o valor da graça livre ao admitir que não a merecemos e ao depositar nela nossa esperança; além disso, devemos fazer tudo o que fazemos como recipientes

de mais e mais graça. “E Deus é poderoso para fazer que lhes seja acrescentada toda a graça, para que [...] vocês transbordem em toda boa obra” (2Co 9.8). As boas obras não retribuem a graça; elas se apropriam de mais graça.

A gratidão sempre se degenerará na ética do devedor se permanecer evocando a graça passada e deixar de olhar adiante para a graça futura. Honramos a natureza e o desígnio de Deus confiando nele para trabalhar por nós, e isso significa que a gratidão só se mostrará boa motivação quando evidenciar a fé. A gratidão diz à fé: “Continue confiando em seu Pai para obter mais graça; sei que ele a suprirá. Sei por experiência própria, e isso é muito bom”. A gratidão ajuda a motivar a obediência radical do amor, e poderá cooperar de forma indireta por meio do serviço da fé na graça futura.

Talvez, este seja o motivo da afirmação central e ética do Novo Testamento: “a fé [...] atua pelo amor” (Gl 5.6), e não “a gratidão atua pelo amor”. Não que isso seja incorreto, mas está repleto de perigos legalistas. Por isso, Paulo nos exortou a nos acautelarmos da ética do devedor e a conduzirmos nossos irmãos ao poder transformador da vida eternamente dependente da alegria.⁴

NOTAS

¹ Outra possível exceção encontra-se em Hb 12.28,29: “Portanto, já que estamos recebendo um Reino inabalável, sejamos agradecidos e, assim, adoremos a Deus de modo aceitável, com reverência e temor, pois o nosso ‘Deus é fogo consumidor!’”. Mas a expressão “sejamos agradecidos” é uma tradução duvidosa. Lê-se na ARA: “Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus...”. Mesmo que a ARA esteja errada, compreendo a função da gratidão como a concessão do serviço que alimenta a fé na graça futura. Digo isto porque Hebreus, mais que qualquer outro livro do Novo Testamento, insiste claramente que a obediência resulta da “fé” (Hb 11).

² V. o capítulo 7: “Irmãos, considerem o hedonismo cristão”.

³ C. S. Lewis, *Reflections on the Psalms* (New York: Harcourt, Brace and World, 1958), p. 93-5.

⁴ A abordagem mais completa do que chamo “viver pela fé na graça futura” — o oposto da ética de devedor — encontra-se no meu livro *O poder purificador de se viver pela fé na Graça futura* (São Paulo: Shedd Publicações, 2009), p.384.

“[Deus] não é servido por mãos de homens,
como se necessitasse de algo,
porque ele mesmo dá a todos a vida,
o fôlego e as demais coisas”.

ATOS 17.25

A diferença entre o tio Sam e Jesus Cristo
é que ele nunca alistará quem não estiver em plena forma física.
Por outro lado, Jesus só alistará o soldado que estiver enfermo.

O que Deus procura no mundo? Assistentes? Não.

O evangelho não é o cartaz de “procura-se”,
mas o cartaz de “oferece-se”.

Deus não procura para si trabalhadores,
mas pessoas que o deixem trabalhar poderosamente
para elas e por intermédio delas.

JOHN PIPER

capítulo seis

Irmãos, digam-lhes para não servirem a Deus

Ensina-mos as pessoas a servirem a Deus. A Bíblia diz: “Servi ao SENHOR com alegria” (Sl 100.2a; RA). Mas, talvez, seja agora o momento oportuno para dizer que *não* sirvam a Deus. Pois as Escrituras também afirmam: “Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido...” (Mc 10.45a).

A Bíblia está interessada em nos afastar da idolatria do serviço ao Deus vivo e verdadeiro (1Ts 1.9). Além disso, ela almeja impedir-nos de servir ao Deus verdadeiro da forma errada. Existe uma maneira de lhe servir que o macula e desonra. Portanto, devemos ter cautela para não recrutarmos servos cujo trabalho venha reduzir a glória do Provedor todo-poderoso. Se Jesus disse que *não* veio ao mundo para ser servido, o serviço pode ser um ato de rebeldia.

A vontade de Deus é de não ser servido: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há [...] não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas” (At 17.24,25). Paulo nos adverte da visão que transforma Deus no beneficiário de nossa beneficência. Ele nos ensina que Deus não pode ser servido de modo a implicar a tentativa de suprir as necessidades dele. Isso seria como o riacho tentar encher a nascente que o alimenta. “Ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas”.

Qual é a grandeza do nosso Deus? Qual é sua singularidade no mundo? Isaías responde: “Desde os tempos antigos ninguém ouviu, nenhum ouvido percebeu, e olho nenhum viu outro Deus, além de ti, que trabalha para aqueles que nele esperam” (Is 64.4). Todos os outros supostos deuses obrigam o homem a lhes prestar serviço. Nosso Deus, porém, não pode ser colocado na posição do empregador que depende dos outros para dar andamento aos próprios negócios. Ao contrário, ele engrandece sua autossuficiência realizando todo o trabalho sozinho. O *homem* é o parceiro dependente neste negócio. E seu trabalho é esperar pelo Senhor.

O que Deus procura no mundo? Assistentes? Não. O evangelho não é o cartaz de “procura-se”, mas o cartaz de “oferece-se”. Deus não procura para si trabalhadores, mas pessoas que o deixem trabalhar poderosamente para elas e por intermédio delas: “Pois os olhos do Senhor estão atentos sobre toda a terra para fortalecer aqueles que lhe dedicam totalmente o coração” (2Cr 16.9a). Deus não é o escoteiro ansioso para escolher os primeiros recrutas que ajudarão seu grupo a vencer. Antes, é o jogador incansável, pronto para tomar a bola e fazer os gols por quem depositou nele a confiança para vencer.

Então nossos irmãos perguntarão enquanto lhes ensinamos estas coisas: “O que Deus quer de nós?”. Não o que eles podem estar esperando. Deus repreende Israel por lhe trazer tantos sacrifícios. “Não tenho necessidade de nenhum novilho [...] pois todos os

animais da floresta são meus [...] Se eu tivesse fome, precisaria dizer a você? Pois o mundo é meu, e tudo o que nele existe” (Sl 50.9, 10,12).

Mas será que não há nada para ofertarmos a Deus que não o reduza à condição de beneficiário? Sim. Nossa ansiedade. E isso é um mandamento: “Lancem sobre ele toda a sua ansiedade” (1Pe 5.7). Deus, de bom grado, receberá de nós qualquer coisa que demonstre nossa dependência e a autossuficiência dele.

A diferença entre o tio Sam e Jesus Cristo é que ele nunca alistarà quem não estiver em plena forma física. Por outro lado, Jesus só alistarà o soldado que estiver enfermo. “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim para chamar justos, mas pecadores” (Mc 2.17). O cristianismo é fundamentalmente convalescente. Os pacientes não servem seus médicos. Antes, confiam em suas receitas. O Sermão do Monte é nossa receita médica e não a descrição do nosso cargo.

Ainda assim, esta analogia não é capaz de esclarecer a questão. Embora nosso médico seja competente para nos indicar como proceder e sermos curados, ele acabará nos deixando por nossa conta. Deus não é só o médico que prescreve a receita. Ele é o enfermeiro que nos ergue a cabeça débil e coloca a colher na boca (ou segura a bolsa de medicação intravenosa). Além de ser o próprio medicamento.

Nossa vida aguardará sem trabalhar para Deus. “Ora, o salário do homem que trabalha não é considerado como favor, mas como dívida. Todavia, àquele que não trabalha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça” (Rm 4.4, 5). Trabalhadores não recebem presentes, mas o que lhes é devido. Se recebermos o dom da justificação, não ousemos trabalhar. Deus é o trabalhador neste negócio. Ele recebe a glória por ser o realizador da graça, não o beneficiário do serviço.

Além disso, não devemos pensar que tendo recebido a justificação, nossa obra para Deus terá início. Quem faz algum trabalho

sem santificação macula a glória de Deus. Jesus Cristo é nossa “justiça” e “santidade” (1Co 1.30). “Foi pela prática da Lei que vocês receberam o Espírito, ou pela fé naquilo que ouviram? Será que vocês são tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, querem agora se aperfeiçoar pelo esforço próprio?” (Gl 3.2,3). Deus foi o realizador de nossa justificação e ele será o realizador de nossa santificação.

A “carne” religiosa sempre desejará prestar serviços a Deus. “Pois se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão” (Rm 8.13). Por isso nossa vida continuará aguardando, *sem* trabalhar, em Deus, tanto a justificação quanto a santificação.

Mas não nos cabe servir a Cristo? Isso é uma ordenança: “Sirvam ao Senhor” (Rm 12.11). Quem não serve a Cristo é reprovado. Em Romanos 16.18 lemos: “Pois essas pessoas não estão servindo a Cristo, nosso Senhor, mas a seus próprios apetites”). Sim, nós o serviremos. Mas antes disto, devemos refletir sobre o que se deve evitar nesse serviço. Certamente todas as advertências contra o serviço prestado a Deus querem afirmar que no conceito do serviço existe algo a ser evitado. Quando comparamos nosso relacionamento com Deus e o relacionamento entre os servos e seus senhores, a comparação não é perfeita. Algumas coisas sobre a servidão devem ser evitadas em relação a Deus. E algumas confirmadas.

Então, como o serviremos ou não? Salmos 123.2 nos oferece uma parte da resposta: “Assim como os olhos dos servos estão atentos à mão de seu senhor, e como os olhos das servas estão atentos à mão de sua senhora, também os nossos olhos estão atentos ao SENHOR, ao nosso Deus, esperando que ele tenha misericórdia de nós”. Diante disso, a boa maneira de lhe prestarmos serviço é agir como a serva que tem os olhos atentos à mão de sua senhora, sempre esperando por misericórdia.

Todo servo que tenta se afastar do amparo divino e iniciar uma parceria com o Senhor Celestial rebela-se contra o Criador. Deus não barganha. Ele se *compadece* dos servos que usam de misericórdia e

paga o salário da morte para quem não o faz. Fundamentalmente, o bom servo, em vez de oferecer assistência, sempre recebe misericórdia.

Mas, não se trata de algo totalmente passivo. Mateus 6.24 nos apresenta outra pista sobre o bom serviço. Compare o serviço prestado às riquezas e o prestado a Deus: “Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro”.

Como uma pessoa pode servir ao dinheiro? Afinal, ela não auxilia o dinheiro. Não é a benfeitora da riqueza. Então, como a servimos? Diante das várias promessas de felicidade que ela supostamente nos oferece, a riqueza é capaz de exercer certo controle sobre nós, sussurrando com grande ímpeto: “Pense e aja visando alcançar a posição que lhe permitirá usufruir meus benefícios”. Isto pode incluir roubos, empréstimos ou trabalho.

A riqueza promete felicidade. E aqueles que a servem acreditam nessa promessa e vivem desta fé. Por isso, não servimos à riqueza, colocando nossa força à disposição para seu benefício próprio. Nós servimos à riqueza fazendo o necessário para que seu poder esteja à nossa disposição para nosso benefício.

Penso que o mesmo tipo de serviço prestado a Deus deve confirmar o ensinamento encontrado em Mateus 6.24, já que Jesus os apresenta lado a lado: “Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro”. Desse modo, se pretendemos servir a Deus e não à riqueza, precisamos abrir os olhos e vislumbrar a felicidade infinitamente superior que ele nos oferece. Além disso, seu controle sobre nós será muito maior. Serviremos crendo na promessa da alegria mais plena e andaremos por meio dessa fé. Não se trata da tentativa de colocar nossa força à disposição para o benefício divino, mas, de fazer o necessário para que seu poder esteja continuamente à nossa disposição e a nosso favor.

É claro, isso requer obediência. O paciente obedece ao médico na esperança de ser curado. O convalescente confia nas direções

dolorosas do terapeuta e as segue. Ou, para ser mais exato, o paciente paralítico permite que a enfermeira lhe sirva o medicamento que resultará na sua cura e resistência física. Somente dessa forma manteremos a condição que nos permite usufruir tudo o que nosso médico divino tem para nos oferecer. Em toda essa obediência, somos os beneficiários. Deus sempre será o doador, pois é o doador quem recebe a glória.

Talvez seja essa a coisa mais importante. A única forma correta de prestar serviço a Deus é usar os meios que lhe garantem toda a glória. “Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, *de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado* mediante Jesus Cristo” (1Pe 4.11). Como servi-lo de modo que seja glorificado? Façamos isto na força que ele supre. Quando estivermos em ação, ainda seremos os recipientes. E Deus jamais desistirá da glória de benfeitor, nunca!

Portanto, trabalhemos arduamente; jamais nos esqueçamos, porém, de que tudo é feito pela graça de Deus conosco (1Co 15.10). Obedeçamos agora, como sempre; contudo, nunca nos esqueçamos de que é Deus quem opera em nós tanto o querer quanto o realizar (Fp 2.13). Proclamemos o evangelho aos quatro cantos e dediquemo-nos por amor aos eleitos sem ousar dizer nada além do que Cristo operou em nós (Rm 15.18). Em todo o serviço prestado, que Deus seja o doador e a ele seja toda a glória.

Até que as pessoas compreendam isto, irmãos, digam-lhes para não servirem a Deus!

Deleite-se no SENHOR
SALMOS 37.4

Alegrem-se sempre no Senhor.
Novamente direi: Alegrem-se!
FILIPENSES 4.4

Quanto mais nos deleitamos em Deus,
mais glorificado ele é em nós.
JOHN PIPER

O desejo de ser feliz é a motivação
louvável para toda boa obra,
e se você desistir de buscar
a própria felicidade, será incapaz de amar
o ser humano ou de agradar a Deus.
JOHN PIPER

capítulo sete

Irmãos, considerem o hedonismo cristão

Se for capaz, perdoe-me pelo rótulo. Mas não deixe a verdade escapar porque não gostou da minha classificação. Eis meu breve resumo sobre o assunto: Quanto mais nos deleitamos em Deus, mais glorificado ele é em nós. Ou, o fim supremo da humanidade é glorificar a Deus *deleitando-se* nele para sempre. Será que o hedonismo cristão¹ deixaria Deus descontente? Não. Dizem até que todas as coisas prazerosas logo se tornam deuses para nós. Já minha vida é devotada a ajudar pessoas a fazerem de Deus o Deus delas, despertando nelas o sentimento mais profundo do deleite nele.

Quando Jesus alertou seus discípulos de que poderiam ter a vida posta a prêmio (Lc 21.16), ele os consolou com a promessa

de que não se perderia nem mesmo um só fio de cabelo da cabeça deles sem que Deus não tivesse conhecimento (v. 18). Quando lhes afirmou que o discipulado implicava abnegação e crucificação (Mc 8.34), consolou-os com a seguinte promessa: “Quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará” (v. 35). E quando ordenou que deixassem tudo e o seguissem, assegurou-lhes que receberiam “cem vezes mais [...] perseguição; e, na era futura, a vida eterna” (Mc 10.30,31).

Caso vendamos tudo o que temos, que isso seja feito segundo as palavras de Jesus: “cheio de alegria”, pois o campo que almejamos comprar contém um tesouro escondido (Mt 13.44).

Ao falar do hedonismo cristão, não é minha intenção afirmar que a felicidade é nosso bem maior, mas declarar que a busca por esse bem maior sempre resultará em felicidade ainda maior no final. Quase todos os cristãos acreditam nisso. Os cristãos hedonistas vão mais além, isto é, para eles nós deveríamos *buscar* a felicidade ainda que fosse necessário empregar toda a nossa força. O desejo de ser feliz é a motivação louvável para toda boa obra, e se você desistir de buscar a própria felicidade, será incapaz de amar o ser humano ou de agradar a Deus. E isso é o que torna o hedonismo cristão tão controverso.

O hedonismo cristão pretende substituir a moralidade kantiana pela moralidade bíblica. Immanuel Kant, filósofo alemão falecido em 1804, foi o defensor mais contundente do conceito de que o valor moral de uma ação diminui quando se tem o intuito de obter dela algum benefício. As obras serão boas caso seu empreendedor seja alguém “desinteressado”. O bem deveria ser feito por ser bom. Qualquer motivação com o intuito de alcançar a felicidade ou alguma recompensa corrompe a ação. Com cinismo, talvez, mas não sem uma justificativa, a escritora Ayn Rand compreendeu bem o espírito da ética kantiana:

Kant disse que a ação é moral se não houver o desejo de realizá-la e se praticada pelo senso do dever e nenhuma intenção de

obter dela algum benefício, seja material ou espiritual. O benefício destruiria o valor moral da ação. (Por isso, se alguém não tem o desejo de ser mau, não pode ser bom; mas se tiver, poderá sê-lo).²

Contra essa moralidade kantiana — que se fez passar por cristã por tempo demais! — devemos proclamar, sem qualquer constrangimento, a moralidade bíblico-hedonista. Jonathan Edwards, que faleceu quando Kant contava 34 anos, abordou o tema em uma de suas primeiras resoluções: “Resolvi esforçar-me para obter para mim mesmo todo o bem possível do mundo vindouro, tudo que me seja possível alcançar de lá, com todo o meu vigor em Deus — poder, vigor, veemência, violência interior mesmo, tudo que me seja possível aplicar e admoestar sobre mim de qualquer maneira que me seja possível pensar e aperceber-me”.³

Em uma carta que foi enviada a Sheldon Vanauken, C. S. Lewis escreveu: “É um dever cristão, como você sabe, que todos sejam tão felizes quanto possível”.⁴

Já a escritora Flannery O'Connor expôs seu ponto de vista sobre a abnegação, dizendo: “Sempre se renuncia ao bem menor por outro maior; o oposto disso é pecado. É possível me imaginar à espreita da felicidade, com os dentes cerrados e totalmente armada também, pois essa é uma busca altamente perigosa”.⁵

O conceito kantiano alega não haver problema algum alguém obter a felicidade como *resultado inesperado* da ação. Mas, todas as pessoas acima (e nisso também me incluo) *esperam ardentemente* alcançar a felicidade. E repudiamos a possibilidade e o desejo do comportamento moral desinteressado. Isso é impossível, pois a vontade não é autônoma e sua inclinação sempre será para o que perceptivelmente nos propicia mais felicidade (Jo 8.34; Rm 6.16; 2Pe 2.19).

Pascal estava certo quando afirmou: “Todos os homens buscam a felicidade, sem exceção. Todos eles almejam esse alvo, não importa o quão diferentes sejam os meios de obtê-lo... E não farão

o menor movimento sem isso em mente. Essa é a motivação de todas as ações humanas, até mesmo dos que pensam em suicídio”.⁶

Contudo, a moralidade desinteressada (fazer o bem “pelo próprio bem”) não é só impossível, é indesejável. Ou seja, ela não é bíblica, pois significaria que quanto melhor o ser humano se tornar, mais dificuldade terá para agir moralmente. Quanto mais próximo das virtuosas verdades, com mais naturalidade e contentamento fará o que é bom. Nas Escrituras, o homem bom não é o que sente aversão por fazer o bem, embora resista a isso pela questão do dever. O homem bom *ama a bondade* (Mq 6.8) e seu *prazer* está na lei do Senhor (Sl 1.2) e na vontade do Senhor (Sl 40.8). Mas como esse homem agirá com bondade sem qualquer interesse? Quanto melhor o homem, mais alegria sentirá em obedecer.

Enquanto Kant ama o que dá sem interesse, Deus ama quem dá com alegria (2Co 9.7). O cumprimento desinteressado do dever desagrada a Deus, pois sua vontade é que *tenhamos prazer* em fazer o bem e que o façamos com a certeza de que a obediência garante e aumenta nossa alegria em Deus.

Ah, se eu pudesse rechaçar de nossas igrejas a noção de que a virtude requer o cumprimento estóico do dever — a noção de que as coisas boas foram prometidas apenas como *resultado* da obediência e não como *incentivo* para isso. A Bíblia contém várias promessas que não foram incorporadas como *resultados* não motivacionais, mas como motivação que determinaria clara, enfática e hedonisticamente nosso comportamento.

O que faz a moralidade bíblica se sobressair ao hedonismo mundano não é o fato de ser desinteressada, mas o fato de estar interessada em coisas imensamente grandiosas e puras. Eis alguns exemplos: Lucas 6.35 diz: “Amem, porém, os seus inimigos, façam-lhes o bem e emprestem a eles, sem esperar receber nada de volta. Então, a recompensa que terão será grande”. Reparem: nunca deveríamos ser motivados pelo enaltecimento mundano (“sem espe-

rar receber nada de volta”); mas somos fortalecidos para sofrer perdas a serviço do amor pela promessa da recompensa futura.

Outra vez, Lucas 14.12-14, afirma: “Então Jesus disse ao que o tinha convidado: “Quando você der um banquete ou jantar, não convide seus amigos, irmãos ou parentes, nem seus vizinhos ricos; se o fizer, eles poderão também, por sua vez, convidá-lo, e assim você será recompensado. Mas, quando der um banquete, convide os pobres [...] Feliz será você, porque estes não têm como retribuir. A sua recompensa virá na ressurreição dos justos”. Observe bem: Não façam boas obras vislumbrando as vantagens mundanas; façam-nas, porém, pelos benefícios espirituais e celestes.

O filósofo kantiano diria: “Não, não. Esse texto só descreve no que *resultará* a recompensa caso se faça algo desinteressadamente. Ele não nos ensina a buscar a recompensa”.

Temos duas respostas: 1) Didaticamente, não é bom dizer: “Tome o remédio e lhe darei um ponto de crédito”, caso você ache que o desejo do ponto positivo estragará o ato de tomar o medicamento. Mas, Jesus não era tolo e, sim, um mestre muito sábio. 2) Ainda mais importante, existem textos que não só recomendam, como também ordenam, que façamos o bem na esperança da bênção futura.

Lucas 12.33 ensina: “Vendam o que têm e dêem esmolas. Façam para vocês bolsas que não se gastem com o tempo, um tesouro nos céus que não se acabe”. A ligação entre dar esmola e ter tesouros no céu não é apenas *o resultado*, mas *a intenção*: Que seu alvo seja juntar tesouros no céu, e a maneira certa para isso é vender suas posses e fazer caridade.

Também lemos em Lucas 16.9: “Usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos, de forma que, quando ela acabar, estes os recebam nas moradas eternas”. Lucas não diz que *o resultado* do uso apropriado das posses é receber moradas eternas. Ele diz: “Que seu *alvo* seja garantir a habitação no céu pelo modo como usa suas posses”.

Portanto, temos um sonoro *não* para a moralidade kantiana. Um sonoro não, tanto para o banco da igreja quanto para o púlpito. Para o banco da igreja porque, de lá, o coração é arrancado da adoração pela convicção de que se pode cultuar a Deus pelo simples dever. No entanto, são duas as atitudes possíveis no culto verdadeiro: deleitar-se em Deus ou arrepender-se pela falta disto.

Domingo, às 11 horas ou 19 horas, Hebreus 11.6 entrará em guerra contra Immanuel Kant: “Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe *e que recompensa aqueles que o buscam*”. Não podemos agradar a Deus se não nos aproximamos dele como nosso *recompensador*. Por isso, a adoração que agrada a Deus é a busca hedonista de Deus, em cuja presença há alegria plena e em cuja mão está o *eterno* prazer (Sl 16.11).

E no púlpito, irmãos, que diferença fará se somos cristãos hedonistas e não comandantes kantianos do dever! Jonathan Edwards, o maior teólogo e pregador que os EUA já conheceram, ousou dizer: “Devo pensar em mim mesmo no que concerne ao meu dever de elevar, o mais alto possível, as afeições de meus ouvintes, contanto que sejam influenciados exclusivamente pela verdade — afeições agradáveis à natureza do que lhes influenciou”.⁷

Edwards tinha um motivo para crer que esse era seu dever. De acordo com sua profunda convicção bíblica,

Deus glorifica a si mesmo em suas criaturas [...] de duas maneiras: 1. Revelando-se [...] para que compreendam. 2. Falando de si mesmo ao coração e nos momentos de alegrias, deleites e prazeres propiciados pelas manifestações de si mesmo [...] *Deus é glorificado não apenas quando sua glória é revelada, mas quando nos deleitamos nele*. Quando as testemunhas se deleitam nele, Deus é mais glorificado do que se apenas o vissem [...] Aquele que testifica seu conceito da glória de Deus [não] glorifica a Deus tanto quanto o que também testifica sua aprovação e deleite nela.⁸

Este é o próprio fundamento do hedonismo cristão, capaz de moldar profundamente o ministério pastoral no púlpito.

Como cristãos hedonistas temos consciência de que todo ouvinte anseia pela felicidade. E nunca deveremos lhes dizer para negar ou reprimir esse desejo. O problema não é o desejo de contentar-se, mas o modo fácil como se contentam. Por isso, nós os ensinaremos a permitir que sua alma faminta se farte da graça de Deus. Depois, pintaremos a glória divina em tons esplêndidos de vermelho, amarelo e azul. O inferno, com sombras turvas de tonalidade cinza e carvão. E trabalharemos arduamente para desmamá-los do leite do mundo e oferecer-lhes o banquete farto da graça e glória de Deus.

Empenharemos todos os nossos esforços, por intermédio do Espírito Santo, para persuadir nossos irmãos de que:

- o opróbrio de Cristo [é] maior riqueza que os tesouros do Egito (Hb 11.26);
- são mais felizes dando que recebendo (At 20.35);
- devem julgar como perda todas as coisas, em comparação com o bem supremo que é o conhecimento de Cristo, o Senhor (Fp 3.8);
- todos os mandamentos de Jesus têm um único fim: que a sua alegria possa ser completa (Jo 15.11);
- caso se alegrem no Senhor, ele lhes satisfará o desejo do coração (Sl 37.4);
- há grande lucro na piedade com contentamento (1Tm 6.6);
- a alegria do Senhor é a sua força (Ne 8.10).

Que não tentemos motivar o ministério deles com apelos kantianos ao dever. Vamos ensiná-los que o deleite em Deus é o seu maior dever. Mas que os façamos lembrar que Jesus suportou a cruz por causa da alegria que lhe estava reservada (Hb 12.2), e que Hudson Taylor, ao final de uma vida cheia de sofrimento e provações, afirmou: “Nunca fiz m sacrifício”.⁹

NOTAS

- ¹ A história completa do que chamo “hedonismo cristão” encontra-se em John Piper: *Em busca de Deus* (São Paulo: Shedd Publicações, 2008) e em uma versão menor: *Plena satisfação em Deus* (São José dos Campos: Fiel, 2009).
- ² *For the New Intellectual* (New York: Signet, 1961), p. 32.
- ³ Resolução 22 extraída da obra *Edwards' Memoirs in The Works of Jonathan Edwards*, vol. 1 (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1974), xxi.
- ⁴ Citação de trecho da carta enviada a Sheldon Vanauken encontrado no livro de Vanauken, *A Severe Mercy* (New York: Harper and Row, 1977), p. 189.
- ⁵ *The Habit of Being*, ed. Sally Fitzgerald (New York: Farrar, Straus, Giroux, 1979), p. 116.
- ⁶ Blaise Pascal, *Pascal's Pensées*, trans. W. F. Trotter (New York: E. P. Dutton, 1958), p. 113 (Pensamento 425).
- ⁷ Some Thoughts Concerning the Revival, in *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 4, (ed. C. Goen) (New Haven, Conn.: Yale University Press, 1972), p. 87.
- ⁸ The “Miscellanies”, a-500, ed. by Thomas Schafer, *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 13 (New Haven, Conn.: Yale University Press, 1994), p. 495. Miscellany 448; v. tb. p. 87, 251-2; 332, 410; 679 (não no vol. da New Haven.). Estes escritos diversos fazem parte dos cadernos pessoais de Edward dos quais ele produziu suas obras, como *The End for Which God Created the World*.
- ⁹ Howard and Geraldine Taylor, *Hudson Taylor's Spiritual Secret* (Chicago, Ill: Moody Press, n.d.), p. 30.

A oração é a combinação de causas primárias e causas secundárias.

E representa a junção do nosso frágil corpo condutor
com um relâmpago celeste.

JOHN PIPER

O pastor que vê competência em si mesmo para produzir frutos
eternos não conhece a Deus ou a si próprio.

E o pastor que não conhece a cadência do desespero e do livramento
deve ter os olhos voltados apenas para o que o homem é capaz de realizar.

JOHN PIPER

Quando dependemos das organizações, obtemos o que elas podem oferecer;
quando dependemos da educação, alcançamos o que ela pode oferecer;
quando dependemos dos homens, obtemos o que eles podem fazer;
mas quando dependemos da oração, alcançamos o que Deus pode fazer.

AMZI C. DIXON

capítulo oito

Irmãos, vamos orar!

A oração é a combinação de causas primárias e causas secundárias. E representa a junção do nosso frágil corpo condutor com um relâmpago celeste. É impressionante o fato de Deus desejar realizar sua obra por intermédio de seu povo. E é ainda mais impressionante saber que, para o cumprimento de seus planos, ele ordena que lhe peçamos para realizá-los. Deus ama abençoar seu povo. E ama ainda quando seus feitos são resposta de oração.

Por exemplo, Deus tinha consciência de seu propósito ao multiplicar os homens de Israel. No entanto, disse: *“Uma vez mais ordenarei à súplica da nação de Israel e farei isto por ela: tornarei o seu povo tão numeroso como as ovelhas”* (Ez 36.37). Ou seja, ele quer que sejamos abençoados mediante esta combinação de oração.

Mesmo tendo o propósito de preservar a vida de Abimeleque, assim que este devolvesse Sara a Abraão, ordenou: “Agora devolva a mulher ao marido dela. *Ele é profeta, e orará em seu favor*, para que você não morra” (Gn 20.7). Ou seja, embora desejasse salvá-lo, seu plano só seria realizado após a intercessão de Abraão.

Alguém poderia dizer que Deus não ama o mundo ou que hesita em juntar sua colheita? Jesus disse: “*Peçam, pois, ao Senhor* da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita” (Mt 9.38). Por que os lavradores de um fazendeiro lhe implorariam por mais trabalhadores? Ora, porque existe uma coisa que Deus ama muito mais que abençoar o mundo: ele ama abençoar o mundo como resposta de oração.

Certa vez, surpreendi-me ouvindo um seminarista graduado dizer o quanto se sentia adequado para o ministério depois dos anos que passara estudando. Supostamente, essa afirmação deveria ser um elogio para o seminário. Mas essa afirmação me surpreendeu, pois o maior teólogo, missionário e pastor que já existiu indagava impetuosamente: “Mas quem está capacitado para tanto?” (2Co 2.16). Não porque se sentia um avacalhado, mas porque o terrível chamado para exalar a fragrância da vida eterna para alguns e morte eterna para outros representava um peso que ele mal conseguia suportar.

O pastor que vê competência em si mesmo para produzir frutos eternos — os únicos que interessam — não conhece a Deus ou a si próprio. E o pastor que não conhece a cadência do desespero e do livramento, provavelmente tem a atenção voltada apenas para o que o homem é capaz de realizar.

Irmãos, os verdadeiros alvos da vida pastoral estão sem dúvida alguma fora do nosso alcance. As mudanças na vida das pessoas, que almejamos em nosso coração, só poderão ocorrer mediante a obra soberana da graça.

A salvação é dom de Deus (Ef 2.8). O amor é dom de Deus (1Ts 3.12). A fé é dom de Deus (1Tm 1.14). A sabedoria é dom de Deus (Ef 1.17). A alegria é dom de Deus (Rm 15.13). Porém, como

pastores, devemos trabalhar para “salvar alguns” (1Co 9.22). É *nosso* o dever de incitar o povo a amar (Hb 10.24). É *nosso* o dever de ajudá-los a progredir na fé (Fp 1.25). É *nosso* o dever de transmitir sabedoria (1Co 2.7). Cabe-*nos* trabalhar para que eles sejam felizes (2Co 1.24).

Fomos chamados para trabalhar pelo que cabe apenas a Deus dar. A essência do ministério cristão revela que seu sucesso é algo fora do nosso alcance.

Em seu propósito, Deus quer que sintamos alegria no decorrer do trabalho, mas que dele seja toda a glória. “Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, *de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado* mediante Jesus Cristo” (1Pe 4.11). “De modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento” (1Co 3.7). Ele realiza toda a sua obra misericordiosa de modo que “ninguém se vanglorie” na presença de Deus (1Co 1.29), ou seja, suas obras são geralmente uma resposta de oração.

O pedido de socorro proveniente do coração do pastor que se apresenta diante de Deus como uma criança revela-se um doce louvor aos ouvidos divinos. Nada poderia exaltá-lo mais que o desmoronamento da autoconfiança resultante do clamor fervoroso por socorro: “*Clame a mim* no dia da angústia; eu o livrarei, e *você me honrará*” (Sl 50.15). A oração é a tradução em milhares de palavras diferentes de uma única frase: “Pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15.5).

Ah, como precisamos acordar para o fato que desperdiçamos tempo demais fazendo “nada”! Com exceção da oração, toda a correia, toda a conversa, todos os estudos que empreendemos equivalem a “nada”. Para muitos de nós, a voz da autoconfiança soa dez vezes mais alta que o tilintar do sino que indica a hora da oração. Enquanto a voz grita: “Você precisa abrir a caixa de correspondência, fazer aquela ligação, preparar o sermão, preparar-se para a reunião da liderança, ir ao hospital”, o sino toca suavemente: “pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma”.

Tanto a nossa carne quanto a nossa cultura vociferam contra a perspectiva de passar uma hora de joelhos enquanto ao lado encontra-se uma pilha de papéis. Além de contrária aos interesses do país, consagrar duas horas por dia à oração e à meditação é visto ainda como impraticável. E, em alguns momentos, receio que nossos seminários estejam se submetendo a esse pragmatismo implacável que destaca o gerenciamento e as estratégias como meios adequados para seus empreendimentos, fazendo nada mais que uma breve alusão à oração e à confiança no Espírito Santo.

Amzi Clarence Dixon disse:

Quando dependemos das organizações, obtemos o que elas podem oferecer; quando dependemos da educação, alcançamos o que ela pode oferecer; quando dependemos dos homens, obtemos o que eles podem fazer; mas quando dependemos da oração, alcançamos o que Deus pode fazer.¹

Não fico muito animado quando denominações ou igrejas reagem contra a falta de crescimento criando um novo plano. Sei que o motivo de não acontecerem muitas conversões por intermédio da minha igreja não é a inexistência de um planejamento ou de pessoal, e sim a falta de amor pelo perdido e o desejo de levá-lo à salvação, da maneira como deveria. E a razão pela qual não os amamos como deveríamos resulta de esse amor ser um milagre que sobrepuja nosso egoísmo. Trata-se de algo que não pode ser gerenciado ou planejado para existir. É um milagre extraordinário.

Faça uma pergunta a si mesmo: você seria capaz de, nesse exato momento, prantear a destruição espiritual dos transeuntes de sua rua? Na verdade, para que lágrimas como estas ocorram, é necessário que Deus opere de forma profunda. Se realmente desejamos essa atuação divina em nossa vida e em nossa igreja, precisaremos agonizar em oração: “Deus, quebrante o meu coração!”. A palavra “agonizar” foi escolhida cuidadosamente, pois é a palavra que Paulo usa em Romanos 15.30: “Recomendo-lhes, irmãos, por

nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que se unam a mim em minha luta [*synagônizasthai*]¹, orando a Deus em meu favor”. Ao “agonizarmos juntos”, Deus poderá conceder lágrimas assim, pois sem elas, seremos capazes de arrastar membros de uma igreja a outra, mas poucas pessoas passarão das trevas para a luz.

Tire um dia de folga e saia sozinho para orar a respeito de como deveria ser sua oração. No entanto, nesse momento, diga a si mesmo: “Deus, ajuda-me a fazer algo radical em relação à oração!”. Negue-se a acreditar que as horas diárias consagradas por Martinho Lutero, John Wesley, David Brainerd e Adoniram Judson à oração foram apenas o sonho idealístico de outra era.

Mesmo tendo lutado incansavelmente no Parlamento pela abolição da venda escravos na Inglaterra, William Wilberforce mediu a própria temperatura espiritual por meio da “experiência de todos os homens de bem” e lamentou:

Essa urgência permanente das atividades e companhia arruína minha alma, quando não o corpo. Mais solidão e horas matinais! Pressinto que tenho concedido pouco tempo para as práticas religiosas, como as devoções pessoais, a meditação e a leitura das Escrituras etc. Por isso, estou curvado, frio e rígido. Teria sido melhor que eu tivesse consagrado duas ou uma hora e meia por dia. Tenho me mantido ocupado horas a fio, e não me sobra mais que meia hora pela manhã. Certamente a experiência de todos os homens de bem confirma a proposição de que, na porção devida de devoções particulares, a alma se torna estéril. Mas tudo pode ser feito por meio de oração — da oração poderosa, ousado dizer — e por que não? E ela só é poderosa diante da ordenação graciosa do Deus de amorosa verdade. Por isso, orem, orem, orem!³

Será que as agendas repletas de compromissos e os *notebooks* estão nos ajudando efetivamente a satisfazer em Cristo a fome de vida que temos, sem contar a fome das demais pessoas à nossa volta e do mundo? Não é este o maior desejo de nossos irmãos: estar na presença do homem que tem estado na presença de Deus?

Não é o aroma prolongado da oração que propicia a sensação de eternidade para todo o trabalho que realizamos?

Basta ler a respeito do homem de oração e logo nos sentiremos famintos para orar. Várias histórias sobre santos sempre prontos a orar me incitaram a renovar o compromisso com a oração. Concordo com o que Charles Spurgeon escreveu:

Uma atitude realmente grandiosa de Jerônimo, um dos pais romanos da igreja: abandonar todos os compromissos urgentes e mergulhar no chamado de Deus para sua vida, isto é, traduzir as Escrituras Sagradas. Suas congregações eram bem maiores que as de muitos pregadores de hoje, e mesmo assim, ele lhes disse: “As Escrituras Sagradas precisam ser traduzidas. Portanto, encontrem um novo ministro. Devo partir sozinho e não retornarei até que minha tarefa esteja completa”. Para longe ele foi e lá trabalhou e orou até que produziu a *Vulgata* que se perpetua até os dias de hoje. Por isso, devemos dizer aos nossos amigos: “Devo partir e viver um tempo de oração e solidão”. E, mesmo que não seja a nossa responsabilidade compor *Vulgatas*, todo o nosso trabalho será imortal: glória a Deus.⁴

NOTAS

¹ Citação da obra de G. Michael Cocoris, *Evangelism: A Biblical Approach* (Chicago: Moody Press, 1984), p. 108.

² O verbo *synagonizasthai* significa agonizar, numa alusão à agonia, ou ao sofrimento do combatente no momento da batalha; é um vocábulo derivado de *agonizomai* — lutar, cobater, e esforçar [N. da T.].

³ Citação extraída da obra de E. M. Bounds, *Power Through Prayer* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1972), p.116. [Publicado em português com o título: *O poder através da oração* (São Paulo: Editora Batista Regular, 1957).]

⁴ “The Christian Minister’s Private Prayer”, *The Sword and Trowel* (November 1868), p. 165.

O ministério é o pior inimigo de si mesmo.
Sua destruição não é causada pelo grande lobo desse mundo.
Na verdade, ele se autodestrói.

JOHN PIPER

As batidas incessantes à nossa porta e as visitas prolongadas
de pessoas desocupadas são tantas que jogam um balde de água fria
em nossa zelosa devoção.

Precisamos, de alguma maneira, preservar a meditação ininterrupta;
caso contrário, perderemos força.

CHARLES SPURGEON

A maior ameaça à nossa oração e meditação na Palavra de Deus
é a virtuosa atividade ministerial.

JOHN PIPER

capítulo nove

Irmãos, cuidado com os substitutos sagrados

O ministério é o pior inimigo de si mesmo. Sua destruição não é causada pelo grande lobo desse mundo. Na verdade, ele se autodestrói. Uma pesquisa pastoral indagava: “Quais são os obstáculos mais comuns do crescimento espiritual? Três coisas lideraram o topo da lista: as preocupações (83%), a falta de disciplina (73%) e as interrupções (47%). A maioria das interrupções e a maioria das preocupações relacionavam-se ao ministério, mas não de maneira “mundana”. A maior ameaça à nossa oração e meditação na Palavra de Deus é a virtuosa atividade ministerial. Charles H. Spurgeon expôs o assunto da seguinte forma: “As batidas incessantes à nossa porta e as visitas prolongadas de pessoas desocupadas são tantas que jogam um balde de água fria em nossa zelosa devoção. Pre-

cisamos, de alguma maneira, preservar a meditação ininterrupta; caso contrário, perderemos força”.¹

Veja a abordagem de Atos 6.2-4 sobre o assunto:

Por isso os Doze reuniram todos os discípulos e disseram: “Não é certo negligenciarmos o ministério da palavra de Deus, a fim de servir às mesas. Irmãos, escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria. Passaremos a eles essa tarefa *e nos dedicaremos à oração* e ao ministério da palavra”.

Sem a vida de oração contínua e consagrada, o ministério da Palavra seca até a morte e não gera frutos. Os 120 homens se dedicavam à oração (At 1.14) quando o Espírito Santo desceu dos céus e lhes capacitou a pregar, resultando na conversão de 3 000 pessoas. Por sua vez, os convertidos também passaram a se dedicar à oração (At 2.42) e prodígios e sinais eram feitos e mais pessoas iam sendo acrescentadas diariamente à igreja (At 2.43,47). Pedro e seus companheiros também estavam *orando* quando o lugar em que se encontravam estremeceu e foram cheios do Espírito Santo; e, em seguida, pregaram a Palavra com intrepidez (At 4.31). Paulo contava com a *oração* para ser capacitado a abrir a boca e proclamar o mistério do evangelho pela Palavra (Ef 6.19).

Sem a vida de oração contínua e consagrada, o ministério da Palavra seca até a morte. E quando esse ministério murcha, a fé (Rm 10.17; Gl 3.2,5) e a santificação (Jo 17.17) também murcham. Se prosseguirmos apenas com os afazeres, a vida, o poder e a frutificação esmorecerão. Portanto, tudo o que se opõe à oração, contrapõe-se à integridade da obra ministerial.

E o que se opõe à vida de oração pastoral acima de qualquer outra coisa? O ministério. Não são as idas ao supermercado, a manutenção do carro, as enfermidades ou a limpeza do quintal que comprimem nossas orações e as acomodam nos espaços abreviados do dia. E sim a administração orçamentária, as reuniões adminis-

trativas, as visitas, os aconselhamentos, a elaboração de relatórios, a troca de correspondências, a leitura de periódicos, os telefonemas, a preparação de mensagens.

Ironicamente, o inimigo da oração é, em geral, o esforço para executar as tarefas diárias. O texto de Atos 6.3 trata justamente disso: “Irmãos, escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria. Passaremos a eles *essa tarefa*”. De fato, as viúvas *precisavam* de cuidado. E foi essa necessidade que se tornou uma ameaça às orações apostólicas.

No entanto, os apóstolos não se renderam à tentação. Essa atitude deixa claro que o momento de prece exigia uma parte considerável de tempo ininterrupto. Se tivessem considerado a oração como algo que pudesse ser feito enquanto cozinhavam, lavavam a louça ou se dirigiam de um hospital a outro, jamais teriam percebido o ato de servir à mesa como ameaça à sua continuidade. Oração é algo que consome nosso tempo, por isso decidiram priorizá-la sobre as demais obrigações.

A experiência de Jacó e de Jesus ensinou-lhes a necessidade de passar noites inteiras orando (Gn 2.24; Lc 6.12). Diante da fadiga do ministério, precisamos “nos retirar para lugares solitários e orar” (Lc 5.16). Antes de realizarmos encontros pastorais importantes, precisamos orar *sozinhos* (Lc 9.18). Para Jesus e os apóstolos, ocupar-se da oração exigia um momento significativo de solidão: “De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus levantou-se, saiu de casa e foi para um lugar deserto, onde ficou orando” (Mc 1.35).

Os apóstolos disseram “nós, nos consagraremos à oração” (At 6.4). A palavra traduzida por “nos dedicaremos” (*proskartereô*) destaca o comprometimento irreduzível de preservar o tempo que tinham. E significa “persistir em” e “permanecer com”. Esse vocábulo também foi empregado em Atos 10.7 para se referir à lealdade dos soldados que serviam Cornélio. A ideia é manter-se forte, persistente e inabalável diante do compromisso.

Resumindo, eis o que queriam dizer: “Não importa o quanto a pressão exercida sobre nós seja digna de atenção e nos incite a dispensar tempo fazendo boas obras, não renunciaremos à nossa principal tarefa. Ao contrário, persistiremos. Não vacilaremos nem nos desviaremos do compromisso de orar”.

Esta palavra, *proskartereô*, passou a ser associada ao ministério de oração na igreja primitiva. Em Atos 1.14, lemos que os discípulos “todos [...] se reuniam sempre em oração”. Em Atos 2.42, lemos nas “orações”. Nas epístolas paulinas, esta prática se tornou um mandamento: “*perseverem* na oração” (Rm 12.12), “*dediquem-se* à oração” (Cl 4.2), “estejam atentos e *perseverem* na oração por todos os santos” (Ef 6.18). Quanto mais comprometido alguém estiver, lutando contra os poderes das trevas, mais consciente estará da necessidade de permanecer em oração. Por isso, os apóstolos combinaram a “oração” e o “ministério da Palavra” e se desligaram das boas obras que lhes consumiam o tempo.

A importância da oração aumenta na mesma proporção que a importância das coisas que devemos renunciar a favor dela. Se o trabalho de que nos desobrigaremos requer grande profundidade espiritual e poder, mais inevitável e rigoroso se torna o exercício da oração! E é justamente esse o caso em Atos 6.3.

O texto não diz “Os apóstolos devem fazer o trabalho espiritual da oração e eleger companheiros qualificados para servirem às mesas”. Mas diz: “Escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, *cheios do Espírito e de sabedoria*”. Os diáconos e conselheiros administrativos não precisam ser economistas sofisticados; precisam ser cheios do Espírito e de sabedoria. Não são apenas as exigências diárias e rotineiras do pastorado que ameaçam a vida de oração. As oportunidades que surgem no ministério, reivindicando plenitude do Espírito e de sabedoria, são mais um risco a ser evitado para que a vida de oração esteja protegida.

Certa vez, Peter Beskenndorf, o barbeiro de Martinho Lutero, perguntou-lhe: “Dr. Lutero, como devemos orar?”. De maneira

surpreendente, um dos homens mais ocupados da Reforma escreveu quarenta páginas destinadas a responder àquela pergunta. Suas palavras servem de inspiração para nos acautelarmos dos substitutos sagrados.

O bom estudante de barbearia deve concentrar seus pensamentos, mente e olhos na navalha e na barba; e não deve se esquecer de onde está enquanto desliza a lâmina. Ao manter uma conversa, olhar ao redor ou pensar em outra coisa, corre grande risco de ferir a boca, o nariz, ou até mesmo a garganta de um homem. Por isso, tudo o que precisa ser bem feito deve ocupar integralmente o ser humano, fazendo uso de todas as suas faculdades e membros. No decorrer do texto lemos: aquele que pensa em muitas coisas não pensa coisa alguma e nada realiza. Quanto mais de um coração a oração deve possuir com exclusividade para que a oração seja boa!²

Lutero conhecia bem a luta que se empreende quando se quer ajoelhar e orar enquanto diversas coisas desejáveis requerem mais tempo. Por isso, exortou a si mesmo e a seu barbeiro:

É bom permitir que a oração seja a primeira tarefa da manhã e a última da noite. Proteja-se dos pensamentos falsos e enganosos que ficam sussurrando: “Espere um pouco. Ore daqui uma hora ou mais. Termine isso ou aquilo, primeiro”. Pensamentos como estes só nos afastam da oração e nos fazem assumir coisas que nos envolvem e ocupam até que a oração do dia tenha dado em nada.³

Ah! Como precisamos ouvir as valiosas exortações de nossos irmãos. Prega para mim mesmo neste momento. Pois, anseio conhecer a Deus em oração bem mais do que tenho feito. Ouvindo a súplica de Andrew A. Bonar, prontifico-me a levantar da mesa e dirigir-me até o banco de oração onde permanecerei por um tempo, junto com o Senhor, numa prece:

(...) irmão, ore; a despeito de Satanás, ore; permaneça horas em oração; eleja isso aos amigos; é melhor perder o café da manhã,

o jantar, o chá, a ceia e até o sono que deixar de orar. Não devemos falar da oração, devemos orar da maneira mais fervorosa. O Senhor está perto. Ele se aproxima silenciosamente enquanto as virgens repousam.⁴

Irmãos, cuidado com os substitutos sagrados. Dediquem-se à oração e ao ministério da Palavra.

NOTAS

¹ *Lectures to My Students* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1972), p. 309. [Publicado em português com o título: *Lições aos meus alunos* (São Paulo: PES, 3 vols.).]

² Citação extraída da obra de Walter Trobisch, *Martin Luther's Quiet Time* (Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 1975), p. 4

³ *Ibid*, p. 5

⁴ Citado na revista *Free Grace Broadcaster* (Pensacola, Fla.: Mount Zion Bible Church), # 153 (Summer 1995), p. 25.

Poucas coisas me assustam mais que o início da esterilidade
proveniente das responsabilidades desmedidas
que mal permitem a nutrição espiritual e a meditação.

JOHN PIPER

O aluno pensará que sua constituição mental será mais afetada
pelo livro minuciosamente examinado
que por vinte livros folheados ou nos quais se tenha
meramente passado os olhos.

CHARLES SPURGEON

Uma boa regra após a leitura de um livro novo,
é nunca começar outra
até que se leia um antigo entre os dois.

C. S. LEWIS

capítulo dez

Irmãos, lutem por sua vida

Concordo com Martyn Lloyd-Jones que a luta para destinar algum tempo à leitura é uma batalha em prol da vida: “Peça à sua esposa ou a outra pessoa para anotar seus recados e deixe uma mensagem avisando que não estará disponível. Alguém literalmente precisa lutar pela vida dos outros nesse sentido!”¹

A maioria dos nossos irmãos não faz ideia do preço que se paga por duas ou três mensagens semanais em termos de exaustão espiritual e intelectual. Sem contar o esgotamento causado pelos sofrimentos familiares, as decisões da igreja, os dilemas morais e teológicos imponderáveis. Eu, por exemplo, não sou um poço artesiano. Meu cântaro se esvazia mesmo quando dele nada se verte. Meus ânimos não se revigoram na correria. A carência de tempo para a leitura tranquila e reflexão, além da urgência do

preparo do sermão, reprime minha alma e, logo, o espectro da morte espiritual se manifesta. Poucas coisas me assustam mais que o início da esterilidade proveniente das responsabilidades desmedidas que mal permitem a nutrição espiritual e a meditação.

O que mais nos pressiona, nos dias atuais, é a urgência de nos tornarmos administradores produtivos. Mas a igreja necessita de poetas espirituais fervorosos. Não me refiro (necessariamente) a pastores que compõem poemas, mas aos que sentem o peso e a glória da realidade eterna, mesmo no meio de uma reunião de negócios; e que carregam na alma a compreensão de Deus tão forte que chegam a proporcionar, com a própria presença, a constante reorientação revigorante do Deus infinito. Por sua alma e pela vida da igreja, lute pelo tempo de se alimentar com leituras enriquecedoras. Quase todas as forças da nossa cultura são banalizadas. Se você deseja permanecer vivo para o que é grandioso, glorioso, eterno, será necessário lutar pelo tempo para poder olhar nos olhos das pessoas que estão em contato com Deus. Eis algumas sugestões que me ajudaram muito.

Pensando que não temos tempo para ler, deixamos a afobação tomar conta da leitura — mesmo de textos espiritualmente ricos e substanciais, pois temos a impressão de que a vida não pode perder oportunidades. Uma de minhas descobertas mais proveitosas foi a respeito do quanto se pode ler em períodos curtos de vinte minutos diários, com a ajuda da disciplina.

Se você lê devagar, digamos 250 palavras por minuto (como eu), isso representa o total de cinco mil palavras em vinte minutos de leitura. Em um livro contendo quatrocentas palavras por página, leem-se 12,5 páginas de texto nesse mesmo tempo. Comprometendo-se a ler somente vinte minutos por dia, alguma obra ou tema, seis dias por semana, durante um ano, ou seja, 12,5 páginas diárias durante 312 dias, isso resultaria no total de 3.900 páginas lidas. Supondo ainda que o livro tem em média 250 páginas, será possível concluir a leitura de quinze obras no ano inteiro.

Imagine, então, a literatura clássica mais extensa como *As Institutas* de João Calvino (mil e quinhentas páginas na edição de Westminster). Com vinte minutos diários, 250 palavras por minuto, apenas seis dias por semana, seriam necessárias 25 semanas para estudar toda a obra. Já as obras de Agostinho, *A cidade de Deus*, e de Benjamin B. Warfield, *Inspiration and Authority of the Bible* [Inspiração e autoridade da Bíblia] poderiam ser concluídas antes de um ano.

Essa descoberta surpreendente me libertou da letargia que me obrigava a desistir de obras grandiosas, instrutivas, edificantes para o coração devido à incapacidade de lhes dedicar períodos maiores de leitura. Acontece que eu não precisava de períodos muito longos para ler três obras primas em um ano! Eu só precisava de vinte minutos diários, seis dias por semana.

Vários outros pensamentos tornaram essa descoberta mais animadora. Será tão difícil assim pensar na autodisciplina para poder separar vinte minutos do seu tempo já nas primeiras horas da manhã, depois do almoço, antes de ir dormir, para ler sobre vários temas a favor de sua alma e mente? Se não é bem assim, então pense no que poderia estar lendo! Trinta e seis livros de tamanho convencional! John Stott diz que uma hora por dia é o mínimo que se deve dedicar aos estudos; e isso, mesmo os pastores mais ocupados deveriam ser capazes de administrar.

Muitos conseguiriam até mais. Mas isso é o mínimo: pelo menos uma hora, todos os dias, toda semana pela manhã, à tarde, à noite, ou até um dia inteiro no mês, uma semana inteira no ano. Organize-se dessa maneira. Aparentemente, isso é pouco. Na verdade, é muito pouco. No entanto, todos os predispostos a tentar ficarão surpresos pela descoberta de quanto se pode ler quando se segue uma disciplina como esta. E isso representa apenas seiscentas horas no decorrer do ano inteiro.²

Mas não me entenda mal. Não é minha intenção dizer que se deve restringir a leitura a algumas horinhas do dia. No entanto, quando se usa a disciplina rigorosa para manter o compromisso

regular com determinado livro, é possível continuar sendo um grande pensador; e bem mais do que se imagina — *muito além das longas horas reservadas ao estudo ou preparação do sermão.*

E nem quero dar a impressão de achar que existe alguma virtude na leitura de muitos livros. Na realidade, uma de minhas maiores queixas no seminário se referia ao fato de os professores estimularem os alunos a adquirir o péssimo hábito da leitura superficial, pois exigiam a leitura de uma infinidade de obras no decorrer do curso. E faço minhas as palavras de Spurgeon: “O aluno perceberá que sua constituição mental será mais afetada pelo livro minuciosamente examinado que por vinte livros folheados ou nos quais ele tenha apenas passado os olhos”.³ Que Deus nos livre da sedução de “acompanhar o pastor Jones” nas leituras superficiais. Nem pense nisso. Isso só serviria para alimentar o orgulho e gerar esterilidade espiritual. Em vez disso, dedique-se a prosseguir e se aprofundar. Existem tantas verdades que revigoram a alma, estimulam o coração, ampliam a mente, para serem extraídas das grandes obras! Além disso, seu rebanho saberá se você está caminhando com os gigantes (como Warren Wiersbe diz) ou assistindo à televisão.

Tome, como exemplo, esses vinte minutos matinais. Talvez você não deva considerá-los isolados do momento devocional, e sim parte orgânica e auxiliar. Lloyd-Jones nos confessa outra vez:

Normalmente, tenho dificuldade para começar a orar pela manhã... Acho que nada pode ser mais importante que aprender a adquirir essa estrutura, essa condição na qual somos capazes de elevar as preces... Ler algo caracterizado como devocional pode ser muito útil... Quando digo devocional, não me refiro a sentimentalismo, mas a algo detentor de um elemento verdadeiro de adoração em si mesmo... Comece pela leitura de textos que revigoram seu ânimo... Você precisa aprender a acender essa chama em seu espírito... É como dar partida em um carro frio.... É preciso injetar combustível no motor espiritual.⁴

Para ele — e para mim — isso evoca, sobretudo, os puritanos, pois existe uma grande quantidade de devocionais que além de excessivamente banais e superficiais, não possuem base teológica para ter alguma serventia. Simplesmente não comportam o sentido da grandeza de Deus. E, portanto, acabam privando a alma do objetivo ao qual fomos criados: contemplar tudo o que Deus representa para nós em Cristo Jesus (2Co 3.18).

C. S. Lewis pode nos ajudar diante do preconceito em relação aos livros antigos, quando escreve:

Existe uma estranha noção à nossa volta de que os livros antigos deveriam ser lidos apenas por profissionais, e que os leigos deveriam se contentar com a literatura moderna... Essa preferência equivocada por livros atuais e a reserva em relação aos do passado se mostram ainda mais descontroladas nas outras áreas além da teologia.

Isso me parece sem pé nem cabeça. É claro, como autor, não desejo que o leitor comum deixe de ler as publicações contemporâneas. Mas se fosse necessário escolher entre uma obra antiga e uma atual, eu aconselharia a antiga. Uma boa regra após a leitura de um livro novo é nunca começar outra até que se leia um antigo entre os dois... Mas se essa quantidade for demais para você, pelo menos, tente ler uma obra antiga a cada três títulos contemporâneos... Todos nós [...] precisamos de livros capazes de corrigir os erros típicos de nossa época... E podemos ter certeza de que a cegueira característica do século XX [...] encontra-se onde jamais poderíamos imaginar... E nenhum de nós pode escapar disto... A única medida paliativa seria desobstruir a brisa marítima dos séculos que sopram em nossa mente, e isso só será possível mediante a leitura dos livros antigos.⁵

Em minha opinião, a melhor maneira de começar uma temporada matinal de oração é mesclar as Escrituras com quinze ou vinte minutos de apreciação das obras de Jonathan Edwards: *Religious Affections*, de Bunyan: *O peregrino*, de Sibbes: *Bruised Reed* [Caníço ferido], de Baxter: *O descanso eterno dos santos*, de Bos-

ton: *Fourfold State* [Estado quádruplo], de Burrough: *Aprendendo a estar contente*, de Ryle: *Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor*, de Bridges: *Christian Ministry* [Ministério cristão], de Brook: *Precious Remedies* [Tratamento precioso], ou de Flavel: *Method of Grace* [Método da graça]. É incrível o número de pastores, absortos em leituras contemporâneas sobre administração, liderança e crescimento da igreja, que nem mesmo sabem da existência desses tesouros para a alma. Mas para nosso maior benefício, eles não só existem como também estão em processo contínuo de publicação por editoras como *Banner of Truth Trust* e *Soli Deo Gloria* (PES e Fiel). James L Packer estava certo ao dizer: “Parece que não são muitos os fiéis que leem as publicações das obras puritanas que se encontram atualmente disponíveis. E acredito que essa negligência nos empobrece drasticamente; e isso precisa acabar”.⁶

Meu coração está em sintonia com a afirmação de Lloyd-Jones:

Nunca cessarei de ser grato a um deles [os puritanos], chamado Richard Sibbes, um bálsamo para minha alma em determinado período da minha vida — sentia-me sobrecarregado e esgotado fisicamente e, portanto, sujeito aos ataques do diabo. Naquele estado e naquela condição, a leitura de obras teológicas não me serviria de nada — na verdade, isso teria sido quase impossível; nessas horas, a alma precisa de um tratamento mais afetuosos... As obras de Sibbes, *Bruised Reed* [Caniço ferido] e *The Soul's Conflict* [O conflito da alma] me tranquilizaram, confortaram, acalmaram, encorajaram e curaram.⁷

Não. Não se trata aqui da leitura de muitos livros. Trata-se de permanecer vivo na alma, de manter a vitalidade fluindo, de atizar essa chama outra vez na segunda-feira e conservá-la no sábado à noite.

Irmãos, lutem por sua vida. Lutem por suas manhãs! Protejam essas horas que estimulam a vida! E lembrem-se de recorrer aos momentos perdidos. Arrisquem-se com uma nova disciplina diária e leiam os maiores livros vitalizantes de todos os séculos em apenas vinte minutos do seu dia.

NOTAS

¹ *Preaching and Preachers* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1971), p. 167. [Publicado em português com o título *Pregação e pregadores* (São José dos Campos: Fiel, 2008).]

² *Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Century* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1982), p. 204.

³ Charles H. Spurgeon, *Lectures to My Students* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1972), p. 177. Em português *Lições para os meus alunos*, pela PES.

⁴ *Preaching and Preachers*, p. 170.

⁵ “On the Reading of Old Books”, in *God in the Dock* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1970), p. 200-7. Este ensaio foi publicado inicialmente como uma introdução à obra de santo Atanásio, *The Incarnation of the Word of God*, trans. A Religious of C.S.M.V. (London, 1944), p. 200-1.

⁶ *A Quest for Godliness: The Puritan Vision of the Christian Life* (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1990), p. 50.

⁷ *Preaching and Preachers*, p. 175.

Reflita no que estou dizendo,
pois o Senhor lhe dará entendimento em tudo.
2TIMÓTEO 2.7

— Dizem que dez minutos de joelhos propiciam o conhecimento
muito mais verdadeiro, profundo e operante de Deus que dez horas
debruçado sobre os livros.

— Como é que é? — foi a reação imediata.

— Mais que dez horas de leitura! Só ficando de joelhos?

BENJAMIN WARFIELD

Resolvi
estudar as Escrituras com tanto afínco, constância e frequência,
que serei capaz de perceber claramente
meu crescimento progressivo no conhecimento delas.

JONATHAN EDWARDS

capítulo onze

Irmãos, vamos indagar o texto

Se a Bíblia é coerente, então, compreendê-la significa entender como o conteúdo se harmoniza. Tornar-se um teólogo bíblico, obrigação de todo pastor, implica a percepção contínua de peças se encaixando no glorioso mosaico dos desígnios divinos. Já a aplicação da exegese representa a interrogação feita ao texto sobre como suas proposições se harmonizam na mente do autor, e sobretudo, na mente divina.

Para alimentar nosso povo é necessário dar continuidade à compreensão da verdade bíblica. Devemos ser como Jonathan Edwards que tomou algumas decisões na época da faculdade e manteve suas resoluções por toda a vida: “Resolvi estudar as Escrituras com tanto afínco, constância e frequência que serei capaz de perceber claramente meu crescimento progressivo no conhecimento delas”.¹ O alvo é:

crescer, progredir, expandir. E para progredir, será necessário sentir certo incômodo com afirmações bíblicas.

O fato de Paulo e Tiago aparentemente não se harmonizarem, com certeza, nos incomoda. Somente quando nos sentimos perturbados e incomodados é que pensamos com afinco. Paulo aconselhou ao jovem pastor Timóteo a pensar desta maneira e diz: “Refleta no que estou dizendo, pois o Senhor lhe dará entendimento em tudo” (2Tm 2.7). E se não refletirmos sobre a forma de conciliar as afirmações bíblicas, nunca perscrutaremos sua raiz comum nem descobriremos a beleza da verdade divina unificada que Davi chama “as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18). O resultado final será a leitura Bíblica insípida, enquanto voltamos nossa atenção para o fascínio das “literaturas secundárias”. Nossos sermões se revelarão o trabalho refutável de “vendedor de segunda mão”, e logo as pessoas sentirão fome.

“Somente quando as pessoas são confrontadas por algum problema é que decidem parar realmente para pensar”, afirmou John Dewey. “Sem algum dilema para estimular o pensamento, seu comportamento em vez de reflexivo se torna compulsivo”. Dewey estava certo. Por isso só meditaremos sobre as verdades bíblicas depois de nos sentirmos incomodados pela inconstância do esforço para assimilar sua complexidade.

Devemos criar o hábito de nos sentirmos sistematicamente incomodados com coisas que, à primeira vista, não fazem sentido. Ou seja, devemos interrogar o texto com obstinação. Na época em que eu ensinava estudos bíblicos na Faculdade Bethel, em Minnesota (EUA), senti-me imensamente honrado quando os assistentes de ensino do departamento de Bíblia me presentearam com uma camiseta estampada com as iniciais de Jonathan Edwards na parte da frente, e nas costas os seguintes dizeres: “Fazer perguntas é a chave para o entendimento”.

Porém, forças poderosas se opõem à nossa interrogação obstinada e sistemática dos textos bíblicos. Uma delas dirá que se dedi-

car a uma pequena porção das Escrituras consumirá muito tempo e energia. Fomos ensinados na escola (um grande equívoco) sobre a existência da correlação direta entre muita leitura e aquisição de conhecimento. Mas, na verdade, não existe correlação positiva entre a quantidade de páginas lidas e a qualidade do conhecimento adquirido. Na maioria das vezes, para alguns de nós, percebe-se o contrário. A compreensão mais profunda diminui quando tentamos aumentar a quantidade de textos lidos.

A compreensão, ou entendimento, é o resultado da meditação obstinada, intensiva e frutífera sobre duas ou três proposições e a coerência existente entre elas.² Esse tipo de reflexão e ruminação é provocado pela indagação ao texto. É impossível fazer isso quando se está com pressa. Por isso, devemos resistir ao impulso enganoso de assinalar com tiques nossa arma bibliográfica. Leve no mínimo duas horas para fazer dez perguntas a Gálatas 2.20 e você adquirirá uma compreensão cem vezes maior que esperava conseguir com a leitura apressada de 30 páginas do Novo Testamento ou de qualquer outro livro. Vá com calma. Questione, medite, rumine.

Outra razão que dificulta a consagração de tempo para examinar as raízes da coerência consiste no fato de que, hoje em dia, a sistematização e a tentativa de descobrir a harmonia e unidade entre textos são consideradas antiquadas. Essa busca tão nobre enfrenta tempos árduos, ainda mais pelo fato de certa harmonia artificial ter sido descoberta por defensores bíblicos, impacientes e ansiosos. No entanto, se a mente divina é verdadeiramente coerente e inteligível, e a Bíblia o livro inspirado por ele (2Tm 3.16), então a exegese deve almejar encontrar a coerência entre a revelação bíblica e a unidade profunda da verdade divina. A menos que a leitura seja apenas um passatempo (satisfatório quando descobrimos algumas “tensões” e “dificuldades”), devemos resistir aos modismos atomísticos (e basicamente anti-intelectuais) da ordem teológica contemporânea. É possível perceber que existe muito descrédito em relação aos erros

do passado e pouquíssimos pensamentos construtivos, com descobertas coerentes em andamento.

A terceira força oposta ao esforço de interrogar os textos bíblicos dirá: “Fazer perguntas é o mesmo que levantar problemas”. Durante toda a vida, fomos desencorajados a questionar ou tentar encontrar problemas no Livro Santo de Deus.

É impossível demonstrar pela Bíblia todo o respeito devido, mas é possível respeitá-la de forma equivocada. Se não perguntarmos com seriedade como seus textos tão distintos se ajustam mutuamente, com certeza somos sobrehumanos (capazes de enxergar toda a verdade de imediato) ou indiferentes (não nos incomodamos em alcançar a coerência da verdade). Mas, não consigo compreender como alguém indiferente ou sobrehumano é capaz de respeitar as Escrituras da maneira apropriada. Portanto, a reverência pela Palavra de Deus exige que façamos perguntas, levantemos questões e acreditemos na existência de respostas e soluções recompensadoras do nosso trabalho com tesouros novos e antigos (Mt 13.52).

Devemos inculcar na mente das pessoas que perceber dificuldades no texto bíblico e meditar sobre a forma como poderiam ser resolvidas jamais será algo irrelevante. A pregação deveria servir como modelo para esses irmãos, dia após dia.

Eu não acuso Talitha, minha filha de seis anos, de irreverência ao se mostrar incapaz de compreender o sentido de um versículo bíblico e me perguntar a respeito. Nem faz muito tempo que ela começou a aprender a ler. Mas será que *nossa* capacidade de compreender o texto é perfeita? Será que algum de nós, pastores, é capaz de ler, assimilar a lógica de um parágrafo e perceber como cada parte se relaciona com as outras e como todas se ajustam para criar um ponto unificado? Quanto mais o pensamento de uma epístola inteira, ou do Novo Testamento, ou de toda a Bíblia! Se, de fato, nos importamos com a verdade, é nosso dever interrogar o texto com obstinação e criar o hábito de sermos humildemente incomodados pelo que lemos.

Isso é justamente o oposto da irreverência. É o que se faz quando se deseja alcançar a mente de Cristo. Nada nos aproxima mais dos conselhos de Deus que a percepção de aparentes discrepâncias teológicas nos textos bíblicos e o pensamento ininterrupto que só terá fim quando todas elas se harmonizarem na visão da verdade unificada. Por exemplo, certa vez, lutei durante dias sobre a forma como Paulo aconselhou: “Não andem ansiosos por coisa alguma” (Fp 4.6), e em outro momento revelou (com aparente impunidade) que pesava sobre ele, diariamente a “preocupação com todas as igrejas” (2Co 11.28). Como foi capaz ainda de dizer: “Alegrem-se sempre” (1Ts 5.16), e depois: “Chorem com os que choram” (Rm 12.15)? Como pôde nos ensinar a dar sempre “graças por todas as coisas” (Ef 5.20) e logo admitir: “Tenho grande tristeza e constante angústia em meu coração” (Rm 9.2)?

Não faz muito tempo, desejei saber como seria possível compreender o sentido das palavras de Jesus ao nos ensinar em Mateus 5.39 a “dar a outra face”, e em Mateus 10.23 aconselhar: “Quando forem perseguidos num lugar, fujam para outro”? Ou seja, quando devemos fugir e quando devemos dar a outra face? Também refleti insistentemente sobre o verdadeiro sentido da afirmação de que Deus é “tardio em irar-se” (Êx 34.6; ACF) e ao mesmo tempo “num instante acende-se a sua ira” (Sl 2.12).

Existem centenas dessas discrepâncias nas Escrituras Sagradas e nós desonramos o texto quando as deixamos passar despercebidas e não as analisamos mediante a raiz da unidade. Deus não é Deus de confusão. Sua língua não é ambígua. Existem soluções profundas e maravilhosas para todos os questionamentos — quer as vejamos nesta vida ou não. Somos chamados para a eternidade repleta de descobertas de modo que todas as manhãs, durante os anos vindouros, poderemos entoar novos cânticos de louvor.

Já citei 2Timóteo 2.7. Mas pretendo concluir destacando a relação entre as duas sentenças deste versículo. Existe nele uma ordenança e uma promessa. Paulo ordenou: “Refleta no que estou di-

zendo”. E prometeu: “o Senhor lhe dará entendimento em tudo”. Algumas pessoas veem certa tensão entre reflexão e esclarecimento. Não, Paulo. Ele ordena a reflexão. E promete o esclarecimento. Como a ordenança e a promessa se harmonizam? A conjunção *pois* fornecerá a resposta. “Refleta [...] *pois* o Senhor lhe dará entendimento em tudo”.

Um texto como este explica o que levou Benjamin Warfield a reagir com desprezo em relação aos que elevavam suas orações em busca do esclarecimento divino durante a rigorosa observação da Palavra escrita de Deus e a séria reflexão intelectual sobre o que ela diz. Warfield, até falecer em 1921, lecionou no Seminário de Princeton por 34 anos. Em 1911, ele se dirigiu aos alunos com a seguinte exortação:

Dizem que dez minutos de joelhos propiciam o conhecimento muito mais verdadeiro, profundo e operante de Deus que dez horas debruçado sobre os livros.

— Como é que é? — foi a reação imediata. — Mais que dez horas de leitura! Só ficando de joelhos?³

Esta é a razão pela qual a Bíblia faz tantos apelos nos exortando a meditar na Palavra de Deus com a mente e orar para que Deus faça sua obra reveladora em nosso coração. “Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas dia e noite” (Js 1.8). “Ao contrário, sua satisfação está na lei do SENHOR, e nessa lei medita dia e noite” (Sl 1.2). “Como eu amo a tua lei! Medito nela o dia inteiro” (Sl 119.97). “Meditarei nos teus preceitos, e darei atenção às tuas veredas” (Sl 119.15). “Também levantarei as minhas mãos para os teus mandamentos, que ameí, e meditarei nos teus estatutos” (Sl 119.48; ACF). “Fico acordado nas vigílias da noite, para meditar nas tuas promessas” (Sl 119.148). “Eu me recordo dos tempos antigos; medito em todas as tuas obras e considero o que tuas mãos têm feito” (Sl 143.5). “Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acor-

do com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja” (Rm 8.5). “Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas” (Cl 3.2).

Para todos os mandamentos que nos incitam a meditar e pensar na Palavra de Deus, a Bíblia acrescenta a promessa: “O Senhor lhe dará entendimento em tudo”.

O dom do entendimento não substitui a meditação. Ele é aflorado por ela. A promessa de iluminação divina não é feita a todos. É feita aos que *pensam*: “Refleta no que estou dizendo, pois o Senhor lhe dará entendimento em tudo”. E nós só pensamos quando somos confrontados por um problema. Por isso, irmãos, vamos indagar o texto.

NOTAS

¹ As setenta resoluções do jovem Edwards encontram-se em Sereno Dwight, *Memoirs of Jonathan Edwards*, in *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 1 (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1974), p. xx-xxi. A citação usada é a resolução 28 (p. XXI).

² Sobre o método mais proveitoso que encontrei para realizar a interpretação bíblica e a harmonização de suas proposições, v. John Piper: “Biblical Exegesis: Discovering the Original Meaning of Scriptural Texts” (Minneapolis, Minn.: Desiring God Ministries, 1999); e a obra de Thomas R. Schreiner: “Tracing the Argument” in *Interpreting the Pauline Epistles* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1990), p. 97-126.

³ “The Religious Life of Theological Students”, in Mark Noll, ed., *The Princeton Theology* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1983), p. 263.

Quanto mais o teólogo se afasta do texto original grego e hebraico das Escrituras Sagradas, mais se desvia da fonte da verdadeira teologia! Por sua vez, a verdadeira teologia é a base de todo o ministério frutífero e abençoado.

HEINRICH BITZER

As línguas são a bainha que transporta a espada do Espírito. São o porta-joias que guarda as pedras preciosas dos pensamentos antigos. São a jarra que condiciona o vinho. E, como o próprio evangelho afirma, são a cesta em que pães e peixes ficam guardados até chegar a hora de alimentar a multidão... Estimado como é o evangelho no nosso meio, façamos o melhor para desbravar sua língua original.

MARTINHO LUTERO

Os textos originais das Sagradas Escrituras merecem, sim, o seu sofrimento; riquíssima é sua recompensa.

JOHN NEWTON

capítulo doze

Irmãos, Bitzer era banqueiro

Em 1982, a Baker Book House reeditou um livro lançado em 1969 para a leitura diária das Escrituras em hebraico e grego cujo título era *Light on the Path* [Luz sobre a vereda]. Os textos não eram extensos e contavam com um vocabulário para auxiliar o leitor nos versículos em hebraico. O objetivo do editor, falecido em 1980, era ajudar pastores a preservar e aperfeiçoar a capacidade de interpretar a Bíblia a partir dos textos originais. O nome dele era Heinrich Bitzer. Ele era banqueiro.

Um banqueiro! Irmãos, precisamos ser admoestados pelas ovelhas sobre qual é nossa responsabilidade pastoral? Evidentemente, sim. Pois com certeza não estamos admoestando ou incentivando uns aos outros a desenvolver a compreensão do texto

grego e hebraico. Além disso, muitos seminários evangélicos ou liberais deixam claro pela ênfase de seu currículo que o aprendizado dessas duas línguas, ainda que tenha algum valor para certas pessoas, já é considerado opcional para o ministério pastoral.

Sou muito grato a Heinrich Bitzer, e gostaria de expressar toda a minha gratidão exortando cada ministro a refletir sobre o que ele defendia: “Quanto mais o teólogo se afasta do texto original grego e hebraico das Escrituras Sagradas, mais se desvia da fonte da verdadeira teologia! No entanto, a verdadeira teologia é a base de todo o ministério frutífero e abençoado”.¹

Qual será a consequência para uma denominação quando o conhecimento do grego e hebraico não é almejado e incentivado no trabalho pastoral? Não se trata apenas de oferecer ou admirar esse conhecimento, mas de estimá-lo, buscá-lo e desenvolvê-lo.

Várias coisas acontecem quando as línguas originais caem em desuso entre os pastores. Em primeiro lugar, perde-se a confiança para determinar o verdadeiro significado de uma passagem bíblica. E com a perda da confiança da preparação da interpretação rigorosa, também desaparece a confiança da pregação poderosa. É difícil pregar semanalmente com profundidade e poder sobre o alcance de toda a revelação divina quando existe o incômodo da incerteza no momento em que se pretende ultrapassar a fronteira das generalidades básicas do evangelho.

Segundo, a incerteza causada pela dependência de traduções divergentes — que sempre envolvem muita interpretação — desencorajará possíveis análises textuais mais cuidadosas durante a preparação do sermão. Tão logo o pregador comece a atentar para detalhes cruciais como tempos verbais, conjunções e repetição de vocábulos, perceberá que as traduções divergem demais para oferecer uma base segura para esse tipo de análise. Por exemplo: A maioria das traduções modernas para o inglês (RSV, NIV, NASB, NLT) não permite que o pregador perceba que “tendes o vosso fruto” em Romanos 6.22 (ARC) evoca “a fim de que demos fruto” de Ro-

manos 7.4 (ARC).² Todas elas não mencionam a palavra “fruto” em sua tradução de Romanos 6.22.

Diante disso, enquanto se contenta com os enfoques comumente abordados ou com determinadas características do texto, o pregador carece de precisão e clareza na oratória, o que acaba extenuando a congregação ouvinte da Palavra de Deus. Generalidades enfadonhas são como pragas em muitos púlpitos.

Por essa razão, as pregações expositivas caíram em desuso e no desânimo. Digo desânimo pois normalmente temos a tendência de nos poupar das tarefas difíceis ao tentar minimizar ou ignorar sua importância. Deste modo, quando o grego e o hebraico não são almejados, estimulados ou estudados por certos grupos, a pregação expositiva — que destina boa parte do sermão à explicação do significado do texto — perde o valor para os pregadores e até mesmo deixa de ser ensinada nos seminários.

Algumas vezes, isso é denunciado claramente nas próprias pregações que se apresentam de forma pretensiosa e loquaz. Com frequência, trata-se simplesmente de uma negligência benigna; e a ênfase nos elementos sermonários como ordem, dicção, ilustração e relevância sobrepujam a necessidade da exposição textual mais cuidadosa.

Outro resultado obtido da omissão pastoral no estudo dos textos bíblicos em hebraico e grego é que estes ministros (e suas igrejas) tendenciosamente se tornarão vendedores de segunda mão. Quanto mais difícil a compreensão do significado dos textos originais, maiores serão as chances de transformá-los em literatura secundária. Será mais fácil para ler. Além de dar a impressão de que “nos mantemos informados” sobre as coisas, ainda fornece ideias e perspectivas que não podemos extrair sozinhos do original.

Podemos até impressionar uma pessoa ao lhe dizer o nome do último livro que acabamos de ler, mas alimento de segunda mão não sustenta ou desenvolve a fé dos nossos irmãos nem sua santidade.

A vulnerabilidade diante do grego e hebraico também propicia a imprecisão e equívocos exegeticos. E a imprecisão exegetica é a mãe da teologia liberal.

Quando os pastores não forem mais capazes de articular e defender a doutrina mediante a abordagem racional e cuidadosa do significado original dos textos bíblicos, eles se inclinam ao tradicionalismo intransigente que se agarra às concepções herdadas, ou ao pluralismo tolerante que não valoriza as formulações doutrinárias. Em ambos os casos, as gerações posteriores sofrerão um empobrecimento teológico e ficarão suscetíveis ao erro.

Além disso, quando falhamos em enfatizar o uso crucial do grego e do hebraico para o ofício pastoral, criamos um presbiterato de profissionais acadêmicos. Entregamos aos seminários e universidades as dimensões essenciais de nossa responsabilidade como presbíteros e gestores de igrejas. Sou profundamente grato aos seminários e estudiosos que exaltam Cristo, têm Deus como o centro de sua existência, e creem na Bíblia. Mas será que Deus pretendia que os intérpretes mais minuciosos da Bíblia fossem os que se mantêm semanalmente afastados do ministério da Palavra na igreja?

Embora Atos 20.27 nos encarregue da proclamação de toda a “vontade de Deus”, muitas vezes pedimos o auxílio de profissionais acadêmicos para encontrar livros que nos ajudem a combinar as diferentes peças do quebra-cabeça da revelação e formar o todo. E embora Atos 20.28 nos encarregue da tarefa de cuidar do rebanho e protegê-lo dos lobos que se levantam na igreja proferindo doutrinas perversas, cada vez mais, buscamos o auxílio de especialistas linguísticos e históricos para lutarem em nosso lugar as batalhas que deveríamos enfrentar nos livros e artigos. Em geral, perdemos a visão bíblica do pastor como alguém altamente capacitado nas Escrituras, apto a ensinar, competente para refutar os oponentes, e hábil para penetrar na unidade de todo o desígnio de Deus. Cultivar o presbiterato de pastores (vulneráveis na Palavra) e o presbiterato de professores (sobressalentes na Palavra) seria realmente favorável ou mesmo coerente com os ensinamentos bíblicos?

Uma das maiores tragédias enfrentadas atualmente pela igreja é a depreciação do serviço pastoral. Dos seminários às sedes das denominações, só se ouve falar de gerenciamento, organização e psicologia. E ainda queremos elevar nossa autoestima profissional! Centenas de educadores e líderes afirmam com *seus lábios* que o domínio da Palavra ocupa o primeiro lugar em suas atividades, mas os currículos, as conferências, os seminários e os exemplos pessoais deixam claro que a prioridade é outra.

Isso fica ainda mais evidente quando observamos a natureza do Doutorado em Ministério que encontramos nas faculdades do país.

A teoria é boa: a educação continuada produz ministros melhores. Mas onde poderemos fazer um D.Min em língua hebraica e exegese? O que pode ser mais importante e profundamente prático para o ofício pastoral que o conhecimento avançado da exegese do grego e do hebraico — pela qual extraímos os tesouros de Deus?

Por que centenas de jovens pastores e até mesmos os mais maduros não se consagram a estudar anos a fio as línguas bíblicas em vez de seguirem um curso de educação continuada? E por que os seminários não oferecem incentivos e graduações que contribuam para manter a aptidão pastoral mais importante de todas: a exegese dos textos originais da Escritura para extrair seu significado?

Não importa o que dissermos sobre a inerrância bíblica, as ações revelam nossas verdadeiras convicções sobre sua centralidade e poder.

Precisamos resgatar a visão do ofício pastoral que envolva, pelo menos, a capacidade e a paixão pela compreensão da revelação divina por meio dos textos originais. Precisamos orar pelo dia em que os pastores poderão levar o Testamento grego para conferências e seminários sem o risco de serem contestados — o dia em que a Palavra de Deus e sua exposição minuciosa forem tão estimadas entre os pastores que quem não tiver essa capacidade

abençoará e encorajará com humildade quem a possuir, e incentivará novos ministros a obter o que nunca foram capazes de possuir. Ah, oremos pelo dia em que a oração e a gramática se harmonizarão em uma grandiosa combustão espiritual!

Em 1829, George Müller, um jovem de 24 anos, famoso por sua fé, oração e trabalho junto ao orfanato que dirigia, escreveu:

Tenho estudado muito, quase 12 horas por dia, o livro de Hebreus [e] devotei-me a algumas partes do Antigo Testamento hebraico para memorizar; fiz isto em oração, sempre de joelhos... Eu olhava para o Senhor mesmo enquanto virava as páginas do meu dicionário de hebraico.³

Nos arquivos metodistas de Manchester é possível encontrar dois volumes do Testamento grego do evangelista George Whitefield com uma quantidade considerável de observações sobre as páginas intercaladas. Nelas, ele escreveu sobre o tempo que passou em Oxford: “Embora debilitado, com frequência, me retiro à noite por duas horas e oro sobre o meu testamento grego, e sobre as excelentes *Contemplations* [Contemplações] do bispo Hall; sempre que a saúde me permite.”⁴

Lutero disse: “Se as línguas não tivessem contribuído para eu confiar no verdadeiro significado da Palavra, eu teria permanecido um monge acorrentado, na obscuridade do claustro, comprometido em pregar tranquilamente os erros romanos; o papa, os sofistas e seu império anticristão teriam permanecido inabaláveis”.⁵

Em resumo, ele atribuiu o irrompimento da Reforma ao poder penetrante das línguas originais.

Lutero falava contra o cenário sombrio no qual a igreja se acomodara durante centenas de anos, totalmente desprovida da Palavra, quando declarou com ousadia: “Com certeza, a menos que as línguas permaneçam, o Evangelho por fim perecerá”.⁶

Ele pergunta: “Você se indaga sobre a serventia do aprendizado das línguas...? Você diz: “Conseguimos ler a Bíblia muito bem

em alemão?”. E ele responde: “Sem as línguas, o evangelho não teria chegado a nós. As línguas são a bainha que transporta a espada do Espírito. São o porta-joias que guarda as pedras preciosas dos pensamentos antigos. São a jarra que acondicionam o vinho. E, como o próprio evangelho afirma, são a cesta em que pães e peixes ficam guardados até chegar a hora de alimentar a multidão.

Se negligenciarmos a literatura, acabaremos perdendo o evangelho... Assim que o homem deixar de cultivar o estudo das línguas, a cristandade entrará em declínio, caindo sob o domínio incontestável do papa. Mas, assim que essa tocha se reascender, esta coruja papal voará com um piar agudo para sua escuridão congénial...

No princípio, os pais da igreja com frequência se equivocavam, pois desconheciam as línguas. Mas, em nossos dias, existem aqueles que, como os valdenses, não acreditam que as línguas possam ter alguma utilidade; embora sua doutrina seja boa, muitas vezes erram a respeito do verdadeiro significado dos textos sagrados; visto que não possuem armas contra os equívocos cometidos, tenho o receio de que sua fé não permaneça pura.⁷

Irmãos, talvez a visão possa crescer com sua ajuda. Nunca é tarde para aprender. Existem homens que começaram a estudá-las depois de se aposentarem! Não se trata de tempo, mas de valores. John Newton, o compositor de “Amazing Grace” [Graça Excel-sa], e antes disso capitão de barco, foi um pastor com um amor moderado e atraente por pessoas que, no entanto, achavam importante estudar línguas. Certa vez, ele aconselhou um jovem ministro, dizendo: “Os textos originais das Sagradas Escrituras merecem, sim, o seu sofrimento; e riquíssima é sua recompensa”.⁸

A respeito dos primeiros anos de estudo, ele afirmou:

Você não deve pensar que eu alcancei ou mesmo almejei certa capacidade crítica sobre alguma coisa: [...] Em hebraico, sou capaz de ler os livros históricos e os Salmos com tolerável

facilidade; mas, diante dos textos proféticos ou de outros mais difíceis, sou normalmente obrigado a recorrer aos léxicos etc. Contudo, sei o bastante para conseguir, com essas ajudas à mão, julgar por mim mesmo o significado de qualquer passagem que eu venha consultar.⁹

Em todos os lugares almeja-se a educação continuada. Contudo, demos a devida atenção às palavras de Martinho Lutero: “Estimado como é o evangelho em nosso meio, façamos o melhor para desbravar sua língua original”. Bitzer fez isso. E Bitzer era banqueiro!

NOTAS

¹ *Light on the Path: Daily Scripture Readings in Hebrew and Greek* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1982), p. 10.

² Das traduções modernas, a ESV (*English Standard Version*) é a única que traduz o verbete de maneira apropriada.

³ *Autobiography of George Mueller* (London: J. Nisbet and Co., 1906), p. 31. [Publicado em português com o título: *Autobiografia de Charles Muller* (Ed. IDE, 2005).]

⁴ Arnold Dallimore, *George Whitefield*, vol. 1 (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1970), p. 77.

⁵ W. Charles Martyn, *The Life and Times of Martin Luther* (New York: American Tract Society, 1866), p. 474.

⁶ Hugh T. Kerr, *A Compend of Luther's Theology* (Philadelphia, Pa.: The Westminster Press, 1943), p. 17.

⁷ Martyn, *The Life and Times of Martin Luther*, p. 474-5.

⁸ *The Works of the Rev. John Newton*, vol. 1 (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1985), p. 143.

⁹ Richard Cecil, *Memoirs of the Rev. John Newton*, in *The Works of the Rev. John Newton*, vol. 1, p. 49-50. Para conhecer a história da vida de Newton e seu ministério, v. John Piper, *The Roots of Endurance: invincible Perseverance in the Lives of John Newton, Charles Simeon, and William Wilberforce* (Wheaton, Ill: Crossway Books, 2002).

A biografia cristã é uma forma
de o corpo vivo da igreja
atravessar os séculos.

JOHN PIPER

Como toda força humana em minha vida,
as biografias têm me auxiliado a não sucumbir
à inércia da mediocridade.

Sem elas, sou capaz de me esquecer da alegria
existente nas obras e nos propósitos inabaláveis de quem ama Deus.

JOHN PIPER

capítulo treze

Irmãos, leiam biografias cristãs

O capítulo 11 de Hebreus é uma ordenança divina relativa á leitura de biografias cristãs. É inconfundível essa implicação nesse capítulo pela afirmação: caso ouçamos sobre a fé de nossos pais (e mães), nós nos “livraremos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve” e “correremos com perseverança a corrida que nos é proposta” (12.1). Se perguntássemos ao autor: “Como nos incentivaremos ao amor e às boas obras?” (10.24), sua resposta seria: “Pelo encorajamento dos vivos (10.25) e dos “mortos” (11.1-40). A biografia cristã é uma forma de o corpo vivo da igreja atravessar os séculos.

Essa comunhão entre vivos e mortos é crucial, especialmente, para os pastores. Como líderes eclesiásticos, é nosso dever possuir

uma visão do futuro. É nosso dever declarar profeticamente aonde a igreja deve prosseguir. E inspirar as pessoas com possibilidades significativas.

Não que *Deus* não possa dar visão, direção e inspiração. Mas, normalmente, ele usa agentes humanos para instigar seu povo. Então, a pergunta que nos cabe, pastores, responder é: Por intermédio de que agente humano Deus nos dá visão, direção e inspiração? Na minha opinião, uma das respostas mais importantes é: grandes homens e mulheres de fé que, mesmo mortos, ainda falam (Hb 11.4).

Sendo bem escolhida, a biografia cristã reúne todo o tipo de coisas de que os pastores carecem, embora tenham tão pouco tempo para buscar. A boa biografia é história, e nos protege do esnobismo cronológico (como C. S. Lewis costumava definir). É teologia — e das mais poderosas — pois emerge da vida das pessoas. É aventura e suspense, algo de que temos fome natural. E é ainda, psicologia e experiência pessoal que aprofunda a compreensão da natureza humana (especialmente a nossa). Boas biografias sobre os cristãos de maior relevância promovem a leitura notavelmente eficaz.

Uma vez que a biografia é sua melhor testemunha, permita-me contar como me deparei com as biografias. Como toda força humana na minha vida, as biografias têm me auxiliado a não sucumbir à inércia da mediocridade. Sem elas, sou capaz de me esquecer da alegria existente na obras e nos propósitos inabaláveis de quem ama Deus. Tenho dedicado mais tempo à vida de Jonathan Edwards¹ (uma biografia excelente foi escrita por Iain Murray) que a qualquer outra pessoa fora da Bíblia. Antes de completar 20 anos, Edwards escreveu 70 resoluções que há anos influenciam meu trabalho. A resolução número 6 diz: “Resolvi usar todas as minhas forças enquanto viver”. A resolução de número 11: “Resolvi que ao pensar na solução de qualquer teoria sobre a divindade, farei tudo a meu alcance para solucioná-la, caso não seja impedido pelas circunstâncias”. A de número 28 afirma: “Re-

solvi estudar as Escrituras com tanto afinho, constância e frequência que serei capaz de perceber claramente meu crescimento progressivo no conhecimento delas”.²

Quando fui ordenado pastor da Bethlehem Baptist Church [Igreja Batista Belém], em 1980, comecei a ser instigado a ler as obras biográficas, pois imaginava ser capaz de recarregar minhas baterias pastorais e receber orientação e encorajamento necessários. Considerando a confiança que deposito no pastor-teólogo, evoquei não somente Edwards, também João Calvino (Thomas H. L. Parker fez um pequeno *Portrait* [Retrato] e uma tremenda biografia).³

Como Calvino conseguia trabalhar! Depois de 1549, sua principal ocupação em Genebra era pregar duas vezes aos domingos e uma vez todos os dias em semanas alternadas. No domingo de 25 de agosto de 1549, Calvino iniciou uma pregação sobre o livro de Atos, e manteve o mesmo tema até março de 1554. Durante a semana, nessa época, costumava abordar temas desde os oito profetas menores até os livros de Daniel, Lamentações e Ezequiel. Surpreende-me, no entanto, que entre 1550 e 1559, ele tenha realizado 270 casamentos. Ou seja, um casamento a cada duas semanas! E ainda batizava (cerca de uma vez por mês), visitava os enfermos, cuidava das extensas correspondências e mantinha pesadas responsabilidades organizacionais.

Quando observo a vida e o trabalho realizado por Calvino e Edwards, fica difícil sentir pena de mim mesmo diante das poucas cargas que carrego. Estes irmãos me inspiraram a me desembaraçar das ocupações exaustivas e medíocres.

Thomas H. L. Parker (que, a propósito, passou a maior parte dos seus 40 anos de ministério em comunidades da zona rural) publicou uma pequena biografia de Karl Barth em 1970, que eu devorei no ano intermediário do seminário. Além de ser muito interessante, devido aos boatos que chegavam a afirmar que Barth tocara Mozart antes mesmo de saber usar uma caneta,⁴ a obra me impressionou consideravelmente por causa de duas frases muito

simples. Uma afirmava: “Naquela noite, Barth deu início a [elaboração de] um panfleto e o terminou no dia seguinte, um domingo” [13.000 palavras em um dia!].⁵ Respondi: “Se a neo-ortodoxia merece esse esforço fenomenal, quanto mais a ortodoxia evangélica!”.

A outra sentença afirmava: “Barth aposentou-se da cátedra de Basileia em março de 1962 e, por isso, perdeu o estímulo proporcionado pela necessidade de lecionar”.⁶ Escrevi na orelha do livro: “Será que a grandeza é capaz de emergir de outra coisa além da tensão? Se a grandeza é serva de todos, então, não deveríamos estar debaixo de autoridade, submetidos à ordenanças, sendo forçados ou pressionados?”.

Houve ainda uma época em meu ministério pastoral que a obra de Warren Wiersbe, *Walking with the Giants* [Andando com os gigantes] e *Listening to the Giants* [Ouvindo os gigantes], exerceu forte influência sobre meu trabalho.⁷ A principal razão da utilidade deste acervo de minibiografias é a capacidade de demonstrar a diversidade de estilos pastorais que Deus escolheu abençoar. Nele encontramos a história de pastores importantes e frutíferos cujo padrão de pregação, hábito de visitas e personalidade se diferenciam tanto que servem como incentivo a todos nós.

Veja-se este exemplo um tanto cômico: é possível contrastar o austero Jonathan Edwards, que media a ingestão de alimentos pela possibilidade de maximizar a atenção dada ao estudo, com Spurgeon, que pesava mais de 130 quilos e costumava fumar cachimbo. Mesmo assim, os dois levaram mais convertidos a Cristo do que a maioria de nós seria capaz.

Certa vez, Spurgeon conversou com um crítico metodista:

— Se algum dia eu achar que estou fumando demais, prometo que pararei totalmente.

— O que é fumar demais para você? — perguntou o homem.

— Ora, fumar dois cachimbos ao mesmo tempo! — foi a resposta dele.⁸

George Müller tem sido um líder de oração em minha vida. Sua *Autobiography* [Autobiografia] é um pomar de frutos de edificação da fé. Em um trecho do livro, ele nos revela como, depois de 40 anos de tentativas, “sentir-se constantemente feliz em Deus”. E ainda afirma: “Está mais claro que nunca: a tarefa primordial e mais importante que devo cumprir todos os dias é tornar minha alma feliz no Senhor”.⁹ E ao explicar que fez justamente o contrário durante 10 anos, disse: “Em primeiro lugar, quando me levanto, já começo a orar assim que possível e geralmente passo todo o tempo até o café da manhã em oração”. O resultado: “Com frequência, depois de padecer vagando em minha mente pelos primeiros dez, quinze minutos, ou até mesmo meia hora, realmente começo a orar”.

Então, Müller mudou seus padrões e descobriu o que lhe sustentou por mais quarenta anos.

Desde o começo, já logo pela manhã, comecei a meditar no Novo Testamento [...] procurando em cada versículo um motivo para receber o alimento para minha alma. Como resultado, e quase invariavelmente depois de alguns minutos, minha alma era guiada à confissão, ação de graças, intercessão ou súplica; embora não conseguisse me entregar completamente à oração (como costumava acontecer), apenas à meditação, ainda assim, isso quase se tornava uma espécie de oração.¹⁰

Foi absolutamente crucial a maneira como a atitude de Müller influenciou minha vida: estar com o Senhor antes de qualquer outra pessoa, e deixar que *ele* fale primeiro.

Outro fato da vida de Müller que também me serviu como fonte de admiração e inspiração foi a impressionante convicção contida nas suas orações pelos suprimentos do orfanato. E quando sua esposa foi acometida de febre reumática, esta foi a sua prece:

Sim, meu Pai, os dias de minha querida esposa estão em tuas mãos. Faze o que é melhor para mim e para ela, seja isso a morte

ou a vida: Se possível, restabeleças mais uma vez minha preciosa esposa —tu tens esse poder, por mais enferma que ela esteja; no entanto, seja como for o tratamento que darás à minha petição, só peço que me ajudes a continuar vivendo perfeitamente satisfeito com tua boa e santa vontade.¹¹

Embora sua esposa tenha falecido, Müller pregou no funeral um sermão sobre o versículo 68 de Salmos 119: “Tu és bom, e o que fazes é bom”.¹²

Quanta diferença existe entre essa visão de Deus e a que encontrei ao ler a obra *Spiritual Autobiography* [Autobiografia espiritual] de Willian Barclay. Por muitos anos, Barclay foi professor de Teologia da Universidade de Glasgow, na Escócia, e escritor de comentários bíblicos bastante populares. Ao perder a filha no mar, sua reação não foi a mesma de George Müller que preferiu declarar: “Sei, SENHOR, que [...] por tua fidelidade me castigaste” (Sl 119.75). Em vez disso, Barclay disse: “Creio que a dor e o sofrimento jamais fazem parte da vontade de Deus para seus filhos”. E chamar um acidente fatal de “ato de Deus”, continuou, “é blasfêmia”.¹³

A *autobiografia* de Barclay me deprime ainda mais quando penso em todos os pastores que se alimentaram de seus comentários para quase todo o sermão. Ele menosprezava a ideia da expiação em que a morte de Cristo realiza a propiciação da ira de Deus.¹⁴ E dizia: “Sou um universalista convicto. Acredito que no final todos os homens serão reunidos no amor de Deus”.¹⁵ Não posso deixar de me perguntar se a fraqueza teológica de muitos púlpitos, hoje, não se deve à medíocre dependência da teologia anêmica de comentaristas como Barclay.

Eu preferiria erigir minha vida na teologia de Sarah Edwards. Diante da informação de que Jonathan, seu marido, havia falecido em consequência de uma vacina contra a malária aos 54 anos, deixando-a com dez filhos, ela escreveu à filha:

O que posso dizer? Um Deus santo e bom fez pairar uma nuvem escura sobre nós. Ah! Só nos resta beijar a vara do castigo e não abrir nossos lábios! O Senhor fez isso. Ele me fez adorar sua bondade, pois o tivemos por muito tempo. O meu Deus vive, e a ele pertence meu coração. Ah! Que legado meu marido, e seu pai, nos deixou. Estamos todos nas mãos de Deus; lá eu estou, e é lá que amo estar.¹⁶

A fim de mostrar um dos valores imprevistos da leitura de biografias cristãs, concluo este capítulo com uma palavra de reconhecimento a Carl Lundquist, o mais antigo presidente da Faculdade e do Seminário Bethel. Visto que ele completou 28 anos na função, eu gostaria de expressar toda a minha afeição e estima. Durante os seis anos que passei na faculdade, ele já era o presidente e me tratava com muita cordialidade.

Acontece que eu estava lendo a autobiografia de Augustus H. Strong, que também exerceu a presidência do Seminário Teológico de Rochester, e lá encontrei as palavras para entremear minha carta de gratidão com verdades. Strong escreveu: “Sempre achei que haveria uma vida futura para os burros de carga, lavadeiras e presidentes de faculdades; já que eles não comem sobremesa nessa vida, deve haver outra vida, para justificar os caminhos de Deus.”¹⁷

Teologia viva. Santos imperfeitos e encorajadores. Histórias de graça. Profunda inspiração. O melhor entretenimento. Irmãos, esses testemunhos valem cada hora preciosa de sua vida. Lembrem-se de Hebreus 11. E leiam biografias cristãs.¹⁸

NOTAS

¹ Iain Murray, *Jonathan Edwards: A New Biography* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1987).

² As resoluções de Edward se encontram em Sereno Dwight, *Memoirs of Jonathan Edwards*, em *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 1 (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1974), p. xx, xxi.

³ *Portrait of Calvin* (Philadelphia, Pa.: Westminster Press, 1954); *John Calvin: A Biography* (Philadelphia, Pa.: Westminster Press, 1975).

- ⁴ *Karl Barth* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1970), p. 110. “Barth incluía a música mozartiana em sua preparação para escrever *Church Dogmatics*; por isso, era seu costume ouvir suas composições no gramofone antes de sequer levantar a caneta”.
- ⁵ *Ibid*, p. 87
- ⁶ *Ibid*, p. 124
- ⁷ *Walking with the Giants: A Minister's Guide to Good Reading and Great Preaching* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976); *Listening to the Giants: A Guide to Good Reading and Great Preaching* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1980).
- ⁸ Wiersbe, *Walking with the Giants*, p. 74.
- ⁹ *Autobiography of George Muller* (London: J. Nisbet and Co., 1906), p. 152. [Lançado em português com o título: *A autobiografia de George Muller* (Editora IDE).]
- ¹⁰ *Ibid*, p. 153.
- ¹¹ *Ibid*. p. 442
- ¹² *Ibid*. p. 431
- ¹³ William Barclay: *A Spiritual Autobiography* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1975), p. 44.
- ¹⁴ *Ibid*. p. 52
- ¹⁵ *Ibid*. p. 58
- ¹⁶ Citado da obra de Murray, *Jonathan Edwards*, p. 442.
- ¹⁷ *Autobiography of Augustus Hopkins Strong* (Valley Forge, Pa.: Judson Press, 1981), p. 22.
- ¹⁸ Uma das disciplinas mais frutíferas que realizei foi apresentar um estudo biográfico para a Conferência Bethlehem de Pastores que ocorre uma vez por ano. Isto me forçou a ler ainda mais do que estava acostumado sem compromisso. E essa obra está sendo publicada em uma série intitulada de *The Swans Are Not Silent*. Veja John Piper, *O legado da alegria soberana: a graça triunfante na vida de Agostinho, Lutero e Calvino* (São Paulo: Shedd Publicações, 2005); *O sorriso escondido de Deus: o fruto da aflição na vida de John Bunyan, William Cowper, e David Brainerd* (São Paulo: Shedd Publicações, 2002); *The Roots of Endurance: Invincible Perseverance in the Lives of John Newton, Charles Simeon, and William Wilberforce* (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 2002). Ainda quero encorajar todos os pastores a pensarem na possibilidade de apresentar aos membros de suas igrejas um estudo biográfico de grandes cristãos, pelo menos uma vez ao ano.

... o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles.

2PEDRO 3.15-16

Deus não detesta menos os intelectualmente preguiçosos do que qualquer outro tipo de preguiçoso.

Se você está pensando em se tornar cristão, eu lhe aviso que estará embarcando em algo que vai ocupar toda a sua pessoa, inclusive o cérebro. Felizmente, existe uma compensação. Aquele que se esforça honestamente para ser cristão logo percebe que sua inteligência está aprimorada. Um dos motivos pelos quais não é necessário grande estudo para se tornar cristão é que o cristianismo é em si mesmo uma educação.

C. S. LEWIS

capítulo quatorze

Irmãos, exponham ao povo porque Deus inspirou textos difíceis

As implicações são infundáveis quando se trata de Deus criar um livro tão crucial para a preservação e proclamação da verdade salvadora. E elas se tornam ainda mais notáveis quando percebemos que partes do livro são realmente difíceis de compreender. O que significa para a vida, a cultura, a história e para a adoração o fato de Deus ter dado ao cristianismo um livro composto de alguns textos tão intelectualmente extenuantes e ainda edificar a igreja por meio deles?

Fui inspirado por esses pensamentos enquanto pregava sobre Romanos e me deparei com Romanos 3.1-8. Meu cérebro quase se partiu tentando compreender a complexidade desse parágrafo. Então, recuei e resolvi perguntar: “O que se desencadeou no mun-

do pelo o fato de o cristianismo não só proclamar a salvação pela fé em Jesus como, também, amparar seus argumentos e estabelecer suas mensagens em um livro, a Bíblia, e em cartas como a escrita aos Romanos, e em perícopes como a de Romanos 3.1-8?”.

Alguém poderia responder: “O problema está em nós. Os autores bíblicos não causam confusão. Nós somos estúpidos. Se fôssemos mais espirituais, e mais dóceis, não acharíamos a Palavra de Deus tão difícil”. Bem, isso é parcialmente verdadeiro. Sou estúpido, mas este não é o único problema. Veja o que o apóstolo Pedro disse na segunda carta: “... o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas *difíceis de entender*, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles” (2Pe 3.15,16).

Quero destacar quatro pontos simples e óbvios: 1. Paulo escreveu com a sabedoria “que Deus lhe deu”, e Pedro se refere à sabedoria dada por Deus (de acordo com 1Co 2.13). 2. Diante disso, Pedro afirma que os escritos de Paulo estão no mesmo nível das “demais Escrituras”; os escritos apostólicos estão no mesmo nível das Escrituras Sagradas inspiradas do Antigo Testamento. 3. Contudo, algumas das coisas que ele escreveu eram “difíceis de entender”. Deus, o perfeito comunicador (pois ele é perfeito em tudo) não facilitou as coisas quando guiou um escritor acerca do que escrever. 4. Isso é o que o apóstolo disse, não John Piper. Por isso, sinto-me bem amparado para dizer que alguns parágrafos nos escritos paulinos são difíceis de compreender.

E eu volto a perguntar: “O que significa Deus ter inspirado tantas perícopes difíceis em seu livro? O que Deus desencadeou no mundo fundamentando sua igreja em escritos como esses?”.

Mencionarei quatro reações e estabelecerei o equilíbrio entre elas e o lado menos complexo do evangelho. São elas: Desespero, súplica, cogitação e educação.

I. Desespero (Sentimento de absoluta dependência da capacitação de Deus.)

Em 1Coríntios 2.14 percebemos isso: “Quem não tem o Espírito não aceita as coisas do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente”. O homem natural (todos nós, desprovidos da obra do Espírito em nossa vida) se deparará com o desespero diante da revelação de Deus. Ele precisa da ajuda divina. Bem, o mesmo também vale para as pessoas espirituais — embora mortais, falíveis e pecadoras — como eu, quando enfrento dificuldades com os textos da Palavra de Deus. Eu deveria sentir desespero, a dependência absoluta do auxílio divino. E é isto que Deus quer que sintamos. É isto que ele desencadeou ao inspirar passagens difíceis.

II. Súplica (Clamar a Deus por ajuda.)

É o que sucede ao desespero. Ao se sentir dependente da ajuda divina para entender o significado do texto, logo seguirá o clamor por auxílio divino. Em Salmos 119.18 percebemos isso: “Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei”. Em um único salmo, o salmista orou sete vezes: “Ensina-me os teus decretos” (Sl 119.12,26,64,68,124,135,171). Veja a oração de Salmos 25.5: “Guia-me com a tua verdade e ensina-me”. Inspirando coisas difíceis de compreender, Deus desencadeou no mundo o desespero que leva à súplica — agarrando-se a Deus por auxílio.

III. Cogitação (Refletir com afincio sobre os textos bíblicos.)

Alguém poderia dizer: “Não, não, você está equivocado, John. Você acabou de dizer que Deus quer que *oremos* por sua ajuda para compreendermos o texto, não para *pensarmos* sobre a possível solução”. No entanto, a resposta para esta questão é: “Não, orar e pensar não são alternativas”. Abordamos o tema no capítulo 11, estudando 2Timóteo 2.7, onde Paulo aconselha Timóteo: “Refleta no que estou dizendo, pois o Senhor lhe dará entendimento em

tudo”. Sim, é o *Senhor* que concede o entendimento. Mas ele o faz isso mediante nossa reflexão conduzida por Deus e pelo esforço empreendido, *com oração*, para meditar sobre o que a Bíblia diz. Portanto, quando Deus inspirou os textos como Romanos 3.1-8, ele desencadeou no mundo um impulso para que se refletisse com perseverança.

Deste modo, o desespero e a suplicação são acompanhados pela cogitação; que, por fim, gera a...

IV. Educação (Capacitar jovens e adultos para orar com fervor, ler bem e pensar com afinco.)

Tendo Deus inspirado um livro com o propósito de torná-lo a base da fé cristã, desencadeou-se um impulso incisivo no mundo para que as pessoas fossem ensinadas a ler. E tendo Deus ordenando que alguns textos preciosos, sagrados e cheios do fôlego divino fossem difíceis de entender, consequentemente, desencadeou-se no mundo não só um impulso para ensinar as pessoas a ler como, também, a refletir a respeito da leitura, ou seja, como ler passagens difíceis e compreendê-las. E como usar a mente com rigor.

Paulo disse a Timóteo: “E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (2Tm 2.2). Transmita o entendimento aos demais irmãos, Timóteo, de modo que sejam também capacitados a ensinar. Em outras palavras, os escritos dos apóstolos — especialmente os difíceis — desencadeiam a educação de geração em geração. A educação contribui para os irmãos compreenderem algo que no momento não entendem. Para ser exato, é o auxílio prestado ao próximo (jovem ou não) de modo que possa *aprender a* adquirir o entendimento ainda não possuído. Ela consiste em cultivar o estado vital da mente a fim de descobrir como crescer no verdadeiro entendimento. Esse impulso foi desencadeado por Deus ao inspirar o livro constituído por perícopes complexas e árduas.

O impacto pessoal, cultural e histórico desses impulsos causou inúmeras reações nos últimos dois mil anos.

- * Em todos os lugares onde se difundiu o cristianismo, a Bíblia também se propagou; e com ela, o impulso de traduzi-la em outras línguas — com todas as disciplinas intelectuais que acompanham a tradução bem-sucedida.
- * Diante disso, sentiu-se o impulso de cultivar um povo alfabetizado, portanto, possibilitando a leitura da nova tradução. E a cada nova geração, manifestou-se o impulso contínuo de ensinar a compreensão de textos aos jovens de modo que tivessem direto acesso à Palavra de Deus.
- * Com isso, surgiu o impulso de fundar escolas e igrejas.
- * Visto que a tradução e a leitura bíblica envolviam a reflexão árdua sobre várias questões, surgiu o impulso pelo aprendizado de nível mais elevado; desse modo, professores e universitários presenciaram o despertar da cultura fundamentada no encontro com Deus por meio de sua Palavra registrada em um livro.
- * E diante de todas essas coisas, houve o impulso de escrever sobre as percepções obtidas das passagens mais difíceis para, em seguida, emergir o comprometimento com a erudição.
- * Com o passar do tempo, houve o impulso de preservar os tesouros adquiridos desses entendimentos, resultando no surgimento de bibliotecas e vários meios de reproduzir cópias e, em seguida, a impressão.
- * Considerando-se a importância da exatidão no tratamento dos textos sagrados e na transmissão das preciosas e profundas percepções dos mesmos, uma disciplina de exatidão e diligência no trabalho pastoral foi desencadeada no decorrer dos séculos. E assim, sucessivamente.

Estas são algumas das reações geradas por Deus no mundo mediante a inspiração de uma Bíblia com passagens difíceis como a de Romanos 3.1-8.

Eu já havia dito anteriormente que pretendia estabelecer um equilíbrio entre essas reações e outro impulso provocado pela Bíblia que emana das partes menos complexas do evangelho. Como faremos isso? Talvez seja útil fazê-lo da seguinte forma: Reflita, *Deus é amor* (1Jo 4.8,16) e *Deus é Deus* (Is 45.22; 46.9). A máxima “Deus é Deus” sugere que Deus existe com todos os seus atributos gloriosos e sua autossuficiência. Todavia, a máxima “Deus é amor” implica que toda essa glória nos conduz ao deleite eterno.

Ora, estas duas verdades bíblicas desencadearam diferentes impulsos no mundo. E veremos a existência de certo equilíbrio nisso, a menos que façamos do cristianismo um assunto elitista, o que ele definitivamente não é.

- * A máxima *Deus é amor* desencadeia o impulso da simplicidade; *Deus é Deus* desencadeia o impulso da complexidade.
- * A máxima *Deus é amor* desencadeia o impulso da acessibilidade; *Deus é Deus* desencadeia o impulso da profundidade.
- * A máxima *Deus é amor* incentiva o foco nos princípios básicos; *Deus é Deus* incentiva o foco na capacidade de compreensão. Alguém diz: “Creia, e serão salvos, você e os de sua casa” (At 16.31). Outro afirma: “Pois não deixei de proclamar-lhes toda a vontade de Deus” (At 20.27).
- * A máxima *Deus é amor* nos incita a assegurar que a verdade alcance *todas as pessoas*; *Deus é Deus* nos incita a assegurar que a *verdade* seja transmitida a todas as pessoas.
- * A máxima *Deus é amor* desencadeia o impulso da comunhão; *Deus é Deus* desencadeia o impulso da erudição.

- * A máxima *Deus é amor* tem a tendência de gerar extroversão e evangelismo; *Deus é Deus* tem a tendência de gerar pessoas contemplativas e poetas.
- * A máxima *Deus é amor* adota o *ethos* do povo; *Deus é Deus* adota o *ethos* da excelência. O *ethos* do povo revela-se na intimidade com Deus e entoa suavemente:

Senhor, tu és mais precioso que a prata.
 Senhor, tu és mais valioso que o ouro.
 Senhor, tu és mais belo que os diamantes,
 És incomparável diante tudo o que desejo.
 (“Lord You Are”, de Lynn Deshazo)

E o *ethos* da excelência se revela na majestosa transcendência de Deus; e entoa com grande júbilo:

Muito, muito acima do teu pensamento
 Os desígnios dele são manifestos.
 E quando findar a obra que tem feito,
 Isso causará desnecessários medos.
 Entregue-os à vontade soberana,
 Que comanda e escolhe:
 Plenamente maravilhado, compreenderás
 Como a mão divina é sábia e forte.
 (*Give to the Winds Thy Fears*, de Paul Gerhardt)

Talvez alguém diga nesse momento: “Eu não gosto da separação ‘Deus é amor’ e ‘Deus é Deus’, povo e excelência, evangelistas e místicos, comunhão e erudição, acessibilidade e profundidade, simplicidade e complexidade”. Eu lhe responderia da seguinte forma: “Tudo bem, então!”. Pois, na minha opinião, todas essas coisas são preciosas, e ambos os lados destes pares são indispensáveis ao ministério e à missão de Cristo no mundo.

A oração que faço por meu rebanho e pelos pastores que estão lendo este livro, e por mim mesmo, é que possamos seguir todos os diferentes impulsos do cristianismo com os quais podemos nos

deparar. E se nos inclinarmos para um dos lados (como costumamos fazer) que sejamos capacitados a agir com respeito e firmeza diante dos que preferiram o oposto ao nosso. Que nossas atitudes não sejam apenas respeitosas diante dos que permaneceram em seus lares do outro lado, mas de regozijo por causa da manifestação contundente de Deus nas igrejas e no mundo. Que sintamos regozijo quando a causa do evangelismo e as missões avançarem diante do nosso esclarecimento sobre esses impulsos distintos do cristianismo; afinal, isto ajudará na remoção de caricaturas e estereótipos, e possibilitará que as pessoas compreendam o próprio pensamento a respeito de tudo o que Deus é em Cristo, e creiam nele.

Irmãos, valerá a pena! Exponham ao povo porque Deus inspirou os textos difíceis.

Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina,
perseverando nesses deveres, pois, agindo assim,
você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem.

1TIMÓTEO 4.16

Por isso, tudo suportar por causa dos eleitos,
para que também eles alcancem a salvação
que está em Cristo Jesus, com glória eterna.

2TIMÓTEO 2.10

O que está em jogo nos cultos dominicais
não é apenas a edificação da igreja,
mas sua salvação eterna.

JOHN PIPER

capítulo quinze

Irmãos, salvem os santos

Eu costumava dizer que meu objetivo como pastor e mestre era glorificar a Deus mediante a salvação dos pecadores e a edificação do corpo de Cristo — ganhando os perdidos e edificando os santos. Mas a pretensão por trás do meu objetivo estava equivocada. Achara que meu papel na salvação das pessoas consistia apenas em pregar o evangelho aos perdidos e orar por eles. Por isso, desde que estivessem convertidos e frequentassem uma igreja, minha função como instrumento de Deus em sua salvação teria terminado. Afinal, eu nada mais era que um agente divino em determinada etapa da santificação e edificação dessas pessoas.

Meu erro foi pensar que somente a salvação dos perdidos dependia da minha pregação, e não a salvação da igreja.

Por um bom tempo, estranhei o fato de os pastores puritanos pregarem para seu rebanho como se a vida eterna de suas ovelhas dependesse disso. Por que Richard Sibbes, falecido em 1635, e conhecido como o “amável conta-gotas”, implorava impetuosamente aos santos para “exercerem a graça de Deus sem cessar”? Sua resposta seria: Porque “não são os hábitos adormecidos, mas a graça em exercício que nos preserva”.¹

Os puritanos acreditavam que, sem a perseverança na obediência da fé, o resultado seria a morte eterna, e não apenas uma santificação menor. Portanto, uma vez que a pregação e o ministério pastoral, normalmente, são um extenso canal para a perseverança dos santos, o alvo pastoral não consiste apenas em edificá-los, mas *salvá-los*. O que está em jogo nos cultos dominicais não é apenas a edificação da igreja, mas sua salvação eterna. Diante disso, não é difícil perceber o motivo da austeridade dos puritanos.

Mas não foram Sibbes, Boston, Edwards ou Spurgeon, que me fizeram mudar meu objetivo. Foi o apóstolo Paulo. Ele escreveu a Timóteo: “Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina, perseverando nesses deveres, pois, agindo assim, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem” (1Tm 4.16). Os “que ouvem” a quem Paulo se referia, não eram as pessoas de fora da igreja (como revela o v. 12: “seja um exemplo para os fiéis”). Nossa salvação, como a de todos os que nos ouvem toda semana, depende consideravelmente da atenção fiel à santificação pessoal e ao ensinamento perfeito. Existem muito mais coisas em risco em nosso trabalho que o progresso maior ou menor de santificação. Está em perigo a salvação dos crentes que nos ouvem.

Em 2Timóteo 2.9 e 10, Paulo descreveu seus sofrimentos pelo evangelho e disse: “Tudo suporte por causa dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus, com glória eterna”. A salvação dos eleitos não é automática. Ela acontece através dos meios indicados por Deus. “Tudo suporte [...] para que também eles alcancem a salvação”. Quando Deus indica

os meios, eles são indispensáveis. Além disso, quando Paulo disse sofrer pela salvação dos eleitos, ele não se referiu apenas às pessoas que ainda não são convertidas. Ele declarou em Colossenses 1.24: “Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês, e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja”. E não somente isso, ele ainda afirmou em outro contexto (2Tm 2.12): “Se perseveramos, com ele também reinaremos. Se o negamos, ele também nos negará”. A salvação dos eleitos depende da perseverança na fé e na obediência e de não negar Cristo.

O trabalho pastoral de Paulo é um meio de ajudar os eleitos a perseverar. Em consequência disso, ele entende seu ministério como instrumento da salvação dos fiéis. Não é de admirar que Paulo gemesse sob a “pressão interior” de sua “preocupação com todas as igrejas” (2Co 11.28)?

Na comovente passagem de 2Coríntios, na qual somos ensinados que Deus nos conforta para podermos confortar o próximo, Paulo se estende à questão do conforto e afirma: “Se somos atribulados, é para consolação e salvação de vocês” (2Co 1.6). Novamente, é pela *salvação* dos membros da igreja que Paulo sofre e trabalha.

Um exemplo de como o labor pastoral de Paulo resultava na salvação dos eleitos pode ser encontrado em 2Coríntios 7, que retrata o momento em que os crentes de Corinto tinham caído em pecado. Diante disso, Paulo lhes envia uma carta que os entristece profundamente. Por outro lado, Paulo se regozijava, entendendo que essa tristeza geraria o devido arrependimento: “A tristeza segundo Deus não produz remorso, mais sim um arrependimento que leva à salvação” (v. 10).

Então, qual foi o objetivo de escrever uma carta pastoral tão severa aos santos de Corinto? Paula almejava o arrependimento *para a salvação*. As admoestações paulinas despertaram nos crentes a sobriedade e o esforço para alcançar a própria “salvação com temor e tremor” (Fp 2.12). Ele resgatou o pecador perdido de seus maus

caminhos e “salvou a alma dele” (Tg 5.19,20). A vida eterna do eleito se ampara na eficácia do trabalho pastoral. Ah, como deveríamos ser fervorosos em zelar por nós mesmos e pela perfeição e utilidade de nossos ensinamentos!

Cabe ao pastor trabalhar para que nenhum de seus irmãos e irmãs pereça. O âmago da vida pastoral de Paulo parecia estar prestes a ser abalado quando se destacou a falta de amor na igreja de Roma (Rm 14.15). O crente mais forte vangloriava-se de sua liberdade comendo alimentos que para o mais fraco consistiria pecado (v. 14). De maneira surpreendente, Paulo percebeu a ameaça contida nessa circunstância: “Não *destrua* seu irmão, por quem Cristo morreu”! (v. 15). “Não *destrua* a obra de Deus por causa da comida”! (v. 20).

A mesma admoestação foi dada aos crentes de Corinto que ostentavam sua indiferença em relação às carnes oferecidas aos ídolos. “Contudo”, disse-lhes Paulo, “tenham cuidado para que o exercício da liberdade de vocês não se torne uma pedra de tropeço para os fracos. [...] Assim, esse irmão fraco, por quem Cristo morreu, é *destruído* por causa do conhecimento que você tem” (1Co 8.9-11).

É improvável que devamos atenuar esta palavra “destruir” (*apollymi*). O oposto dela significa “salvar”, como 1Coríntios 1.18, 2 Coríntios 2.15 deixam claro. Se um irmão perece, ele estará perdido. E isto evoca a destruição após a morte, pois Paulo emprega a mesma palavra quando diz: “E se Cristo não ressuscitou [...] também os que dormiram em Cristo estão perdidos” [ou seja, foram destruídos no inferno] (1Co 15.17,18).

As aparências superficiais, ao contrário, não implicam que os verdadeiros santos podem perder a salvação. Nem implicam que Cristo não morreu por seus eleitos de modo eficaz que lhes assegura a salvação eterna. Mas implica que alguém pode ser chamado “irmão” por causa das aparências, embora, no final, ele não o seja, pois fracassou na perseverança da fé. Tais pessoas estão descritas

em 1João 2.19: “Eles saíram de nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos”. Essas pessoas, portanto, seriam piedosamente chamadas “irmãos por quem Cristo morreu” antes de partirem. Mas, por fim, provaram que não eram.

Não é apenas o desenvolvimento da salvação da igreja que está em jogo na admoestação e pregação pastoral, mas a própria salvação.

E que tremendo engano seria se concluíssemos assim: “Portanto, proclamemos apenas as mensagens que demonstrem o plano simples de salvação”. Decididamente, esta não é a maneira adequada de zelar pelas ovelhas sobre as quais “o Espírito Santo os colocou como bispos” (At 20.28).

Quando Pedro disse: “Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual ouro, para que por meio dele cresçam para a salvação” (1Pe 2.2), ele não empregou a palavra *leite* com o mesmo sentido usado em Hebreus 5.12 que contrapõe “leite” e “carne”. O apóstolo pretendia que os santos se sentissem lamintos da graça proveniente da Palavra de Deus (1.25), como o recém-nascido chora de fome e pede leite. Pois somente sendo alimentados pela Palavra de Deus é que conseguiremos crescer; e sem crescimento, não teremos perseverança nem alcançaremos a salvação. A dieta contínua de mensagens evangelísticas não pode ajudar o crente a amadurecer, só serve para retardar o desenvolvimento de seu caráter e comprometer sua salvação.

Não podemos nos esquecer de uma coisa: não existe inércia na vida cristã. Ou prosseguimos rumo à salvação ou nos desviamos em direção à destruição. Desviar-se é um perigo mortal: “Por isso é preciso que prestemos maior atenção ao que temos ouvido, para que *jamaiz nos desviemos*” (Hb 2.1). Se não indicarmos a direção das riquezas inesgotáveis de Cristo aos nossos irmãos, a fim de lhes incitar a avançar cada vez mais em Deus, e se não revelarmos “toda a

vontade de Deus” (At 20.27), o que faremos será lançá-los rio abaixo, onde “naufragarão na fé” (1Tm 1.19).

Existem duas possibilidades conforme lemos em Hebreus 2.1-3: ou nos apegamos à Palavra de Deus (v. 1 e 3), ou nos desviamos dela. Não há como permanecer inertes neste rio de indiferença cujas águas se precipitam na direção de uma enorme cachoeira. Por isso, o versículo 3 indaga: “Como escaparemos [da justa retribuição divina], se negligenciarmos tão grande salvação?”. Negligenciar nossa maravilhosa salvação significa nosso desapego ao que foi revelado pelo Filho (Hb 1.2), significa não firmar a atenção em Jesus (Hb 3.1; 12.2). O resultado disso será o desvio da Palavra de Deus e, por conseguinte, da salvação: “Cuidado, irmãos, para que nenhum de vocês tenha coração perverso e incrédulo, que se afaste do Deus vivo” (Hb 3.12). “Pois passamos a ser participantes de Cristo, desde que, de fato, nos apeguemos até ao fim à confiança que tivemos no princípio” (Hb 3.14). O Filho, “uma vez aperfeiçoado, tornou-se a fonte da salvação eterna para todos os que lhe obedecem” [tempo presente e ação contínua] (Hb 5.9).

Alguns leitores poderão entender a ênfase na necessidade da mudança na obediência a Cristo como “justificação pelas obras”. Mas isto seria compreender de modo equivocado o que estou dizendo. E por isso escrevi o capítulo 4 e o inseri entre os primeiros capítulos do livro: “Irmãos, vivam e puguem a justificação pela fé”. A obediência sozinha é a prova da fé que nos une a Cristo, nossa justificação. Nada que eu tenha dito aqui contradiz essa verdade.

Portanto, digo novamente: o caminho para salvar a si mesmo e a seus ouvintes (1Tm 4.16) não é impedir o crescimento dos irmãos por causa da dieta empobrecida de “mensagens de salvação”. Isto me faz recordar as palavras enviadas aos “hebreus” sobre a destruição (Hb 5.11-14). Alimentar os santos com as Sagradas Escrituras é o meio para salvá-los, pois somente elas “são capazes de torná-lo sábio *para a salvação*” (2Tm 3.15).

Gostaria de dar uma última palavra sobre a segurança eterna. Este é um projeto comunitário. Por isso que o ministério pastoral é tão importante; e por isso nossa pregação não deve ser repleta de brincadeiras, mas sim de decoro. Pregamos para que os santos possam perseverar na fé em direção à glória. Não pregamos apenas para que possam crescer, mas por sabermos que se não crescerem, perecerão. Se você se alegra na soberania de Deus na salvação, certamente, descansa na palavra fidedigna de Cristo que declara: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me se-guem. Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão” (Jo 10.27, 28).

Os eleitos sentirão amor pela Palavra de Deus, arrependimento; eles crescerão e, sem sombra de dúvida, serão salvos (Rm 8.29, 30). No entanto, esses irmãos não serão salvos se estiverem afastados desse fiel ensinamento. O propósito da ordem divina para a existência de pastores-mestres não se resumia apenas à edificação da igreja, mas, sobretudo, à salvação.²

Ah, que nossas pregações possam ter o sabor de eternidade! Pois é justamente a eternidade que está em jogo toda semana.

NOTAS

¹ *The Bruised Reed* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1998; original, 1630), p. 104. [Uma tradução portuguesa encontra-se *online* com o título *O caníço ferido*, <http://www.monergismo.com/textos/livros/canico-ferido_sibbes.pdf >]

² Para a elaboração da visão defendida neste capítulo, v. Thomas R. Schreiner & Ardel B. Caneday em *The Race Set Before Us: A Biblical Theology of Perseverance and Assurance* (Dawners Grave, Ill.: InterVarsity Press, 2001).

Naquela época vocês estavam sem Cristo, separados da comunidade de Israel, sendo estrangeiros quanto às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo.

EFÉSIOS 2,12

Quanto mais aguçada for a recordação do nosso terrível resgate, maior será a naturalidade de nossa compaixão por quem se encontra na mesma miséria. E quanto mais profunda for nossa percepção do quanto a graça que nos arrancou das chamas foi imerecida e gratuita, maior será a gratuidade da nossa benevolência para com os pecadores.

JOHN PIPER

Quando o coração não sente mais a verdade do inferno, o evangelho passa de boas-novas para uma novidade qualquer.

A intensidade da alegria esmorece,
e a fonte de amor, proveniente do coração, seca.

JOHN PIPER

capítulo dezesseis

Irmãos, nós devemos sentir a verdade do inferno

Será que o ponto fraco da vida pastoral é a incapacidade de prantear pelos incrédulos da vizinhança ou pelos membros carnavais da igreja? Afinal, um dos grandes embaraços deste ministério é o abismo existente entre a compreensão bíblica e as paixões convenientes ao coração de cada um. As gloriosas e terríveis verdades que trovejaram pela Bíblia ecoam pelo nosso coração uma sensação de temor e de êxtase extremamente sutil. Embora tenhamos o hábito de impregnar os lábios com um “zilhão” de verdades, nós falamos delas com o mínimo de paixão. Será que cremos com o coração no que a boca proclama?

Sei por experiência própria que para ser um pastor autêntico, e não um mercenário, para chorar pelas ovelhas perdidas e fazer

bodes selvagens chegarem às lágrimas, preciso crer de coração em certas coisas ao mesmo tempo terríveis e maravilhosas. Sendo meu dever amar o próximo com o coração semelhante ao de Cristo — afetuoso, humilde, abnegado e manso — preciso sentir as terríveis e gloriosas verdades das Escrituras. Sobretudo, devo sentir:

- A verdade do inferno: ela existe, é terrível e horrível; algo eternamente além da imaginação humana. “E estes irão para o castigo eterno” (Mt 25.46). Mesmo que eu tentasse fazer do “lago de fogo” (Ap 20.15) ou da “fornalha ardente” (Mt 13.42) um símbolo, sinto-me confrontado com o pensamento aterrorizante de que símbolos não são hipérboles da realidade, mas sim, sua descrição suavizada. Jesus certamente não escolheu essas imagens para nos dizer que o inferno é mais tolerável que arder em chamas.¹
- A verdade de que já estive tão próximo do inferno quanto da cadeira na qual estou sentado agora — e até mais perto. Sua escuridão, como uma névoa, penetrava em minha alma e no seu engodo me levava para o abismo. Seu calor já tinha cauterizado a pele da minha consciência. Suas perspectivas eram minhas. Eu era filho do inferno (Mt 23.15), filho do diabo (Jo 8.44) e da ira (Ef 2.3). Eu pertencia à raça de víboras (Mt 3.7), sem esperança e sem Deus (Ef 2.12). Como o alpinista que escorrega na escalada e se agarra ao penhasco mortal com as pontas dos dedos, também já fiquei suspenso sobre o inferno, a um piscar de olhos do tormento eterno. E digo isso, vagorosamente: *tormento eterno!*
- A verdade de que a ira de Deus estava sobre a minha cabeça (Jo 3.36); seu rosto estava contra mim (Sl 34.16); ele odiava meus pecados (Sl 5.5); sua maldição e furor eram a minha porção (Gl 3.10). O inferno não foi imposto a Deus pelo Diabo. O inferno é desígnio divino e preparado para pessoas como eu (Mt 25.41).

- Em *meu* coração que toda a justiça do universo encontrava-se do lado de Deus e contra mim. Na balança da justiça, já fui mais leve que o ar. E não possuía uma fração sequer de direito de apelar da minha sentença de condenação. Minha boca se calou (Rm 3.19). Eu era totalmente corrupto e culpado; Deus foi perfeitamente justo em sua sentença (Sl 51.4; Rm 3.4).

Irmãos, vocês já ouviram alguém dizer: “Não tenha pensamentos negativos, não pregue apenas sobre coisas negativas, não olhe para trás. Fale do amor bendito de Deus e olhe para a nova criação”. Mas eu quero lhes dizer uma coisa sobre a autoridade das Escrituras: *lembre-se, lembre-se, lembre-se* da terrível condição de estar separado de Cristo, sem esperança, sem Deus, e a um passo do inferno. “Naquela época vocês estavam sem Cristo, separados da comunidade de Israel, sendo estrangeiros quanto às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2.12).

Se eu não crer com meu coração nestas terríveis verdades — acreditar tão intensamente que elas se tornem reais em meus sentimentos — então, o amor bendito de Deus em Cristo não resplandecerá. A doçura do ar da redenção dificilmente será percebida. A maravilha infinita de minha nova vida se tornará algo trivial. O milagre da doação de todas as coisas como herança a mim, um filho do inferno, não será capaz de me deixar atônito, com trêmula humildade e submissa gratidão. Tudo o que se refere à salvação será resumido com um “Ah, tá!”, e a permissão para entrar no paraíso será vista como uma coisa inevitável. Quando o coração não sente mais a verdade do inferno, o evangelho passa de boas-novas para uma novidade qualquer. A intensidade da alegria esmorece; e a fonte de amor, proveniente do coração, seca.

Entretanto, se eu me lembrar de permitir que todo o rastro de pecado e os momentos de indiferença em relação às coisas espirituais evoquem o odor infernal impregnado nos vestígios da minha corrupção; se eu me lembrar de permitir que meus joelhos

se debilizem como no dia em que subi cambaleando o penhasco da minha ruína; lembrar que, não fosse pela graça totalmente gratuita, eu ainda seria um pecador endurecido e estaria nesse momento vivendo os tormentos do inferno; ou seja, se eu me lembrar de todas essas coisas terríveis e crer de todo o coração, então, quanta contrição, humildade e longanimidade se apossarão do meu coração!

Como resultado, o abismo entre minha compreensão bíblica e as paixões do meu coração será eliminado e o amor transbordará.

A quem pagarei mal por mal já que o Grande Médico me tirou do crematório do universo e me levou para seu aposento de cuidados intensivos, com vida — cheio de vida? Que enfermidade serei capaz de olhar com zombaria? Onde está o menor pecador diante do qual eu costumava sentir aquele milímetro de superioridade? Não, em vez disso, eu me tornei um ser quebrantado de alegria, derramando lágrimas por todas as minhas iniquidades (sim, a iniquidade do orgulho, a falta de fé, a indiferença, a ingratidão, a impureza da mente e os alvos mundanos de um bom garoto de classe média, sem ficha policial). E, sobretudo, exultante por causa da misericórdia gratuita e inesgotável de Deus.

Podemos nos lembrar de Jonathan Edwards como o pregador de *Pecadores nas mãos de um Deus irado*, mas não nos lembramos do efeito prático e poderoso de sua visão do inferno. O que acontece com a uma pessoa que diante da visão do inferno foge para os braços de Jesus para ser resgatado? Edwards responde:

O amor cristão verdadeiro, manifestado a Deus ou à humanidade, é fruto do coração quebrantado. Os desejos dos santos, embora zelosos, são humildes; sua esperança é humilde, e sua alegria, mesmo quando se torna indizível e gloriosa, é humilde: fruto do coração quebrantado, capaz de deixar o cristão mais pobre de espírito, mais parecido com a criança e mais disposto ao comportamento adaptado e submisso.²

O coração contrito amará como Jesus amou. E o poder desse amor será proporcionado pelo medo diante da proximidade com a destruição. Quanto mais aguçada for a recordação do nosso terrível resgate, maior será a naturalidade de nossa compaixão por quem se encontra na mesma miséria. E quanto mais profunda for nossa percepção do quanto a graça que nos arrancou das chamas foi imerecida e gratuita, maior será a gratuidade da nossa benevolência para com os pecadores. Não amamos com tanta paixão quanto deveríamos porque nossa crença nessas coisas não é real. Por isso, nosso orgulho não é quebrado e nossa conduta não se submete. Além disso, não olhamos ansiosos e desejosos pela multidão que nos rodeia enquanto estamos em um aeroporto ou para os membros perdidos do nosso rebanho. John Newton, o compositor de “Amazing Grace” [Graça excelsa] é um exemplo de tanta compaixão:

Todo aquele [...] que provou do amor de Cristo e conheceu, por experiência própria, a necessidade e o valor da redenção é capaz. Sim, ele se sente constrangido a amar os companheiros de sua espécie. Ele os ama à primeira vista; e se a providência divina lhe der a incumbência da dispensação do evangelho e de zelar pelas almas, ele sentirá as emoções mais cálidas de companheirismo e ternura enquanto lhes falar fervorosamente com toda a misericórdia de Deus, e até mesmo quando os adverte de seus temores.³

Irmãos, precisamos sentir a verdade do inferno e a proximidade da nossa própria fuga. De outra forma, o evangelho será insípido e seremos incapazes de considerar o próximo superior a nós mesmos *em humildade* (Fp 2.3). Então, quem pregará às pessoas sobre tais coisas? Quem será capaz de amá-las o suficiente para admoestá-las com ternura e lágrimas?

NOTAS

¹ Todo pastor deveria se preocupar em nossos dias sobre o comprometimento aberto, e também com os desvios secretos, de tantos acadêmicos e líderes cristãos que professam o aniquilacionismo — a crença de que o inferno não consiste no castigo eterno e consciente, mas na cessação da existência. Tentei responder aos argumentos sobre o aniquilacionismo em *Let the Nations Be Glad: The Supremacy of God in Missions* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 2003), cap. 4 (Em português *Alegrem-se os povos*, Cultura Cristã). V. tb. Ajith Fernando, *Crucial Questions about Hell* (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1991); Larry Dixon, *The Other Side of the Good News: Confronting the Contemporary Challenges to Jesus' Teaching on Hell* (Scotland: Christian Focus, 2003); Edward William Fudge and Robert A. Peterson, *Two Views of Hell: A Biblical & Theological Dialogue* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2000); Robert A. Peterson, *Hell on Trial: The Case for Eternal Punishment* (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1995). Algumas mensagens excelentes de áudio sobre essa questão, realizadas por Sinclair Ferguson, podem ser encontradas em www.desiringGOD.org, no álbum intitulado "Universalism and the Reality of Eternal Punishment".

² *Treatise Concerning the Religious Affections*, in *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 2, ed. John E. Smith (New Haven, Conn.: Yale University Press, 1959), p. 339-40.

³ *The Works of the Rev. John Newton*, vol. 5 (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1985), p. 132.

... A ação mais poderosa e penosa da obediência radical,
começando com o remorso pelo pecado,
dever ser motivada pelo gosto que se desperta
no contentamento em Deus.

JOHN PIPER

A dor do remorso
dev[e] crescer no solo do contentamento.

JOHN PIPER

Deus e sua forma de santidade devem se tornar sua alegria
antes de você começar a chorar por não tê-los. [...]
Devemos provar do prazer de conhecer a Deus, antes de experimentar
o nobre sofrimento de origem divina do remorso pelo pecado.

JOHN PIPER

capítulo dezessete

Irmãos, conduzam as pessoas ao arrependimento mediante o prazer delas

O arrependimento é o primeiro passo espiritual na estrada do Calvário para obedecer a Jesus de maneira radical. O arrependimento compreende o remorso pelo pecado ou corrupção interior. Não se trata apenas de remorso, mas da mudança da mente e do coração em relação ao pecado e à justiça e em relação a Cristo. Consiste no afastamento das cisternas rachadas do mundo para buscar a aproximação da fonte da vida.

No entanto, parte da mudança de ideia significa o remorso pelo fracasso em amar a Deus e ser santo. Um dos grandes alvos do nosso ministério é conduzir pessoas pela estrada do Calvário em busca da obediência radical a Jesus. A razão da importância fundamental disto é ter Jesus ensinado que as pessoas verão nossas boas

obras e glorificarão o Pai que está nos céus (Mt 5.16). Se a glória de Deus é primordial na pregação, então, é essencial ter por objetivo a vida de obediência radical dedicada a Jesus. Com isso, o valor e a beleza de tudo o que Deus é para nós em Cristo se torna bem visível.

Temos a incumbência de exaltar a Deus na obediência do rebanho, pois Deus o deseja. Davi disse que esse é o motivo pelo qual Deus nos guia em justiça: “Guia-me nas veredas da justiça *por amor do seu nome*” (Sl 23.3). “*Por amor do teu nome*, conduze-me e guia-me” (Sl 31.3). Deus confirma sua glória conduzindo-nos pelos caminhos da obediência. No entanto, é nosso dever nos juntarmos a ele nesse alvo de exaltação a Deus por intermédio da pregação e do ministério. Quando o rebanho lança seus medos ao vento e se exaurem arriscando a vida e a sorte em prol da verdade divina e do amor pelas pessoas, então Deus é revelado como ele realmente é: infinitamente valioso e suficiente — tanto que seu rebanho não terá a necessidade de prazeres efêmeros propiciados pelo pecado para se sentir contente.

Por isso, pregamos a obediência radical a partir da paixão pela supremacia de Deus em nossas igrejas e nosso mundo. Sem esse tipo de obediência, a glória de Deus pouco resplandece na igreja em todos os lugares do mundo.

Agora, se o remorso pelo pecado é o primeiro passo espiritual neste caminho de amor e obediência que exaltam a Deus, a questão crucial para os pastores é: Como posso conduzir as pessoas a este lugar de remorso que produz transformação de vida e exaltação a Deus? Como posso fazer com que as pessoas confessem seus pecados?

Estou dizendo que a ação mais poderosa e penosa da obediência radical, começando com o remorso pelo pecado, deve ser motivada pelo gosto que se desperta no contentamento em Deus. E que a pregação que atíça isso deve retratar Deus como eterno e supremamente recompensador. Pode parecer paradoxal a princípio que a dor do remorso deva crescer no solo do contentamento.

Mas para que você compreenda o que estou dizendo, siga os passos da descoberta que fiz há alguns anos durante uma vigília de oração na minha igreja.

No decorrer daquela noite de oração, fui encarregado de conduzir uma das horas cujo enfoque seria o arrependimento e a contrição. Enquanto me preparava para a tarefa, fiz uma descoberta surpreendente. Recordei algumas passagens do diário de David Brainerd, um jovem que trabalhou como missionário junto às tribos americanas no século XVIII e que veio falecer aos 29 anos. A vida dele foi contada por Jonathan Edwards a partir dos relatos colhidos de seus diários.

Lembrei que David testemunhou um grande arrependimento e contrição entre os índios enquanto pregava. Em 9 de agosto de 1745, na pregação dirigida aos índios de Crossweeksung, Nova Jersey (EUA), ele fez a seguinte observação:

Muitas eram as lágrimas entre eles enquanto eu pregava publicamente; embora não houvesse nenhum clamor considerável. Porém, alguns foram realmente tocados pelas poucas palavras que lhes dirigi de maneira ponderosa, e isso fez as pessoas levantarem um clamor de almas angustiadas. No entanto, não lhes falei qualquer palavra aterrorizante; ao contrário, apresentei-lhes a plenitude e a autossuficiência dos méritos de Cristo e seu desejo de salvar todos os que se achegarem a ele; e, em seguida, eu os incitei a fazer isso sem demora.¹

E, uns dias antes, em 6 de agosto, ele escreveu: “Foi surpreendente ver como os ternos e comoventes apelos do evangelho pareciam ter penetrado no coração daquelas pessoas, quando nenhuma palavra de terror lhes era proferida”²

Em 30 de novembro, em outra pregação sobre a passagem de Lucas 16.19-26 que fala a respeito do rico e de Lázaro, ele disse:

Com poder, a Palavra de Deus impressionou muitos dos que estavam ali reunidos, especialmente enquanto pregava sobre

as bem-aventuranças de Lázaro “no seio de Abraão” (Lc 16.22). Isto, eu pude perceber, afetou-lhes muito mais que as palavras sobre a miséria e os tormentos do homem rico. Embora, tenha sido isso o que normalmente guardavam [...] em geral, todos ali pareciam mais comovidos pelas verdades confortantes da Palavra de Deus que pelas mais atrozes. E foi isso o que afligiu tantos entre eles em suas convicções; afinal, encontraram o que queriam e que não eram capazes de ter: a felicidade dos piedosos.³

Isso indica algo notável sobre a origem espiritual da verdadeira contrição evangélica — o começo de toda a obediência radical. Contudo, antes de analisarmos o significado dessa causa espiritual, iremos refletir sobre um exemplo bíblico semelhante à experiência de Brainerd com os índios.

A mesma dinâmica parece ocorrer em Lucas 5.1-10. Depois de ensinar as multidões sobre um barco no lago de Genesaré, Jesus ordenou aos pescadores que se afastassem da praia e lançassem suas redes para a pesca (v. 4). Simão protestou: “Mestre, esforçamo-nos a noite inteira e não pegamos nada. Mas, porque és tu quem está dizendo isto, vou lançar as redes”. Quando as redes foram lançadas, apanharam tantos peixes que começaram a romper-se. Os dois barcos se encheram e quase foram a pique.

A reação de Pedro foi notável, bem diferente da nossa reação moderna e orgulhosa diante da graça. Veja os versículos 8 e 9: “Quando Simão Pedro viu isso, prostrou-se aos pés de Jesus e disse: ‘Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador!’. Pois ele e todos os seus companheiros estavam perplexos com a pesca que haviam feito”. É impressionante, mas foi o milagre da graça, e não a palavra de julgamento, quebrantou o coração de Pedro e o levou ao arrependimento. E esse milagre vivido pelos pescadores da Galileia também foi vivenciado pelos índios de Crossweeksung.

Mas qual o motivo disso tudo? A verdadeira contrição evangélica — o oposto da tristeza legalista e amedrontadora proveniente de ameaças — é o sofrimento causado pela falta de santidade. Mas, sejamos cautelosos nesse momento. Você é capaz de chorar por não ter santidade, e isso pode ocorrer não porque ama a Deus e deseja desfrutar de tudo o que ele significa para você em Cristo, mas por temer o castigo imposto pela falta da santidade. Muitos criminosos chorarão quando a sentença for proferida, e não será porque passaram a amar com justiça, mas porque a liberdade para fazer mais injustiças lhes será tirada. Esse tipo de pranto não é o arrependimento evangélico verdadeiro. E também não leva ninguém à obediência cristã radical.

O único sofrimento verdadeiro pela falta de santidade provém do amor pela santidade, e não do medo das consequências de não tê-la. Para ser mais exato: o verdadeiro remorso pela falta de santidade é o remorso de não desfrutar de Deus e de viver pelos impulsos dessa alegria. Prantear o castigo que se está para receber por agir mal, não é sinal de ódio ao erro, mas somente de ódio ao sofrimento. Para que o choro e a contrição sejam verdadeiros e evangélicos, é preciso que tenham origem no sentimento de desolação diante da carência da vida desprovida da alegria em Deus, e não apenas do temor de estar sob o risco da dor.

Pense agora no que isto significa. Esta foi a descoberta surpreendente que fiz enquanto me preparava naquela vigília de oração. Se chorar por algo que não temos demonstrará sua preciosidade, então temos de sentir algum prazer nisso. E quanto mais nos deleitamos nele, mais nos sentiremos aflitos por não tê-lo. Isto significa que a verdadeira contrição evangélica e o verdadeiro arrependimento só virão depois do despertamento do nosso amor pelo Deus que tudo satisfaz. Prantear a falta de santidade requer almejá-la como experiência preciosa e reflexo de Deus. Para prantear o fato de não possuí-la teremos de ser atraídos pelo o que ela realmente representa.

Você consegue perceber o quanto isto soa estranho, a princípio? Deus e sua forma de santidade devem se tornar sua alegria antes de você começar a chorar por não tê-los. Precisamos aprender a amar antes de o distanciamento começar de fato a doer. Devemos provar do prazer de conhecer a Deus, antes de experimentar o nobre sofrimento de origem divina do remorso pelo pecado.

Refleta, agora, no significado disso para a pregação. Que tipo de pregação é necessária para produzir o arrependimento correspondente de fato ao evangelho? Brainerd descobriu que as palavras agradavelmente atraentes causaram maior quebrantamento entre os índios que as palavras de admoestação. A admoestação serve para nos incitar a levar a sério as glórias da santidade e do céu para que sejamos capazes de enxergá-las como realmente são e nos deleitarmos nelas. É justamente esse deleite que provoca o verdadeiro pesar quando caímos. Ninguém chora pelo que não deseja ter.

Pedro viu no milagre de Jesus um tesouro de esperança e alegria tão maravilhoso que ficou devastado diante da perspectiva de como sua vida estava fora de sincronia com tudo isso: “Se de fato houver todo esse poder e toda essa bondade em Jesus, dispensados a quem crer nele... Ah! Como minha vida será diferente se eu realmente crer. Como será radical minha obediência! Que sensação agradável de abandono terei vivendo com esse Cristo! E ainda desfrutarei do livramento das queixas medíocres e dos prazeres efêmeros!”.

Deste modo, minha descoberta consistiu-se em saber que o remorso, a contrição e o arrependimento verdadeiros nascem do amor gerado em relação a tudo o que Deus significa para nós em Jesus. Enquanto ele não se tornar o nosso tesouro, jamais sentiremos pesar nos momentos em que falharmos em buscar nossa satisfação nele e em começar a viver de maneira que mostre esse contentamento.

Por isso, a pregação que almeja produzir remorso e contrição verdadeiros segundo o evangelho deve se consagrar em tornar Deus e sua santidade fascinantes e atraentes — que satisfazem tudo; que pela graça da regeneração e iluminação, as pessoas aprendam a amar intensamente essa verdade de modo que sintam remorso profundo ao se desviarem dela. Resumindo, é nosso dever pregar sobre a alegria na glória de Deus se quisermos provocar o verdadeiro pesar diante de sua carência. O arrependimento segundo o evangelho se ampara na atraente perspectiva da santidade de Deus. Esse é o motivo que me leva a dizer: irmãos, conduzam as pessoas ao arrependimento mediante o prazer delas.

NOTAS

¹ Jonathan Edwards, *The Life of David Brainerd*, ed. by Norman Pettit, *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 7 (New Haven, Conn.: Yale University Press, 1985), p. 310. Para uma versão mais acessível do diário de Brainerd, v. *The Life and Diary of David Brainerd, by Jonathan Edwards with a Biographical Sketch of the Life and Work of Jonathan Edwards* by Philip E. Howard Jr. (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1989). [Publicado em português com o título: *A vida de David Brainerd* (São José dos Campos: Fiel, 2005).]

² Edwards, *The Life of David Brainerd*, p. 307

³ Ibid., p. 342.

Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado...

ATOS 2.38

... quando vocês foram sepultados com ele no batismo,
e com ele foram ressuscitados mediante a fé no poder de Deus
que o ressuscitou dentre os mortos.

COLOSSENSES 2.12

Batismo [...] que agora também salva vocês —
não a remoção da sujeira do corpo,
mas o compromisso de uma boa consciência diante de Deus —
por meio da ressurreição de Jesus Cristo.

1 PEDRO 3.21

Ninguém mais ensinará o seu próximo, nem o seu irmão, dizendo:
'Conheça o Senhor', porque todos eles me conhecerão,
desde o menor até ao maior.

HEBREUS 8.11

capítulo dezoito

Irmãos, exaltem o significado do batismo

Lembro-me de um lindo dia de 1973. O professor Leonhard Goppelt convidou os participantes de seu seminário acadêmico sobre o batismo para um retiro no sul de Munique, nas colinas dos Alpes da Bavária. Ele era luterano e eu, o único americano e batista. Reunindo-nos em um monastério, passamos várias horas debatendo sobre a questão do batismo infantil *versus* o batismo cristão.¹ Aquilo foi um *show* à parte, semelhante ao caso de Davi e Golias. Só que não havia israelitas batistas torcendo por mim. Tampouco o professor Goppelt foi derrubado. Mas até hoje acredito que a trajetória das minhas pedras tenha sido verdadeira e só não atingiu o alvo por causa do poder impenetrável da tradição do século XVII que protegeu o bastião do pedobatismo.

Sei que parte dos leitores deste livro é formada por não batistas. E fico feliz por isso. Não tenho qualquer intenção de ser contencioso. A maioria dos meus heróis, já falecidos, batizava crianças. Não costumo promover o tempo ou a forma de batismo em doutrina primária. Antes de dar continuidade à minha história, acho que seria útil traçar um parâmetro de nossas diferenças.

Por exemplo, veja-se a *Confissão de fé de Westminster* pela qual tenho profunda admiração como declaração magnífica de verdades muitíssimo preciosas para mim. Existem duas características particulares do batismo nesse documento que o distinguem da compreensão batista. Elas são encontradas nas afirmações do capítulo XXVIII.III: "... o batismo é corretamente administrado por efusão e aspersão".² "... os filhos de pais crentes (ainda que só um deles o seja) devem ser batizados"(XXVIII.IV).³

A primeira característica, referente ao modo de sua realização, poderia levar muitos de nós a definir o batismo como "a imersão do crente na água em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". Sendo uma verdade, isso implicaria que a *Confissão de fé de Westminster* se equivoca ao afirmar: "O batismo é corretamente administrado por efusão e aspersão". Em meu entendimento, o termo "corretamente" significa de forma "devida", "adequada" e "apropriada"; o que sugere que os batistas podem definir efusão e aspersão como "incorretos", "inadequados" e "inapropriados". Desse modo, muitos poderiam deduzir que a pessoa deve ser adequada, apropriada e devidamente (ou seja, corretamente) batizada.

Por sua vez, a segunda particularidade da visão de Westminster encontra-se na afirmação de que os filhos menores de pais crentes "*devem ser batizados*" (XXVIII.IV). Os batistas diriam o contrário: "Crianças *não* devem ser batizadas". Batizá-las contrariaria nossa definição de batismo como "imersão do *crente* na água". Portanto, os batistas, mais uma vez, considerariam a *Confissão de fé de Westminster* equivocada neste ponto.

Não é necessário prosseguir com o assunto ou dizer que esse equívoco é repreensível ou sinal de cegueira voluntariosa. Na verdade, podemos até respeitar os argumentos históricos e teológicos da administração do “sinal da aliança” nos filhos dos crentes, entendendo isso como um esforço para honrar a Deus e perceber a unidade entre o povo da Antiga e o da Nova Aliança. Portanto, não precisamos considerar os defensores dessa visão com desconfiança moral ou espiritual. Em geral, cada um de nós possui um ponto fraco que logo é percebido pelos outros antes mesmo de nos darmos conta dele; além disso, alguns deles se devem principalmente a fatores circunstanciais e não apenas às atitudes obstinadas ou recalcitrantes em relação a Deus e às Escrituras.

Por isso, quando partilhamos verdades essenciais, profundas e maravilhosas com os irmãos presbiterianos/reformados, podemos buscar companheirismo e alianças na adoração e ministério. Em cada situação, os participantes chegarão ao entendimento sobre como a questão do batismo será tratada para não comprometer a consciência de ninguém.

Agora, voltando à minha história:

Com o tempo conclui que minha pequena “batalha da Bavária” foi travada de maneira equivocada. Desde minha chegada à Bethlehem Baptist Church [Igreja Batista Belém] de Minneapolis, em 1980, lecionei mais aulas sobre a condição de membro do que eu posso contar. Com frequência, tínhamos a presença de luteranos, católicos, presbiterianos que haviam sido, por assim dizer, “batizados” (tente não se sentir ofendido com as aspas) na infância, e que desejavam ingressar em nossa igreja. Aos poucos, minha compreensão do motivo que me levou a abraçar o batismo cristão tem ficado mais apurada. E agora, sou capaz de perceber que jamais havia chegado à raiz disso na Bavária.

Veja a evolução do meu pensamento. Houve três fases — não muito diferentes da infância, adolescência, e (espero) maturidade.

Primeiro, entendi que todos os batismos relatados na Bíblia tratavam de batismos de pessoas que professavam fé em Cristo. Em nenhum lugar das Escrituras encontraremos uma criança sendo batizada. Os batismos “familiares” (mencionados em At 16.15,33 e 1 Co 1.16) podem constituir exceções desde que se presuma a existência de crianças nessas casas. Mas, na verdade, Lucas afasta essa hipótese; por exemplo, no caso do carcereiro de Filipos (At 16.32), ele diz que Paulo e Silas “pregaram a palavra de Deus [...] a todos os de sua casa” e, somente depois os batizou. Aparentemente, essa é a forma usada por Lucas para mostrar que a pessoa precisa ouvir e crer na “Palavra de Deus” a fim de ser batizada. Isso é tão plausível quanto a suposição de que se omitiu a presença de crianças na casa do carcereiro.

Além da ausência do batismo infantil nas Escrituras e a indicação lucana de ouvir a Palavra de Deus como pré-requisito do batismo, pude perceber (como toda criança batista na fase escolar bem sabe) que a ordem do mandamento de Pedro era: “*Arrependam-se*, e cada um de vocês seja batizado” (At 2.38). E não há motivos para isto passar despercebido.

Mas, pouco a pouco, fui percebendo que estas observações eram apenas sugestivas e não concludentes. O fato de não haver relatos sobre batismos infantis não prova sua inexistência. E Pedro ordenar: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado”, ao público adulto não descarta a possibilidade de que pudesse ter dito algo diferente sobre os filhos dos crentes. Com isso, avancei para a segunda etapa do meu crescimento e decidi: “Está na hora de deixar os exemplos de batismo de lado e me aprofundar no ensinamento do batismo propriamente dito, e com isso amadurecer meus argumentos a favor do batismo cristão”. Talvez o significado da narrativa lucana pudesse ser esclarecido como Paulo e Pedro discorrem sobre o assunto.

Naturalmente, recordei-me da passagem de Romanos 6.1-11: “Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em

Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte? Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (v. 3,4). Essa era a arma favorita do professor Goppelt, pois só veremos uma palavra de fé ou qualquer reação consciente em relação a Deus no versículo 11; e essa reação só ocorre *após* o batismo. Por isso, Romanos 6 lhe serviu para defender que o significado *essencial* do batismo não envolve fé anterior. Acho que a maioria concordará que este texto não é determinante para nenhum destes pontos de vista, exceto pelo fato de apontar para a imersão como costume comumente adotado pela igreja primitiva (fomos sepultados com ele pelo batismo).

No entanto, em minha opinião, Colossenses 2.12 e 1Pedro 3.21 são aparentemente um sério problema para a visão pedobatista. Paulo compara o batismo com a circuncisão (provavelmente) e, em seguida, afirma: “... quando vocês foram sepultados com ele no batismo, e com ele foram ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos”. Ou seja, ele diz claramente que *no batismo*, nós somos salvos *por meio da fé*. Portanto, Paulo parece afirmar que o batismo é a manifestação do batizando. Contudo, não consigo imaginar como uma criança pode assimilar essa ordenança como manifestação de sua fé.

Por sua vez, 1Pedro 3.21 diz: “Batismo [...] que agora também salva vocês — não a remoção da sujeira do corpo, mas o compromisso de uma boa consciência diante de Deus — por meio da ressurreição de Jesus Cristo”. Esse texto causa espanto em muitos batistas, pois aparentemente se assemelha ao conceito católico romano de que o rito, por si só, salva (regeneração batismal). Mas quando desviamos deste texto, somos capazes de lançar fora todo argumento eficaz em favor do batismo cristão. Pois, como James Dunn costuma afirmar: “1Pedro 3.21 é a abordagem mais próxima da definição do batismo apresentada pelo NT”.⁴

Conforme Pedro mesmo afirmou, o batismo é “uma súplica” a Deus” (NVI: nota de rodapé). Ou seja, o batismo é um clamor de fé a Deus. *Nesse* sentido e por esse ângulo, ele faz parte dos planos de Deus para a salvação.⁵ Essa passagem não deveria nos causar mais medo que a frase: “Pois com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para salvação” (Rm 10.10). O movimento dos lábios no ar e o movimento do corpo na água salvam somente no sentido de manifestar o único ato legítimo, isto é, a fé. (Rm 3.28). O batismo é a súplica exterior da fé a Deus no coração.

Por isso, tive a impressão de que Colossenses 2.12 e 1Pedro 3.21 foram concludentes sobre o batismo de crianças por serem incapazes de crer em Cristo ou de clamar a Deus.

Mas foi nesse exato momento que minha “batalha Bavária” teve fim. Daí em diante, uma longa sucessão de argumentos em minhas aulas sobre a condição de membro da igreja me mostrou inclusive que esses textos apontam para a remota possibilidade de que crianças possam ser batizadas por causa da fé de seus pais e da esperança da “confirmação futura” pessoal. O argumento afirma ser possível que as passagens de Colossenses e 1Pedro sejam relevantes apenas para o ambiente missionário em que adultos são convertidos e batizados. Se Paulo e Pedro tratassem a questão das crianças nascidas em lares cristãos, talvez se assemelhassem a bons presbiterianos.

Eu duvido. Pois agora, temos a terceira etapa de raciocínio a favor do batismo cristão. E temos uma resposta bíblica e batista bastante significativa para a Pergunta 74 do *Catecismo de Heidelberg* sobre a necessidade de batizar crianças ou não. O *Catecismo* responde:

Sim. Estas pertencem igualmente, tais como os adultos, à Aliança de Deus e à sua igreja e também promete-se a elas, não menos que aos adultos, a redenção dos pecados pelo sangue de Cristo

e o Espírito Santo, que opera a fé. Por esta razão também as crianças devem ser incorporadas à igreja cristã e distinguidas dos filhos dos incrédulos através do Batismo, como sinal da Aliança, da mesma forma que isto acontecia sob a Antiga Aliança pela circuncisão, que foi instituída pelo batismo sob a Nova Aliança.⁶

Em outras palavras, a justificativa do batismo infantil nas igrejas reformadas se sustenta no fato de o batismo ter se tornado o correspondente neotestamentário da circuncisão.

De fato, existe uma importante continuidade entre os sinais da circuncisão e do batismo, mas os representantes presbiterianos da teologia reformada, aparentemente, subestimaram a *descontinuidade*. Esta é a principal diferença entre batistas e presbiterianos em relação ao batismo. Sou batista por acreditar que nesse nível, honramos tanto a continuidade quanto a descontinuidade entre Israel e a igreja e entre seus sinais da aliança.

A continuidade se manifesta da seguinte forma: como a circuncisão foi administrada a todos os descendentes físicos de Abraão, que formavam o povo físico de Israel, o batismo deve ser administrado a todos os filhos espirituais de Abraão, que constituem o Israel espiritual: a igreja. Reflita sobre a diferença entre o povo de Deus da “antiga aliança” e o povo de Deus da “nova aliança” de acordo com a descrição de Jeremias e do autor de Hebreus. Ambos os escritores bíblicos afirmam que sob a nova aliança, ninguém precisará olhar para os outros membros da aliança e dizer: “Conheça o Senhor” pois, para ser membro da aliança *é necessário* conhecer o Senhor.⁷ Isto sugere que a inclusão como membro do povo de Deus sob a antiga aliança ocorria mediante o nascimento físico, ao passo que a inclusão como membro do povo de Deus sob a nova aliança se dá pelo nascimento espiritual. Portanto, tem-se a impressão de que o sinal da aliança refletiria essa mudança e seria administrado a quem dá provas concretas do nascimento espiritual.⁸

Mas quem são os filhos espirituais de Abraão que constituem o povo de Deus em nossos dias? Gálatas 3.7 ensina: “Estejam certos, portanto, de que os que são da fé, estes é que são filhos de Abraão”. A novidade, desde a vinda de Jesus, é que o povo da aliança divina não é mais uma nação política, étnica, mas um conjunto de crentes.

João Batista deu início a esta mudança e introduziu o novo sinal: o batismo. Conclamando todos os judeus para *se* arrependerem e serem batizados, João declarou firme e ousadamente que a descendência física não garantia a ninguém lugar na família de Deus; e a circuncisão — sinal do relacionamento físico — seria, portanto, substituída pelo batismo, cujo significado é o relacionamento espiritual. O apóstolo Paulo faz uso dessa nova ênfase, especialmente em Romanos 9, e diz: “Nem por serem descendentes de Abraão passaram todos a ser filhos de Abraão. [...] Noutras palavras, não são os filhos naturais que são filhos de Deus” (v. 7,8).

Como resultado, uma importante mudança ocorreu na história da redenção. E nela percebe-se tanto a descontinuidade quanto a continuidade.

Calvino e alguns de seus discípulos tratam os sinais da aliança como se nenhuma mudança significativa tivesse ocorrido com a vinda de Cristo. Mas Deus forma seu povo hoje de maneira diferente de quando lidava com o povo étnico chamado Israel. O povo visível de Deus não é mais constituído pelo nascimento natural, mas pelo novo nascimento e sua expressão por meio da fé em Cristo.

Com a vinda de João Batista, Jesus e os apóstolos, a ênfase de hoje se encontra no fato de que a condição espiritual de nossos pais não determina mais o direito de entrar no rol de membros da comunidade da aliança. Os beneficiários das bênçãos de Abraão são os que possuem a mesma *fé* de Abraão. Estes, sim, pertencem à comunidade da aliança.

E eles deverão receber o sinal dessa aliança: o batismo cristão. Por isso, se fosse possível voltar no tempo e retomar minha batalha na Bavária, eu buscaria, de imediato, a raiz do problema. Ou seja, onde nossa “defesa e confirmação” sairão vencedoras ou perdedoras. Mas o Senhor nos conduz através da infância, adolescência e idade adulta por uma razão. Cada fase de raciocínio é importante. Irmãos, conheçam seu povo e exaltem o significado do batismo.

Por que me demorei tanto sobre este assunto? Porque, em minha opinião, muitos pastores, evitando criar polêmica sobre a questão, acabam por negligenciá-la quase totalmente e não convidam as pessoas ao “arrependimento e batismo”. O que faço aqui é tentar elaborar uma defesa equilibrada e racional da visão do batismo no contexto dos relacionamentos respeitosos e amigáveis com pessoas que têm opiniões opostas às nossas. Acredito que seja necessário ensinar aos irmãos o significado do batismo e a obediência à ordenança do Senhor de batizar os convertidos (Mt 28.19), sem enaltecer uma doutrina a outra, o que nos impediria indevidamente de comungar da adoração e ministério com aqueles que já compartilham coisas mais importantes conosco.

NOTAS

¹ Pode parecer um tanto estranho dizer “batismo cristão” no lugar de “batismo do cristão”. No entanto, costumo empregar esse termo já que Paul Jewett defende isso muito bem quando afirma: “Em rigor, acho que se deve escrever “batismo cristão” sem o “do” pois se refere ao batismo administrado aos cristãos, como o “batismo infantil” se refere ao batismo de crianças. Por isso, preferimos empregar “batismo cristão” a “batismo do cristão” neste estudo. Paul Jewett, *Infant Baptism and the Covenant of Grace* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing., 1978), p. 226

² São Paulo: Cultura Cristã, 2001, 17 ed., p. 212.

³ Ibid. p. 212.

⁴ *Baptism in the Holy Spirit* (London: SCM Press Ltd., 1970), p. 219

⁵ “Agora, o batismo pode lhe salvar — não pela cerimônia física exterior de batismo, mas por meio da realidade espiritual que o batismo representa”. Wayne

Grudem, *1 Peter*, Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans; Leicester, England: Inter-Varsity Press, 1988), p. 163. Para ler uma excelente defesa do batismo cristão, v. Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan; Leicester, England: Inter-Varsity Press, 1994), p. 966-84. [Lançado em português com o título *Teologia sistemática* (São Paulo: Vida Nova, 2003).]

⁶ *Hinário*: hinos, salmos, confissões e formas das Igrejas Evangélicas Reformadas no Brasil (Jongbloed [Holanda]: IERB, 1998), p. 727.

⁷ Hebreus 8.11 (Jr 31.34): “Ninguém mais ensinará o seu próximo, nem o seu irmão, dizendo: ‘Conheça o Senhor’, porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior”.

⁸ Quero expressar minha gratidão a meu assistente, Justin Taylor, por me ajudar a compreender e elaborar esta percepção em particular.

Se provas de fogo tiverdes que passar,
Tereis sua graça a vos amparar.
A chama não pode o fiel consumir,
Mas queima a escória e o ouro faz surgir.
“QUE FIRME ALICERCE”

É meu pai, de coração bondoso, que me supre tudo em seu amor.
Viva alegre ou em sofrer penoso, dá-me paz e alento o meu Senhor.
“DIA A DIA” — HCC 182 — (CAROLINE VILHELMINA SANDELL-BERG)

Não julgue o Senhor com débil entendimento, mas confie nele
para sua graça. Por trás de uma providência carrancuda,
Ele oculta uma face sorridente. Seus propósitos amadurecerão
rapidamente, desvendo-se a cada hora; o botão pode ter um
gosto amargo, mas a flor será doce.
“GOD MOVES IN A MYSTERIOUS WAY” — (WILLIAM COWPER)

capítulo dezenove

Irmãos, nossa aflição serve para o conforto deles

Os pastores e o rebanho devem sofrer. “É necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus” (At 14.22). “Vocês sabem muito bem que fomos designados para isso” (1Ts 3.3). “Pois o Senhor disciplina a quem ama, e castiga *todo aquele* a quem aceita como filho” (Hb 12.6).

As aflições sofridas pela família de Deus procedem do Pai celeste para o nosso bem. Em 1865, Caroline Vilhelmina Sandell-Berg compôs o hino “Dia a Dia” empregando palavras profundamente bíblicas a respeito da soberania divina diante das nossas tribulações diárias.

É meu pai, de coração bondoso,
que me supre tudo em seu amor.

Viva alegre ou em sofrer penoso,
dá-me paz e alento o meu Senhor.¹

Esta é uma percepção bíblica bastante clara. Jó e Paulo têm isso em comum: Enquanto sofriam os ataques de Satanás, ambos sentiam a mão de *Deus*. Basicamente, todas aquelas investidas provinham do Senhor, e eles sabiam disso.

O Senhor disse a Satanás: “Pois bem, tudo o que ele possui está nas suas mãos” (Jó 1.12). Mas diante de todo infortúnio, Jó respondeu: “O SENHOR o deu, o SENHOR o levou; louvado seja o nome do SENHOR” (1.21). No segundo momento, o Senhor disse a Satanás: “Pois bem, ele está nas suas mãos; apenas poupe a vida dele” (2.6). E enquanto padecia daquela enfermidade atroz, sua mulher lhe pediu que amaldiçoasse a Deus; e, sua resposta foi: “Aceitaremos o bem dado por Deus, e não o mal?” (2.10). O autor do livro de Jó, por inspiração, ainda acrescenta: “Em tudo isso Jó não pecou com seus lábios”.

Mesmo que Satanás seja, algumas vezes, envolvido em nossas aflições como causador principal, não é pecado ver Deus como a causa mais remota, primária e fundamental. O designo de Satanás é a destruição da fé (Jó 2.5; 1Ts 3.5), mas o designo de Deus é a cura profunda da alma; como o hino “Que firme alicerce” declara tão ousadamente:

Se provas de fogo tiverdes que passar,
tereis sua graça a vos amparar.
A chama não pode o fiel consumir,
mas queima a escória e o ouro faz surgir.²

Assim como Jó, Paulo reconheceu o seu espinho na carne como um “mensageiro de Satanás” (2Co 12.7), mas designado *por Deus* para um propósito maior: “para impedir que eu me exaltasse” [fosse presunçoso].

Satanás não detém controle total do mundo, e muito menos da família de Deus. Portanto, na luta contra o sofrimento, afirmar

“Isso é de Satanás e não de Deus” nunca proporcionará conforto suficiente. O único conforto verdadeiro será propiciado pelo reconhecimento de que o Deus todo-poderoso realiza todas as coisas. Ele é infinitamente sábio e amoroso para quem confia nele. William Cowper, que conhecia a obscuridade da depressão, expressou-se a respeito no poema: “Deus se move de maneira misteriosa”:

Não julgue o Senhor com débil entendimento,
Mas confie nele para sua graça.
Por trás de uma providência carrancuda,
Ele oculta uma face sorridente.
Seus propósitos amadurecerão rapidamente,
Desvendo-se a cada hora;
O botão pode ter um gosto amargo,
Mas a flor será doce.

Deus deixou bem claro para nós os propósitos que levam um pastor ao sofrimento. Paulo nos diz em 2Coríntios 1.6: “Se somos atribulados, é para consolação e salvação de vocês”. Um sermão sobre este texto teria como enfoque principal, que: “As aflições do ministro cristão são designadas por Deus para estabelecer o consolo e a salvação do rebanho”.

Quando Paulo diz aos Coríntios que suas atribulações são para o consolo e salvação de cada um deles, ele sugere a existência de desígnio e propósito para o sofrimento. Mas de quem seriam esses desígnios e propósitos? Afinal, ele não planejava as próprias aflições. E Satanás, certamente, não as designou para servir de consolo ou para a salvação da igreja. Por isso, Paulo afirma que Deus planeja e propõe as aflições pastorais para o bem da igreja.

Deus ordenou os sofrimentos de Cristo para a redenção da igreja (At 2.23; 4.27,28), e ordenou o sofrimento dos ministros cristãos para a aplicação dessa redenção. “Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês, e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja” (Cl 1.24). As aflições de Cristo não carecem de valor expiatório. O que lhes

falta é a entrega pessoal sob a forma de sofrimento humano das pessoas pelas quais ele morreu. E é isto o que pastores e missionários “completarão”.

É possível perceber a sobriedade deste pensamento, e também o quanto é reconfortante. Por um lado, revela que o tecido da vida do pastor será entrelaçado com fios escuros da dor. E por outro, afirma que todas as aflições pelas quais deverá passar não só lhe favorecerão como também a todo o rebanho. Nosso sofrimento não é vão, Deus jamais desperdiça a graça do sofrimento (Fp 1.29), concedida a seus ministros que tão bem conhece. E seu propósito é o consolo e a salvação do nosso povo.

Nenhum sofrimento pastoral é destituído de sentido. Nenhuma dor pastoral é inútil. Nenhuma adversidade é absurda ou sem propósito. Todo pesar recebe alvo divino na consolação dos santos, mesmo quando nos sentimos menos úteis.

Como o sofrimento do pastor converte-se no consolo e salvação do rebanho? O contexto das palavras de Paulo sugere o seguinte cenário: as circunstâncias conspiram para esmagar o ânimo pastoral, seja a debilitação da sua saúde, a perda de um ente querido, a traição de um amigo, a falta de receptividade das pessoas, a calúnia, o cansaço, as ameaças pessoais ou o excesso de trabalho. As coisas se agravam de tal maneira que o desespero passa a controlá-lo. Ele suplica: “Por quê?”. A resposta surge de 2Coríntios 1.9: “Para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos”. Se, pela graça, atravessarmos tudo isso, mesmo com a fé do tamanho de um grão de mostarda na bondade soberana de Deus, descobriremos um conforto indescritível.

O principal desígnio de Deus em relação a todos os nossos problemas é a possibilidade de abandonar a autoconfiança. Quando a perdemos, somos confrontados com a sensação temporária de derrota. Mas pela fé na misericórdia divina, nós nos reerguemos muito mais seguros nos braços do Pai. E ele tem o controle absoluto sobre vida e morte.

Mas fomos restabelecidos dessa situação tão devastadora incondicionalmente? Não. “Se somos atribulados, é para consolação e salvação de vocês”. Agora, como 2Coríntios 1.4 afirma: “Para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações”. Só uma coisa nos conforta no final: “Deus, que ressuscita os mortos”.

Todas as aflições pastorais são graciosamente concebidas para nos tornar confiantes em Deus e não em nós mesmos. Como consequência, elas nos prepararam para suprir a maior necessidade dos nossos irmãos: desviar os olhos deles de sobre nós e dirigí-los o olhar para o Deus todo-suficiente. Somente nisto há consolo e salvação. Portanto, “se somos atribulados, é para consolação e salvação de vocês”.

Pelo menos duas outras vezes em 2Coríntios, Paulo apresenta esta mensagem tão sensata. No capítulo 4, versículos 8 a 12, ele descreve suas misérias ministeriais e as interpreta dizendo: “De todos os lados somos pressionados [...] Trazemos sempre em nosso corpo o morrer de Jesus, para que a vida de Jesus também seja revelada em nosso corpo. Pois nós, que estamos vivos, somos sempre entregues à morte por amor a Jesus, para que a sua vida também se manifeste em nosso corpo mortal. *De modo que em nós atua a morte; mas em vocês, a vida*”. Essa é outra maneira de dizer: “Se somos atribulados, é para consolação e salvação de vocês”.

Quando Paulo suporta fraquezas, afrontas, necessidades, perseguições, angústias e as aceita como intervenção terapêutica de Deus, o poder de Cristo aperfeiçoado na vida dele (2Co 12.7-10). Considerando-se, portanto, que é o poder de Cristo, e não de Paulo, que promove a vida na igreja, podemos compreender por que ele disse: “De modo que em nós atua a morte; mas em vocês, a vida” (2Co 4.12). A fraqueza e a aflição de Paulo ministram vida à igreja. Assim devem ser as nossas.

Por fim, Paulo nos faz recordar que este é o padrão de Cristo: ele trouxe vida à igreja por meio da fraqueza e da aflição, e seus

ministros também devem fazê-lo. “Pois, na verdade, foi crucificado em fraqueza, mas vive pelo poder de Deus. Da mesma forma, somos fracos nele, mas, pelo poder de Deus, viveremos com ele para servir vocês” (2Co 13.4).

Esta é uma frase complicada, mas acho que significa: A vida do ministro de Cristo compartilha todas as fraquezas (e mais) que trouxeram Cristo à cruz — “Da mesma forma, somos fracos nele”. Mas, na nossa fraqueza o poder de Deus triunfa de duas maneiras: 1. Passamos a compartilhar a vida ressurreta de Cristo e seu triunfo sobre a morte — “pelo poder de Deus, viveremos com ele”; 2. E amamos e servimos a Igreja neste poder debilitado — “mas, pelo poder de Deus, viveremos com ele para servir vocês”. A ideia principal é repetida em 2Coríntios 13.9: “Ficamos alegres sempre que estamos fracos e vocês estão fortes”.

O pastor cristão não espera confortar ou salvar seu povo, exceto quando seguem o Caminho do Calvário. “Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos” (2Co 8.9). Desse modo, Paulo descreve a si mesmo como um pobre que enriquece a muitos (2Co 6.10). Pobres, para que nosso povo possa ser rico. Fracos, para que eles sejam fortes. Atribulados, para o conforto e a salvação deles.

Mas veja lá: nem um suspiro de autopiedade. Pois não há nada que desejamos mais do que “conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a *participação em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte* para, de alguma forma, alcançar a ressurreição dentre os mortos” (Fp 3.10,11).

Sabemos que há maior felicidade em dar do que em receber (At 20.35). Assim, apesar de todas as idealizações ingênuas e românticas, o pastor cristão deve se unir a Paulo e declarar: “Sinto-me bastante encorajado; minha alegria transborda em todas as tribulações” (2Co 7.4). No entanto, “se somos atribulados, é para consolação e salvação de vocês” (2Co 1.6).

NOTAS

¹ Hino nº. 182 do *Hinário para o culto cristão* (Rio de Janeiro: JUERP, 1992) [N. do R.].

² Esta tradução do original inglês *How Firm a Foundation* encontra-se no site CyberHymnal <<http://www.cyberhymnal.org/non/pt/quefirme.htm>> [N. do R.].

O formalismo é uma ameaça real.
Mas o perigo proveniente da espontaneidade
também pode repercutir em grandes proporções.
Sem paixão, o coração se torna inânime,
detentor de uma espontaneidade totalmente artificial.
Contudo, se o coração estiver em chamas, nenhuma
forma pré-estabelecida poderá lhe conter.
JOHN PIPER

Não existe, necessariamente,
contradição entre forma e fogo.
JOHN PIPER

capítulo vinte

Irmãos, deixem o rio se aprofundar

Sempre tive a impressão de que as obras do renomado estudioso britânico do Novo Testamento, Frederick F. Bruce, eram desnecessariamente irrelevantes. Lendo suas memórias, *In Retrospect* [Em retrospecto], descobri um dos motivos. Nela, ele fez a seguinte afirmação: “Não gosto de falar, principalmente em público, sobre coisas que significam muito para mim”.¹ Quando alguém exclui o que valoriza de suas obras e conversas, a esterilidade se instala. Quanto a mim, eu diria o oposto: “Não gosto de falar, principalmente em público, sobre coisas que *não* significam nada para mim”.

Ergue-se, portanto, uma questão bem maior que a relativa transparência da alma. A questão referente ao modo como nossas emoções mais profundas podem ser manifestadas em público. Qual

o lugar que a espontaneidade e a forma ocupam na expressão das paixões do coração? Ao contrário de Bruce, eu via isso como um problema a ser resolvido. E esse foi o motivo que me incitou a deixar de ensinar na faculdade para pregar na igreja. Acredito que a paixão ocupe espaço considerável na vida do pregador. Talvez, minhas profundas reflexões sobre como Jeremias lidava com as próprias emoções no livro de Lamentações possam responder também às perguntas de sua alma.

Pretendo fazer duas observações sobre “Lamentações de Jeremias” e extrair algumas implicações para o uso da espontaneidade e da forma na expressão das “coisas que mais significam para nós”.

Em primeiro lugar, o texto de Lamentações é uma obra profundamente emocional. Jeremias escreveu a respeito do que mais prezava, e escreveu em agonia, sentindo-se transtornado diante da ruína de Jerusalém. Nele encontramos choro (1.2); desolação (1.4), escarnecimento (1.7), gemidos (1.8), fome (1.11), tristeza (2.11), e a terrível perda da compaixão quando mães fizeram dos próprios filhos seu alimento (2.20; 4.10). Se houve intensidade e fervor na expressão da paixão de um coração nesse mundo, certamente isso ocorreu em Lamentações.

A segunda observação é surpreendente: aparentemente, trata-se da redação mais formal de todos os livros do Antigo Testamento. Dos cinco capítulos, o primeiro, o segundo e o quarto foram divididos em 22 estrofes (o número de letras do alfabeto hebraico), iniciadas por uma das letras do alfabeto. Os três foram escritos em forma de acróstico. O capítulo 3 segue uma estrutura ainda mais rígida. Além de respeitar a composição das 22 estrofes, desta vez, todas elas são formadas por apenas três versos iniciados pela mesma letra do alfabeto. As estrofes seguem a ordem alfabética. O capítulo 5 é o único que não acompanha o estilo acróstico. Mesmo assim, manteve a formação de 22 versos em conformidade com o padrão acróstico dos capítulos de 1 a 4.

Mas qual a implicação destas duas observações? Primeiro, pressupõe-se que a espontaneidade *não* seja obrigatória para que as emoções mais profundas sejam reveladas de maneira genuína e sincera. Imagine toda a atividade mental envolvida na escolha das palavras certas para a composição de quatro acrósticos alfabéticos! Quantas restrições, obstáculos e submissão à forma! No entanto, quanta paixão, energia e emoção! Não existe, necessariamente, contradição entre forma e fogo.

Dentre todos os capítulos de Lamentações, o de número 3 possui o caráter mais pessoal e intenso. Nele transbordam as referências à primeira pessoa do singular: “Lembro-me da *minha* aflição e do *meu* delírio, da *minha* amargura e do *meu* pesar” (3.19). Nele, o auge da esperança é alcançado: “Grande é a sua fidelidade!” (3.23). E é nele também que o autor se submete à forma mais rigorosa de todo o livro.

Depois de ler Lamentações, torna-se impossível acreditar que as orações instintivas são mais poderosas, verdadeiras, apaixonadas, sinceras, genuínas ou vivazes que as orações (dolorosas?), sinceras e ponderadamente derramadas de acordo com a forma estruturada. O formalismo é uma ameaça real. Orações e sermões lidos diretamente do manuscrito são, por via de regra, artificiais, truncados e forçados. Mas o perigo proveniente da espontaneidade também pode repercutir em grandes proporções. Sem paixão, o coração se torna inânime, detentor de uma espontaneidade totalmente artificial. Contudo, se o coração estiver em chamas, nenhuma forma pré-estabelecida poderá lhe conter.

Como a espontaneidade não é só uma vantagem desnecessária, e a forma apenas um obstáculo para a expressão dos sentimentos íntimos mais profundos de alguém, o sentimento moldado, com frequência, pode causar muita comoção. Comoção diante da realidade, comoção aos ouvintes. A tristeza moldada, quando não se manifesta com soluços incontroláveis, pode possuir profundidade peculiar.

Imagine a reação do homem diante da notícia de que sua esposa e filhos foram capturados pelo inimigo e depois brutalmente assassinados. Ele se lança ao chão, grita atormentado, rasga as próprias roupas e cobre a cabeça com cinzas, até ver a força culminar no deplorável “Não, não, não”. Essa é uma atitude cheia de espontaneidade, emoções verdadeiras e desprovida de esquemas premeditados, de restrições conscientes.

Considere, porém, que uma semana depois, quando as celebrações fúnebres se encerrarem e os amigos partirem, esse mesmo homem se encontrará sozinho diante de todo o fardo da perda. O sofrimento excruciante do primeiro momento passou; só lhe resta a dor e a palpitação da alma mutilada. Como ele fará para expressar essa tristeza profunda e constante sentida nesses dias? Entre um choro convulsivo e outro, ele começará a adotar uma forma e dará origem a seu lamento. Estudado, trabalhado, ponderado, cheio de poder. Quando chegar a hora, ele será capaz de recitar ou ler a lamentação. Mas ninguém dirá que se trata de um sofrimento criado: “Foi fabricado”. Ao contrário, o lamento causará tanta comoção quando seus soluços. E revelará o que ele foi capaz de trazer de seus sentimentos mais profundos.

As emoções são como o rio que flui do coração da pessoa. A forma é semelhante às margens. Sem elas, o rio correria superficialmente e desapareceria nas planícies. No entanto, são as margens que tornam o rio profundo. Por que, durante séculos, os seres humanos se dedicaram à poesia quando temos sentimentos tão profundos para expressar? A criação de uma forma ocorre porque alguém sentiu a paixão. Que ironia, portanto, saber que muitas vezes falhamos na forma quando o verdadeiro mal é a fonte estéril.

Há alguns anos, escrevi um poema intitulado “The Innkeeper” [O estalajadeiro], que falava da dor que certo hospedeiro deve ter sentido quando os soldados de Herodes chegaram para matar os recém-nascidos e começaram a chacina na sua hospedaria: “É o preço

por hospedar o Messias aqui”. Na introdução, fiz uma reflexão sobre o motivo de os poetas lutarem para deixar fluir as emoções por meio das formas rígidas da arte.

Para que lutar com isso? Por que o poeta cinge o coração em uma disciplina tão severa para alcançar a forma? Por que tanto esforço para dar forma ao sofrimento? Pelo fato de que realidade pode ser contornada. Deus é o que é, não o que desejamos ou tentamos fazer dele. Seu Filho, Jesus Cristo, é a prova concreta disso. Seu árduo sacrifício é a evidência de que nossa espontaneidade necessita do Calvário como disciplina. Talvez tenha custado ao estalajadeiro um preço muito alto hospedar o Filho de Deus. Não deveria, também, ser dispendioso infiltrar essa dor e retratá-la?²

Muitos pastores não são conhecidos pela expressão de suas emoções mais profundas. Em minha opinião, isso deve ser verdade em se relação às realidades teológicas mais profundas. Isso não é bom, pois é nosso dever experimentar as emoções mais profundas em relação às coisas mais profundas. E muitas vezes deveríamos falar em público sobre as coisas mais significativas para nós de modo a revelar seu valor.

Irmãos, devemos deixar que o rio tenha águas profundas. Esta é uma súplica a favor da paixão no púlpito, nas conversas, nas orações. Não é um clamor por emocionalismos superficiais: “Levante-se e diga ao irmão ao lado que o ama!”. É uma súplica por sentimentos profundos expressados sob formas dignas do coração e da mente de quem ama a Deus.

NOTAS

¹ *In Retrospect: Remembrance of Things Past* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1980), p. 304.

² Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1998, p. 3.

Para o legalista, a moralidade ocupa a mesma função que a imoralidade para os antinomianos ou progressistas, ou seja, como expressão de autoconfiança e autoafirmação.

JOHN PIPER

O legalismo é uma enfermidade muito mais perigosa que o alcoolismo, pois não é visto dessa maneira.

O alcoolismo provoca a queda do homem;

o legalismo o ajuda a ter êxito no mundo.

Se o alcoolismo torna o homem dependente da garrafa, o legalismo lhe dá autonomia, e o faz depender de si mesmo.

JOHN PIPER

Se o alcoolismo destrói a determinação moral, o legalismo a fortalece. Enquanto os alcoólatras não se sentem bem-vindos na igreja, os legalistas amam o louvor recebido da igreja por sua moralidade.

JOHN PIPER

capítulo vinte um

Irmãos, não lutem contra os tanques da carne usando zarabatanas legalistas

É possível que a questão da abstinência total do álcool por parte dos membros da igreja não esteja na tela do radar de sua congregação local. No entanto, os princípios bíblicos que tratam desse tema são relevantes para as questões relacionadas à santidade pessoal e à pureza da igreja. Quando cheguei a Bethlehem Baptist Church (Igreja Batista Belém) há duas décadas, esta foi a primeira controvérsia que enfrentei. Nós superamos esse momento e fomos aperfeiçoados. Acho que esse aprendizado pode ser útil agora.

Para as igrejas batistas e outras administradas sob o regime congregacional, sua constituição geralmente consiste na afirmação de fé e no pacto eclesástico. O pacto prescreve o conjunto essencial de expectativas bíblicas relacionadas ao modo de vida de seus mem-

bro, a afirmação de fé descreve a essência dessas expectativas relacionadas às convicções dos membros. No entanto, como regra geral, as expectativas do pacto, bem como a afirmação de fé, servem como pré-requisitos para a aceitação da pessoa como membro da igreja.

Muitas igrejas governadas pelo regime congregacional impõem em sua convenção algo semelhante à seguinte regra: “Comprometemo-nos a nos abster do uso e da venda de bebidas alcoólicas”. Em princípio, essas igrejas excluem todas as pessoas, salvo os abstêmios, de seu rol de membros. Talvez, diante do possível candidato a membro, os líderes venham a lhe dizer: “Mesmo que você creia em Jesus Cristo como Salvador, deseje de todo o coração viver sob sua autoridade e ser batizado de acordo com suas ordenanças, e não faça qualquer objeção à nossa afirmação de fé, mesmo assim, não poderemos aceitá-lo como membro desta igreja, pois você ingere vinho em ocasiões festivas ou quando recebe a visita de familiares”.

Estou convencido de que uma regra como essa se encaixa na categoria de exclusivismo legalista e deve ser julgada pela palavra apostólica das Escrituras. Esta é a minha opinião, embora eu seja um completo abstêmio e acredite que a abstinência total seja um estilo de vida sábio e biblicamente defensável no dia a dia.

A seguir tentarei esclarecer o significado do legalismo e o motivo pelo qual a prescrição da total abstinência para os membros da igreja se harmoniza com essa categoria e é, portanto, um erro. Por fim, farei uma proposta prática de como os pactos eclesiásticos podem ser melhorados quando são criados para serem mais radicais e menos específicos.

Visto que o Novo Testamento não emprega o termo *legalismo*, tentarei apresentar sua definição de maneira aceitável para que se esclareça que essa questão também é tratada no Novo Testamento. O termo *legalismo* possui pelo menos dois significados, mas ambos expressam a raiz de um único problema.

Para começar, o legalismo trata os padrões bíblicos de conduta como regras que devem ser guardadas de acordo com nossa força a

fim de obter o favor divino. Em outras palavras, o legalismo está presente sempre que alguém tenta ser ético pela própria força, ou seja, sem a ajuda misericordiosa de Deus em Cristo Jesus. Ou seja: o comportamento moral desprovido de fé é legalismo (Rm 14.23).

O legalista normalmente é uma pessoa de grande moral. Na verdade, a maior parte dos indivíduos morais do Ocidente são legalistas, pois a moralidade judaico-cristã, herdada de seus antepassados, não brota da confiança contrita e humilde na nossa aquisição por meio do sangue de Cristo, no espírito transformado, na misericórdia capacitadora de Deus. Pelo contrário, para o legalista, a moralidade ocupa a mesma função que a imoralidade para os antinomianos ou progressistas, ou seja, como expressão de autoconfiança e autoafirmação. A razão pela qual alguns fariseus davam o dízimo e jejuavam não é diferente do motivo que levou alguns estudantes universitários a se despirem e deitarem nus nos parques de Munique e Amsterdã.

Já o legalista moral é o irmão mais velho do príncipe imoral (Lc 15.11-32). São irmãos de sangue na visão de Deus, pois ambos rejeitam a misericórdia divina em Cristo como meio de justificação e usam a moralidade e a imoralidade como forma de expressar sua independência, autonomia e obstinação. No Novo Testamento, está claro que ambos culminarão na trágica perda da vida eterna, se não houver arrependimento.

Portanto, o primeiro significado do legalismo é o terrível engano de tratar os padrões bíblicos de conduta como regras que devem ser preservadas pela própria força a fim de demonstrar o poder moral possuído e receber o favor divino. Eis um perigo do qual devemos nos afastar todos os dias.

Não se pode omitir o fato de que a igreja universal não inclui todas as pessoas e que a igreja local não inclui todos os cristãos. Sim, excluimos pessoas do nosso rol de membros, pois acreditamos que essa integração implica no comprometimento com o senhorio de Cristo, o cabeça da igreja (por conseguinte, a exclusão dos não cris-

tãos), e por causa da compreensão, de maneira particular e relevante, das igrejas locais sobre este senhorio (por conseguinte, a exclusão de alguns cristãos de quem discordamos). No entanto, a exclusão de pessoas do rol de membros da igreja local nunca deveria ser vista como algo trivial. É uma questão muito séria.

As escolas, os centros comunitários e as associações podem estabelecer regulamentos a fim de selecionar seu público e preservar, com as regras, determinado ambiente. A igreja, porém, não é instituição humana. Ela pertence a Cristo. Ele é a cabeça do corpo e cabe somente a ele estabelecer os critérios de admissão para seu funcionamento.

Estes dois empregos do termo *legalismo* possuem uma raiz comum. O *legalismo* consiste em tratar os padrões bíblicos de conduta como regras a serem preservadas pela força humana a fim de obter o favor divino. E consiste também na elaboração de exigências específicas de conduta, além das determinadas pelos ensinamentos das Escrituras, e em tornar a adesão a elas o meio de qualificar as pessoas para o ingresso no rol de membros da igreja local.

No primeiro caso, emprega-se a própria força para *nos* tornarmos morais. No segundo, usa-se a própria força para tornar a *igreja* moral. No primeiro caso, deixa-se de confiar no poder de Deus em relação à santificação pessoal; no segundo, deixa-se de confiar no poder de Deus em relação à santificação do próximo.

Portanto, a incredulidade une essas duas formas de legalismo: a incredulidade em relação a nós mesmos — pois é Deus “quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Fp 2.13); e a incredulidade em relação ao próximo — que Deus revelará sua vontade e inclinará cada um a realizá-la. Como Paulo afirmou em Filipenses 3.15: “Todos nós que alcançamos a maturidade devemos ver as coisas dessa forma, e, se em algum aspecto vocês pensam de modo diferente, isso também Deus lhes esclarecerá”. Com convicção, o apóstolo atribui a purificação da igreja a Deus.

Quando a bem-aventurada confiança no poder soberano de Deus em relação à nossa vida e a das outras pessoas enfraquece, o legalismo se infiltra sorrateiramente. É inevitável a tentativa de compensar a perda da fé dinâmica com o aumento da determinação moral e a adição de regras humanas. Quando a bem-aventurada confiança no poder divino diminui, a carne fica à vontade. E isto significa que a moralidade aparentemente purificadora da igreja se tornou vítima do poder contundente da carne, e agora é instrumento de autoconfiança e autonomia.

Parece não haver dúvida de que Deus abomina o legalismo tanto quanto o alcoolismo. Eu acredito que isso seja a compreensão literal de que o legalismo levou muitas pessoas à ruína eterna na mesma proporção que o álcool, embora a devastação do alcoolismo seja maior.

Não nos enganemos com as aparências. Satanás “se disfarça em anjo de luz” (2Co 11.14). Ele dá às doenças mais mortais a aparência inofensiva. Ele veste seus capitães com roupas religiosas e armazena seu arsenal em templos. O legalismo é uma enfermidade muito mais perigosa que o alcoolismo, pois não é visto dessa maneira. O alcoolismo provoca a queda do homem; o legalismo o ajuda a ter êxito no mundo. Se o alcoolismo torna o homem dependente da garrafa, o legalismo lhe dá autonomia, e o faz depender de si mesmo. Se o alcoolismo destrói a determinação moral, o legalismo a fortalece. Enquanto os alcoólatras não se sentem bem-vindos na igreja, os legalistas amam o louvor recebido da igreja por sua moralidade.

Por isso, não precisamos de regras primárias para nos manter puros. Precisamos pregar, orar e crer que não é a circuncisão nem a incircuncisão, a abstenia nem a ingestão social de bebidas, o legalismo ou o alcoolismo que nos fazem receber a aprovação de Deus, mas o novo coração.

Todos os dias somos atacados pelos tanques Sherman do inimigo, com seus canhões carregados de autoconfiança e autonomia. Se tentarmos nos defender, ou proteger a igreja, com zarabatanas

munidas de regras, seremos derrotados mesmo diante da vitória aparente. Nossa única defesa é estar em Cristo “enraizados e edificados nele, firmados na fé” (Cl 2.7); “sendo fortalecidos com todo o poder, de acordo com a força da sua glória, para que tenham toda a perseverança e paciência com alegria” (Cl 1.11); “unido à Cabeça, a partir da qual todo o corpo, sustentado e unido por seus ligamentos e juntas, efetua o crescimento dado por Deus” (Cl 2.19).

Dado por Deus! Dado por Deus! *Não* de nós mesmos.

Colossenses 2.16-23 é a fonte de todos esses conceitos. Esse texto foi a luz que iluminou meu caminho através dessa controvérsia no início do meu ministério. Aparentemente, esses versículos confirmam a total abstinência como exigência para quem deseja fazer parte do rol de membros da igreja na categoria do legalismo e, por conseguinte, mostra que isto é errado. O ensinamento de Paulo pode ser resumido em cinco pontos:

1. *“Ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem”* (Cl 2.16).

O consumo de alimentos e bebidas não é, por si mesmo, suficiente para julgar se a pessoa vive de forma reta com Deus ou de forma reta na família de Deus. Para ter certeza, Paulo precisou lidar com o abuso de alimentos e bebidas — o problema de comer carne oferecida a ídolos e o problema da embriaguez (1Co 8; 11.21; Rm 14). Mas sua abordagem sobre os abusos nunca se destinou a proibir alimentos ou bebidas. Sua intenção, porém, era proibir o que poderia destruir o templo de Deus e ofender a fé (algumas vezes isso poderia ser feito com alimentos e bebidas!). O apóstolo ensinou o princípio do *amor*, mas não determinou sua aplicação por meio de regras em relação à comida e bebida. O pacto eclesiástico que exige total abstinência extrapola os limites do princípio do amor.

2. *“Não deixem que ninguém os humilhe, afirmando que é melhor do que vocês porque diz ter visões e insiste numa falsa humildade e na adoração de anjos”* (Cl 2.18; NTLH).

O falso ensinamento em Colossenses possui duas partes: a adoração de anjos e as regras ascéticas rígidas. Ambas foram elaboradas como exigências para quem desejava qualificar a “plenitude” da vida (2.10) ou a perfeita participação na comunidade espiritual. Paulo denunciou ambas as exigências. A teologia dos crentes de Colossos estava errada; suas regras ascéticas em relação aos alimentos e bebidas eram inúteis, pois toda a perfeição divina pertence a Cristo. Regras são apenas sombras da realidade e correm o risco de virar fumaça.

3. *A fonte da vida, pureza e crescimento não se encontra em visões religiosas ou regras sobre alimentos e bebidas, mas em não reter “a Cabeça, a partir da qual todo o corpo, sustentado e unido por seus ligamentos e juntas, efetua o crescimento dado por Deus” (Cl 2.19).*

A única esperança de crescimento e vigor espiritual para o corpo de Cristo é assumir Cristo, a Cabeça. Regras não são suficientes.

4. *“Já que vocês morreram com Cristo para os princípios elementares deste mundo, por que, como se ainda pertencessem a ele, vocês se submetem a regras: “Não manuseie!”, “Não prove!”, “Não toque!”? Todas essas coisas estão destinadas a perecer pelo uso, pois se baseiam em mandamentos e ensinamentos humanos” (Cl 2.20-22).*

A igreja que cria regras sobre alimentos e bebidas como meio para julgar e excluir não conhece ainda o significado de morrer com Cristo e libertar-se dos poderes deste mundo. É disso que falei anteriormente ao dizer: quando diminui a confiança autêntica e bem-aventurada em Cristo, impõem-se regras a fim de preservar o que o poder de Cristo criou anteriormente. Quando se estabelece a quantidade suficiente de regras e se consegue uma grande quantidade de contribuições, a instituição criada pode durar décadas mesmo depois de a dinâmica espiritual que a originou ter acabado.

5. *Essas doutrinas “têm, de fato, aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne” (Cl 2.23).*

Instituir a total abstinência como critério para a adesão de novos membros à igreja pode servir para proteger o conjunto dos membros pela atitude comum em relação ao álcool, mas ela não serve para nos tornar pessoas puras — que não vivem de acordo com a carne. Ao contrário, a imposição de uma restrição nunca imposta no Novo Testamento — esse critério de aceitação — envolve-nos no legalismo enraizado na incredulidade. Este é o sinal da debilidade do poder, da alegria e justificação do coração criados pelo poder de Cristo, embora não possam ser preservados pelas leis.

Portanto, posso concluir que o apóstolo Paulo não aprovaria os pactos da igreja contemporânea que fazem da total abstinência o critério para permitir ou não a integração da pessoa ao rol de membros da igreja local. Como alternativa prática a esta cláusula, eu sugeriria substituir a fraseologia da seguinte forma: “Nós nos comprometemos a nos abster de todas as drogas, alimentos, bebidas e práticas que possam lesar de forma injustificada o corpo de Cristo ou ameaçar nossa fé e a do próximo”. Este é um compromisso mais radical, embora estabeleça certa amplitude bíblica para a liberdade de consciência em Cristo.

Padecemos hoje, principalmente, da humildade deslocada.

A modéstia deixou o órgão da ambição
para se instalar no órgão da convicção;
lugar ao qual nunca pertenceu.

O homem foi feito para questionar-se,
mas sem questionar a verdade;
e é isso justamente o que se inverteu.

GILBERT K. CHESTERSON

O relativismo não possui mais o significado de
“sua alegação de falar a verdade não é mais válida que a minha”;
mas, sim “você não pode alegar que fala a verdade”.

JOHN PIPER

capítulo vinte dois

Irmãos, não confundam incerteza com humildade

De tempos em tempos, pastores são envolvidos em controvérsias por amor à verdade, pelo bem da igreja e para a glória de Deus. A controvérsia é algo doloroso, mas necessário. Parte do Novo Testamento é fruto de controvérsias. Por isso, estamos em boa companhia quando necessário. No entanto, o preço é alto; e nos dias atuais, tão influenciados pelo pluralismo minimizador da verdade e pelo relativismo, a acusação de arrogância é inevitável.

Por causa disso, nos últimos anos, precisei refletir sobre o orgulho e a humildade. Por exemplo, vi-me envolvido na controvérsia sobre o teísmo aberto (ensinamento que nega a presciência divina dos acontecimentos futuros).¹ Uma das críticas comumente aplicadas aos irmãos nesse debate foi a afirmação de que eles são arrogantes

ou que sua visão é arrogante. Para exemplificar, vejamos como as palavras a seguir foram publicadas para se referir a alguns de nós que costumam falar publicamente e escrever a respeito da questão:

Um grupo de pastores e acadêmicos calvinistas autoritários, contestador do pluralismo e irenismo de outros calvinistas, como do engajamento pietista da Baptist General Conference [Conferência Batista Geral], está comprometido com um discurso teológico *arrogante* e limitado. A arrogância afrontosa desses defensores da honra de Calvino é surpreendente.

Contudo, a estratégia de rotular alguém como orgulhoso ou altivo ultrapassa os limites de nosso pequeno conflito. “Arrogância” é a condenação, na arena político-religiosa, da escolha de quem rompe as regras do relativismo. Se você disser que a visão de uma pessoa a respeito de Deus é equivocada e prejudicial, certamente será acusado de arrogância. Se disser que os cristãos deveriam partilhar o evangelho de Cristo com os amigos judeus na esperança de que creiam e sejam salvos, você será acusado de arrogância. Se ainda disser ao membro desviado da igreja, enredado pelo pecado: “Arrependa-se e volte”, certamente será acusado de crítico e arrogante.

Portanto, temos aqui uma questão que afeta a vida pastoral onde quer que exerçamos o pastorado ou venhamos a pregar fundamentados na convicção bíblica. Uma questão grave não apenas por influenciar o que fazemos, mas também porque a acusação é muito séria. Deus abomina o orgulho, a raiz pecaminosa de todo pecado.

O SENHOR dos Exércitos tem um dia reservado para todos os orgulhosos e altivos, para tudo o que é exaltado, para que eles sejam humilhados [...] para todos os montes elevados e todas as colinas altas; para toda torre imponente e todo muro fortificado; para todo navio mercante e todo barco de luxo. A arrogância dos homens será abatida, e o seu orgulho será humilhado. Somente o SENHOR será exaltado naquele dia (Is 2.12,14-17).

Por um lado, maravilhosas promessas e louvores estão reservados ao humilde. “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus” (Mt 5.3). “Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes” (Tg 4.6). “Pois todo aquele que a si mesmo se exaltar será humilhado, e todo aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Mt 23.12).

No entanto, tenho a impressão de que nós, pastores, precisamos refletir cuidadosamente a respeito do verdadeiro sentido do orgulho e da humildade; não só para nos defendermos de calúnias — o que quase sempre dá errado —, mas principalmente para nos testar e garantir que lutamos contra toda fagulha de orgulho em nossa alma.

O que é a humildade e o seu oposto — o orgulho?

Em 1908, o escritor inglês Gilbert K. Chesterton descreveu o embrião da cultura relativista já totalmente desenvolvido nos dias atuais. Uma das marcas dessa cultura é o uso indevido da palavra *arrogância* para se referir à *convicção*, e da palavra *humildade* para se referir à *incerteza*. Chesterton via isto da seguinte forma:

Padecemos hoje, principalmente, da humildade deslocada. A modéstia deixou o órgão da ambição para se instalar no órgão da convicção; lugar ao qual nunca pertenceu. O homem foi feito para questionar-se, mas sem questionar a verdade; e é isso justamente o que se inverteu. Nos dias atuais, a parte do ser humano que ele costuma validar é justamente a que não deveria ser defendida como legítima. A parte que mais questiona é a que não deveria ser questionada — a razão divina... Caminhando para a formação de uma raça de seres humanos com a mentalidade demasiadamente modesta para acreditar na tabuada.²

Portanto, se a humildade não é o abandono de uma convicção ou a adoção do relativismo ou agnosticismo, o que significa, então? Deus nos ensinou pelo menos seis coisas a respeito dela.

1. A humildade começa pelo sentimento de subordinação a Deus em Cristo.

“O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor” (Mt 10.24). “Humilhem-se debaixo da poderosa mão de Deus” (1Pe 5.6).

Isto é incontestável: Deus é superior e nós somos inferiores. Não somos dignos sequer de atar-lhe as sandálias. Existe uma distância infundável entre nós. Sua grandeza, poder, sabedoria, justiça, verdade, misericórdia e graça são tão superiores às nossas qualidades quanto os céus o são mais altos em comparação à terra.

Além de Deus ser superior e nós inferiores, existe ainda um *sentido* profundo neste fato. Além dela, existe o momento em que a verdade é calada no espírito e *sentida*. Isso é tão crucial quanto conhecer a verdade. Será que sentimos a distância entre o Deus superior e nós, tão inferiores?

Percebemos nossa miséria diante disto ou, paradoxalmente, ficamos mais orgulhos ao tomar conhecimento de sua existência. Ah, como é sutil e sigilosa a contaminação do orgulho!

2. A humildade desconsidera o direito ao tratamento melhor que o recebido por Cristo.

“Se o dono da casa foi chamado Belzebu, quanto mais os membros da sua família!” (Mt 10.25).

A humildade não retribui o mal com o mal. Não constrói a vida com base nos direitos almejados. “Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos [...] quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça” (1Pe 2.21-23).

Boa parte da raiva e do ressentimento proveniente dos relacionamentos surge da expectativa de que temos o direito de sermos bem tratados. Porém, como disse George Otis em um retiro em Manila: “Jesus nunca prometeu uma luta justa aos discípulos”. É preciso aceitar os maus-tratos, e não se sentir indignado

diante disso. A humildade assemelha-se exatamente a isso. Pedro (1Pe 2.19-21) e Paulo (Rm 12.19) nos fornecem uma grandiosa assistência moral nessa complicada tarefa lembrando-nos de que Deus fará o acerto de contas de forma justa, e que a injustiça temporária não será varrida para debaixo do tapete do universo. Em vez disso, ela será tratada pela cruz ou pelo inferno. Não nos cabe buscar a vingança. Devemos entregá-la nas mãos de Deus.

3. A humildade confirma a verdade não com o objetivo de reforçar o ego com o controle ou com o triunfo nos debates, mas como serviço prestado a Cristo e como amor ao adversário.

O amor “se alegra com a verdade” (1Co 13.6). “O que eu lhes digo na escuridão, falem à luz do dia [...] Não tenham medo...” (Mt 10.27,28). “Mas não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por causa de Jesus” (2Co 4.5).

Se a verdade tem valor, para falar sobre ela é necessário uma parcela de amor. E se a verdade é instrumento para salvação, santificação, preservação, liberdade e alegria, então, falar a verdade é parte essencial do amor. “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8.32). “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). “Ele fará uso de todas as formas de engano da injustiça para os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar” (2Ts 2.10).

No entanto, falar a verdade é servir a Cristo e amar o próximo, mesmo sendo considerados adversários por ele. Isso fica bem claro no caso do evangelismo, quando se é acusado de arrogância por pregar o evangelho a muçulmanos, judeus ou budistas. Isso sempre foi verdade no ambiente missionário e é verdade agora nas praças públicas americanas [e brasileiras] menos tolerantes, onde o relativismo não possui mais o significado de “sua alegação de falar a verdade não é mais válida que a minha”; mas, sim “você não pode alegar que fala a verdade; caso aja assim, na melhor das hipóteses,

você é alguém arrogante, na pior, um incentivador de crimes de ódio”.

Por exemplo, escrevi um editorial para o periódico *StarTribune* de Minneapolis (em 2/10/1999), argumentando que seria um ato de amor os cristãos pregarem o evangelho de Jesus Cristo ao povo judeu, pois “quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida” (1Jo 5.12). Diversos clérigos escreveram ao jornal: “Infelizmente, arrogante *é a palavra certa para descrever qualquer tentativa de promover o proselitismo — neste caso, o esforço do cristianismo para ‘convencer’ seus irmãos e irmãs judeus. Os cristãos mais ponderados se desvincularão de qualquer esforço desse tipo*”.

Precisamos nos ajudar contra esse tipo de intimidação. Em nome da humildade, ela tentará questionar a essência do evangelho: Jesus Cristo é a único caminho para a salvação — devemos nos lembrar de que pregar o evangelho não é agir com arrogância, mas por amor.

4. A humildade sabe que depende da graça para conhecer, crer, viver e agir.

“Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9). “Pois, quem torna você diferente de qualquer outra pessoa? O que você tem que não tenha recebido? E se o recebeu, por que se orgulha, como se assim não fosse?” (1Co 4.7). “Por sua decisão ele nos gerou pela palavra da verdade, a fim de sermos como que os primeiros frutos de tudo o que ele criou. [...] Portanto, livrem-se de toda impureza moral e da maldade que prevalece, e aceitem humildemente a palavra implantada em vocês, a qual é poderosa para salvá-los” (Tg 1.18,21).

Talvez a associação mais clara na Bíblia da adoção da soberania de Deus e a fuga da arrogância seja encontrada em Tiago 4.13-16. Nessa passagem, Tiago ressalta a predominante soberania de Deus em relação aos planos diários para controlar os assuntos que nos interessam quando somos “arrogantes”.

“Ouçam agora vocês que dizem: ‘Hoje ou amanhã iremos para esta ou aquela cidade, passaremos um ano ali, faremos negócios e ganharemos dinheiro’. Vocês nem sabem o que lhes acontecerá amanhã! Que é a sua vida? Vocês são como a neblina que aparece por um pouco de tempo e depois se dissipa. Ao invés disso, deveriam dizer: ‘Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo’. Agora, porém, vocês se vangloriam das suas pretensões. Toda vanglória como essa é maligna” (Tg 4.13-16).

No entanto, a humildade produz o oposto disto. Ela submete todos os momentos da vida ao governo soberano de Deus e permanece silenciosa diante dos árdus e afetuosos decretos da amorosa sabedoria divina.

5. A humildade sabe-se fátivel e, por isso, leva em consideração a crítica e aprende com ela. A humildade também sabe que Deus supriu a convicção humana inabalável e nos chama para persuadir o próximo.

“Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido” (1Co 13.12). “O sábio ouve os conselhos” (Pv 12.15). “Uma vez que conhecemos o temor ao Senhor, procuramos *persuadir* os homens” (2Co 5.11). “É isso que você deve ensinar, exortando-os e repreendendo-os com *toda a autoridade*. Ninguém o despreze” (Tt 2.15).

Nós não temos o conhecimento de todas as coisas. E o que conhecemos, não sabemos com perfeito equilíbrio ou com compreensão completa do assunto. Deus, porém, revelou a si mesmo em Cristo e em sua Palavra. E pretende que sejamos humildes diante da objetividade da revelação e que adotemos com convicção tudo o que ele nos ensinou. Pelo sangue do Cordeiro e pela Palavra de nosso testemunho, seremos capazes de vencer o mal, se não amarmos a própria vida diante da morte (Ap 12.11).

Por fim, após tudo o que vimos sobre a humildade, podemos dizer que a verdadeira humildade percebe-se dom fora do nosso alcance. Se fosse algo que se alcança, então, instintivamente, sentiríamos orgulho do êxito em alcançá-la. Por isso, a humildade é o dom que recebe todas as coisas como dons. É fruto do êxito do Espírito Santo, e não nosso (Gl 5.22). É fruto do evangelho, pois sabe e sente que somos pecadores sem esperança; e além disso, que Cristo é nosso grande e imerecido Salvador.

Irmãos, por amor à verdade, para o bem de nossos irmãos, e para a glória de Deus no mundo, não confundam incerteza com a verdadeira humildade.

NOTAS

¹ Uma análise útil e uma resposta crítica ao teísmo aberto encontram-se em Bruce A. Ware, *God's Lesser Glory: The Diminished God of Open Theism* (Wheaton, Ill: Crossway Books, 2000). Sobre a natureza da controvérsia na qual me vi envolvido, v. John Piper & Justin Taylor, *Resolution on the Foreknowledge of God: Reasons and Rationale* (Minneapolis, Minn.: Desiring God Ministries, 2000), disponível em DGM: 1-888-DGM4700. V. ainda John M. Frame, *No Other God: A Response to Open Theism* (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 2001); *Beyond the Bounds: Open Theism and the Undermining of Biblical Christianity*, ed. by John Piper, Justin Taylor and Paul Kjoss Helseth (Wheaton, Ill: Crossway, 2003). [Publicado em português com o título: *Teísmo aberto: uma teologia além dos limites bíblicos* (São Paulo: Vida, 2006).]

² *Orthodoxy* (Garden City, N.Y.: Doubleday and Co., 1957; original, 1908), p. 31-2. [Publicado em português com o título: *Ortodoxia* (São Paulo: Mundo Cristão, 2008).]

Façam para vocês bolsas que não se gastem com o tempo,
um tesouro nos céus que não se acabe,
onde ladrão algum chega perto
e nenhuma traça destrói.

LUCAS 12.33

Não há lugar para a pregação desprovida de retidão ética
e de paixão social,
enquanto as trombetas celestiais ressoam
e o Filho de Deus está em guerra.

JAMES STEWART

Caso você deseje ser um condutor da graça divina,
sua fiação não precisa ser de ouro;
a de cobre já é suficiente.

JOHN PIPER

capítulo vinte três

Irmãos, digam-lhes que o de cobre é suficiente

Nós nunca convenceremos nossos irmãos de que a parábola do rico insensato (Lc 12.13-21) se aplica a cada um deles se não a aplicarmos a nós mesmos. Deus chamou aquele homem de louco, pois ele construiu celeiros maiores e ficou tranquilo quando seus campos produziram com liberalidade.

O que ele deveria fazer com a liberalidade concedida por Deus? O versículo 33 responde: “Vendam o que têm e deem esmolas”. Em vez de aumentar sua tranquilidade e segurança, ele deveria ter usado as posses excedentes para aliviar o sofrimento alheio.

“Insensato”. É assim que Deus chama quem usa o dinheiro excedente para aumentar o próprio conforto. E Lucas prossegue: “Assim acontece com quem guarda para si riquezas, mas não é rico para com Deus” (v. 21). Isso significa que o homem deveria

enriquecer Deus e não a si mesmo? Como é possível enriquecer Deus? Ele já possui todas as coisas — os animais aos milhares nas colinas (Sl 50.10) e até nossa alma (Lc 12.20)!

É possível encontrar outro significado. Lucas 12.33 diz: “Façam para vocês bolsas que não se gastem com o tempo, um tesouro nos céus que não se acabe, onde ladrão algum chega perto e nenhuma traça destrói”. Portanto, talvez ser “rico para com Deus” não signifique “enriquecê-lo”, mas “enriquecer com Deus”. Não se trata de “fazer bolsas para Deus”, mas “para nós”. Trata-se de juntar para nós um tesouro nos céus que não se acabe. E buscar a verdadeira segurança!

Ser “rico para com Deus” significa buscar o favor divino para obter riqueza celestial. Significa “tranquilizar-se” nele, encontrar nele a segurança almejada. Como empregar o dinheiro para aumentar os celeiros da alegria no céu, e não os celeiros do conforto na terra. Deus nos abençoa com o dinheiro na terra para que o invistamos em benefícios celestiais.

Jesus também disse que quem crê no dinheiro recebido como algo destinado a proporcionar mais conforto pessoal na terra é insensato. O sábio reconhece que todo o seu rendimento pertence a Deus; ele deve ser empregado de modo a deixar claro que Deus, e não o dinheiro, é seu tesouro, seu conforto, sua alegria e segurança.

Como se pode usar o dinheiro para mostrar que Deus é nosso tesouro? Como é possível provar que somos “ricos para com Deus”? Conforme o ensinamento de Lucas 12.21, isso ocorre quando deixamos de acumular tesouros em benefício próprio; e segundo o versículo 33, quando damos esmolas.

No entanto, Deus não prometeu no Antigo Testamento que faria o fiel prosperar? Sim! Quando somos abençoados com o aumento da renda, isso acontece para provarmos com a distribuição do rendimento sob a forma de esmolas que não consideramos o dinheiro um deus. A prosperidade do negócio não se destina a ajudar a pessoa a trocar o carro popular por uma BMW. Ela é concedida por Deus para que centenas de pessoas carentes sejam alcançadas pelo evangelho. Ele prospera um negócio para que 20 por cento da população mundial seja afastada do precipício da inanição.

Irmãos, muitos indivíduos sequer começaram a compreender isto. Existem mais pessoas moldadas pela cultura consumista que pela economia de Cristo. Elas ainda agem de acordo com a regra bastante simplista: “Se você ganhou é porque mereceu. É seu. Use-o para seu conforto”.

O engano em que caíram é a verdade parcial sobre a possibilidade de glorificar a Deus com o dinheiro quando se desfruta do luxo com gratidão. Ao adotar essa atitude, tem-se permissão para comprar. Portanto, enquanto a falsa metade sutilmente afirma que Deus pode ser glorificado dessa maneira em cada aquisição decente que fizermos, a metade verdadeira diz: *é nosso* dever render graças por todas as coisas boas que Deus nos dá. Isso, sim, o glorifica.

Se isso fosse verdade, Jesus não teria dito: “Vendam o que têm e deem esmolas” (Lc 12.33). Ou dito: “Não busquem ansiosamente o que comer ou beber” (Lc 12.29). Nem João Batista teria ensinado: “Quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem nenhuma” (Lc 3.11). O Filho do Homem não teria andado por aí sem lugar onde recostar a cabeça (Lc 9.58). E Zaqueu não teria doado metade dos bens aos pobres (Lc 19.8).

Deus não é glorificado quando guardamos para uso pessoal (não importa quão agradecidos estejamos) o que deveríamos usar para atenuar a miséria de milhões de pessoas desprovidas de teto, educação e do evangelho. A evidência de que muitas pessoas não são “ricas para com Deus” é determinada pelo volume de ofertas e de suas posses. No transcorrer dos anos, Deus as fez prosperar. E quase por uma lei irresistível da cultura consumista, decidiram adquirir casas maiores (e múltiplas), (vários) carros mais novos, (diversas) roupas da moda, e todo o tipo de bugigangas, aparelhos, embalagens, dispositivos e equipamentos para tornar a vida mais divertida.

Pouquíssimas pessoas já disseram a si mesmas: viverei um nível de alegria, de simplicidade dos tempos de guerra, e usarei o restante do que ganho para atenuar a miséria alheia. Certamente, isso é o que Jesus gostaria. Não vejo como podemos ler o Novo Testamento e olhar para os dois bilhões de pessoas ainda não evangelizadas e

continuar construindo celeiros novos para uso pessoal. Só é possível justificar nosso estilo de vida exorbitante se ignorarmos o desamparo dos não alcançados e a miséria dos pobres.

Irmãos, somos líderes e, todo o peso da responsabilidade dessa mudança encontra-se sobre nós. Esse processo deve começar em nós. Não seria emocionante viver com tanto sacrifício para todos verem que *Deus* é seu tesouro, e não as coisas materiais? Por acaso, sua casa, suas roupas, seus carros e lazer são a marca de um estilo de vida de tempos de guerra? Sua oferta tem sido um exemplo de conduta (não que as pessoas tenham conhecimento disso, mas Deus)? O peso da sua responsabilidade pelos não alcançados e pobres afeta o amor dos irmãos pelo luxo e conforto?

Não estou dizendo que deveríamos nos tornar economistas profissionais, mas profetas. Há mais de 30 anos, James Stewart da Escócia afirmou:

É função dos economistas, não do púlpito, planejar reconstruções. Mas, sem dúvida alguma, é função do púlpito se empenhar ao máximo para despertar nas pessoas a compreensão da compaixão atroz sentida por Jesus e ajudá-las a expor o coração à força dessa compaixão divina que dá alívio aos oprimidos e sofredores, embora se inflame em juízo contra todo mal social... Não há lugar para a pregação desprovida de retidão ética e de paixão social, enquanto as trombetas celestiais ressoam e o Filho de Deus está em guerra.¹

O que um pastor deveria dizer a respeito da aquisição de duas casas quando vivemos em um mundo em que milhares de pessoas morrem de inanição e as agências missionárias são incapazes de pregar o evangelho por falta de verba?

Primeiro, seria útil citar Amós 3.15: “Derrubarei a casa de inverno junto com a casa de verão; as casas enfeitadas de marfim serão destruídas, e as mansões desaparecerão”, declara o SENHOR”. Depois, evocar Lucas 3.11: “Quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem nenhuma”.

Em seguida, conte o testemunho de Bob e Myrna Gemmer de St. Petersburg, Flórida, quando se depararam com a necessidade de moradia para os pobres e decidiram vender sua segunda residência, em Ohio, e empregar o valor obtido na construção de casas para abrigar várias famílias em Immokalee.

Então você perguntará: “É errado possuir outra casa, que permanece vazia parte do ano?”, e responderá: “Talvez sim, talvez não”. A questão não ficará mais fácil com a imposição de uma lei. Leis podem ser obedecidas sob coerção sem haver mudança concreta no coração. O desejo dos profetas é que as pessoas tenham o coração renovado para com Deus, e não só novos acordo de propriedade. Você sentirá empatia pelas incertezas delas e compartilhará as próprias lutas para descobrir o caminho do amor. Não cogitará dispor de uma resposta simples para todas as questões referentes ao estilo de vida adotado. É possível reconhecer que o estilo de vida, principalmente para o americano, é extremamente confortável quando comparado ao da maioria das pessoas do mundo.

Contudo, podemos ajudar as pessoas a tomar uma decisão. Você pode indagar: “Sua casa representa ou incentiva a vida de luxo desfrutada de modo negligente e despreocupado em relação às necessidades alheias? Ou ela representa um lugar simples, um refúgio para quem precisa de descanso, oração e meditação; um local capaz de levá-los a sentir o desejo profundo de negar a si próprios e partir em prol da evangelização dos incrédulos e da busca de justiça para os sofredores oprimidos?”. Dessa maneira, uma flecha será alojada na consciências deles e os desafiará a buscar o estilo de vida harmonizado com o evangelho.

Efésios 4.28 diz: “O que furtava não fure mais; antes trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade.” Existem, portanto, três formas de obter bens materiais: você pode 1. furtar para consegui-los, 2. trabalhar para consegui-los ou 3. trabalhar para ter como oferecê-los a outras pessoas.

Muitos de nós vivemos na classe número 2. Quase todas as forças da nossa cultura nos incitam a adotar a segunda opção. Entretanto, a Bíblia é inflexível ao incentivar a terceira opção.

Como Paulo mesmo disse: “E Deus é poderoso para fazer que lhes seja acrescentada toda a graça, para que em todas as coisas, em todo o tempo, tendo tudo o que é necessário, vocês transbordem em toda boa obra” (2Co 9.8). Por que Deus abençoa o povo com liberalidade? Para todos terem o bastante para viver e empregar o restante para todo o tipo de boas obras atenuadoras da miséria física e espiritual da humanidade. O bastante para nós; liberalidade para outros.

É preciso deixar bem claro para os homens e mulheres de negócios de nossa congregação que ninguém aqui é contra as indústrias multimilionárias. Nem, necessariamente, contra o salário de seis dígitos. O problema surge quando se endossa a *situação* do profissional ao dizer que o salário de seis dígitos deveria ser acompanhado do estilo de vida também de seis dígitos — o que não é verdade. Talvez, essa pessoa devesse manter um estilo de vida de 40 mil dólares e apoiar duas famílias no novo campo missionário.

O problema não está no recebimento do salário alto. Mas no acúmulo contínuo de artigos de luxo que logo passam a ser vistos como necessidade. Caso você deseje ser um condutor da graça divina, sua fiação não precisa ser de ouro; a de cobre já é suficiente.

Atenção, irmãos, isso deve começar pela liderança. Nós também precisamos dar fim ao acúmulo de bens. Carecemos parar com a construção de celeiros. Necessitamos mostrar que acumular tesouros nos céus, e não na terra, é o que existe de mais grandioso para fazer com nosso dinheiro. É nossa obrigação sermos “ricos para com Deus”. Portanto, livrem-se do ouro do seu condutor e digam-lhes que o de cobre é suficiente.

NOTA

¹ *Heralds of God* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1972), p. 97.

O SENHOR o deu,
o SENHOR o levou;
louvado seja o nome do SENHOR
Jó 1.21

Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram.
ROMANOS 12.15

A quem tenho nos céus senão a ti? E na terra,
nada mais desejo além de estar junto a ti.
O meu corpo e o meu coração poderão fraquejar,
mas Deus é a força do meu coração e a minha herança para sempre.
SALMOS 73.25,26

Deus é tudo o que há de certo e estável no universo.
JOHN PIPER

capítulo vinte quatro

Irmãos, ajudem o povo a suportar e ministrem em meio à calamidade

Por volta das 11h30, na manhã de terça-feira do dia 20 de abril de 1999, o dia do aniversário de Adolf Hitler, dois estudantes da Escola Columbine de Littleton, no subúrbio de Denver, em Colorado, entraram em uma cafeteria e abriram fogo contra outros alunos usando armas e bombas caseiras. Depois do massacre de 13 pessoas, eles partiram para a biblioteca e se suicidaram. Outro fato que deixou a nação americana ainda mais perplexa ocorreu na manhã de 11 de setembro de 2001, quando terroristas sequestraram três aviões e lançaram-se contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, de Nova York e contra o Pentágono. Mais de três mil pessoas morreram nos ataques. Toda a nação tremeu, chorou e irou-se.

O que dever ser feito pelo pastor em momentos como esses em que tudo o que se discute no país envolve vida, morte, mal,

perda e dor? Quando ocorreu o assassinato em Columbine, eu estava de licença para escrever. Devido à minha ausência e à impossibilidade de pregar àquelas pessoas, decidi escrever aos líderes e lhes perguntei “O que poderíamos dizer a respeito das calamidades vividas para honrar a Deus e ministrar ao povo algo que lhes propicie conforto?”. Respondendo à mesma questão, escrevi um artigo de 15 pontos e o enviei logo após o dia 20 de abril de 1999.

Quando a calamidade de 11 de setembro de 2001 ocorreu, eu me encontrava ouvindo o rádio junto com alguns funcionários. Enquanto buscávamos o Senhor em oração a favor da nação e do povo, criamos um culto triplo como resposta. Nós chamamos o culto triplo (terça-feira, quarta-feira e domingo) de “Culto do sofrimento, auto-humilhação e firme esperança em nosso Salvador e Rei, Jesus Cristo”. Além disso, acrescentei 6 novos pontos aos 15 escritos anteriormente, e os postei em nossa página na web, para que outras pessoas pudessem usá-los para ministrar umas às outras. Oro para que o artigo que enviei, transcrito abaixo o ajude a amparar e fortalecer os irmãos no momento de uma tragédia.

1. *Ore. Peça a Deus para ajudar você e as demais pessoas a quem deve ministrar. Peça sabedoria, compaixão, força e a palavra apropriada. Peça para que todos os que estejam sofrendo sejam capazes de olhar para Deus e ver nele seu único auxílio, esperança, cura e força. E que sua boca seja como uma fonte de vida.*

Tiago 1.5: “Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida”.

Deuteronômio 32.2: “Que o meu ensino caia como chuva e as minhas palavras desçam como orvalho, como chuva branda sobre o pasto novo, como garoa sobre tenras plantas”.

Provérbios 13.14: “O ensino dos sábios é fonte de vida, e afasta o homem das armadilhas da morte”.

2. *Abra-se e demonstre compaixão por quem aparenta sofrer mais diante desse grande mal e perda; chore com os que choram.*

Eclesiastes 3.1, 4, 5: “Para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu: [...] tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de dançar, tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las, tempo de abraçar e tempo de se conter”.

Romanos 12.15: “Alegrem-se com os que se alegram; *chorem com os que choram*”.

3. *Abra-se e demonstre compaixão diante da tragédia que aflige tantas pessoas queridas, amigos, que perderam mais do que poderiam estimar.*

João 11.33-35: “Ao ver chorando Maria e os judeus que a acompanhavam, Jesus agitou-se no espírito e perturbou-se. ‘Onde o colocaram?’, perguntou ele. ‘Vem e vê, Senhor’, responderam eles. *Jesus chorou*”.

Lucas 19.41-44: “*Quando se aproximou e viu a cidade, Jesus chorou sobre ela e disse: ‘Se você compreendesse neste dia, sim, você também, o que traz a paz! Mas agora isso está oculto aos seus olhos. Virão dias em que os seus inimigos construirão trincheiras contra você, a rodearão e a cercarão de todos os lados. Também a lançarão por terra, você e os seus filhos. Não deixarão pedra sobre pedra, porque você não reconheceu a oportunidade que Deus lhe concedeu’*”.

Lucas 7.11-17: “Logo depois, Jesus foi a uma cidade chamada Naim, e com ele iam os seus discípulos e uma grande multidão. Ao se aproximar da porta da cidade, *estava saindo o enterro do filho único de uma viúva; e uma grande multidão da cidade estava com ela. Ao vê-la, o Senhor se compadeceu dela e disse: ‘Não chore’*. Depois, aproximou-se e tocou no caixão, e os que o carregavam pararam. Jesus disse: ‘Jovem, eu lhe digo, levante-se!’. O jovem sentou-se e começou a conversar, e Jesus o entregou à sua mãe. Todos ficaram cheios de temor e louvavam a Deus. ‘Um grande profeta se levantou entre nós’, diziam eles. ‘Deus interveio em fa-

vor do seu povo'. Essas notícias sobre Jesus espalharam-se por toda a Judeia e regiões circunvizinhas".

4. *Dedique tempo e, se possível, seja afetuoso e cuidadoso para com os feridos de corpo e alma.*

Mateus 8.14, 15: "Entrando Jesus na casa de Pedro, viu a sogra deste de cama, com febre. Tomando-a pela mão, a febre a deixou, e ela se levantou e começou a servi-lo".

Marcos 1.40, 41: "Um leproso aproximou-se dele e suplicou-lhe de joelhos: 'Se quiseres, podes purificar-me!'. Cheio de compaixão, Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: 'Quero. Seja purificado!'".

Lucas 10.30-37: "Em resposta, disse Jesus: 'Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, *quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: 'Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver*'. 'Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?'. 'Aquele que teve misericórdia dele', respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: 'Vá e faça o mesmo'".

5. *Mantenha a esperança na promessa de que Deus sustentará e ajudará os que se lançarem em seus braços suplicando por misericórdia. Confie em sua graça. Ele o fortalecerá para os dias impossíveis que estão por vir apesar de toda a escuridão ao redor.*

Salmos 34.18: "O SENHOR está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido".

Isaías 41.10: “Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo, pois sou o seu Deus. *Eu o fortalecerei e o ajudarei; eu o segurarei com a minha mão direita vitoriosa*”.

Salmos 23.4: “Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, *pois tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me protegem*”.

2Coríntios 1.3, 4: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, *Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações*, para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações”.

2Coríntios 1.8, 9: “Irmãos, não queremos que vocês desconheçam as tribulações que sofremos na província da Ásia, as quais foram muito além da nossa capacidade de suportar, ao ponto de perdermos a esperança da própria vida. De fato, já tínhamos sobre nós a sentença de morte, *para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos*”.

6. *Afirme que Jesus Cristo experimentou a hostilidade humana e soube o significado de ser torturado e abandonado injustamente; além disso, suportou uma perda esmagadora e, em seguida, foi morto, tornando-se desse modo nosso mediador junto a Deus.*

Hebreus 4.15, 16: “*Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas*, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação [ou “provado”, o que propicia relevância ainda maior], porém, sem pecado. Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade”.

Isaías 53.3-6: “Foi desprezado e *rejeitado* pelos homens, *um homem de dores e experimentado no sofrimento*. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima. *Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos*

castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós”.

7. Afirme que esses massacres foram obras malignas e que a ira divina arde tremendamente diante da destruição brutal da vida humana criada à sua imagem.

Êxodo 20.13: “Não matarás”.

Gênesis 9.5,6: “A todo aquele que derramar sangue, tanto homem como animal, pedirei contas; a cada um pedirei contas da vida do seu próximo. ‘Quem derramar sangue do homem, pelo homem seu sangue será derramado; porque à imagem de Deus foi o homem criado”.

Deuteronômio 29.24, 25: “Todas as nações perguntarão: ‘Por que o SENHOR fez isto a esta terra? Por que tanta ira e tanto furor?’. E a resposta será: ‘Foi porque este povo abandonou a aliança do SENHOR, o Deus dos seus antepassados, aliança feita com eles quando os tirou do Egito”.

8. Reconheça que Deus permitiu um grande surto de pecado contra a vontade revelada, e que não sabemos todas as razões que o levaram a permitir que isso acontecesse, mesmo sendo todo poderoso para interrompê-lo.

Deuteronômio 29.29: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei”.

Romanos 11.33-36: “Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos! ‘Quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?’. ‘Quem primeiro lhe deu,

para que ele o recompense?'. Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém”.

9. *Diga a verdade: Satanás é uma realidade efetiva no universo que conspira com o nosso pecado, a nossa carne e com o mundo para ferir pessoas e influenciá-las a ferir umas as outras; no entanto, deixe claro que Satanás encontra-se sob o controle absoluto de Deus.*

Jó 1.6, 12, 21, 22; 2.6-10: “Certo dia os anjos vieram apresentar-se ao SENHOR, e Satanás também veio com eles. [...] O SENHOR disse a Satanás: ‘Pois bem, tudo o que ele possui está nas suas mãos; apenas não toque nele’. Então Satanás saiu da presença do SENHOR. [Depois de perder todas as suas posses e os dez filhos, Jó disse:] ‘Saí nu do ventre da minha mãe, e nu partirei. *O SENHOR o deu, o SENHOR o levou*; louvado seja o nome do SENHOR”. Em tudo isso Jó não pecou e não culpou a Deus de coisa alguma. [Depois de um segundo encontro no céu] O SENHOR disse a Satanás: ‘Pois bem, ele está nas suas mãos; apenas poupe a vida dele’. Saiu, pois, Satanás da presença do SENHOR e afligiu Jó com feridas terríveis, da sola dos pés ao alto da cabeça. Então Jó apanhou um caco de louça e com ele se raspava, sentado entre as cinzas. Então sua mulher lhe disse: ‘Você ainda mantém a sua integridade? Amaldiçoe a Deus, e morra!’. Ele respondeu: ‘Você fala como uma insensata. *Aceitaremos o bem dado por Deus, e não o mal?*’. Em tudo isso Jó não pecou com seus lábios”

Jó 42.2, 11: “Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos teus planos pode ser frustrado’. [...] Todos os seus irmãos e irmãs, e todos os que o haviam conhecido anteriormente vieram comer com ele em sua casa. Eles o consolaram e o confortaram por todas as tribulações *que o SENHOR tinha trazido sobre ele*, e cada um lhe deu uma peça de prata e um anel de ouro”.

Lucas 22.31, 32: “Simão, Simão, Satanás pediu vocês para peneirá-los como trigo. Mas eu orei por você, para que a sua fé não desfaleça. E quando você se converter, fortaleça os seus irmãos”.

2Coríntios 12.7-9: “Para impedir que eu me exaltasse por causa da grandeza dessas revelações, foi-me dado um espinho na carne, *um mensageiro de Satanás*, para me atormentar. Três vezes roguei ao Senhor que o tirasse de mim. Mas ele me disse: ‘Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza’. Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim”.

Compare as duas perspectivas adiante sobre a causa da morte de Jesus.

Lucas 22.3, 4: “*Então Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, um dos Doze. Judas dirigiu-se aos chefes dos sacerdotes e aos oficiais da guarda do templo e tratou com eles como lhes poderia entregar Jesus*”.

Atos 4.27, 28: “De fato, Herodes e Pôncio Pilatos reuniram-se com os gentios e com o povo de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste. *Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse*”.

10. *Diga que os terroristas se rebelaram contra a vontade revelada de Deus, não o amaram, não confiaram nele nem fizeram dele seu refúgio, força e tesouro. Preferiram, porém, desprezá-lo e desconsiderar seus caminhos.*

2Tessalonicenses 3.1, 2: “Finalmente, irmãos, orem por nós, para que a palavra do Senhor se propague rapidamente e receba a honra merecida, como aconteceu entre vocês. Orem também para que sejamos libertos dos *homens perversos e maus, pois a fé não é de todos*”.

Gálatas 5.6: “Porque em Cristo Jesus nem circuncisão nem incircuncisão têm efeito algum, mas sim a *fé que atua pelo amor*”.

Gálatas 5.16.: “Por isso digo: Vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne”.

Tiago 4.1-4: “De onde vêm as guerras e contendas que há entre vocês? Não vêm das paixões que guerreiam dentro de vocês? Vocês cobiçam coisas, e não as têm; matam e invejam, mas não

conseguem obter o que desejam. Vocês vivem a lutar e a fazer guerras. Não têm, porque não pedem. Quando pedem, não recebem, pois pedem por motivos errados, para gastar em seus prazeres. Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus”.

11. *A rebelião contra Deus foi a raiz do massacre; assim tenhamos a rebelião em nosso coração, e que possamos dar as costas a tudo isso e abraçar a graça de Deus em Cristo, renunciando a todo impulso capaz de causar tais tragédias.*

Provérbios 3.5, 6: “Confie no SENHOR de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento; reconheça o SENHOR em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas”.

Salmos 9.10: “Os que conhecem o teu nome confiam em ti, pois tu, SENHOR, jamais abandonas os que te buscam”.

Salmos 56.3: “Mas eu, quando estiver com medo, confiarei em ti”.

12. *Ensine-os a viver em meio a problemas momentâneos de pecado e de arrependimento no coração e a urgente necessidade de se acertar com Deus mediante sua misericordiosa provisão de perdão em Cristo, de modo que jamais nos sobrevenha o destino pior que a morte.*

Lucas 13.1-5: “Naquela ocasião, alguns dos que estavam presentes contaram a Jesus que Pilatos misturara o sangue de alguns galileus com os sacrifícios deles. Jesus respondeu: ‘Vocês pensam que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros, por terem sofrido dessa maneira? Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão. Ou vocês pensam que aqueles dezoito que morreram, quando caiu sobre eles a torre de Siloé, eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão’”.

Apocalipse 9.18, 20, 21: “Um terço da humanidade foi morto pelas três pragas: de fogo, fumaça e enxofre, que saíam das suas bocas. [...] O restante da humanidade que não morreu por essas pragas, nem assim se arrependeu das obras das suas mãos; eles não pararam de adorar os demônios e os ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, ídolos que não podem ver, nem ouvir, nem andar. Também não se arrependeram dos seus assassinatos, das suas feitiçarias, da sua imoralidade sexual e dos seus roubos”.

Apocalipse 16.8, 9: “O quarto anjo derramou a sua taça no sol, e foi dado poder ao sol para queimar os homens com fogo. Estes foram queimados pelo forte calor e amaldiçoaram o nome de Deus, que tem domínio sobre estas pragas; contudo, recusaram arrepender-se e glorificá-lo”.

13. *Lembre-se de que mesmo quem confia em Cristo pode ser afligido como os milhares que se encontravam em Nova York e em Washington naquele dia; no entanto, isso não significa que foram abandonados ou deixados de ser amados por Deus, apesar dos momentos agonizantes de sofrimento. O amor divino sobrepuja as calamidades.*

Romanos 8.35-39: “Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: ‘Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro’. Mas, em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Pois estou vencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

14. *Junte o pranto do coração do pecador com a confiança inabalável na bondade e soberania divina que governa sobre e através do pecado e dos planos de um povo rebelde.*

Lamentações 3.32, 33: “Embora ele traga tristeza, mostrará compaixão, tão grande é o seu amor infalível. Porque não é do seu agrado trazer aflição e tristeza aos filhos dos homens”.

Gênesis 45.7: [José disse aos irmãos que o haviam traído pecaminosamente e o vendido no Egito:] “Mas Deus me enviou à frente de vocês para lhes preservar um remanescente nesta terra e para salvar-lhes a vida com grande livramento”.

Gênesis 50.20: [José disse aos temerosos irmãos:] “Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos”.¹

15. *Confie em Deus, na capacidade divina de realizar o humanamente impossível, de permitir a experiência dos momentos semelhantes a pesadelos, e de maneira inescrutável, de gerar o bem em tudo isso.*

Romanos 8.28: “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito”.

Lamentações 3.21-24: “Todavia, lembro-me também do que pode me dar esperança: Graças ao grande amor do SENHOR é que não somos consumidos, pois as suas misericórdias são inesgotáveis. Renovam-se cada manhã; grande é a sua fidelidade! Digo a mim mesmo: A minha porção é o SENHOR; portanto, nele porei a minha esperança”.

2Coríntios 1.8, 9: “Irmãos, não queremos que vocês desconheçam as tribulações que sofremos na província da Ásia, as quais foram muito além da nossa capacidade de suportar, ao ponto de perdermos a esperança da própria vida. De fato, já tínhamos sobre nós a sentença de morte, *para que não confiassemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos*”.

2Coríntios 4.17: “Pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles”.

16. *Explique, quando chegar o momento certo e todos estiverem capacitados para pensar com clareza, que um dos mistérios da grandeza divina é Deus ordenar que algumas coisas aconteçam mesmo que ele as proíba ou desaprove.*

Isso fica evidente quando atentamos para a ordem que ele mesmo emitiu permitindo a morte de seu próprio Filho.

Atos 4.27, 28: “De fato, Herodes e Pôncio Pilatos reuniram-se com os gentios e com o povo de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste. Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse”.²

17. *Fale a respeito de sua estima pela soberania de Deus como a base de toda a sua esperança nos momentos em que enfrenta as dificuldades da vida humana. Todo o cumprimento das promessas da Nova Aliança quanto à nossa salvação e preservação depende da soberania divina diante da rebelião da vontade humana.*

Marcos 10.24-27: “Os discípulos ficaram admirados com essas palavras. Mas Jesus repetiu: ‘Filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus’. Os discípulos ficaram perplexos, e perguntavam uns aos outros: ‘Neste caso, quem pode ser salvo?’. Jesus olhou para eles e respondeu: ‘Para o homem é impossível, mas para Deus não; todas as coisas são possíveis para Deus’”.

Jeremias 32.40: “Farei com eles uma aliança permanente: Jamais deixarei de fazer o bem a eles, e farei com que me temam de coração, para que jamais se desviem de mim”,

Hebreus 13.20, 21: “O Deus da paz, que pelo sangue da aliança eterna trouxe de volta dentre os mortos o nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, os aperfeiçoe em todo o bem para fazerem a vontade dele, e opere em nós o que lhe é agradável, mediante Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém”.

18. *Assegure-se de que Deus seja seu único tesouro, pois ele é tudo o que há de certo e estável no universo.*

Salmos 73.25, 26: “A quem tenho nos céus senão a ti? E na terra, nada mais desejo além de estar junto a ti. O meu corpo e o meu coração poderão fraquejar, mas Deus é a força do meu coração e a minha herança para sempre”.

19. *Faça-os recordar sempre: viver é Cristo e morrer é lucro.*

Filipenses 1.21,23: “Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. [...] Estou pressionado dos dois lados: desejo partir e estar com Cristo, o que é muito melhor”.

2Coríntios 5.7-9: “Porque vivemos por fé, e não pelo que vemos. Temos, pois, confiança e preferimos estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor. Por isso, temos o propósito de lhe agradar, quer estejamos no corpo, quer o deixemos”.

20. *Ore para que Deus incline o coração de cada um à Palavra, abra os olhos para que possam ver suas maravilhas; e una o coração desse povo para temê-lo. E os satisfaça com o amor.*

Salmos 119.36: “Inclina o meu coração para os teus estatutos, e não para a ganância”.

Salmos 119.18: “Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei”.

Salmos 86.11: “Dá-me um coração inteiramente fiel, para que eu tema o teu nome”.

Salmos 90.14: “Satisfaze-nos pela manhã com o teu amor leal, e todos os nossos dias cantaremos felizes”.

21. *No momento certo, a trombeta soará para dizer que todas estas boas-novas foram determinadas por Deus a fim de nos libertar para o culto radical e sacrificial em prol da salvação dos homens e para a glória de Cristo. Ajude-os a perceber que uma mensagem sobre toda essa miséria deve mostrar a cada um de nós que a vida, embora curta e frágil, é seguida pela eternidade, e que as ambições centradas no homem são trágicas.*

Atos 20.24: “Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus”.

Tito 2.14: “Ele [Cristo] se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras”.

Filipenses 1.21: “O viver é Cristo.”

Existem momentos preciosos e dolorosos na vida de toda igreja e de toda nação quando as pessoas estão prontas para deixar que a preciosa verdade da soberana misericórdia divina penetre em sua alma. Irmãos, antes de esses momentos acontecerem, e no transcorrer de cada um deles, ajude o próximo a apoiar e ministrar na calamidade.

NOTAS

¹ V. outros textos a respeito da soberania absoluta de Deus sobre todas as coisas: Ef 1.11; Is 46.9,10; Lm 3.37; Am 3.6; Pv 16.33; Êx 4.11; 1Sm 2.6,7; 2Sm 12.15-18; Jo 9.2,3; Tg 4.15; 1Pe 3.17; 4.19; Mt 10.29.

² V. o apêndice “Are There Two Wills in God? Divine Election and God’s Desire for All to Be Saved” do livro *The Pleasures of God* (Sisters, Ore.: Multnomah Press, 2000), p. 313-40, e ainda em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*, ed. de Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware (Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 2000), p. 107-31.

Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações.

MATEUS 28.19

Existem três alternativas para se escolher na Grande Comissão.

Você pode ir. Você pode enviar. Ou você pode desobedecer.

Ignorar a causa não é uma opção cristã.

JOHN PIPER

E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo
como testemunho a todas as nações, e então virá o fim.

MATEUS 24.14

Se amamos a notoriedade de Deus
e estamos comprometidos em engrandecer seu nome acima de
todas as coisas seremos incapazes de permanecer
indiferentes às missões mundiais.

JOHN PIPER

capítulo vinte cinco

Irmãos, transmitam-lhes a paixão divina por missões

Sou testemunha da graça de Deus em minha vida, pois me foi concedido amor intenso por missões mundiais — ou seja, o amor intenso pela supremacia de Deus sobre todas as coisas para a alegria de todos os povos. Todos os povos! Assim como Salmos 67.4 afirma: “Exultem e cantem de alegria as nações”, Deus tem sido bom comigo e abriu meus olhos para contemplar a supremacia divina e a alegria das nações mediante as atuações missionárias no mundo.

Ele me colocou na família de um evangelista, Bill Piper, que costumava convocar os filhos para interceder pelos missionários em todas as orações familiares, e que destinou, já aos oitenta anos, os últimos momentos de vida frutífera à organização de cursos bíblicos por correspondência em quarenta países. Deus ainda me

enviou para uma faculdade que contava com a herança deixada por ex-alunos como Jim Elliot e Billy Graham.

Posteriormente Deus me enviou ao seminário que deu início à graduação em missões mundiais, e naqueles dias tive o privilégio de frequentar as aulas de Ralph Winter. Em seguida, ele me levou ao exterior para realizar meu trabalho de graduação em diferentes culturas e línguas. Depois disso, Deus me conduziu ao ministério de ensino no Bethel College e passei a integrar a General Baptist Conference [Conferência Batista Geral], adotando sua visão sobre missões mundiais. Em 1980, Deus me enviou a Bethlehem Baptist Church [Igreja Batista Belém], com seus cem anos de história de envio de missionários aos povos não alcançados do mundo, como Ola Hanson, em 1890, ao povo kachin, em Burma.

Em 1983, Deus abriu meus olhos durante uma conferência missionária para que percebesse a ligação entre meu conceito de hedonismo cristão (v. o capítulo 7) e a evangelização do mundo. Já no início da década de 1990, ele tocou o coração dos presbíteros da igreja para que me concedessem tempo para escrever o que havia aprendido em todos aqueles anos desde 1983. O livro recebeu o título *Alegrem-se os povos*,¹ extraído de Salmos 67.4: “Exultem e cantem de alegria as nações, pois governas os povos com justiça e guias as nações da terra”.

Eu chamo todas essas coisas de graça de Deus em minha vida.

De vez em quando, na vida da igreja, é crucial que os pastores relatem com detalhes as verdades essenciais sobre as missões, capazes de alimentar o amor intenso pela supremacia de Deus entre os povos. Por que nos importamos tanto com missões? Porque as pessoas precisam ouvir o evangelho. Muitos cristãos ignoram o fato mais glorioso da história: a propagação do cristianismo mediante o sangue, as lágrimas e as alegrias das missões mundiais.

Em Bethlehem, com o passar dos anos, descobrimos sete verdades que definem e inflamam a paixão por missões mundiais. E acho que elas podem ser úteis para a reflexão. Se a igreja em todo o mundo fosse incendiada por estas coisas, como Pedro disse em

sua carta, isso ajudaria a apressar a vinda do Dia de Deus (2Pe 3.12) e o final da história que já conhecemos.

1. *Descobrimos que Deus está ardentemente comprometido com sua notoriedade. Seu principal objetivo é tornar seu nome conhecido, louvado e estimado por todas as pessoas na terra.*

“E este evangelho do *Reino* será pregado em todo o mundo” (Mt 24.14). Este evangelho fala sobre o reino de Deus e seu reinado. Fala sobre o triunfo de Jesus Cristo sobre o pecado, a morte, o juízo, Satanás, o medo e a culpa. São boas novas — nós não regemos como reis, mas o nosso Deus reina. “Como são belos nos montes os pés daqueles que anunciam boas novas [...] que proclamam salvação, que dizem a Sião: ‘O seu Deus reina!’” (Is 52.7). Ou seja, trata-se do evangelho do governo de Deus.

E o alvo da pregação do “evangelho do Reino” é fazer as nações conhecerem o Jesus Rei e torná-las capazes de admirá-lo, honrá-lo, amá-lo e confiar nele, bem como segui-lo, fazendo dele a luz de suas inclinações. Aprendemos que Deus está ardentemente comprometido com a sustentação e revelação de seu nome e de sua reputação no mundo.

Muitas vezes lemos na Bíblia que Deus age dessa maneira “para que o nome [dele] seja proclamado em toda a terra” (Rm 9.17). O mandamento central das missões encontra-se em Isaias 12.4: “Anunciem entre as nações os seus feitos, e façam-nas saber que o seu nome é exaltado”.

Deus está ardentemente comprometido com sua notoriedade (v. o capítulo 2: *Irmãos, Deus ama sua glória*). Sua prioridade é ser conhecido, admirado, ser considerado digno da confiança e apreciado como rei infinitamente glorioso. Estas são as “boas novas do Reino”. Este é o objetivo das missões, conforme a declaração de Paulo em Romanos 15.9: “a fim de que os gentios *glorifiquem* a Deus por sua misericórdia”.

Esta foi a descoberta número um. Tornou-se bem claro para muitos de nós, em 1983, que se amássemos a notoriedade de Deus

e nos comprometêssemos com o engrandecimento de seu nome sobre todas as coisas, jamais nos sentiríamos indiferentes às missões.

2. Descobrimos que o propósito de Deus de ser conhecido, louvado e apreciado por todas as nações não seria vão. Trata-se de uma promessa absolutamente segura. Ela se realizará.

Jesus disse: “E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24.14). Está é uma promessa absoluta. Ela *acontecerá*. A base para esta convicção jaz na soberania de Cristo Jesus: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra” (Mt 28.18). Nada poderá impedir: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la” (Mt 16.18).

A partir desta descoberta, fomos capazes de compreender que se a igreja se mostrar desobediente, não só a causa defendida por Deus, ou a causa das missões, perderá, mas *nós* perderemos. Os desígnios de Deus permanecerão, ele realizará toda a sua vontade (Is 46.10). O triunfo de Deus nunca esteve em questão, e sim nossa participação no processo — ou nossa perda incalculável. Podemos nos sentir embriagados com preocupações pessoais ou indiferentes diante do empreendimento da evangelização mundial, mas Deus não fará caso de nós e realizará sua obra grandiosa enquanto murçhamos em nosso pequeno território confortável.

3. Descobrimos que a tarefa missionária tem como enfoque alcançar quem ainda não foi alcançado, e não apenas pessoas, mas determinados grupos de pessoas, não indivíduos. E isso tem um fim.

Volto a repetir, Jesus disse: “E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim”. (Mt 24.14). Com a ajuda de Ralph Winter e outros, nossos olhos foram abertos para enxergar a verdade bíblica de que o termo “nações”, na Bíblia, não se refere a Estados político-geográficos, como os Estados Unidos da América, Argentina, China, Ale-

manha, Uganda etc. “Nações” são grupos étnicos com línguas e culturas diferentes que dificultam a propagação natural do evangelho de um grupo para outro.² “Nações” são grupos como “os amorreus, os heteus, os ferezeus, os cananeus, os heveus e os jebuseus” (Êx 23.23), os ojibwes, os nigures, os berberes, e os fulanis. A tarefa das missões não objetiva apenas de ganhar indivíduos, mas alcançar todos esses grupos diferentes no mundo.

Por isso Apocalipse 5.9 se tornou tão importante para nós quanto Mateus 28.19, 20: “Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação”. Esta é a incumbência das missões: alcançar não só um número cada vez maior de pessoas, mas um número cada vez maior de grupos de pessoas — línguas, povos e nações.

Esta descoberta deu-nos direção clara e aprimorada para nossas orações e para a mobilização de nossos esforços. A incumbência das missões, primeiramente, não é a de tentar imitar ou seguir a mesma taxa de crescimento populacional no mundo — mesmo que isso fosse maravilhoso. Consiste, porém, em tentar progredir alcançando cada vez mais “nações” — grupos de povos. Isso significa que a tarefa tem fim, pois enquanto o número de indivíduos continua crescendo e mudando, a quantidade de povos (geralmente) não cresce ou muda. Esta foi nossa terceira descoberta: o papel missionário deve estar focado em alcançar os povos inalcançados, e não só indivíduos.

4. Descobrimos que a escassez de missionários semelhantes a Paulo é obscurecida pela quantidade de missionários semelhantes a Timóteo.

Deixe-me explicar isso de forma clara. Aparentemente, o mundo precisa de dois tipos de missionários. Existem os semelhantes a Timóteo e os que se assemelham a Paulo. Chamamos Timóteo de “missionário”, pois entendemos que ele deixou o lar em Listra (At 16.1) e se juntou à equipe de missionários itinerantes, deparando-se com

culturas diferentes e, por fim, zelando da mais nova igreja de Éfeso (1Tm 1.3), bem longe da terra natal. Contudo, temos como distinguir esse tipo de missionário de Paulo, pois Timóteo permaneceu e realizou seu ministério nas “missões de campo”, bem depois da implantação de uma igreja pelos próprios presbíteros (At 20.17) e segundo seu próprio alcance (At 19.10).

Paulo (ou o seu tipo de missionário), por outro lado, guiava-se pela paixão de tornar o nome de Deus conhecido entre todos os povos inalcançados do mundo. Tão logo a igreja se encontrasse bem estabelecida, não via mais motivos para permanecer no lugar. Em Romanos 15.20, ele afirmou: “Sempre fiz questão de pregar o evangelho onde Cristo ainda não era conhecido”. Isso é o que chamamos de “missões de fronteira” ou “missões pioneiras”. E esse é o tipo de missionário semelhante a Paulo.

Em minha opinião, evocando o ano de 1983, isso se mostrou uma revelação espantosa, pois talvez 90 por cento da força missionária da América do Norte é semelhante a Timóteo — trabalha com igrejas estabelecidas entre os povos alcançados; e somente 10 por cento dos missionários assemelham-se a Paulo, embora centenas de grupos de povos, outros dirão vários milhares, permaneçam inalcançados — ou seja, não existem movimentos nativos evangelizadores entre eles.

Depois desta descoberta, passei a sentir que um de meus chamados como pastor consistia em orar, pregar e escrever a favor de movimentos missionários semelhantes às missões realizadas por Paulo, e não impedir a obediência daqueles que, como Timóteo, foram chamados para permanecer em missões de campo, como a de “Éfeso”.

5. Descobrimos que ministérios domésticos são o objetivo das missões de fronteiras, e missões de fronteiras são o estabelecimento de ministérios domésticos.

Quando falo de ministério doméstico, faço referência ao chamado para viver o amor e a justiça de Jesus em nossa própria cul-

tura, lidando, por exemplo, com questões relacionadas ao evangelismo, pobreza, saúde, desemprego, fome, aborto, mães com casas ruins, filhos fora de controle, pornografia, desintegração familiar, abuso infantil, divórcio, higiene, educação em geral, abuso de drogas e alcoolismo, problemas ambientais, crimes, prisão, abuso moral na mídia, negócios e política etc. Em geral, sendo sal e luz em todos os níveis da sociedade da nossa cultura.

Algumas vezes, as pessoas defendem essas causas, mas guardam em seu espírito uma indiferença ou mesmo certa hostilidade em relação às missões de fronteira. Aham que essas causas tão importantes seriam negligenciadas ou ameaçadas caso o foco se voltasse para as missões de fronteira. Dizem que nossos lares possuem grandes necessidades, o que é verdade. Mas, é aí que descobrimos a verdadeira relação entre ministérios domésticos e missões de fronteira.

As missões de fronteira são o esforço da igreja para comover o coração do povo inalcançado com o “evangelho do Reino” e estabelecer ali uma igreja nativa que continue em desenvolvimento e empregue o amor e a justiça de Cristo na respectiva cultura. Isto significa que o alvo das missões de fronteira é edificar uma nova base de operações para os ministérios domésticos enquanto o objetivo do missionário é ajudar a implantação de uma igreja nativa que operará na própria cultura todos os ministérios domésticos transformadores de culturas, vidas e sofrimentos, capazes de salvar almas e satisfazer necessidades. E é isso o que as igrejas nacionais deveriam fazer.

Esta foi uma descoberta que deixou alguns de nós perplexos. As missões de fronteira são o transporte e a adaptação dos ministérios domésticos para os grupos de povos onde ainda não existem efetivamente por causa da falta do conhecimento de Cristo. A conclusão surpreendente a que chegamos foi que as missões de fronteiras consistem em “exportar” os servos dos ministérios domésticos. E os ministérios domésticos, aqui, consistem no campo de treinamento e cultivo para novos missionários de fronteira.

A grande ironia com a qual nos deparamos, em toda a confusão emocional daqueles dias, foi que as pessoas que deveriam ter a maior preocupação pelas missões de fronteira são aquelas cujo coração se inclina mais para os ministérios domésticos. O mesmo amor cristão e o mesmo senso de justiça que fazem uma pessoa se preocupar com o evangelismo, a morada, o desemprego, a fome, a saúde dos cidadãos da própria cidade é o que gera a preocupação da pessoa com essas mesmas necessidades pelos grupos de povos onde não existe nenhum impulso cristão a favor da transformação.

Na verdade, nos últimos dias, temos visto ministérios domésticos e missões de fronteiras se fundindo de maneira totalmente imprevista enquanto os povos inalcançados se mudam para Minneapolis. A mudança do ministério doméstico para a missão de fronteira não consiste obrigatoriamente em mudança geográfica, embora seja ainda uma mudança cultural. Para nós, progredir na direção dos povos muçulmanos inalcançados não exige muitos passos.

6. Fomos capazes de perceber que Deus ordena o sofrimento como preço e meio para a conclusão da Grande Comissão.

Não é por acaso que todos meus livros *Alegrem-se os povos*, *Graça futura* e *Em busca de Deus* tenham capítulos que abordam o tema do sofrimento. Mais claro que nunca, tenho visto nos últimos anos que o sofrimento não é apenas o resultado da tentativa de sensibilizar os povos inalcançados, mas o *meio* para comovê-los. Cinco versículos antes de Mateus 24.14, Jesus disse: “Então eles os entregarão para serem perseguidos e condenados à morte, e vocês serão odiados por todas as nações por minha causa” (v. 9). Este é o preço das missões, e ele certamente será pago.

Ainda mais importante foi a descoberta de que o sofrimento não consiste apenas no preço, mas no meio ordenado por Deus para concretizar sua obra. Em Colossenses 1.24, Paulo diz: “Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês, e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja”. Os sofrimentos de Paulo completam o que estava faltan-

do nas aflições de Cristo; ou seja, elas se tornam uma demonstração presente e visível do tipo de amor que Cristo sente pelos povos inalcançados do mundo.³ Nosso sofrimento se torna uma extensão e uma apresentação do sofrimento de Cristo por suas ovelhas. O sofrimento não consiste, portanto, no resultado accidental da desobediência, mas no meio ordenado para comover os povos e o coração dos perdidos.

Josef Tson, o pastor romeno que arriscou a própria vida ensinando e pregando sob a autoridade dos comunistas até ser exilado em 1981, escreveu um livro sobre o sofrimento, o martírio e as recompensas celestes. Na conclusão, ele afirmou: “O sofrimento e o martírio devem ser vistos como parte dos planos de Deus; são seus instrumentos, por meio dos quais realiza seus propósitos na história e pelos quais cumpre seu propósito final em relação ao homem”.⁴ E foi isso o que aprendi da Bíblia e da história nos últimos anos.

Não escondo isso da minha igreja. Todos ali sabem que quando oro, prego e escrevo para ganhá-los para a maior causa do mundo: eu os chamo para sofrer e talvez morrer por Cristo. Temos conversado de forma casual e frequente sobre “experiências transculturais interessantes”. Esse é o momento para compreender o sentido bíblico e verdadeiro de: “Eu os estou enviando como ovelhas entre lobos” (Mt 10.16). “Vocês serão traídos até por pais, irmãos, parentes e amigos, e eles entregarão alguns de vocês à morte. Todos odiarão vocês por causa do meu nome. Contudo, nenhum fio de cabelo da cabeça de vocês se perderá” (Lc 21.16-18).

7. Por fim, descobrimos que Deus é mais glorificado em nós quando nos deleitamos realmente nele quando aceitamos o sofrimento e a morte por amor dele a fim de estender nossa alegria aos povos inalcançados da terra.

Em outras palavras, a adoração a Deus — o nosso deleite nele, nosso apreço e admiração por ele — é o combustível e o alvo de todas as missões que, por sua vez, provem do nosso deleite diante

de tudo o que Deus significa para nós em Cristo, e que almeja ajudar o próximo a se deleitar diante de tudo o que Deus significa para eles em Cristo.

A evidência mais clara e poderosa de que Deus tem recebido essa admiração e sido fruto dessa alegria é vista nos momentos em que seu povo, em meio ao sofrimento, declara: “Pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles” (2Co 4.17). “Considero que os sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Rm 8.18). “... Considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, por quem perdi todas as coisas” (Fp 3.8).

Quando as pessoas falam dessa maneira, as missões são colocadas nos trilhos. Portanto, seja radical com sua igreja. Não deixe que as pessoas se estabeleçam e se sintam confortáveis pela situação econômica tranquila. Convoque-as para o estilo de vida dos tempos de guerra e para a orientação das missões mundiais. Diga-lhes que podem escolher entre três opções. Podem ser os que vão, os que enviam ou os que desobedecem. Mas ignorar a causa não é uma opção cristã. Use as mesmas palavras que Jesus: “Assim como o Pai me enviou, eu os envio” (Jo 20.21). Faça-os recordar do desafio radical de Hebreus 13.12-14 no qual lemos que Jesus sofreu fora das portas. Portanto, que possamos juntos com ele ir ao campo, suportando por ele todas as repreensões. Visto que aqui não existe uma cidade eterna, cabe-nos buscar a cidade vindoura. Irmãos, ensinem a paixão de Deus por missões.

NOTAS

¹ São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

² Para uma defesa exegética e teológica, cf. o tema em *Alegrem-se os povos*.

³ Ibid, p. 93-6.

⁴ *Suffering, Martyrdom and Rewards in Heaven* (New York: University Press of America, 1997), p. 423.

Portanto, não se trata aqui de sermos extremistas ou não,
mas que tipo de extremista seremos.

Seremos extremistas conduzidos pelo ódio ou pelo amor?

MARTIN LUTHER KING JR.

Será que nossas igrejas são termômetros que registram as ações e as atitudes raciais do mundo, ou são elas termostatos que aumentam o calor do comprometimento com a compreensão racial, amor e a provável harmonia?

JOHN PIPER

Contra o crescente espírito de indiferença, alienação e hostilidade
em nosso país, abraçaremos a supremacia do amor divino
para avançar pessoal e coletivamente
rumo à reconciliação racial,

manifestada visivelmente em nossa comunidade e igreja

EXTRAÍDO DA *VISION STATEMENT* DA BETHLEHEM BAPTIST CHURCH

capítulo vinte seis

Irmãos, cortem a raiz do racismo

A questão do preconceito, esnobismo, desconfiança e maus tratos não é racial; é uma questão do sangue de Jesus. Quando você tiver a convicção e a coragem para falar a respeito disso com seu rebanho, diga que você não está se tornando um pregador do evangelho social, mas alguém que ama as bênçãos propiciadas pelo sangue derramado por Cristo na cruz. Voltarei a este assunto daqui a pouco e mostrarei os textos bíblicos que tenho em mente a respeito dele. No entanto, em primeiro lugar, vamos estabelecer o pano de fundo.

Colocando o tema de forma mais branda, não importa se sua igreja está estabelecida no norte ou no sul dos EUA, o rebanho com certeza apresenta certos traços de racismo. O tempo passa rapidamente, as memórias se acumulam, mas, em essência, não progredimos. Há oitenta anos, em Duluth, um cidade do Estado de Minne-

sota, uma multidão de pessoas brancas arrastou da prisão três negros, sem aguardar por qualquer julgamento, e os linchou sob as luzes da cidade.¹ Esse fato não ocorreu numa época sombria ou no período pré-guerra civil do sul, e sim uma geração atrás.

Além disso, existem provavelmente mais partidários cruéis da supremacia branca por todos os EUA do que deveria existir em 1968, quando Martin Luther King foi assassinado em Memphis (Tennessee). A Ku Klux Klan (KKK) não controlava seu ódio. Em 1963, em St. Augustine (Flórida), a polícia deteve e levou à prisão vários manifestantes que não usavam de violência com uma precisão implacável, mas manteve uma postura ociosa enquanto a KKK bombardeava e metralhava lares dos afro-americanos, além de abrirem fogo contra locais de dança de negros. Prefiro poupá-los dos detalhes das terríveis abduções, torturas e espancamentos que todo negro americano conhece bem.

Mas, não pouparei as lembranças do ocorrido em 6 de junho de 1998, nos arredores de Jasper (Texas), quando James Byrd, um afro-americano de 49 anos, foi espancado e acorrentado pelos calcanhares à carroceria de uma caminhonete e arrastado por mais de cinco quilômetros até ter a cabeça despedaçada. Muitas coisas mudaram, mas outras consideravelmente importantes em nada foram alteradas. Estes acontecimentos são uma indicação sangrenta do enorme e parcialmente subconsciente iceberg na cultura americana. E isso afeta a todos nós. Mas dentre a maioria, poucos sentem ou admitem isso. E este é o privilégio de ser a maioria. Os modos ou as intenções são assumidos. A cor branca não é um problema para nós, então, por que a cor negra tem sido? Na melhor das hipóteses, somos muito ingênuos.

Tenho consciência de que a questão referente às relações inter-raciais nos EUA está acima do negro e do branco. E mesmo a categoria “negro-branco” representa uma simplificação exagerada em vista das várias famílias transraciais e suas nuances e a afluência de milhares de negros nos EUA que não precisam lidar com trezentos anos da herança dolorosa de seu país. Mas, não posso

minimizar o único sofrimento e infortúnio que ainda macula os relacionamentos anglo-afro-americanos. O que estou dizendo tem ampla aplicação, mas contento-me em ser ouvido como alguém que trata a questão afro-americana com prioridade.

Irmãos, por que não resolver, primeiro, esta questão no próprio coração por meio de algumas leituras e da meditação bíblica sobre o significado da raça e da vontade de Deus para a igreja nesse sentido? Por exemplo, leia a biografia de Martin Luther King, do autor Stephen Oates, *Let the Trumpet Sound* [Que soe a trombeta]² e faça dela o ponto de partida de sua pregação no domingo que antecede a celebração do Dia de Martin Luther King. E tendo esse ponto de partida, pontue a Bíblia.

Sim, sei que Luther King é uma batata quente para muitos de nós. Para alguns até, esse assunto pode lhes custar o emprego. Mas talvez você devesse arriscar. Quem sabe começar tentando com algo do tipo: é impressionante como o passar do tempo melhora a aparência de nossos heróis. Esta é uma razão pela qual alguns cristãos cometem erros a respeito do Dia de Martin Luther King; mas jamais sobre o Dia do Presidente. Luther King está próximo demais, o que faz suas imperfeições permanecerem bastante nítidas nas últimas três ou quatro décadas.

Todavia, George Washington encontra-se afastado de nós à distância temporal de mais de duzentos anos e, com o passar do tempo, não conseguimos enxergar com facilidade que sua fé anglicana era uma convenção social e que ele, aparentemente, jamais a levou a sério. John Adams, o segundo presidente, era um cético em relação ao cristianismo tradicional. Thomas Jefferson, o terceiro presidente, zombava da noção da Trindade e da divindade de Cristo.³ James Madison, o quarto presidente americano, inclinou-se para o deísmo durante sua permanência na Virgínia no início de 1800.⁴ E, com o passar do tempo, não sentimos a mesma indignação a respeito das imperfeições de nossos heróis como costumamos sentir quando se encontram perto demais a ponto de seus pecados parecerem uma ameaça.

O distanciamento nos torna capazes de fazer distinções. Podemos dizer: isto é digno de admiração; isso não. Ou: celebraremos isto, mas prantearemos aquilo. Sugiro que façamos o mesmo com Martin Luther King. Luther King era pecador, como ele mesmo reconhecia, especialmente nos momentos em que foi pego em comportamentos indesculpáveis.⁵ Mas, isso não nos impede de trazer à memória do rebanho as verdades e a visão que ele proclamou com tanta eloquência.

A mensagem profética proclamada por Luther King ressoa até hoje em meus ouvidos com grande intensidade. Uma das coisas mais comoventes que ele escreveu foi “Letter from Birmingham Jail” [Carta da prisão de Birmingham]. Era terça-feira, 16 de abril de 1963, e ele havia sido detido na sexta-feira santa, durante uma manifestação pacífica contra as práticas profundamente discriminatórias tão características da maioria das cidades sulistas daqueles dias. O periódico *Birmingham News* publicou uma carta de oito clérigos cristãos e judeus do Alabama (todos brancos), criticando Luther King por suas atividades e pedindo mais paciência. Oates descreveu o texto da carta de Luther King como a “expressão mais eloquente e culta dos objetivos e da filosofia do movimento adepto da não violência já escrita”.⁶

Como pastores, precisamos ouvir — e ajudar o rebanho a ouvir — sobre o poder e a perspicácia com que Luther King pregava naqueles anos, a ponto de provocar a ira ou inspiração de milhares de pessoas:

Talvez seja fácil quem nunca sentiu os dardos cortantes da segregação dizer: “Espere”. Mas quando você presencia bandos de algozes linchando sua mãe e seu pai ao bel-prazer ou afogando suas irmãs e irmãos em um simples rompante; quando vê policiais cheios de ódio ofendendo, chutando e até matando seus irmãos negros; quando vê a grande maioria de seus 20 milhões de irmãos negros asfixiando-se na jaula impenetrável da pobreza diante de uma sociedade próspera; quando, de repente, percebe que a língua se enrola e o discurso se torna um gaguejo ao ten-

tar explicar para a irmã de seis anos de idade porque ela não pode ir ao parque público de diversões, que acabou de passar na televisão, e vê as lágrimas brotando dos olhos dela quando lhe é dito que o Funtown está fechado para crianças negras, e ainda percebe sinistras nuvens de inferioridade começando a se formar no pequeno céu da mente daquela criança, e que ela está começando a distorcer sua personalidade ao desenvolver um rancor inconsciente em relação às pessoas brancas; quando você precisa improvisar uma resposta a um filho de cinco anos de idade que lhe pergunta: “Papai, por que as pessoas brancas tratam os negros tão mal?”; quando cruza o Estado e descobre que precisará dormir noite após noite nos cantos desconfortáveis do carro porque nenhum hotel o aceitaria; quando é humilhado dia após dia por placas irritantes onde se lê “branco” e “de cor”; quando seu nome se torna “negro” e o nome do meio se torna “garoto” (não importando sua idade) e seu sobrenome se torna “John”;⁷ sua mulher e mãe nunca são respeitosamente chamadas de “senhoras”; quando se é hostilizado de dia e caçado à noite pelo fato de ser negro, vivendo sempre na ponta dos pés, sem saber exatamente o que esperar em seguida e se sente assolado por medos internos e ressentimentos alheios; quando está sempre lutando contra a sensação degenerada de “nulidade” — então você entenderá por que achamos difícil esperar. Chega o momento em que o cálice da tolerância transborda e os homens não se encontram mais dispostos a mergulhar no abismo do desespero. Espero, senhores, que possam compreender nossa legítima e inevitável impaciência.⁸

A profundidade desta responsabilidade se torna ainda mais evidente em sua resposta às acusações de que era um extremista:

Não era Jesus um extremista do amor: “Amem seus inimigos, bendigam quem os maldiz, façam o bem a quem os odeia, e orem por quem os maltrata e persegue”? Não era Amós um extremista da justiça: “Corra, porém, o juízo como as águas, e a justiça como o ribeiro impetuoso”? Não era Paulo um extremista do evangelho cristão: “Trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus”? Não era Martinho Lutero um extremista: “Aqui estou;

não tenho alternativa, então que Deus me ajude”? E John Bunyan: “Ficarei na prisão até o fim dos meus dias, antes que faça da minha consciência um matadouro”? E Abraham Lincoln: “Este país não pode sobreviver metade escravo e metade livre”? E Thomas Jefferson: “Consideramos estas verdades evidentes por si mesmas — todos os homens foram criados iguais”? Portanto, não se trata aqui de sermos extremistas ou não, mas que tipo de extremista seremos. Seremos extremistas conduzidos pelo ódio ou pelo amor?”

Prosseguindo, ele fez um poderoso chamado à igreja que soa tão verdadeiro hoje quanto foi há mais de quarenta anos. Todo pastor americano precisa ouvir e permitir que essas palavras mol-dem a igreja:

Houve um tempo em que a igreja era muito poderosa, tempo esse quando os primeiros cristãos se regozijavam por serem considerados dignos de sofrer por aquilo em que acreditavam. Naqueles dias, a igreja não era apenas um termômetro que registrava as ideias e princípios da opinião pública; era um termostato que transformava os costumes da sociedade... Mas o julgamento de Deus pesa sobre a igreja [hoje] como nunca pesou. Se a igreja atual não resgatar o espírito de sacrifício da igreja primitiva, ela perderá a autenticidade, será privada da lealdade de milhões e será dispensada como um clube social irrelevante, sem qualquer significado para o século XXI.¹⁰

Eis uma questão que devemos responder: Será que nossas igrejas são termômetros que registram as ações e as atitudes raciais do mundo, ou são elas termostatos que aumentam o calor do comprometimento com a compreensão racial, amor e a provável harmonia? Muitos cristãos, na cultura da maioria dos brancos, sequer pensam a respeito disso. E isso não é um sinal de paz, mas de negligência.

Eu contava 17 anos quando, em 28 de agosto de 1963, Luther King se posicionou diante do Lincoln Memorial e fez o seu discurso mais memorável:

Eu tenho um sonho: um dia, nas colinas avermelhadas da Geórgia, os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos proprietários de escravos serão capazes de se sentar juntos em uma mesa fraternal... Eu tenho um sonho: meus quatro filhos, algum dia, viverão em uma nação em que serão julgados pela integridade de seu caráter, não pela cor da pele.¹¹

Independentemente de sua avaliação sobre a vida e a estratégia da ação não violenta de Luther King, ele articulou e simbolizou um grande sonho ainda não realizado. E uma das tarefas do ministério pastoral é transformar esse sonho em uma visão bíblica de Deus — um propósito mundial — e então chamar a igreja para fazer parte consciente disso também. A visão bíblica é muito maior que a noção de como negros e brancos deveriam se relacionar. Luther King sabia disso. A Bíblia se refere a pessoas de todas as raças, línguas, tribos unidas em Jesus Cristo com o amor ardente pela supremacia de Deus em todas as coisas. No entanto, nossa crença na concessão divina de poder e graça para compreender essa visão em sua totalidade é testada no dia a dia e na semana da vida da igreja — especialmente nas atitudes e ações relacionadas aos diferentes grupos étnicos próximos de nossos lares.

Porranto, Deus me convenceu nos últimos anos de que eu precisava fazer muito mais do que nos anos anteriores para tratar do assunto das relações raciais em nossa igreja. Alguns anos atrás, uma equipe de 23 membros de minha igreja levou um ano para definir a *Vision Statement* [Visão da Bethlehem], incluindo seis novas iniciativas. A iniciativa número três afirma o seguinte:

Contra o crescente espírito de indiferença, alienação e hostilidade em nosso país, abraçaremos a supremacia do amor divino para avançar pessoal e coletivamente rumo à reconciliação racial, manifestada visivelmente em nossa comunidade e igreja.¹²

Para que isso aconteça em nossas igrejas, a raiz do racismo, da qual muitas vezes não temos consciência, deve ser extraída. E isso por fim nos leva, a nós pastores, à Palavra de Deus que comporta

a autoridade e o poder para mudar as pessoas além da imaginação de Martin Luther King Jr. ou qualquer outra pessoa. Mas, é necessário que se pregue, ensine e viva a questão.

Eu disse no início que a questão do preconceito racial, esnobismo, desconfiança e maus-tratos não é um problema social, mas um problema do sangue de Jesus. Posso me fundamentar em muitas passagens onde o amor é arraigado na morte e ressurreição de Jesus. Mas existem duas passagens, em particular, que relacionam de forma explícita a morte de Jesus à harmonia racial em Cristo.

A primeira passagem encontra-se em Efésios 2.11, 12. Ela começa com a descrição do isolamento entre judeus e gentios, especificamente entre os judeus convertidos e os gentios.

No entanto, lembrem-se de que em dado momento, como gentios na carne, chamávamos “incircuncisão” ao que é chamado circuncisão, algo feito na carne pela mão humana, em memória do que costumávamos ser no tempo em que estávamos separados de Cristo, da nação israelita e estranhos à aliança da promessa, desprovidos de Deus e de esperança.

Em seguida, nos versículos 19 a 22, o texto conclui com uma descrição sobre a reconciliação entre judeus convertidos e gentios convertidos:

Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. Nele vocês também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus por seu Espírito.

Isto é o que Deus almeja em nossa salvação: um povo novo (um novo homem, v. 15) livre da inimizade e unido na verdade e paz em que o próprio Deus se encontra para nossa alegria e para sua glória eterna. Este é o alvo da reconciliação: que Deus possa viver entre nós e tornar-se conhecido e desfrutado para todo sempre.

Tenha em mente que essa divisão entre judeus e gentios não era algo pequeno, simples ou superficial. Era uma separação de grandes proporções, complexa e profunda. Primeiro, tratava-se de uma questão *religiosa*. Os judeus conheciam o Deus verdadeiro e único, e os judeus convertidos conheciam seu filho, o Messias, Jesus. Por isso, a divisão era *cultural e social* com muitas cerimônias e práticas como circuncisão, regras alimentares, de limpeza e assim por diante. Tudo isso foi criado para manter os judeus isolados das nações por um período de história da redenção a fim de evidenciar a santidade divina radical. Além disso, a separação era *racial*. Tratava-se de uma linha de sangue que remontava a Jacó, e não a Esaú; a Isaque, não Ismael; a Abraão, e não outro antepassado. Portanto, essa separação era tão grande e ampla quanto a divisão enfrentada hoje por negros e brancos, índios e brancos ou asiáticos e afro-americanos.

Diante disso, levanta-se uma pergunta: O que aconteceu entre os versículos 11 e 12 que descreve a alienação e separação entre judeus e gentios e o versículos 19 a 22 que descrevem a reconciliação e a unidade plena?

Eis uma questão que lhe permitiria pregar por semanas. Efésios 2.13-18 é uma passagem tão rica e densa em relação à doutrina que seriam necessários vários sermões para abordar tudo o que o envolve. Assim, eu me concentrarei sobre o ponto que acredito ser essencial. O que aconteceu entre a alienação dos versículos 11 e 12 e a reconciliação dos versículos 19 a 22 consiste no fato de que Jesus Cristo, o Filho de Deus, morreu, e morreu como foi planejado. Sim, ele ressuscitou e vive. Mas a ênfase aqui está na morte dele. Onde se pode ver isso? A resposta encontra-se na palavra *sangue* do versículo 13b: “vocês, que antes estavam longe, foram aproximados mediante o *sangue* de Cristo”. E também na palavra *corpo* do versículo 15: “anulando em seu *corpo* a Lei dos mandamentos expressa em ordenanças”. E ainda podemos ver isso na palavra *cruz*, do versículo 16: “reconciliar com Deus os dois em um corpo, por meio da cruz”.

Este ponto destaca que Deus almeja criar um novo povo em Cristo — pessoas reconciliadas umas com as outras, ignorando as linhas raciais. Sem desconhecidos, estrangeiros, inimigos. Sem distância. Cidadãos, companheiros da “cidade de Deus”, cristã. Um templo para a habitação divina. E ele fez isso pagando o preço com a vida do próprio Filho. Gostamos de refletir continuamente sobre a reconciliação com Deus mediante a morte do Filho. E devemos fazê-lo. A preciosidade de se ter paz com Deus é imensurável.

Contudo, devemos refletir constantemente também sobre o fato de que Deus ordenou a morte do próprio Filho a fim de reconciliar grupos de pessoas divididas no corpo de Cristo. Isso também foi planejado na morte de Jesus. Pense um pouco: Cristo morreu para eliminar a inimizade, o ódio, a repugnância, a inveja, a autocompaixão, o medo do nosso coração em relação às outras pessoas que estão em Cristo pela fé, seja lá qual fosse a raça.

Sendo nosso desejo obter o significado, o valor, a beleza, e o poder da cruz de Cristo para sermos vistos e amados na igreja, e sendo o plano da morte de seu Filho a intenção de nos reconciliar em Jesus, não apenas com Deus como também com os grupos étnicos divididos, não caberia a nós exaltar a cruz de Cristo por meio da unidade e diversidade étnicas mais profundas e agradáveis em nossa adoração e vida?

O segundo texto pode ser lido em Apocalipse 5.9, 10. Mais uma vez, trata-se apenas de uma rápida abordagem sobre o propósito de Deus na morte de seu Filho, o Cordeiro de Deus, Jesus Cristo:

E eles cantavam um cântico novo: “Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra”.

As implicações referentes à harmonia racial e étnica na igreja são surpreendentes quando mergulhamos no texto. O preço da diversidade étnica assegurada por Deus no “sacerdócio” e no “rei-

no” resultou na morte de seu Filho. O plano da expiação juntou a diversidade racial com a redenção. Desejar e buscar isso não consiste apenas em uma “questão social”, mas no preço que custa e no quanto é importante.

Não apenas isso; podemos até nos arriscar mais aqui. Observe que em Apocalipse 5.9, a diversidade foi comprada “para Deus”: “Compraste para *Deus* gente de toda tribo”. A questão é: não se trata apenas de uma questão relacionada ao sangue de Cristo, mas também relacionada à glória de Deus. A diversidade e a harmonia racial comprada com sangue destinam-se a glorificar a Deus mediante Cristo. Isso é, sobretudo, o anseio da experiência de adoração de várias cores na qual Deus está no centro, Cristo é exaltado — nele encontramos plena satisfação.

Se a busca pela harmonia e diversidade étnica associada ao redimido custa ao Pai e ao Filho tão alto preço, será que tudo isso não nos custará nada? Será tão fácil assim? Não. O diabo que odeia a glória de Deus e menospreza os alvos da cruz não irá ceder sem antes empreender uma batalha violenta. Juntar-se a Deus na busca da harmonia e diversidade racial terá um custo para cada um de nós e para a igreja — terá um preço tão alto que muitos tentarão pagá-lo por um tempo e logo desistirão e se afastarão do esforço para assumir coisas mais fáceis.

Mas alguns ainda perseverarão e serão encontrados cumprindo seu dever quando o Mestre vier. Estejam entre eles, meus irmãos. Existe uma antiga oração afro-americana que nos chama à “jornada longa e poderosa”.

É uma jornada longa e árdua,
e prossigo em meu caminho.
É uma jornada longa e árdua,
e prossigo em meu caminho.¹³

Eis onde a igreja americana se encontra — numa jornada rumo à experiência perfeita relatada em Apocalipse 5.9, 10. E nós real-

mente o desejamos, não é verdade? Por isso, o mundo verá a glória de Deus e o valor de Cristo. Portanto, irmãos, leiam, estudem, orem, proclamem e assumam os riscos necessários para que as raízes do racismo sejam arrancadas.

NOTAS

¹ Michal Fedo: “The 1920 Duluth Lynching, an Untold Chapter of Minnesota History”, em *Minnesota Spokesman Recorder*, 22-28 Feb. 2001, 8b.

² *Let the Trumpet Sound: The Life of Martin Luther King, Jr.* (New York: Penguin Books, 1982).

³ Jefferson chegou a editar a própria versão dos evangelhos, descartando minuciosamente toda referência à atividade sobrenatural de Deus, como o nascimento virginal, as curas, a ressurreição etc. V. Thomas Jefferson, *The Jefferson Bible: The Life and Morals of Jesus of Nazareth* (Boston, Mass.: Beacon Press, 1991; orig. 1816).

⁴ Mark Noll, *A History of Christianity in the United States and Canada* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans Publishing Co., 1992), p. 133-5, 404.

⁵ Oates, *Let the Trumpet Sound*, p. 322.

⁶ *Ibid.*, p. 222.

⁷ “John”, além do nome próprio, é também uma gíria americana, e significa “banheiro” [N. da T.].

⁸ Martin Luther King Jr., “Letter from Birmingham Jail” com a introdução de Paul Chaim Schenck [sem local ou data], p. 8-9. Esta carta pode ser encontrada em vários sites da internet; basta inserir o título na ferramenta de pesquisa de seu navegador.

⁹ *Ibid.*, p. 14.

¹⁰ *Ibid.*, p. 17.

¹¹ Digitando o título “Eu tenho um sonho” em sua ferramenta de busca na internet, você poderá encontrar a íntegra deste discurso em várias páginas disponíveis.

¹² Iniciativa 3 da Visão da Igreja Batista Bethlehem. É possível encontrar o documento em sua íntegra dirigindo-se ao www.bbcmpls.org e acessando “Vision Statement” [Nossa visão].

¹³ Citado em Timothy George & Robert Smith Jr. *A Mighty Long Journey: Reflections on Racial Reconciliation* (Nashville, Tenn.: Broadman & Holman, 2000), p. 1.

Tu criaste o íntimo do meu ser
e me teceste no ventre de minha mãe.

SALMOS 139.13

Garantam justiça para os fracos e para os órfãos;
mantenham o direito dos necessitados e dos oprimidos.

Livrem os fracos e os pobres;
libertem-nos das mãos dos ímpios.

SALMOS 82.3, 4

Não deve [...] privar qualquer pessoa da vida [...] sem o devido processo da lei.

QUINTA EMENDA — CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Acredito que os pastores deveriam estar dispostos a colocar o próprio pescoço e o ministério em risco quando se trata deste assunto [o aborto].

JOHN PIPER

capítulo vinte sete

Irmãos, soem a trombeta pelos nascituros

Muitos pastores superam-me pela coragem e coerência. E louvo a Deus por eles. Com alegria, eu os honrarei quando receberem o galardão maior que o meu no último dia. Ah, como eu queria estar entre eles! No entanto, quando surge a questão do aborto, eu me esforço. Tantas outras coisas poderiam ser feitas. E sinto a agonia do que eu deveria fazer... mas esse não é o único problema! No entanto, por quinze anos, venho fazendo o que posso.

Venho pregando sobre o terrível pecado e a injustiça da realidade do aborto e sobre a glória da causa da vida, pelo menos uma vez por ano na igreja. Tento encorajar a “Força Tarefa pela Inviolabilidade da Vida Humana” de nossa igreja de várias maneiras. E convido o rebanho a sonhar com os meios que o levarão a se envolver com sacrifi-

cio nas empreitadas em prol da vida a fim de tornar o aborto algo impensável em nosso país. Considero a adoção algo louvável e reacendo suas chamas espalhadas em minha igreja. Apresento o perdão e a esperança adquiridos pelo sangue precioso de Jesus para todas as mulheres e homens da congregação que vivenciaram ou encorajaram o aborto. Falo e oro nas manifestações a favor da vida diante de clínicas de aborto e apoio os centros de gestação em crise com minha presença e meus recursos financeiros. Nos últimos dias, participei de um protesto pacífico e já fui detido muitas vezes. Cheguei até a passar uma noite na prisão. Tenho defendido a vida diante de multidões iradas, diante de juízes e diversas vezes durante almoços com pessoas favoráveis ao aborto. Falarei mais a respeito daqui a pouco.

Eis o ponto a ser considerado: Acredito que os pastores deveriam estar dispostos a colocar o próprio pescoço e o ministério em risco quando se trata deste assunto. Fico boquiaberto com a covardia de alguns deles quando chega a hora de pregar contra o aborto. Muitos tratam o desmembramento de seres humanos em gestação como uma questão definível em termos de partidarismo político. Outros adotaram a incrível noção de que podem ser *pessoalmente* a favor da vida, mas publicamente se mostram a favor da escolha pessoal ou não expressam nenhuma opinião. Em resposta a essa atitude, minha igreja patrocinou um anúncio no jornal *Star-Tribune* de Minneapolis com dizeres simples: “Pessoalmente sou a favor da vida; mas politicamente sou a favor da escolha” — Pôncio Pilatos”.

A lei em nosso país é imoral e injusta. E isso deveria ser proclamado dos milhares de púlpitos espalhados pelos EUA. Quando a American Medical Association [Associação Médica Americana] foi fundada, em 1847, o aborto era comumente praticado “antes do *quickenning*” ou seja, antes dos primeiros movimentos do bebê. Porém, mediante os esforços da AMA, das campanhas a favor da decência e (ironicamente) das feministas, o aborto se tornou ilegal em todo EUA por volta de 1900.

Mas essa situação foi revertida em 22 de janeiro de 1972, quando a Suprema Corte, no caso “*Roe versus Wade*” proferiu a sentença:¹

- Nenhum Estado poderia criar leis impedindo o aborto antes dos três primeiros meses de gravidez, exceto leis para que os procedimentos fossem realizados por médicos licenciados;
- As leis de controle do aborto referentes até o terceiro mês de gravidez e o tempo de viabilidade só serão consideradas constitucionais quando almejarem proteger a saúde da mãe;
- As leis relacionadas à viabilidade (seis meses) e ao término da gestação não poderão impedir o aborto caso a intenção seja “preservar a vida e a saúde da mãe”;
- A “saúde” da mãe consiste em “todos os fatores físicos, emocionais, psicológicos, familiares, como a relevância da idade, que corroborem para o bem-estar da paciente”.

Então, em 1.º de julho de 1976, a Corte ampliou a decisão original para afirmar:

- Abortos podem ser realizados em meninas menores de idade sem o conhecimento e o consentimento dos pais;
- Mulheres (casadas ou solteiras) podem solicitar a realização do aborto sem o conhecimento ou consentimento do pai da criança.²

Na verdade, as leis do meu país determinam hoje que todo aborto é legal até o nascimento, desde que a mãe tenha uma razão para afirmar que a criança ou a gravidez se tornará um fardo excessivo ou estressante para seu bem-estar. Desde a nova regulamentação, causamos a morte, em média, de 1,5 milhões de crianças por ano.

Em resposta a isto, deveríamos destacar que mesmo as pessoas defensoras da escolha pessoal estão cientes de que a criança ainda em gestação é um ser humano e que lhe deveria ser dado o direito à

vida, mesmo sendo proferido pela Constituição americana que o Estado: “Não deve [...] privar qualquer pessoa da vida [...] sem o devido processo da lei” (Quinta Emenda), e principalmente por causa da Palavra de Deus. Como saberemos que estão cientes disso?

1. Em Minnesota, sabe-se que a lei contra o homicídio fetal condena as pessoas por homicídio culposo ou pior, caso a vida do bebê seja extinta no útero da mãe. Existe uma exceção para o caso do aborto. O que isto significa? Significa que se a mãe optar pela morte da criança, isso é legal. Se não for essa a escolha, então, o ato passa a ser ilegal. Nada na essência do nascituro determina o direito à vida. Apenas a vontade da mãe. Essa é a essência do totalitarismo: a vontade do mais forte prevalece sobre o direito do mais fraco.
2. Existe uma incoerência letal entre submeter o bebê no útero à cirurgia fetal para salvá-lo enquanto seu primo, no mesmo estado de desenvolvimento, é privado da vida no fim do corredor.
3. O feto é capaz de sobreviver com 23 ou 24 semanas. Mesmo assim, diz-se que podem ser mortos mesmo neste período, ou depois, caso a mãe seja mais afligida pelo nascimento que pelo aborto. Fatos como esses propiciam a oportunidade para a voz profética em nossa comunidade. A carta que escrevi para o *Star Tribune* de Minneapolis é um exemplo disso (ela não foi publicada):

Prezado editor,

Era de seu conhecimento que no mesmo dia em que o Senado e o Comitê de Serviços Humanos aprovaram a permissão incondicional para dar fim à vida de fetos com 24 semanas, a unidade de neonatologia de Abbott Northwestern cuidava de um prematuro de 22 semanas e meia (500g) com boas chances de uma vida futura saudável?

Eis uma notícia e um chamado à profunda reflexão.

Por outro lado, seu editorial da manhã seguinte (26 de fevereiro) ignorou esta questão crítica e endossou o aborto, afirmando tratar-se “da decisão mais pessoal que a mulher poderia tomar” já que “a decisão em relação ao aborto é algo indiscutivelmente delicado”. Este nível de reflexão não é digno dos principais editoriais dos bons jornais.

Suponho que a afirmação sobre tratar-se de uma “decisão pessoal” não quer dizer que o aborto “consista em profundas implicações pessoais, mas que consiste em profundas implicações pessoais para uma única pessoa — a mãe.

Decididamente, no entanto, o aborto não é uma decisão “pessoal” em sentido limitado. Afinal, existe outra pessoa envolvida, que designamos criança em gestação. Se o senhor negar isto, deverá fazer uma afirmação detalhada sobre a constituição do pequeno prematuro em Abbot Northwestern. O aborto é uma decisão que rivaliza os direitos humanos: o direito de não permanecer grávida e o direito de não ser privado da vida.

Suponho que o senhor aprove a ação do Comitê. E, também suponho que não aprove o direito da mãe de estrangular o prematuro de Abbot antes de ele chegar à 25.^a semana de vida. Se for o caso, o senhor deve ao leitor uma explicação do seu endosso simplório ao aborto, considerando-se tratar de algo “pessoal” e “delicado”.

Na realidade, eu o desafio a publicar lado a lado duas fotografias: uma desta “criança” fora do útero e outra do “feto” no interior do útero, ambas com 23 ou 24 semanas, sob o título: “Nós, do *Star Tribune*, consideramos o assassinato deste prematuro um homicídio culposo e o assassinato deste feto a escolha pessoal da mãe”.

Tenho percebido pela leitura do jornal o seu desprezo pelo uso de imagens considerando-se que o aborto é complexo demais para soluções simplistas. Mas, eu também me recorro de sua aprovação para que fosse veiculada na televisão determinada execução entendendo ser o meio mais eficaz para fazer o coração americano se voltar contra a pena de morte (uma questão com similar complexidade).

Ambos sabemos que se os americanos assistissem repetidas vezes na televisão o assassinato de fetos com 23 semanas de vida (ou vissem o procedimento fielmente documentado no seu jornal), o sentimento da sociedade mudaria de forma profunda. (O Instituto Alan Guttmacher estimou que 9 mil abortos de crianças com mais de 21 semanas ocorreram em 1987.)

Não tenho palavras para descrever a barbárie do direito incondicional de tirar a vida de um ser humano tão desenvolvido quanto o de bebê de 23 semanas. Seria impossível defender isso caso o público presenciasse a prática propriamente dita.

Isso só seria possível diante de uma neblina moral de frases como: O aborto deve ser deixado a critério da mulher, pois se trata de algo “indiscutivelmente delicado”. Isso não é persuasivo. Existem várias outras situações delicadas em que o Estado prescreve limites de como devemos expressar nossos sentimentos quando outras pessoas estão envolvidas. E existe ainda outra preocupação. Se assim desejar, será possível encontrar esta “pessoa” cara-a-cara em dezenas de hospitais espalhados pelo país.

Atenciosamente,
John Piper

4. Quem argumenta que a “viabilidade fetal” é o determinante do direito de proteção dos bebês sabe que a vida do feto sem o cordão umbilical não é o critério para definir sua personalização ou condição ao direito à vida. Todos reconhecem isso, pois viver com a ajuda de um respirador artificial ou de um aparelho de diálise não compromete nossa individualidade. A fonte de alimento e oxigênio não determina a condição de pessoa.
5. Todos sabem que o tamanho de um ser humano é irrelevante diante da personalização. E sabem disso porque ninguém é capaz de tornar a vida do recém-nascido com um mês vulnerável ao assassinato, ainda que a criança seja bem menor do que outra com cinco anos de idade. Porém, é comum

agirem como se a pequenez do embrião o tornasse menos humano.

6. Sabe-se que o poder de raciocínio desenvolvido não é critério para determinar a condição de pessoa. E sabem disso pois o bebê nascido há um mês também não possui essa capacidade; e, mesmo assim, sua vida não está comprometida por causa disso — salvo para alguns que advogam a eutanásia para bebês detentores de enfermidades incuráveis específicas.³
7. Todos sabem que somos comprovadamente seres humanos por causa da nossa genética. O código cromossômico humano existe desde o princípio. Somos totalmente diferentes de macacos, ratos, elefantes quando os cromossomos são separados.
8. Bastam oito semanas para que todos os órgãos estejam formados; o cérebro funciona, o coração bate, o fígado produz células sanguíneas, os rins purificam os fluidos. Até as impressões digitais já estão formadas.⁴ Porém, quase todos os abortos ocorrem após esse período.
9. O ultrassom abriu uma janela surpreendente no útero permitindo a visão do feto de oito semanas sugando o polegar, recuando diante de uma pontada e reagindo ao som. É possível ver imagens impressionantes na revista *Life* realizadas pelo fotógrafo Lennart Nilsson. Imagens fazem diferença, embora se diga que não.

Acrescente a essas informações o que é muitíssimo mais importante: a Palavra de Deus. O Salmo 139.13 diz: “Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe”. O mínimo que podemos extrair desse texto é que a formação da vida no útero é obra de Deus; não apenas um processo mecânico, mas uma obra na analogia do tecer e criar. A vida do feto é o tecer divino, e o que ele está tecendo é um ser humano criado à sua imagem; e é isso o que a distingue das demais criaturas no universo.

Outro texto relevante é Jó 31.13-15. Lendo essa perícope, compreendemos que Jó protesta não ter rejeitado a reivindicação de seus servos, embora na cultura de seu tempo fosse comum pensar que os servos não eram pessoas, mas propriedades. Deve-se observar neste trecho a maneira como Jó desenvolve o argumento:

“Se neguei justiça aos meus servos e servas, quando reclamaram contra mim, que farei quando Deus me confrontar? Que responderei quando chamado a prestar contas? Aquele que me fez no ventre materno não os fez também? Não foi ele que nos formou, a mim e a eles, no interior de nossas mães?”

O versículo 15 fornece a razão pela qual Jó não teria desculpas caso tratasse seus servos como se não fossem igualmente humanos. A questão não está relacionada ao fato de um ter nascido livre e o outro escravo. Faz-se, porém, uma alusão ao tempo antes do nascimento. Quando Jó e seus servos estavam sendo formados no útero, a pessoa chave da obra é Deus — o mesmo Deus, moldando aqueles fetos: o feto de Jó e o feto do servo. É irrelevante o fato de a mãe de Jó ser uma mulher livre e a mãe do servo uma escrava. Por quê? Porque as mães não desempenham o papel principal de quem tece ou cria o feto no processo de gestação; isso é feito pelo Deus do escravo e do livre. Esta é a premissa do argumento.

Portanto, Salmos 139 e Jó 31 enfatizam Deus como o principal obreiro-criador, tecelão, formador, no período da gestação. Por que isso é importante? Porque Deus é o único ser capaz de criar a condição de pessoa. Mães e pais podem contribuir com o óvulo ou o esperma, mas só Deus é capaz de preparar a personalização. Deste modo, quando as Escrituras destacam Deus como o principal responsável pelo engendramento e formação fetal no útero, elas desejam ressaltar que é obra exclusivamente divina o que acontecendo no útero, ou seja, a criação do indivíduo como pessoa.

Pode-se argumentar a respeito disso até o dia do juízo, quando este pequeno se tornará um ser “integral” (como se a personalização fosse quantificável ou divisível). A Bíblia trata o feto da mes-

ma maneira que os bebês (v. Gn 25.22; cf. Lc 1.44; 2.12; Êx 21.22-25).⁵ Pelo menos podemos dizer com grande convicção: o que acontece no útero é a obra singular da personalização do feto realizada pelas mãos de Deus, pois só ele sabe, de forma profunda e misteriosa, que a personalização é tecida na feitura do corpo. Contudo, é arbitrário e injustificado presumir que em algum momento da tecitura da pessoa, sua destruição não seja uma agressão às prerrogativas de Deus, o Criador. Permita-me explicar isso melhor: a destruição da vida concebida — seja embrionária, fetal ou viável — é agressão contra uma pessoa singular — um ser formado pela obra de Deus. Portanto, quanto mais reconhecemos o caráter singular da pessoalidade do nascituro, pelo potencial que possui para glorificar a Deus com consciência da obediência e louvor, mais escolheremos a reverência e o medo à agressão e obstrução da obra divina ao moldar essa pessoa no interior do útero.

No início do capítulo, mencionei o almoço com um partidário do aborto. Ele realizava abortos em uma clínica há quatro quadras da minha igreja. Dirigi-me ao local armado com argumentos de que fetos são seres humanos e por isso não deveriam ser privados da vida. Mas, não havia me preparado para o que ouvi. Quase incidentalmente, ele disse que a grande força motriz por trás de seu envolvimento era a esposa, pois segundo ele, para ela e milhares de outras mulheres, essa questão está crucialmente arraigada aos direitos das mulheres. Ora, elas tomariam as rédeas do próprio corpo, da própria liberdade de reprodução ou caberia isso a outras pessoas? Em essência, e de forma mais surpreendente, meu interlocutor cedeu aos meus argumentos de imediato e disse ser desnecessário gastar meu tempo tentando provar que o feto é um ser humano. Chegou a dizer que acreditava piamente nisso. No entanto, o problema consistia em saber se o ato de tirar a vida humana era desejável pelo bem maior dos direitos da mulher. Eu me deparei com esse tipo de posicionamento diversas vezes ao conversar com outros profissionais favoráveis à livre escolha da mulher: quando pressionados, nenhum deles discutia

o fato de tirar a vida de seres humanos. Todos admitiam que isso não era o ideal, mas consistia no menor dos males, especialmente em vista das circunstâncias trágicas nas quais tantas destas crianças nasceriam.

Diante disso, resolvi mudar minha abordagem e, em vez de tentar defender a humanidade da criança em gestação, apenas comecei a expor minhas razões para que o feto não seja abortado. Acredite se quiser, alguns desses médicos diziam-se cristãos e bíblicos, embora não vissem a prática do aborto como algo errado. Eis o resumo dos meus argumentos. É o tipo de coisa que poderia ser pregada fazendo uso da Palavra de Deus para fortalecer a convicção das pessoas.

1. Deus ordenou: “Não matarás” (Êx 20.13).

Estou ciente de que muitas mortes são endossadas na Bíblia. O verbo “matar” em Êxodo 20.13 é a palavra hebraica *ratsah*, empregada 43 vezes no Antigo Testamento. E sempre significa morte violenta; na verdade, trata-se de assassinato ou acusação de assassinato. Nunca é usado para morte em tempos de guerra (a única exceção é Nm 35.27) ou morte causada por execução judicial. Sobreretudo, observa-se uma clara distinção entre “causar a morte” de forma legal e o “assassinato” ilegal. Por exemplo, Números 35.18 diz: “o assassino terá que ser executado”. A palavra “assassino” tem origem no verbo *ratsah* — ação proibida nos Dez Mandamentos. “Terá que ser executado” (a forma *hiphil* de *mut*) é um verbete que pode descrever execuções legais.

Quando a Bíblia menciona a morte justificável, ela se deve, de modo geral, ao fato de Deus estar disposto a partilhar seus direitos com a autoridade civil. Quando o Estado age de acordo com sua competência para cumprir a ordem divina de preservar a justiça e a paz, ele tem o direito de “portar a espada” como Romanos 13.1-7 nos ensina. Esse direito do Estado sempre deverá ser exercido para punir o mal, nunca para atacar inocentes (Rm 13.4). Por isso, “não matarás” permanece a acusação mais clara e ressonante contra quem mata crianças inocentes em gestação.

2. A destruição da vida concebida — embriônica, fetal ou viável — é agressão a uma pessoa singular — um ser formado pela obra de Deus.

Veja acima onde desenvolvi a base textual para esta questão a partir de Salmos 139.13 e de Jó 31.13-15.

3. Abortar seres humanos ainda em gestação evoca a interdição bíblica comumente repetida contra o “derramamento de sangue inocente”.

A expressão “sangue inocente” ocorre quase vinte vezes na Bíblia. O contexto está sempre associado à condenação de quem derrama sangue ou às advertências para não derramá-lo. Sangue inocente também inclui o sangue das crianças (Sl 106.38). Jeremias 22.3 expõe a respeito no contexto de refugiados, viúvas e órfãos: “Assim diz o SENHOR: ‘Administrem a justiça e o direito: livrem o explorado das mãos do opressor. Não oprimam nem maltratam o estrangeiro, o órfão ou a viúva; nem derramem sangue inocente neste lugar’”. Com certeza, o sangue do nascituro é tão inocente quanto o que flui de qualquer outra pessoa no mundo.⁶

4. Com frequência, a Bíblia se pronuncia a respeito da alta prioridade que Deus confere à proteção, provisão e vingança dos membros mais fracos, mais impotentes e vitimados da comunidade.

Várias vezes nos deparamos com leituras sobre viajantes, viúvas e órfãos. Eles recebem atenção especial de Deus, e deveriam receber atenção especial de seu povo. “Garantam justiça para os fracos e para os órfãos; mantenham os direitos dos necessitados e dos oprimidos. Livrem os fracos e os pobres” (Sl 82.3,4a; v. Êx 22.21-24; Sl 68.5; 94.5,23).

5. Ao julgar que a sobrevivência de um ser humano muito difícil, ou mesmo trágica, seja o mal maior que tirar a vida, os partidários do aborto contradizem o amplo ensino bíblico

de que Deus manifesta seu poder gracioso por meio do sofrimento das pessoas, e não apenas ao ajudá-las a evitar a dor.

Isso não significa que devemos buscar o sofrimento. Mas quer dizer que o sofrimento é retratado na Bíblia de modo geral como algo necessário e ordenado por Deus, embora as situações angustiantes deste mundo caído não agradem a Deus (Rm 8.20-25; Ez 18.32). Trata-se, pelo visto, de uma porção necessária para quem entra no Reino (At 14.22; 1Ts 3.3,4) e vive de forma piedosa (2Tm 3.12). Este sofrimento nunca foi visto como tragédia, mas como meio usado para promover o crescimento intenso junto a Deus e o fortalecimento desta vida (Rm 5.3-5; Tg 1.3,4; Hb 12.3-11; 2Co 1.9; 4.7-12; 12.7-10) e tornar-se algo glorioso na vida futura (2Co 4.17; Rm 8.18).

Quando as pessoas favoráveis ao aborto argumentam que tirar a vida é o mal menor em face das dificuldades que se desdobrariam com o nascimento da criança, fazem de si mesmos mais sábios que Deus. Deus nos ensinou que sua graça é capaz de grandes e extraordinárias obras de amor por meio do sofrimento de quem vive essa situação.

6. Justificar o aborto confortando-se com a ideia de que essas crianças irão para o céu ou até mesmo que receberão a vida adulta na ressurreição é mera presunção. E isso é um pecado.

Uma esperança maravilhosa seria imaginar o coração quebrantado, penitente e desejoso de perdão. Mas é maligno justificar a morte com a felicidade futura na eternidade para quem foi privado da vida. A mesma justificativa poderia ser usada para legitimar a morte de crianças com um ano de idade ou de todo o que crê no céu. A Bíblia levanta a questão: “Continuaremos pecando para que a graça aumente?” (Rm 6.1). “Façamos o mal para que nos venha o bem?” (Rm 3.8). Nos dois casos, a resposta é um não bem alto e sonoro! É presunção agir no lugar de Deus e tentar incumbir algo

ao céu ou ao inferno! Nosso dever é obedecer a Deus, e não nos passar por ele.

7. A Bíblia ordena: “Liberte os que estão sendo levados para a morte; socorra os que caminham trêmulos para a matança! Mesmo que você diga: ‘Não sabíamos o que estava acontecendo!’ Não o perceberia aquele que pesa os corações? Não o saberia aquele que preserva a sua vida? Não retribuirá ele a cada um segundo o seu procedimento?” (Pv 24.11,12).

Inexiste razão científica, médica, social, moral ou religiosa para colocar o ser em gestação na categoria que este texto não lhe aplica. A realização do aborto de crianças em gestação é um ato de desobediência a esta ordenança.

8. Abortar o feto evoca a admoestação de Jesus sobre quem rechaçava as crianças como se fossem inconvenientes ou indignas da atenção do Salvador.

“O povo também estava trazendo criancinhas para que Jesus tocasse nelas. Ao verem isso, os discípulos repreendiam aqueles que as tinham trazido. Mas Jesus chamou a si as crianças e disse: ‘Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas’” (Lc 18.15,16). A palavra “criança” usada em Lucas 18.15 é a mesma usada por Lucas ao se referir à criança em gestação no útero de Isabel no capítulo 1.41, 44. Com ênfase ainda maior, Marcos diz: “E, tomando uma criança, colocou-a no meio deles. Pegando-a nos braços, disse-lhes: ‘Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo; e quem me recebe, não está apenas me recebendo, mas também àquele que me enviou’” (Mc 9.36,37).

9. É direito de Deus, o Criador, dar e tomar a vida humana. Não existe direito individual para que se tome essa decisão.

Quando Jó soube que seus filhos haviam morrido com o desmoronamento da casa, ele se curvou em adoração ao Senhor e disse:

“Saí nu do ventre da minha mãe, e nu partirei. *O SENHOR o deu, o SENHOR o levou*; louvado seja o nome do SENHOR” (Jó 1.21). Quando falou a respeito de ter saído do ventre de sua mãe, afirmou: “O SENHOR o deu”. E quando falou a respeito da morte: “O SENHOR o levou”. Nascimento e morte são prerrogativas divinas. Ele é quem dá e tira nesta extraordinária questão relacionada à vida. Não temos o direito de fazer escolhas individuais a esse respeito. Só nos cabe zelar pelo o que Deus dá, para que ele seja glorificado quando usamos o que nós concede.

10. Por fim, crer em Jesus Cristo propicia o perdão dos pecados, purifica a consciência, ajuda no decorrer da vida e concede esperança em relação à eternidade. Envolto pelo amor onipotente, todo discípulo de Jesus estará livre da ambição e do medo que possam fazer uma pessoa abandonar estas verdades a fim de ganhar dinheiro ou evitar a repreensão.

Nele “temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus” (Ef 1.7). “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). “Conservem-se livres do amor ao dinheiro e contentem-se com o que vocês têm, porque Deus mesmo disse: ‘Nunca o deixarei, nunca o abandonarei’. Podemos, pois, dizer com confiança: ‘O Senhor é o meu ajudador, não temerei. O que me podem fazer os homens?’” (Hb 13.5-6).

Então, o que você deveria aconselhar o rebanho a fazer? Eis o que disse ao meu: Em primeiro lugar, submetam-se a Deus. Achequem-se a ele. Vivam pelo poder de sua graça. Deixem-no moldar seus desejos em vez do mundo, as coisas irascíveis e os temperamentos egocêntricos de nossa cultura. Permita que sua boca e vida sejam testemunhas dos verdadeiros deleites de conhecer, crer, obedecer, ser moldado e guiado pelo Criador de todas as coisas — que nos amou e se deu por nós. Seja cristão — um cristão visível e audível. O mundo carece de pessoas como você.

Segundo, ore fervorosa e regularmente para que as igrejas despertem para a evangelização dos perdidos em todas as cidades e nações do mundo, além de uma profunda reforma na vida da igreja.

Terceiro, use a imaginação para ver o aborto como ele realmente é! Lute contra o tipo de letargia social que agarrou os alemães nazistas — a sensação de que o problema é tão grande, horrível e fora de controle que a presente solução não pode estar errada. Use a imaginação para ver e sentir o que realmente acontece por trás das portas das clínicas de esterilização. Crianças não serão salvas e a obra de Deus não será reverenciada sem alguma atitude tomada pela imaginação solidária. Caso contrário, tudo permanecerá oculto, como Dachau, Buchenwald, Belsen e Auschwitz. E isso não pode acontecer. No entanto, agimos como se isso não estivesse acontecendo.

“Mesmo que você diga: ‘Não sabíamos o que estava acontecendo!’. Não o perceberia aquele que pesa os corações? Não o saberia aquele que preserva a sua vida? Não retribuirá ele a cada um segundo o seu procedimento?” (Pv 24.12).

Quarto, apoie as alternativas ao aborto com seus recursos financeiros, tempo e oração. Descubra oportunidades concretas, disponíveis em sua região, para todo o tipo de envolvimento. Melhor até, crie um ministério novo que defenda a vida. Queira ter uma igreja de sonhadores e empreendedores a favor da justiça.

Por fim, use seus privilégios democráticos de liberdade de expressão, representação e demonstração para pressionar a favor da existência da proteção legal para crianças em gestação. Um dos argumentos mais fortes contra a promulgação legal da lei protetora dos fetos é a alegação de que restrições legais sem o amplo consenso da sociedade consistem em tirania. Esse argumento perderia muito de sua força se fosse aplicado à situação histórica dos escravos de nosso país. Em 6 de março de 1857, a Suprema Corte, no caso *Dred Scott versus Stanford*, definiu que nenhum ato do Congresso

ou da legislação territorial poderia criar leis proibindo a escravidão. Como principal argumento, assegurou-se que os escravos não eram iguais às demais pessoas, ou seres livres; eram apenas a propriedade de seus senhores.

Essa definição é análoga ao caso *Roe versus Wade*, pois hoje, nenhum Estado pode criar leis proibitivas do aborto a fim de proteger o feto. O argumento é similar — basicamente pelo fato de o feto encontrar-se à disposição soberana da mãe e não possuir prestígio para manter o próprio direito. Não havia, neste país, consenso sobre os direitos e personalização dos escravos. E isso dividiu a nação. No entanto, a questão era tão fundamental que o Estado entrou em guerra, e no final, o governo de Lincoln reverteu a decisão deferida no caso de Dred Scott. Hoje, mais de 150 anos depois, somos capazes de olhar admirados da cegueira de nossos antepassados.

Irmãos, não ousaremos crer que pela graça de Deus e pela perseverança de seu povo em oração, compaixão e ações políticas não seja possível emergir nas próximas décadas um consenso em prol da vida e que o século XXI seja capaz de olhar para as gerações passadas com o mesmo desprezo que olhamos hoje para as leis que regeram a escravidão e os campos de concentração da Segunda Guerra Mundial? Uma reforma em escala nacional aconteceu antes — com Wilberforce, na Inglaterra, e com Lincoln, nos EUA. E pode acontecer novamente. Você colocará a trombeta em seus lábios ou permanecerá em silêncio?

NOTAS

¹Sobre a história do aborto antes do caso *Roe v. Wade*, v. Marvin Olasky, *Abortion Rites: A Social History of Abortion in America* (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1992).

² Estes fatos podem ser verificados no *site*: www.rndrtl.org/Law.html.

³Por exemplo, Peter Singer, professor de bioética de Princeton, escreveu em 1993: “Imagine um bebê recém-nascido diagnosticado com hemofilia. Os pais, assombrados pela perspectiva de criar uma criança nessas condições, não desejam tanto assim que a criança sobreviva. A eutanásia poderia ser defendida nesse caso? [...] A conceituação global exigiria perguntar se a morte da criança hemofílica levaria à gestação de um novo ser que, em outras circunstâncias, não teria chances de vir a existir. Em outras palavras, se for tirada a vida da criança hemofílica, será que seus pais terão outro filho que não planejavam ter se essa criança hemofílica continuasse viva? Se for o caso, somos capazes de afirmar que o segundo filho terá uma vida melhor que o primeiro? [...] Quando a morte da criança portadora da enfermidade incurável conduz ao nascimento de outra criança com perspectivas melhores de vida feliz, o total dessa felicidade será maior se a criança inválida perder a vida. A perda da vida feliz para a primeira criança é superada pelo ganho da vida feliz para a segunda. No entanto, de acordo com a opinião geral, se a morte da criança hemofílica não causar a reação adversa nas demais crianças não há nada de errado em lhe abreviar a vida.” *Practical Ethics*, 2. ed. (New York: Cambridge University Press, 1993), p. 185-6.

⁴ V. principalmente a seção de Randy Alcorn: “Arguments Concerning Life, Humanity and Personhood” em *ProLife Answers to ProChoice Arguments*, (Sisters, Oreg.: Multnomah Publishers, 2000), p. 49-100. E tb. Francis J. Beckwith, *Politically Correct Death: Answering Arguments for Abortion Rights* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1994).

⁵John Piper, “Exodus 21:22-25 and Abortion”. Disponível em: www.desiringGOD.org, Topic [tópico] “Abortion” [aborto].

⁶ Quando Deus ordenou a destruição de todas as cidades pagãs, incluindo a morte das crianças (Nm 31.17; Dt 2.34; 3.6; 13.15; Js 6.21; 10.28; 10.40; 1Sm 15.2,3), devemos compreender que esse foi um momento pertencente a um período específico no progresso da história da redenção, em que Deus executava o julgamento do mal e das sociedades pagãs por intermédio do exército israelita. As crianças eram vistas como parte da sociedade maculada e estavam incluídas no julgamento, mas não do mesmo modo que no juízo proporcionado por enchentes ou outros desastres da natureza que Deus ocasiona sobre as sociedades de tempos em tempos. Essa é uma prerrogativa divina, e não nossa. Toda vida lhe pertence e

ele a concede e retira segundo sua vontade e santo propósito. No Novo Testamento, a igreja não exerce o papel de Israel na purificação da Terra Prometida (Dt 9.5). À luz da graça de Deus em Jesus Cristo, temos na verdade que fazer exatamente o oposto, ou seja, devemos abrir mão da própria vida em sinal de amor pelos inimigos a fim de que possam perceber a verdade da graça salvadora em nosso corpo (Mt 5.12,13,38-48; Cl 1.24; v. o capítulo 19).

No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade.

São estes os adoradores que o Pai procura.

JOÃO 4.23

A essência do louvor a Cristo é apreciá-lo.

JOHN PIPER

Cristo é louvado na morte ao ser estimado acima da vida.

E Cristo é mais glorificado na vida

quando nos satisfazemos de sobremaneira nele
mesmo diante da morte.

JOHN PIPER

Deus é bastante honrado quando as pessoas sabem que
morrerão de fome e sede a menos que o tenham em seu íntimo.

JOHN PIPER

capítulo vinte oito

Irmãos, concentrem-se na essência da adoração, não na forma

Poucos de nós tiveram ou terão o luxo de escapar das “guerras da adoração”. As guerras normalmente se devem a formas e estilos, e não à essência da adoração. Levar os fiéis à essência da adoração é muito importante. Por isso peço que você se concentre no ponto mais frutífero da glória de Deus. Que seu foco seja a essência, não a forma. E diante do sucesso da edificação da igreja que vivencia essa essência, o rebanho provavelmente sobreviverá às guerras, e você será capaz de liderá-los por águas mais tranquilas.

Revela-se no Novo Testamento um silêncio espantoso sobre as formas exteriores de adoração em grupo e a intensificação radical da adoração como experiência introspectiva de Deus. O silêncio a respeito das formas exteriores é óbvio pelo fato de a reunião da igreja

nunca ser chamada “adoração” no Novo Testamento. Além disso, a principal palavra empregada no Antigo Testamento para adoração (*proskuneô* no grego do AT) é quase ausente das epístolas do Novo Testamento. O uso concentra-se nos evangelhos (26 vezes) e no Apocalipse (21 vezes). No entanto, nas epístolas paulinas, o vocábulo ocorre apenas uma vez, ou seja, em 1Coríntios 14.25 onde o incrédulo se prostra diante do poder da profecia e confessa que Deus está ali entre eles. Ele não é usado nas cartas de Pedro, João ou Tiago.

A razão para isso provavelmente se dá pelo conceito do Antigo Testamento, capturado na palavra grega *proskuneô*, implicar a prostração física diante da majestade visível. Isso ocorreu quando as pessoas se depararam com o Cristo visível e encarnado dos evangelhos. E ocorreu no Apocalipse quando os santos, anjos e anciãos encontravam-se de fato na presença do Cristo visível e ressurrecto. Contudo, no intervalo entre a ascensão e a parúsia, Cristo não está visível para ser adorado. Por isso, a adoração é algo radicalmente internalizado e desambientado.¹

No mais, a intensificação da adoração como experiência íntima e desambientada do coração é percebida nas palavras de Jesus em João 4 ao afirmar: “Está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade” (Jo 4.21-23). Uma realidade espiritual íntima substitui o local geográfico. “Este monte [e] Jerusalém” (v. 21) é substituído por “em espírito e em verdade”. Pode-se perceber a intensificação interior da adoração mais uma vez em Mateus 15.8, 9 quando Jesus afirmou: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens”. A adoração não procedente do coração é vã e vazia. Não é autêntica.

Para a confirmação e o esclarecimento de como a ausência do lugar e da circunstância fixos orientou de modo radical o conceito neotestamentário da adoração, reflita sobre como Paulo emprega as outras palavras relacionadas à adoração no Antigo Testamento.

Por exemplo, depois de *proskuneô*, a palavra mais usada em se tratando da adoração no Antigo Testamento é *latreuô* (mais de 90 vezes, quase sempre a tradução do vocábulo hebraico *'abad*) comumente traduzida por “servir, prestar culto e adorar”, conforme Êxodo 23.24: “Não se curvem diante dos deuses deles, nem lhes *prestem culto*”.

Quando Paulo emprega esse vocábulo na adoração cristã, ele muda a abordagem a fim de assegurar a compreensão do que realmente nos diz, ou seja, de que não se trata de uma forma de adoração ambientada ou exterior, mas de uma experiência espiritual desambientada. De fato, ele prossegue até tratar de quase todos os aspectos da vida como adoração enquanto se vive no espírito correto. Por exemplo, em Romanos 1.9 ele disse: “[Deus] a quem sirvo *de todo o meu coração* pregando o evangelho de seu Filho...”. E em Filipenses 3.3, acrescentou que por sermos verdadeiros cristãos nós “adoramos *pelo Espírito* de Deus [...] não temos confiança alguma na carne”. E em Romanos 12.1, Paulo incitou os cristãos dizendo: “Ofereçam[-se] em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto *racional* de vocês”.

Portanto, mesmo quando Paulo empregou um vocábulo do Antigo Testamento para se referir à adoração, ele se esforçou para nos fazer entender que em sua mente não existe um ato de adoração ambientado ou externo, mas a experiência espiritual e íntima — tanto que ele compreende tudo o que está relacionado à vida e ao ministério como expressão da experiência interior de adoração.

É possível perceber isso também quando observamos a maneira como o Novo Testamento toma emprestada a linguagem do Antigo para falar de “sacrifícios” do templo e “culto sacerdotal”. O louvor e as ações de graças nos lábios cristãos são chamados sacrifício a Deus (Hb 13.15), como as boas obras da vida diária (Hb 13.16). Paulo chamou o próprio ministério de “dever sacerdotal” [de adoração], e retrata os convertidos como “oferta aceitável [em adoração]” a Deus (Rm 15.16; Fp 2.17). O apóstolo chega a chamar o dinheiro recebido da igreja de “oferta de aroma suave, um sacrifício aceitável e

agradável a Deus [em adoração]” (Fp 4.18). Mesmo sua morte por Cristo é descrita como “oferta” para Deus (2Tm 4.6).²

Assim, pode-se perceber o que está acontece no Novo Testamento. A adoração é significativamente desinstitucionalizada, deslocada e privada das características exteriores. Todo ímpeto é extraído das cerimônias, do tempo apropriado, dos lugares ou formas e transferido para o que ocorre no coração — não apenas no domingo, mas todos os dias, toda a vida em tempo integral.

É sobre isso que o apóstolo fala quando se leem textos como: “Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31). Ou “Tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai” (Cl 3.17). Está é a ação central da adoração do Novo Testamento: agir para refletir a glória de Deus — fazer algo em nome de Jesus com ações de graças a Deus. Porém, o Novo Testamento emprega as maiores sentenças sobre adoração sem qualquer referência aos cultos de adoração dominicais. Elas descrevem a vida.

Sou levado a concluir que a essência da adoração não lida com atos externos e localizados, mas sim com experiências introspectivas acerca de Deus que se manifestam de modo exterior, não fundamentalmente nos cultos da igreja (embora sejam importantes), mas de maneira principal nas expressões diárias de submissão a Deus.

A razão fundamental para isso é provavelmente o fato de que a religião do Antigo Testamento tenha sido sobretudo do tipo “venha ver” e o Novo Testamento apresenta um relacionamento do tipo “vá dizer”. Em outras palavras, enquanto o foco estava no povo de Israel, em um único lugar, a adoração poderia ser estruturada em bases formais e fixas. Mas tendo dito Jesus: “Vão e façam discípulos de todas as nações” — todas as culturas, línguas e temperamentos — a questão da estrutura quase desapareceu do Novo Testamento (que, por sua vez, é um livro missionário). Um livro para todas as culturas. Esta é a razão do tratamento indulgente quanto à forma da adoração.

Neste momento, surge uma questão crucial: Qual é a essência da experiência interior chamada adoração? Se não se trata de um ato essencialmente externo, mas de uma experiência do coração, que experiência seria esta?

Tenho certo que a adoração — o ato introspectivo do coração ou a atitude exterior do corpo ou da comunidade coletivamente — consiste no *engrandecimento de Deus*. Ou seja, trata-se do ato revelador de quanto ele é magnífico. O ato que revela ou expressa o quanto ele é grandioso e glorioso. A adoração representa a reflexão consciente da dignidade e do valor de Deus.

Portanto eis o que quero perguntar: que experiência introspectiva do coração é capaz de fazer isso? Se a essência da adoração não consiste apenas na forma exterior, mas na experiência íntima com Deus, que experiência seria capaz de revelar e expressar o quanto Deus é glorioso e grandioso? Para responder a esta questão, precisamos meditar sobre Filipenses 1.20, 21.

No versículo 20 afirma-se o que a missão de Paulo representa na vida. Ele disse: “Aguardo ansiosamente e espero que em nada serei envergonhado. Ao contrário, com toda a determinação de sempre, também agora Cristo será engrandecido [esta é a palavra chave: “engrandecido”, “apresentado de modo grandioso”] em meu corpo, quer pela vida, quer pela morte”. Em outras palavras, a vida ou a morte de Paulo sempre será adoração. Na vida ou na morte, sua missão é engrandecer Cristo — mostrar Jesus como magnífico, exaltá-lo, revelar sua grandiosidade. O versículo 20 deixa claro que Cristo deve ser exaltado “em meu corpo, quer pela vida, quer pela morte”.

Eis outra pergunta: Estaria Paulo nos dizendo que tipo de experiência interior é capaz de exaltar Cristo dessa maneira? Estaria ele revelando a essência da adoração? A resposta é sim; e ele prossegue no versículo 21.

Observe a referência à “vida” e “morte” no versículo 20. Perceba que Cristo precisa ser “engrandecido em meu corpo, quer pela

vida, quer pela *morte*". Repare na associação feita com as palavras correspondentes "viver" e "morrer" no versículo posterior (21): "Porque para mim o *viver* é Cristo e o *morrer* é lucro". Portanto, "vida" e "morte" no versículo 20 correspondem a "viver" e "morrer" do versículo 21. A conexão entre os dois versículos é revelada assim que se percebe no versículo 21 a base para entender como o viver e o morrer podem exaltar ou engrandecer Cristo. Sabemos disso porque o versículo 21 inicia-se com o emprego de "porque". Espero que Cristo seja engrandecido tanto pela minha vida quanto pela minha morte. *Porque* o viver é Cristo e o morrer é lucro.

O versículo 21 descreve que a experiência introspectiva exalta Cristo e, portanto, é a essência da adoração. Para entender isso, analisemos cada par de forma isolada, começando por "vida" e "morte", no versículo 20, e "viver" e "morrer", no versículo 21. Reflita sobre os versículos em questão: "*Com toda a determinação de sempre, também agora Cristo será engrandecido no meu corpo pela morte, e o morrer é lucro.*" Cristo será exaltado na minha morte, se minha morte for para mim lucro. Você conseguiu compreender? A experiência introspectiva que glorifica Cristo na morte é a experiência da morte como lucro.

Mas por que disso tudo? O versículo 23 mostra o motivo que levou Paulo a considerar a morte lucro: "Estou pressionado dos dois lados: desejo partir e estar com Cristo, o que é muito melhor". Isso é que a morte faz: ela propicia a intimidade maior com Cristo. Partimos, e logo estamos com Cristo de tal maneira que se mostra algo "muito melhor" que nossa experiência com ele aqui. E isso, conforme Paulo afirma, é lucro. E como disse Paulo, quando experimentamos a morte dessa maneira, engrandecemos o Senhor Jesus. Vivenciá-lo na morte como lucro é um ato de engrandecimento. Eis a essência íntima da adoração na hora da morte.

Podemos dizer agora que a essência íntima da adoração é considerar Cristo lucro; e, de fato, o lucro bem maior do que a vida poderia oferecer: família, carreira, aposentadoria, fama, comida,

amigos. A essência da adoração consiste em vivenciar Cristo como lucro. Ou, usando palavras que amamos empregar na minha igreja: trata-se de saborear Cristo, tê-lo como tesouro, deleitar-se nele. Tudo isso consiste na essência íntima da adoração, pois Paulo diz que experimentar Cristo como lucro na morte é a forma de exaltá-lo na morte.

Aqui evoco a premissa máxima: “Deus é glorificado em nós quando nos regozijamos nele”. Cristo é engrandecido na minha morte se, ao morrer, me regozijo nele; quando experimento a morte como lucro porque lucrei com ele. Em outras palavras: a essência do louvor a Cristo é apreciá-lo. Cristo será louvado na minha morte se na minha morte ele for estimado acima da vida. A essência íntima da adoração consiste em apreciar Cristo, tê-lo como algo precioso, um tesouro, a nossa alegria.

Ora, para confirmar esta afirmação, concentre-se nas próximas sentenças. “*Aguardo ansiosamente e espero que [...] Cristo será engrandecido [...] pela [minha] vida*” (v. 20). Versículo 21: “Porque para mim, o *viver* é Cristo”. Portanto, o motivo que levou Paulo a dizer que Cristo é exaltado, adorado, em sua vida deve-se ao fato de que para ele “viver é Cristo”. Mas o que isso significa?

Filipenses 3.8 responde essa pergunta. Paulo disse: “Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo”.

“Viver é Cristo” significa considerar todas as outras coisas perda em comparação ao valor de receber Cristo. Observe que o conceito encontra-se em 3.8 assim como em 1.21. “Viver é Cristo” significa experimentar Cristo como lucro *hoje* e não apenas na morte.

Paulo, de fato, quer dizer que vida e morte, para o cristão, são atos de adoração que exaltam Cristo, que o engrandecem, e revelam e expressam sua grandiosidade quando surgem de experiências introspectivas de estimar Jesus como lucro. Cristo é louvado na

morte ao ser estimado acima da vida. E Cristo é mais glorificado na vida quando nos satisfazemos de sobremaneira nele mesmo diante da morte.

A essência interior e verdadeira da adoração é satisfazer-se em Cristo, apreciá-lo, estimá-lo e considerá-lo o tesouro. É possível ver como essa definição da essência da adoração não está associada aos cultos dominicais. Ela permeia a vida toda e flui do coração. É muito relevante para a compreensão dos elementos que deveriam compor os cultos de adoração. Ou seja, eles deveriam consistir na “busca fervorosa por Deus”.

Quando afirmamos: “buscamos a Deus com fervor” aos domingos, isso significa que buscamos com fervor a satisfação em Deus; que o buscamos fervorosamente como o nosso prêmio, o tesouro, o alimento da alma, o deleite do coração, o prazer do espírito. Ou para dar a Cristo o alto lugar de honra — ou seja, buscar com fervor tudo o que Deus significa para nós em Cristo crucificado e ressurrecto.

Ora, como isso poderia nos ajudar a trilhar o caminho por entre as “guerras da adoração” que confundem a igreja de hoje? Ou seja, as lutas a respeito da forma (contemporâneo *versus* histórico, canções de adoração *versus* hinos, órgão *versus* guitarra, roupas formais *versus* roupas informais, pôr-se em pé *versus* sentar-se, banda *versus* orquestra, grupo musical *versus* coral, silêncio *versus* conversas etc.). Acho que isto será uma tremenda ajuda. E foi isto que nos manteve unidos como igreja em meio a muitas discussões e transições.

Esta definição da adoração fornece à igreja uma âncora em meio às tempestades. E com certeza nos capacita a dizer do que tudo isto se trata. Por que fazemos o que fazemos? Eis a resposta: Nós o fazemos para expressar ou despertar a satisfação genuína e sincera sobre tudo o que Deus significa para nós em Cristo. Nossa atenção estará cravada na essência. E ao questionar o que acontece no seu coração em relação à verdade, beleza e valor de Jesus, saiba que se ele for real, os detalhes formais serão secundários.

A Palavra de Deus será sempre a parte central (e nela encontramos nossa definição de adoração — 2Tm 4.2). A ceia do Senhor permanecerá uma ordenança para a adoração da comunidade (1Co 11.23-26). As músicas de louvor sempre farão parte da adoração cristã (sejam entoadas na igreja, em casa ou no carro — Ef 5.19). Porém, os detalhes da combinação de tudo isso nos “cultos de adoração” não nos foi determinado. A única definição inequívoca e de importância radical é a essência.

Embora muitos cristãos ainda estimem a tradição, às vezes de forma excessiva (ainda que seja correto valorizá-la), foi justamente a realidade íntima da adoração e a liberdade que resultou dela que influenciaram os reformadores como Calvino, Lutero e principalmente os puritanos. João Calvino falou sobre a libertação do modelo tradicionalista da seguinte maneira:

Mas, porque na disciplina exterior e nas cerimônias não quis ele prescrever minuciosamente o que devamos seguir (porque isto previne depender da condição dos tempos, nem julgaria convir a todos os séculos uma forma única) [...] Enfim, porque Deus nada ensinou expresso nesta área, porquanto essas coisas não são necessárias à salvação e devem acomodar-se variadamente para a edificação da Igreja, segundo os costumes de cada povo e do tempo, convirá, conforme o proveito da Igreja o requerer, tanto mudar e revogar ordenanças comuns, quanto instituir novas. De fato reconheço que se deve recorrer à inovação não incon siderada, nem seguidamente, nem por causas triviais. O que, porém, prejudica ou edifica, melhor o julgará a caridade, a qual se permitirmos seja a moderatriz, tudo estará a salvo.³

Lutero também tinha uma maneira abrasiva de se expressar a respeito:

“A adoração a Deus [...] deveria ser livre nos momentos da refeição, em nossos aposentos, nos diversos cômodos do lar, em todos os lugares, para todas as pessoas, em todo o tempo. Quem

ensinar outra coisa mente tanto quanto o papa e o próprio Diabo”.⁴

Os puritanos efetivaram a simplificação e a liberdade da adoração na música, na liturgia e na arquitetura. Patrick Collinson resumiu sua teoria e a prática: “A vida da comunidade consistia em certo sentido em um ato contínuo de adoração, preservado pelo senso vívido e inabalável do propósito de Deus, e constantemente renovado pelas atividades religiosas, pessoais e públicas”.⁵ Uma das razões que levaram os puritanos a chamar as igrejas de “casas de reunião” e manter o estilo simples foi o desejo de desviar a atenção do lugar físico para o interior — a natureza espiritual da adoração.

São muitas e bastante significativas as implicações para a adoração coletiva do que vimos neste capítulo. Por exemplo, a busca da alegria em Deus não é algo opcional. É nosso maior dever (v. o capítulo 7). Milhares de cristãos assimilaram a ética popular que afirma ser moralmente anormal buscar a felicidade, mesmo que seja em Deus. Isso é letal para a adoração sincera. Conforme essas éticas surgem, a adoração esmorece porque sua essência é o deleite em Deus.

Sua liderança pastoral em relação à adoração será transformada caso você comece a ensinar o rebanho que a atitude básica da adoração nas manhãs ou noites de domingo não é chegar com as mãos cheias para oferecer algo a Deus, mas chegar com as mãos vazias para receber dele. O que se recebe na adoração é o próprio Deus, não algum entretenimento. Ensine que ir à igreja requer fome de Deus. Confesse: “Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus” (Sl 42.1). Deus é bastante honrado quando as pessoas sabem que morrerão de fome e sede a menos que o tenham em seu íntimo. Resgatar a virtude e vitalidade da busca da satisfação em Deus restaurará a autenticidade e o poder da adoração — sob qualquer forma.

Outra implicação de focar a atenção na essência da adoração como meio de satisfação em Deus é que a adoração será centrada

em Deus.⁶ Nada é capaz de tornar Deus tão supremo e central quanto a pessoa totalmente persuadida de que nada — dinheiro, prestígio, lazer, família, trabalho, saúde, esporte, diversão e amigos — terá o poder de produzir a satisfação no coração sofrido: apenas Deus o fará. Essa convicção gera nos membros da igreja o desejo intenso do encontro com Deus nas manhãs de domingo. Não há confusão sobre o motivo de sua presença naquele lugar. Nada os fará enxergar os cânticos, as orações e os sermões como meras tradições ou obrigações. Ao contrário, o rebanho passará a ver isso como meio para se achegar a Deus a fim de receber dele a plenitude.

Se o foco se volta para o que podemos dar a Deus, como resultado — algo que presenciei muitas vezes — Deus, de forma sutil, deixará de ser o centro da adoração para dar lugar à qualidade do que lhe oferecemos. E levanto a questão: será que entoamos louvores de forma digna do Senhor? Nossos músicos tocam com a devida qualidade de um presente oferecido ao Senhor? Será que lhe ofertamos a pregação apropriada? Ora, pouco a pouco, começamos a mudar o foco da total indispensabilidade do próprio Senhor para o enfoque na qualidade dos nossos feitos. Logo passaremos a definir a excelência e o poder da adoração em termos da distinção técnica dos atos artísticos.

Nada como a convicção bíblica de que a essência da adoração é uma satisfação profunda e sincera em Deus para mantê-lo no centro da adoração, como a convicção de que esse alvo é a razão para estarmos reunidos.

A terceira implicação do foco na essência da adoração como satisfação em Deus é que ele protege a primazia da adoração ao nos forçar a concordar com o fato de que a adoração é em si mesma um fim.

Se a essência introspectiva da adoração é a satisfação em Deus, então ela não poderá ser um meio para qualquer outra coisa. Não se pode simplesmente chegar e dizer a Deus: “Quero me deleitar

em ti para conseguir outra coisa”. Pois isso significaria que a satisfação não está totalmente nele, mas em outra coisa. Isso seria desonrá-lo, e não adorá-lo.

No entanto, para milhares de pessoas e pastores — como tenho temido — o momento do culto de adoração nos domingos é concebido como meio de realizar qualquer coisa, menos a adoração. “Adoramos” para conseguir dinheiro; “adoramos” para atrair multidões; “adoramos” para curar feridas humanas; “adoramos” para recrutar obreiros; “adoramos” para aperfeiçoar a moral da igreja. “Adoramos” para dar a músicos talentosos a oportunidade de cumprir sua vocação; “adoramos” para ensinar às crianças o caminho da virtude; “adoramos” para ajudar na manutenção de casamentos; “adoramos” para evangelizar os perdidos em nosso meio; “adoramos” para motivar as pessoas a assumir projetos para o culto; “adoramos” para gerar na igreja a sensação de família, etc.

Em face do que vimos, somos testemunhas da confusão sobre a essência da verdadeira adoração. A afeição genuína para com Deus é um objetivo genuíno. Não posso dizer à minha esposa: “Sinto tanta alegria na sua presença que você me preparará o almoço”. Não é assim que a alegria funciona. Ela termina ali, na minha esposa. Não vislumbra a refeição. Não posso dizer a meu filho: “Gosto tanto quando jogamos bola juntos para que você aí vá e até corte a grama”. Se meu coração realmente se alegra em jogar bola com ele, esse prazer não pode ser sentido como meio para obter dele outra coisa.

Não nego que a adoração autêntica possa causar muitos efeitos positivos na vida da igreja. Com certeza o fará, como o casamento verdadeiro torna as coisas melhores. Quero dizer que enquanto “adorarmos” por essas razões, o que fizermos não será mais adoração. Mas enquanto mantivermos a satisfação em Deus no centro de tudo, estaremos livres dessa tragédia.

Portanto, irmãos, mantenham o foco na essência da adoração, e não na forma. Sim, sei que não nos cabe ignorá-las. Também vivo

isso. Por isso, permita-me concluir este capítulo com algo que pode possuir utilidade prática neste ponto em especial. Depois de passar muitos anos pregando, ensinando e tentando viver a prioridade da essência da adoração, somos capazes de navegar através das tormentas das controvérsias. Com certeza eu naveguei. Uma delas durou quase cinco anos. Em certo momento da crise, formulei algo que pensei ser capaz de nos manter unidos. E funcionou. Preguei, ensinei e tentei viver como o esperado. Deus foi gracioso ao usar a situação para manter nossa união e nos fez experimentar dias de relativa paz. Segue abaixo o que formulei naqueles dias e imprimi para meu rebanho.

O que nos une na adoração

Uma filosofia para a música e a adoração
da Bethlehem Baptist Church [Igreja Batista Belém]

1. *A centralidade de Deus.* Eis a prioridade máxima do foco do culto matinal de domingo. O objetivo principal é experimentar Deus de modo que ele seja glorificado em nossas afeições.
2. *Desejar a presença poderosa de Deus.* Não só nos dirigimos a ele como buscamos sinceramente sua aproximação, devido à promessa encontrada em Tiago 4.8. Cremos que na adoração Deus se aproxima de nós com poder e se faz conhecido e sentido para nosso bem e a salvação dos incrédulos que estão em nosso meio.
3. *Fundamentados e saciados na Bíblia.* O conteúdo de nossas canções, orações, saudações, pregações e poesias sempre corresponderá à verdade das Escrituras. A Palavra de Deus entrelaça tudo o que fazemos na adoração e será a base de todo o nosso interesse pela autoridade.

4. *Cabeça e coração.* A adoração almeja acender e manter emoções profundas, fortes e verdadeiras em relação a Deus, mas não manipula as emoções das pessoas deixando de instigar o pensamento claro sobre as coisas espirituais baseadas nas evidências compartilhadas exteriormente.
5. *Zelo e intensidade.* Evite o ambiente repetitivo, irreverente, superficial. Em vez disso, estabeleça um exemplo de reverência, amor intenso e admiração.
6. *Comunicação sincera.* Rejeite de forma total a farsa, fraude, hipocrisia, fingimento, pretensão e vaidade. Evite a atmosfera de práticas artísticas ou de oratória, e cultive a atmosfera propícia ao encontro radicalmente íntimo com Deus e a verdade.
7. *A manifestação de Deus e do bem comum.* Almejamos, esperamos e oramos (segundo 1Co 12.7) que nosso foco na manifestação de Deus seja salutar para as pessoas e que, consequentemente, o espírito de amor recíproco não se torne incompatível, mas necessário à adoração verdadeira.
8. *Excelência diligente.* Tentaremos cantar, tocar, orar e pregar com tanto fervor que a atenção das pessoas não se desviará da substância por causa da negligência ministerial ou pelo requinte, elegância ou sofisticação excessivos. A excelência natural e diligente permitirá que a verdade e a beleza de Deus resplandeçam.
9. *Mesclando a música contemporânea e a histórica.* “Ele lhes disse: ‘Por isso, todo mestre da lei instruído quanto ao Reino dos céus é como o dono de uma casa que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas’” (Mt 13.52).

NOTAS

- ¹ Heinrich Greeven, em *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 6, ed., Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1968), p. 765, concluiu acerca da atribuição de *proskuneô*: “Contudo, esta é uma prova complementar da solidez do termo. A *proskunesis* exige a visibilidade da majestade diante de quem o adorador se prostra. Todos na terra viam o Filho de Deus (os evangelhos) e o Senhor exaltado estará novamente visível quando a fé der lugar à visão (Apocalipse)”.
- ² O mesmo ímpeto é visto no imaginário do povo de Deus (corpo de Cristo) como o “templo” do NT onde sacrifícios espirituais são oferecidos (1Pe 2.5) e onde Deus habita por intermédio de seu Espírito (Ef 2.21,22) e onde todo o povo é visto como sacerdócio santo (1Pe 2.5,9). A perícope de 2Co 6.16 revela que a esperança da Nova Aliança em relação à presença de Deus é cumprida mesmo agora na igreja como povo; não em alguma reunião particular: “Pois somos santuário do Deus vivo. Como disse Deus: ‘Habitarei com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo’”.
- ³ *As institutas ou tratado da religião cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2. ed., 2003), livro IV, capítulo X, seção 30, p. 204.
- ⁴ Extraído da obra *What Luther Says*, vol. III, ed. by Ewald M. Plass (St. Louis, Mo.: Concordia Publishing House, 1959), p. 546.
- ⁵ Citado de Leland Ryken, *Worldly Saints: The Puritans as They Really Were* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1986), p. 116. [Publicado em português com o título: *Santos no mundo* (S.J. dos Campos: Fiel).
- ⁶ Este e os próximos seis parágrafos encontram-se em John Piper, *The Dangerous Duty of Delight* (Sisters, Oreg.: Multnomah Publishers, 2001), p. 57-9.

Se você vive para obter prazer pessoal à custa da esposa,
certamente vive contra si mesmo e destrói sua maior alegria.

Mas ao se consagrar de todo o coração para a sagrada
alegria de sua esposa,
certamente viverá para a sua própria alegria
e fará de sua união a imagem de Cristo e de sua igreja

JOHN PIPER

O governo duplo do amor chocante;
a doutrina de um paradoxo:
Se você agora almeja sua esposaabençoar,
então deve amá-la mais e amá-la menos.

JOHN PIPER

capítulo vinte nove

Irmãos, que cada um de vocês ame sua mulher

Ah, como é crucial que o pastor ame sua esposa. Esse amor traz alegria e estímulo para a igreja. Faz dessa união o modelo para os outros casais. Sustenta a honra do ofício dos presbíteros. É uma bênção para os filhos, pois propicia a eles um abrigo amoroso. Manifesta o mistério do amor de Cristo pela igreja. Evita que as orações sejam interrompidas. Alivia os fardos do ministério. Protege a igreja dos escândalos devastadores. E satisfaz a alma à medida que encontramos nossa alegria em Deus enquanto a buscamos na alegria da pessoa amada. Isso não é irrelevante, meus irmãos. Amar o cônjuge é essencial para o ministério. É um ministério.

Sei que esse amor não dá qualquer garantia de que a mulher corresponderá com alegria. É trágico, mas algumas delas desistem

de Cristo, da igreja e do marido desolado. Poucas coisas são mais dolorosas e devastadoras para a família e a igreja que isso. Outras lutam contra a depressão, os vícios, a tentação da indolência, os desejos mundanos, o medo e mesmo contra a ambição. Portanto, não estou dizendo que o amor fará da vida um mar de rosas. Não se trata disso. Quero dizer que tanto no casamento quanto no ministério nosso chamado é o mesmo, como o chamado de Cristo era amar e morrer pela noiva impura. Amar o cônjuge dessa maneira será uma bênção para a igreja e fortalecerá a alma para o mundo de Cristo.

Por isso, faço o convite para juntos refletirmos sobre o significado do casamento e deixarmos que Paulo edifique nossa união sobre a rocha — o fundamento sólido da Palavra de Deus.

A teologia paulina do casamento começa pela Palavra de Deus que se traduz em Jesus e na Palavra inspirada do Antigo Testamento. Uma vez que Deus não é Deus de confusão, sua Palavra é coerente. Existe nela unidade. Por isso, quando Paulo deseja compreender o casamento, ele procura obter esse entendimento da Palavra de Deus, ou seja, de Jesus e das Escrituras. E quando o apóstolo une as duas partes para ouvir a Palavra no que se refere ao casamento, o que ele ouve é um mistério profundo repleto de implicações práticas. Então nos resta desvendar esse mistério e utilizar suas implicações na vida pastoral.

Efésios 5.31 é uma citação de Gênesis 2.24: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne”. Em seguida, Paulo acrescenta no versículo 32: “Este é um mistério profundo; refiro-me, porém, a Cristo e à igreja”. Paulo sabia que havia algo sobre Cristo e a igreja que o levou a enxergar em Gênesis 2.24 um mistério sobre o casamento. Voltemos ao texto citado e olhemos com mais atenção o contexto dos versículos e sua ligação com a criação.

De acordo com Gênesis 2, primeiro Deus criou Adão e o colocou no jardim, sozinho. Então, no versículo 18, disse o Senhor:

“Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda”. Não acho que isso seja um indício da amizade entre Adão e Deus; nem uma insinuação de que o jardim era difícil demais de ser cuidado. Na verdade, o texto mostra que Deus fez do homem um participante. Deus não nos criou para sermos um beco sem saída para sua generosidade, mas para sermos canais. Nenhum homem se sente completo a menos que conduza a graça (semelhante à eletricidade) entre Deus e outra pessoa. (Atenção: nenhuma pessoa solteira deve concluir que isso só acontece depois do casamento.)¹

Deveria ser outra *pessoa*, não um animal. Por isso, em Gênesis 2.19, 20, Deus desfilou os animais diante de Adão a fim de lhe mostrar que entre os animais: “não se encontrou para o homem alguém que o auxiliasse e lhe correspondesse”. Ah, mas os animais ajudam muito! No entanto, só o *ser humano* pode ser companheiro e herdeiro da graça da vida (1Pe 1.4-6). Somente o ser humano pode receber a graça e apreciá-la. O homem precisava de outro *ser humano*, com quem pudesse compartilhar o amor de Deus. Animais não fariam isso! Existe uma diferença muito grande entre contemplar a aurora boreal com alguém amado e contemplá-la com o cão de estimação.

Portanto, segundo os versículos 21 e 22: “Então o SENHOR Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o SENHOR Deus fez uma mulher e a levou até ele”. Tendo mostrado ao homem que nenhum animal lhe serviria como auxílio, Deus criou outro ser humano da carne e do osso do homem para que fosse semelhante a ele — embora também diferente. Ele não criou outro homem. Ele criou a mulher. E Adão reconheceu nela a sócia perfeita para si mesmo, totalmente diferente dos animais: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada” (Gn 2.23).

Criando uma pessoa *semelhante* a Adão, porém muito *diferente* dele, Deus forneceu a possibilidade da profunda unidade que, de outra maneira, teria sido impossível. Um tipo diferente de unidade é desfrutado pela junção de sócias distintos do que é desfrutado pela junção de duas coisas tão parecidas. Quando todos cantamos a mesma partitura melódica, o nome que se dá a isso é uníssono, ou seja, um “único som”. Mas quando unimos várias vozes — soprano e contralto, tenor e baixo — isso se chama harmonia; e todos os que têm ouvidos para ouvir sabem que somos mais comovidos pela harmonia que pelo uníssono. Por isso, Deus criou uma mulher, e não outro homem. Ele criou a heterossexualidade, não a homossexualidade. A primeira intuição de Deus foi o casamento, não a fraternidade.

Observe a relação entre os versículos 23 e 24, sinalizada pela expressão *por essa razão*, no versículo 24. “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne”. No versículo 23, o foco está sobre duas coisas: *objetivamente*, no fato de a mulher ser parte da carne e do osso do homem; e *subjetivamente*, na alegria sentida por Adão ao ser presenteado com a mulher: “Esta, *sim*, é osso dos meus ossos e carne da minha carne!”. Destas duas coisas, o autor fez a inferência sobre o casamento no versículo 24: “*Por essa razão*, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne”.

Em outras palavras, no princípio, Deus formou a mulher a partir do homem como osso de seus ossos e carne da sua carne e, em seguida, ele a presenteou ao homem de modo que este pudesse descobrir *vivendo em companheirismo* o que significa ser uma só carne. Assim, do versículo 24 extraímos a lição do que significa de fato o casamento: o homem *deixa* pai e mãe, pois Deus lhe deu uma mulher, e não outro ser a quem se apegar, e descobre a experiência de ser uma só carne. Foi isso o que Paulo viu quando olhou a Palavra de Deus nas Escrituras.

Mas Paulo conhecia mais uma Palavra de Deus — Jesus Cristo. Ele o conhecia profunda e intimamente. Havia aprendido de Jesus que a igreja é o corpo de Cristo (Ef 1.23). Que pela fé, a pessoa se une a Jesus Cristo e aos demais fiéis de modo que: “todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3.28). Os fiéis em Cristo são o corpo de Cristo; ou seja, somos o organismo mediante o qual Cristo manifesta sua vida e no qual seu Espírito habita.

Conhecendo o relacionamento entre Cristo e a igreja, Paulo percebeu o paralelo aqui com o casamento. Ele compreendeu que homem e mulher se tornam uma só carne (de acordo com Gn 2.24) e que Cristo e a igreja se tornam um corpo. Portanto, o apóstolo se dispôs a dizer à igreja, por exemplo em 2Coríntios 11.2: “O zelo que tenho por vocês é um zelo que vem de Deus. Eu os prometi a um único marido, Cristo, querendo apresentá-los a ele como uma virgem pura”. Ele retratou Cristo como o marido e a igreja como a noiva cuja conversão é semelhante ao noivado que ele ajudara a realizar. A apresentação da noiva ao marido provavelmente acontecerá na segunda vinda do Senhor, conforme a descrição de Efésios 5.27: “para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa”. Desse modo, tem-se a impressão de que Paulo empregou o relacionamento do casamento humano, descrito em Gênesis 2, para descrever e explicar o relacionamento entre Cristo e a igreja.

No entanto, quando dizemos isso dessa forma, omitimos algo importante. Depois de citar Gênesis 2.24 em Efésios 5.31 (sobre homem e mulher se tornarem uma só carne), Paulo disse no versículo 32: “Este é um mistério profundo; refiro-me, porém, a Cristo e à igreja”. O casamento é um mistério. Há mais ali do que os olhos podem ver. E o que seria? Penso que Deus não criou a união de Cristo e a igreja segundo o modelo do casamento humano; ao contrário, ele criou o casamento humano sob os padrões da relação de Cristo com a igreja. O profundo e oculto mistério de Gênesis 2.24 se refere ao fato de que o casamento ali descrito é uma parábola ou símbolo da relação de Cristo com seu povo.

Deus não faz as coisas sem pensar. Tudo possui propósito e significado. Quando se ocupou da criação do homem e da mulher e ordenou a união do casamento, ele não rolou os dados, tirou no palitinho ou jogou cara ou coroa. Não, ele propositadamente fez do casamento o modelo para o relacionamento entre seu Filho e a igreja que, por sua vez, foi planejada para a eternidade. Por isso o casamento é um mistério; nele está contido e foi concebido um significado grandioso demais em face do que conseguimos perceber sozinhos. O que Deus uniu em matrimônio deve ser reflexo da união entre o Filho de Deus e sua noiva, a igreja. Todos os casados precisam meditar continuamente sobre quão maravilhoso e misterioso é o fato de termos recebido de Deus o privilégio de espelharmos as estupendas realidades divinas infinitamente maiores e superiores a nós mesmos.

Ora, quais são as implicações práticas do mistério do casamento? mencionarei duas que aparentemente dominam a passagem de Efésios. Uma delas é: *maridos e mulheres deveriam espelhar conscientemente o relacionamento pretendido por Deus para Cristo e a igreja*. A outra é: no casamento, cada cônjuge deve buscar sua alegria na *alegria* do outro; ou seja, o casamento deve ser o manancial do hedonismo cristão (v. o capítulo 7).

Em primeiro lugar, que padrão pretendia Deus adotar para maridos e mulheres quando ordenou o casamento como parábola misteriosa ou imagem da relação entre Cristo e a igreja? Paulo mencionou duas coisas, uma relacionada à esposa e outra ao marido. Quanto à mulher ele disse em Efésios 5.22-24: “Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos”.

Ora, assim como a igreja se submete a Cristo, toda mulher também deve se submeter ao marido. De acordo com esse padrão,

as esposas devem tomar como único exemplo o propósito da igreja. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres sejam em tudo submissas ao marido. A igreja se submete a Cristo como o cabeça: “Pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja” (v. 23). A autoridade implica pelo menos duas coisas: Cristo é o provedor ou Salvador, e a autoridade ou líder. A palavra “cabeça” é usada duas vezes em Efésios. Em Efésios 4.15, 16, a palavra cabeça é ilustrada como provedora, e em 1.20-23 é ilustrada como autoridade.

Primeiro, reflita sobre Efésios 4.15, 16:

Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função.

A cabeça é o alvo para o qual devemos crescer e o provedor que capacita esse crescimento. Agora, considere Efésios 1.20-23:

Esse poder ele exerceu em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita, nas regiões celestiais, muito acima de todo governo e autoridade, poder e domínio, e de todo nome que se possa mencionar, não apenas nesta era, mas também na que há de vir. Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou *cabeça de todas as coisas para a igreja*, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância.

Quando Deus ressuscitou Cristo da morte, ele o tornou cabeça concedendo-lhe o poder e a autoridade sobre todos os outros governos, autoridades, poderes e domínios. Por isso, no contexto de Efésios, a autoridade do marido implica que ele deve, sendo possível, suprir as necessidades da esposa (as materiais e também proteção e zelo) e deve aceitar a grandiosa responsabilidade de liderar a família.

Portanto, quando o versículo 24 do capítulo 5 diz: “Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos”, significa basicamente que a submissão consiste em reconhecer e honrar a responsabilidade superior do marido de fornecer a proteção e o sustento da mulher, como a disposição da parte dela de se sujeitar à autoridade dele em Cristo e inclinar-se para seguir essa liderança. A razão conducente à afirmação de que a submissão significa a *disposição* para se sujeitar e a *inclinação* para seguir se deve à pequena expressão “como ao Senhor”, do versículo 22, que limita o escopo da submissão.

Nenhuma mulher deve assumir a autoridade de Cristo que cabe ao marido. Ela não pode se sujeitar ou seguir o marido no pecado; porém, mesmo que a esposa cristã precise resistir em Cristo ao desejo pecaminoso do marido, isso poderá ser feito em *espírito* de submissão. É possível demonstrar com a atitude e o comportamento adotados o descontentamento em resistir à vontade tortuosa e seu forte anseio para que ele desista do pecado e volte a andar na retidão de modo que sua disposição para honrá-lo como cabeça possa novamente produzir harmonia. Portanto, nesta misteriosa parábola sobre o casamento, a esposa deve tomar como exemplo o propósito de Deus para a igreja na relação com Cristo.

Ora, quanto aos maridos, Paulo os ensina a adotar o exemplo de Cristo. Eis o versículo 25: “Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela”; se o marido é o cabeça da mulher, como o versículo 23 afirma, é necessário esclarecer todos os maridos de que isso significa em primeiro lugar a liderança fundamentada no tipo de amor disposto a morrer para conceder vida. Conforme as palavras de Jesus em Lucas 22.26: “Aquele que governa [deverá ser] como o que serve”. O marido que se esparrama diante da TV e dá ordens à mulher para que lhe sirva como uma escrava, deixou de assumir a forma da liderança de Cristo. Jesus cingiu a si mesmo com uma toalha e lavou os pés dos apóstolos. Se você pretende ser um marido cristão, imite Jesus.

É verdade que o versículo 21 expõe toda essa parte indicando a *submissão mútua*: “Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo”. Mas nada garante que possamos inferir deste versículo que o *modo* como Cristo se submete à igreja e o modo como a igreja se submete a Cristo sejam o mesmo.² A igreja se submete a Cristo porque está disposta a seguir a liderança dele. Cristo se submete à igreja por estar disposto a exercer sua liderança como humilde servo. Quando Cristo disse: “Aquele que governa [deverá ser] como o que serve” (Lc 22.26), não era sua intenção afirmar que o líder deveria deixar de ser líder. Embora estivesse de joelhos lavando os pés dos discípulos, ninguém tinha dúvidas sobre quem era o líder. Nem deveria qualquer marido cristão esquivar-se da responsabilidade diante de Deus de prover visão moral e liderança espiritual como servo humilde de sua mulher e filhos.

Por isso a primeira implicação do mistério do casamento como reflexo do relacionamento de Cristo com a igreja é que as mulheres devem tomar o exemplo da igreja e os maridos o exemplo de Cristo. E onde quer que se encontre um casamento como esse, será possível encontrar duas das pessoas mais felizes do mundo, considerando-se a harmonia de sua existência com a Palavra de Deus nas Escrituras e com a Palavra de Deus em Jesus Cristo.

A última implicação prática do mistério do casamento é: *o marido e a mulher devem buscar a própria felicidade na felicidade do outro*. Talvez não exista passagem mais hedonista na Bíblia que Efésios 5.25-30. O texto deixa claro que a razão de haver tanta infelicidade no casamento não é o fato de o marido buscar o próprio contentamento, mas o fato de não o buscar no contentamento da mulher. No entanto, este texto nos ordena a fazer justamente isso, pois é o que Cristo faz.

Primeiro, observe o exemplo de Cristo nos versículos 25 a 27:

Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela [Por que ele fez isso?] para santificá-

la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e [Por que ele a purifica?] para apresentá-la *a si mesmo* como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável.

Cristo morreu pela igreja para presentear a si mesmo com uma linda noiva. Ele suportou a cruz pela alegria do casamento proposto. Mas qual é a suprema alegria da igreja? Não é ser presenteada como noiva ao Cristo soberano? Assim, Jesus vislumbrou a própria alegria na alegria da igreja. Portanto, o exemplo de Cristo determina que o marido busque a própria alegria na alegria da mulher.

Os versículos 28 e 29 deixam explícita essa aplicação: “Da mesma forma, os maridos devem amar cada um a sua mulher como a seu próprio corpo. Quem ama sua mulher, ama a si mesmo. Além do mais, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo, antes o alimenta e dele cuida, como também Cristo faz com a igreja”. Paulo reconhece uma das pedras fundamentais do hedonismo cristão: “Ninguém jamais odiou o seu próprio corpo”. Mesmo quem comete suicídio tem por alvo escapar da própria miséria. Por natureza, nós nos amamos, ou seja, fazemos o que em nossa opinião, no momento, nos trará a felicidade ou reduzirá a miséria.

Paulo não constrói uma represa contra o rio do hedonismo; ele constrói um canal. E diz: “Maridos e mulheres, reconheçam que no casamento vocês se tornaram carne de uma só carne; por isso, se você vive para obter prazer pessoal à custa da esposa, certamente vive contra si mesmo e destrói sua maior alegria. Mas ao se consagrar de todo o coração para a sagrada alegria de sua esposa, certamente viverá para a sua própria alegria e fará de sua união a imagem de Cristo e de sua igreja.”

Quando meu filho mais velho se casou, ele me pediu para escrever um poema para ser lido na cerimônia. Senti-me muito feliz com a tarefa. Então, incluí o poema no encerramento porque falava, tanto quanto eu sabia da verdade paradoxal de que devemos amar a esposa mais do que amamos e menos do que poderíamos.

Amá-la mais e amá-la menos — para Karsten Luke Piper
Em seu casamento com Rochelle Ann Orvis
29 de maio de 1995.

O Deus que amamos,
e em quem temos vivido, e que tem sido
nossa Rocha nestes 22 bons anos
com você, agora nos convida, com doces lágrimas
a deixá-lo partir: “O homem deixará
pai e mãe, e unir-se-á
doravante à sua mulher, e será
com ela uma só carne, sem complexos e livres.
Eis para hoje a Palavra de Deus,
e estamos felizes em obedecer.
Pois o Deus que uma noiva lhe deu
respondeu cada oração que fizemos;
por mais de vinte anos, nós oramos
por você, antes mesmo de seu nome sabermos.

E agora você pede que eu componha
um poema — algo perigoso, em face
do que você sabe: que me disponho mais
a pregar que a criar poemas ou arte.
Sinto-me honrado por sua coragem,
e só me resta concordar.
Não invejo estas doces margens
dos pares de rimas e linhas que devo contar.
São velhos amigos que apreciam quando
seu socorro venho solicitar
para reunir os sentimentos de modo
que façam sua ternura durar.
E assim nos conhecemos nos últimos dias,
e logo houve uma inundação de amor e louvor.
O conselho paterno vindo do coração

das barreiras da arte jorrou.
E agora apresento uma fração
meu filho: um poema-sermão.
O tema: o governo duplo do amor chocante;
a doutrina de um paradoxo:

Se você agora almeja sua esposa abençoar,
então deve amá-la mais e amá-la menos.
Se nos próximos anos, por uma
estranha providência divina, alguma
riqueza deste século juntar
e, sem esforço, cada fase superar
ao lado de sua esposa, não vá se esquecer
de na saúde amá-la, amá-la mais do que o ter.

E se sua vida for entremeada
com um companheirismo infundável,
e um tecido alegre você conseguir trançar
da doçura de tanto afeto, pequenos e grandes,
não se esqueça, mesmo que possa se rasgar,
de amá-la, com o amor acima da amizade.

E se em alguns momentos, o cansaço chegar
e em um lamento, você sussurrar
— faça o favor, venha, não se acanhe:
“Abrace-me para que eu te console”.
Esteja certo! Sua esposa superará:
por isso, você deve amá-la, mais que o próprio bem-estar.

Enquanto permanecer puro o leito conjugal
e todo o seu desejo apaixonado
conservar-se a sua esposa destinado
e tudo na vida for êxtase,
um único segredo a tudo protege:
Você deve amá-la, amá-la, mais que o sexo.

E se o seu gosto refinado se tornar,
e for movido por aquilo que a mente
do homem é capaz e pelo deslumbramento
do ofício, lembre-se que o “motivo”
de todo este trabalho está no coração;
por isso você deve amá-la mais que a arte.

E se algum dia seu ofício se tornar
o trabalho que os críticos irão concordar
digna de grande consideração.
E a procura exceder seus sonhos insanos,
contra os perigos do renome, você deve se cuidar;
você deve amá-la, e amá-la mais que a reputação.

E se, para sua surpresa, não minha,
Deus chamá-lo para algum projeto estranho;
para arriscar a vida por uma grande causa,
não permita que o medo nem o amor o interrompa.
E quando enfrentar o portão da morte,
você deve amá-la, amá-la mais que o próprio fôlego.

Sim, amá-la, amá-la mais que a vida;
Ah, amar a mulher que se chama sua esposa,
e amá-la como o melhor desta terra para você.

Não além desta aventura. Mas, para que
seu amor não se torne a imagem de um tolo,
Certifique-se de amá-la menos que a Deus.

Não é sábio ou benigno chamar
um ídolo por nomes doces e cair,
em humildade, diante
uma imagem de seu Deus. Adore
como o melhor nessa terra
o único Deus que a dignifica.

E ela então saberá
que seu grande amor também é graça,
Que suas profundas afeições
fluem livremente de um voto
de promessas feitas primeiramente
a você por Deus. Que não se desvanecerão
por estarem enraizadas no rio
De alegria celestial, que tem consideração
e zelo maior que fôlego e vida.

Algo que poderá à sua esposa dar
o maior presente que poderia lhe ser dado:
Amar a Deus mais que a vida dela.
Por isso, quero agora minha bênção dar:
Vá, você deve amá-la mais ao amá-la menos.

NOTAS

¹ V. John Piper, “For Single Men and Women (and the Rest of Us)”, (Wheaton, Ill.: Council of Biblical Manhood & Womanhood, 1992). Extraído de uma obra bem maior: *Recovering Biblical Manhood and Womanhood: A Response to Evangelical Feminism*, editado por John Piper e Wayne Grudem (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1991), XVII-XXVIII.

² Observe também o contexto em que as crianças devem se submeter aos pais (Ef 6.1) e os escravos aos senhores (Ef 6.5), o que promove a ideia de que a submissão entre as partes é idêntica.

O tom das aulas e dos professores
exerce profunda influência no tom do púlpito.
Todas as coisas que despertam a paixão dos professores
se tornarão, normalmente, a paixão dos jovens pastores.
O que eles negligenciarem,
provavelmente, será negligenciado no púlpito.
JOHN PIPER

Não critiquemos ou elogiemos apenas os seminários.
[...] Portanto, que eles sejam o motivo da nossa oração.
JOHN PIPER

capítulo trinta

Irmãos, orem pelos seminários

Não se pode enfatizar exageradamente a importância do seminário na formação teológica e espiritual de igrejas, denominações e instituições missionárias. Porém, o tom das aulas e dos professores exerce profunda influência no tom do púlpito. Todas as coisas que despertam a paixão dos professores se tornarão, normalmente, a paixão dos jovens pastores. O que eles negligenciarem, provavelmente, será negligenciado no púlpito.

Enquanto escolhia um seminário, recebi o seguinte conselho: “Seminário é uma coisa”, foi-me dito, “já o corpo docente... Não escolha pela denominação, biblioteca ou local. Escolha um ótimo corpo docente. O restante é secundário”. É claro que ao dizer “ótimo corpo docente”, isso não significava mestres meramente carismáticos, e sim a maravilhosa combinação de paixão por Deus, pela ver-

dade, pela igreja, pelos que perecem, com a profunda compreensão de Deus e de sua Palavra, como a alta estima pela verdade doutrinária, a interpretação cuidadosa e a exposição irrepreensível da Bíblia.

Acredito que o conselho estava correto: escolher o seminário pelos professores. Isso significa que quando oramos por nossos seminários, oramos especialmente pela mente e coração de determinado corpo docente e por quem o avalia e contrata.

Quando paramos para pensar por um momento pelo que orar, começamos a elucidar o próprio conceito de ministério. Não podemos orar sem objetivos. E não podemos orar pelo corpo docente de um seminário a menos que tenhamos um conceito sobre o tipo de pastores que desejamos ver graduados. Por isso, quanto mais tentarmos orar, mais forçados seremos a definir nossos valores referentes ao ofício pastoral. Uma vez que isso fique claro, começaremos a refletir sobre o tipo de pessoas e de pedagogia que cultivam esses valores.

Deste modo, o desejo de orar pelo seminário nos pressiona a desenvolver pelo menos a teologia e filosofia pastoral rudimentar da educação teológica. O que se segue é um pequeno passo nessa direção, um esboço rude do que considero necessário receber dos seminários. Minhas petições se organizam em três grupos. Cada grupo evoca um valor bíblico que, em minha opinião, deveríamos almejar, e pelo o qual deveríamos orar a favor da educação pastoral.

Diante de todos os objetivos que abrangem a glória de Deus (primeira petição), as petições de 2 a 7 evocam meu objetivo de cultivar a sensação de contrição e humildade da insuficiência humana. “Eu sou a videira; vocês são os ramos [...] sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15.5). “Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós” (2Co 4.7). “Mas quem está capacitado para tanto?” (2Co 2.16).

As petições 8 a 11 evocam meu objetivo de cultivar grande paixão pela ampla suficiência de Cristo e, diante de todo o entusiasmo pelas tendências contemporâneas dos ministérios, permanece o zelo esmagador do coração do pastor pelos desafios fundamentais da fé. “Mas o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo” (Fp 3.7,8).

As petições 12 a 20 evocam meu objetivo de cultivar uma aliança forte com toda a Escritura; tudo o que os apóstolos e profetas pregaram e ensinaram nas Escrituras deve ser considerado digno da pregação cuidadosa e fiel para o povo de Deus. “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade” (2Tm 2.15).

Talvez você queira acrescentar às orações suas petições pelos seminários merecedores de sua estima mais profunda, guardadas em seu coração. Acredito, contudo, que estas sejam essenciais para multiplicar o poder e a pureza das igrejas.

Oro para que:

1. O supremo, sincero e explícito objetivo de todo docente de seminário seja ensinar e viver de modo que seus alunos sejam levados a admirar a glória de Deus com fervor (1Co 10.31; Mt 5.16).
2. Dentre as várias formas de alcançar esse objetivo, todo o corpo docente procure pelos meios sugeridos em 1Pedro 4.11: Sirvam “com a força que Deus provê, de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo”.
3. O desafio do ministro possa ser apresentado de maneira tão contundente que a questão a seguir se levante de forma sin-

cera no coração dos estudantes: “Mas quem está capacitado para tanto?” (2Co 2.16).

4. Em toda aula, a capacitação indispensável e valiosa pelo Espírito Santo receba ênfase significativa em comparação com outros meios que possibilitam o sucesso ministerial (Gl 3.5).
5. Os mestres cultivem a atitude pastoral apresentada em 1Coríntios 15.10 e Romanos 15.18: “Trabalhei mais do que todos eles; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo. [...] Não me atrevo a falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e em ação, a fim de levar os gentios a obedecerem a Deus”.
6. A pobreza de espírito ordenada em Mateus 5.3 e a humildade e longanimidade recomendadas em Colossenses 3.12, Efésios 4.2 e 1Pedro 5.5, 6 sejam manifestadas pela administração, docência e corpo estudantil.
7. O corpo docente possa influenciar os estudantes pelo preceito e exemplo da extraordinária necessidade pastoral de orar sem cessar e de desesperar-se diante de todo sucesso realizado sem a perseverança na oração confiante na misericórdia gratuita de Deus (Mt 7.7-11; Ef 6.18).
8. Os docentes ajudem os alunos a sentir o quanto sermos tratados com misericórdia pelo Deus Santo é algo infelizmente precioso, embora merecêssemos a punição eterna do inferno (Mt 25.46; 18.23-35; Lc 7.42,47).
9. Devido aos docentes nos seminários, centenas de pastores, nos próximos 50 anos, possam repetir as palavras de John Newton no leito de morte: “Minha memória já está quase no fim; mas me lembro de duas coisas: sou um grande pecador e Jesus é meu grande Salvador”.¹

10. O corpo docente inspire os estudantes à alegria exultante diante das verdades veneráveis da Escritura. “Os preceitos do SENHOR são justos e dão alegria ao coração” (Sl 19.8).
11. Todo professor desenvolva um estilo pedagógico fundamentado na máxima de James Denney: “Nenhum homem dá a impressão de ser esperto e que Cristo é poderoso para nos salvar”.²
12. No tratamento das Escrituras, não haja qualquer valor truncado sobre o que é valioso para a pregação e a vida.
13. Os estudantes desenvolvam o respeito e a aplicação das incríveis admoestações bíblicas como das preciosas promessas; que o mandamento “Esforcem-se para [...] serem santos” (Hb 12.14) não seja obscurecido, mas fortalecido, pela convicção na capacidade divina. “O Deus da paz [...] os aperfeiçoe em todo o bem para fazerem a vontade dele, e opere em nós o que lhe é agradável, mediante Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém” (Hb 13.20,21).
14. Haja convicção sólida e evidente de que o estudo profundo e contínuo das Escrituras é o melhor caminho para obter sabedoria e lidar com os problemas alheios. “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado *para toda boa obra*” (2Tm 3.16,17).
15. O corpo docente seja capaz de não representar a tendência contemporânea nos estudos críticos que enxerga “unidade mínima e diversidade ampla” na Bíblia; mas que busquem “toda a vontade de Deus” e ajude os discentes a perceber como tudo se encaixa. “Pois não deixei de proclamar-lhes toda a vontade de Deus” (At 20.27).

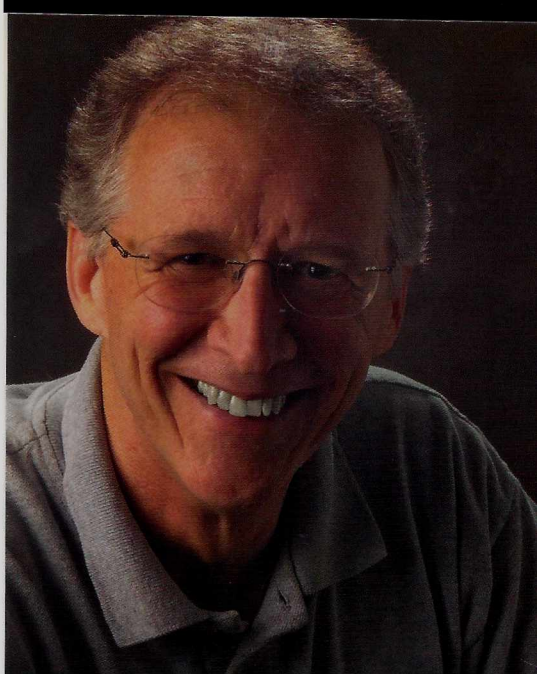
16. A percepção *bíblica explícita* permeie todas as aulas, mesmo quando as questões forem ligadas aos idiomas originais e paradigmas emprestados das ciências contemporâneas. Que Deus e sua Palavra não sejam considerados definitivamente o tácito “fundamento” de quem não se fala ou se admira.
17. O corpo docente combine a “disciplina rígida” da análise textual com a intensa reverência pela verdade e beleza da Palavra de Deus.
18. As novas descobertas provenientes do estudo das Escrituras sejam partilhadas com a igreja por meio de artigos e livros.
19. O corpo docente, os deões, os reitores recebam sabedoria e coragem divinas para assumir os compromissos promotores do cumprimento destas petições.
20. Todos os dirigentes e encarregados da liderança sejam vigilantes acerca da fidelidade moral e doutrinária dos membros docentes e apliquem a disciplina necessária para preservar a *fidelidade bíblica* de quem recebe a instrução deles.

Irmãos, não critiquemos ou elogiemos apenas os seminários. Deus ama a igreja e a verdade. Ele ordena que façamos seu trabalho por meio da intercessão do povo. Gerações de fiéis estão em risco. Portanto, que eles sejam o motivo da nossa oração.

NOTAS

¹ Citado em John Whitecross, *The Shorter Catechism Illustrated* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1968), p. 37.

² Citado em John Stott, *Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Century* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982), p. 325.



John Piper, pastor na Bethlehem Baptist Church [Igreja Batista Belém] de Mineápolis, Minnesota, desde 1980, é autor e teólogo respeitado. Já foram vendidos mais de dois milhões de exemplares dos seus livros, incluindo *A supremacia de Deus na pregação*, *O sorriso escondido de Deus*, *O legado da alegria soberana*, *Em Busca de Deus e Graça Futura*, todos publicados pela Shedd Publicações. Obteve o título de doutor em Teologia da Universidade de Munique e lecionou na área de estudos bíblicos durante seis anos no Bethel College antes de se tornar pastor. Ele e sua esposa, Noël, têm quatro filhos e uma filha.

“Humilha-nos, ó Deus, sob tuas mãos poderosas, e levanta-nos não como profissionais, mas como testemunhas e participantes dos sofrimentos de Cristo.”

Nós, pastores, estamos sendo massacrados pela profissionalização do ministério pastoral. A mentalidade do profissional não é a mentalidade do profeta. Não é a mentalidade do escravo de Cristo. O profissionalismo não tem nada que ver com a essência e o cerne do ministério cristão. Quanto mais profissionais desejamos ser, mais morte espiritual deixaremos em nosso rastro. Pois não existe a versão profissional do “tornar-se como criança” (Mt 18.3); não existe compaixão profissional (Ef 4.32); não existem anseios profissionais por Deus (Sl 42.1).



SHEDD
PUBLICAÇÕES

Literatura que Edifica

ISBN 978-85-88315-93-8



9 788588 315938